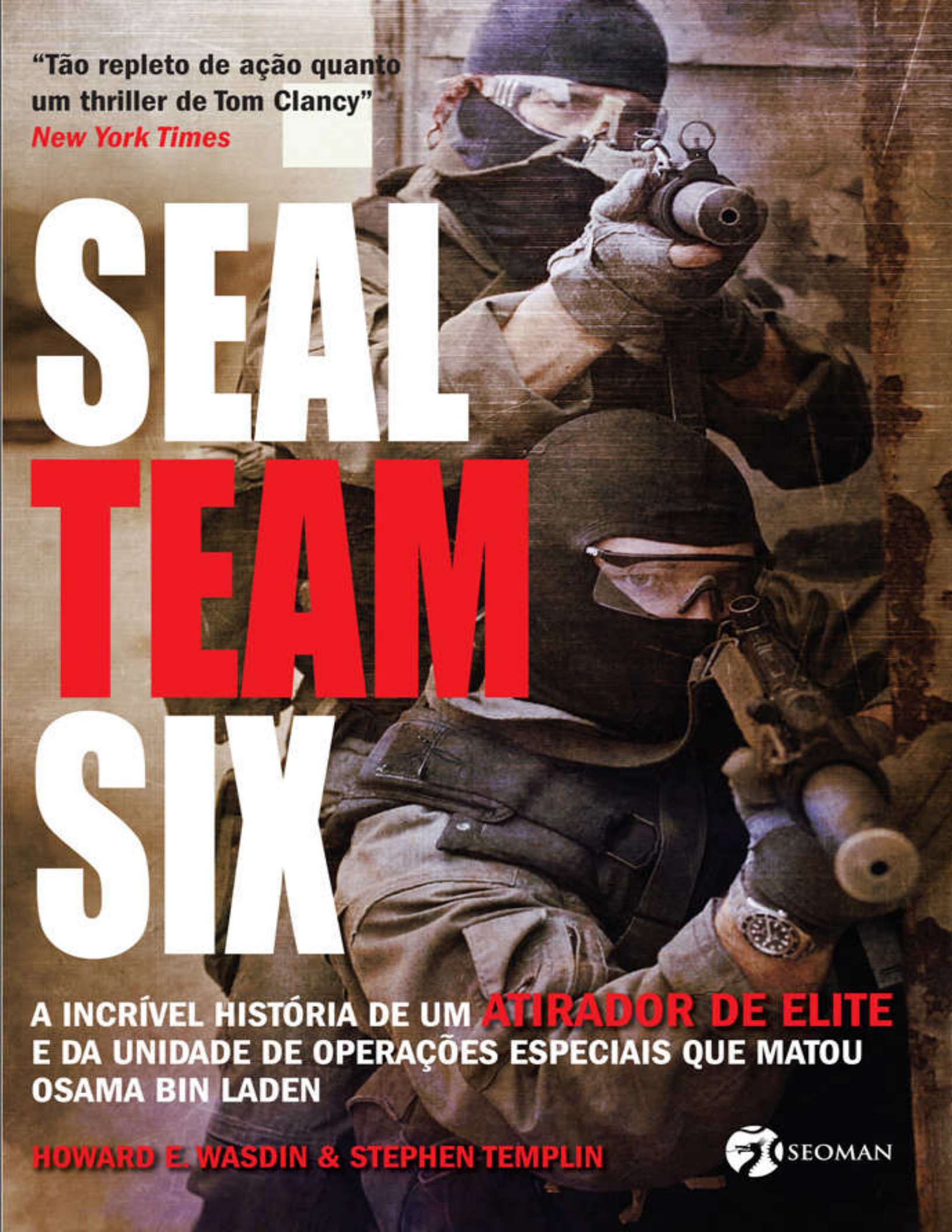

"Tão repleto de ação quanto um thriller de Tom Clancy"
New York Times
SEAL TEAM SIX
A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UM ATIRADOR DE ELITE E DA UNIDADE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS QUE MATOU OSAMA BIN LADEN
HOWARD E. WASDIN & STEPHEN TEMPLIN
SEOMAN

SEAL TEAM SIX

HOWARD E. WASDIN & STEPHEN TEMPLIN

Tradução Drago

SEAL TEAM SIX

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UM ATIRADOR DE ELITE E DA UNIDADE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS QUE MATOU OSAMA BIN LADEN

SEOMAN

Copyright © 2011 Howard E. Wasdin e Stephen Templin
Copyright da edição brasileira © 2012 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2012.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Seoman não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação editorial: Manoel Lauand

Editoração eletrônica: Estúdio Sambaqui

Produção para ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Wasdin, Howard E.
SEAL Team Six : a incrível história de um atirador de elite e da unidade de operações especiais que matou Osama Bin Laden / Howard E. Wasdin, Stephen Templin ; [tradução DRAGO]. -- São Paulo : Seoman, 2012.

Título original: SEAL Team Six.
ISBN 978-85-98903-47-5

ISBN digital: 978-85-98903-54-5
1ª edição digital

1. Atiradores de elite - Estados Unidos - Biografia 2. Estados Unidos. Marinha. SEALs - Biografia 3. Estados Unidos. Marinha - Tropas de comando - Biografia 4. Operações militares - Narrativas pessoais 5. Terrorismo - Combate 6. Wasdin, Howard E. I. Templin, Stephen. II. Título.

12-10649 CDD-359.0092

Índices para catálogo sistemático:
1. SEAL Team Six : Operações especiais :
Estados Unidos : Marinha : Atiradores de elite : Narrativas pessoais
359.0092

Seoman é um selo editorial da Pensamento-Cultrix.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
R. Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editoraseoman.com.br
http://www.editoraseoman.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

SUMARIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Nota do autor
Glossário
Prefácio

PARTE UM
1. Rastreiem e Derrubem Alguém
2. Um Tiro, Um Caído?
3. O Inferno é para as Crianças
4. O Submarino Russo e o Herói Verde
5. O Único Dia Tranquilo foi Ontem
6. SEAL Team Two
7. Tempestade no Deserto

PARTE DOIS
8. SEAL Team Six
9. O Atirador de Elite Renascido
10. A Base Secreta da CIA — A Caçada por Aidid
11. A Captura do "Gênio do Mal" de Aidid
12. A Missão "Olhos sobre Mogadíscio"

PARTE TRÊS
13. A Batalha de Mogadíscio
14. Das Cinzas
15. Ameaças de Morte ao Embaixador
16. Peixe Fora d'Água
17. Cura

Epílogo
Fundação do Combatente de Operações Especiais
Agradecimentos
Referências Bibliográficas
Acesse nosso site
Caderno de fotos

NOTA DO AUTOR

Alguns nomes, lugares, épocas e táticas foram alterados ou suprimidos para preservar a integridade dos efetivos e de suas missões.

GLOSSÁRIO

AC-130 Spectre: O avião de combate que suplantou o AC-47, representativo dos tempos do Vietnã, quando era conhecido como *"Spooky"* — "assustador" — ou *"Puff, o Dragão Mágico"*. O Spectre é uma aeronave bélica capaz de manter-se no ar por longos períodos, às vezes carregando dois canhões M-61 *Vulcan*, de 20 mm; um canhão *Bofors* L/60, de 40 mm; e dois morteiros M-102, de 105 mm. Dotado de sensores e radares sofisticados, ele auxilia na detecção de inimigos no solo.

Agência: Agência Central de Inteligência; a *Central Intelligence Agency*, mais frequentemente referida pelo acrônimo CIA. Também conhecida como "Cristãos em Ação".

AK-47: O nome é uma contração da designação russa: *Avtomat Kalashnikova obraztsa 1947 goda* (rifle automático Kalashnikov, modelo do ano de 1947). Este fuzil de assalto dispara projéteis .308 (7,62 x 39 mm) com um alcance efetivo de 330 jardas (300 metros), e suporta 30 cartuchos em cada carga. Ele foi criado e desenvolvido na antiga União Soviética, por Mikhail Kalashnikov, em duas versões: o AK-47 e o AKS-47 (S = *Skladnoy priklad*), uma variante dotada de uma coronha dobrável, para ser apoiada ao ombro.

AT-4: Um lançador leve de foguetes antitanque de 84 mm, de tiro único.

BDU: *Battle Dress Uniform*; uniforme ou fardamento de combate.

BS: *Bullshit*; literalmente "excremento de touro". Um sinônimo para — entre outras coisas — desonestidade.

BTR-60: *Brone-transporty*, em russo; ou "transporte blindado". Um veículo blindado de transporte de pessoal. O último a ser produzido em sua série foi o 60PB, que possuía uma cobertura com formato semelhante a um bote emborcado, coma blindagem inclinada.

BTR-60PB: Veículo blindado soviético de transporte de pessoal, com oito rodas (8x8), dotado de uma metralhadora pesada KPVT, de 14.5 mm (com cargas de 500 cartuchos), e uma metralhadora PKT 7.62 (com cargas de 3.000 cartuchos), montada sobre um eixo coaxial. O modelo foi substituído pelo BTR-70.

BUD/S: *Basic Underwater Demolition/SEAL Training*. Treinamento SEAL de demolição subaquática básica.

Cadre: Instrutores. Às vezes, a expressão também designa "líderes".

Cammy, cammies: Camuflagem.

CAR-15: *Colt Automatic Rifle-15*. Da mesma "família" do AR-15 (*Arma-Lite Rifle*) e do M-16 — armas leves, baseadas no fuzil. Versões posteriores dos fuzis de assalto AR-15/M-16 tinham canos mais curtos. Normalmente, o *Colt Commando* tem um cano de 11,5 polegadas (29,2 cm) de

comprimento; a carabina M-4 tem um cano de 14,5 polegadas (36,8 cm); e o fuzil M-16 tem um cano de 20 polegadas (50,8 cm). O CAR-15 é uma versão primitiva do fuzil de assalto M-4, com uma coronha telescópica retrátil, que dispara projéteis .223 (5,56 mm) e comporta 30 cartuchos no pente. A *Colt* pretendia identificar o CAR-15 com outros dos seus produtos, mas a designação CAR terminou sendo identificativa de armas de uso policial, enquanto o M-16 tornou-se uma arma de uso estritamente militar.

Catarrento: Um termo genérico para designar os "caras maus".

Cauda em Leque: Um apêndice anexado à popa de uma embarcação.

CCT: *Combat Control Team*; equipe de controladores de combate. Unidade especial de rastreadores da Força Aérea, que podem lançar-se de paraquedas em uma determinada área, promovendo seu reconhecimento e estabelecendo o controle do tráfego aéreo, fogo de apoio e o comando, controle e comunicações em solo. Particularmente útil para requisitar bombardeios aéreos.

CO: *Commanding Officer*; oficial-comandante.

Corda Rápida: Rolo de corda grossa que é chutado para fora pela porta de uma aeronave durante o voo, para que os homens — usando luvas especiais para evitar queimaduras nas mãos — desçam por ela, agarrando-se com as mãos e os pés.

CQC: *Close-Quarters Combat*; combate a curta distância.

Cristãos em Ação: Apelido dado à CIA, *Central Intelligence Agency*, cujas iniciais são as mesmas da expressão *Christians in Action*, em inglês.

Cutvee: Um veículo militar do tipo *Humvee* desprovido de capota, portas e janelas; também conhecido como M-998, utilizado para o transporte de carga e de pessoal.

CVIC: Central de inteligência instalada em um porta-aviões. O primeiro *C* corresponde a "cruzador". O *V* representa a palavra francesa *voler*; "voar", em português. Utilizadas em conjunto, as iniciais *CV* designam "porta-aviões", na Marinha.

Dam Neck: A localidade de Dam Neck, no Estado da Virgínia, onde se localiza a sede do SEAL *Team Six*.

Delta: Forma de referência à *Delta Force*, uma unidade de comando do Exército, que conduz ações antiterroristas e de neutralização de insurreições.

Droga: Conhecimento, inteligência, "merda" (gíria da Marinha). *Veja também* Droga Certa.

Droga Certa: Ajuste do alcance de armas de fogo levando em consideração fatores tais como a ação do vento e a distância do alvo.

Duas e Meia: Um caminhão com capacidade de carga de 2,5 toneladas.

Escada de Minerador: Escadas portáteis, feitas de cordas, para escaladas.

Exfil; Exfiltrar: Expressão utilizada com sentido contrário a "infiltrar"; escapar furtivamente de uma área controlada pelo inimigo.

F&E: Fuga e evasão. Retirar-se da posição de alvo do inimigo.

Fixador Externo: Um dispositivo utilizado no tratamento de fraturas ósseas. Um cirurgião faz perfurações em um osso próximas do local de uma fratura e, então, aparafusa pinos de fixação no próprio osso fraturado. No exterior do membro afetado, uma vareta metálica é conectada aos pinos de fixação, para mantê-los conjuntamente em suas posições. Os pinos e a vareta constituem o fixador externo, também conhecido como "halo".

FFP: *Final Firing Position*; posição final de tiro. O esconderijo de um atirador de elite, de onde ele efetua disparos; ou seja, uma trincheira camuflada ou uma posição oculta por árvores ou outros obstáculos.

Flashbang: Granada de aturdimento, não letal, que produz um intenso clarão luminoso e uma forte explosão sonora, usada para desorientar o inimigo.

FOB: *Forward Operating Base*; base avançada de operações.

Granada de Termita: Bomba incendiária de termita — uma combinação química de óxido de ferro e pó de alumínio — que causa queimaduras e gera temperaturas de até 2.200ºC.

HAHO: *High Altitude High Opening*; um salto de paraquedas, executado entre 25.000 e 35.000 pés (ou entre 7.620 e 10.668 metros) de altitude, no qual o equipamento é acionado pelo paraquedista para que seja aberto quase imediatamente após sua saída da aeronave.

HALO: *High Altitude Low Opening*; um lançamento, em queda livre, de suprimentos, equipamentos ou pessoal de uma aeronave, no qual a abertura dos paraquedas é retardada tanto quanto possível, sendo os equipamentos acionados a uma distância do solo apenas suficiente para permitir uma aterrissagem segura e a máxima aproximação da área visada.

Helo: Helicóptero.

HRT: *Hostage Rescue Team*; equipe de resgate de reféns.

HUMINT: *Human intelligence*. Informações relevantes para os serviços de inteligência obtidas de ou proporcionadas por fontes humanas: agentes, mensageiros, jornalistas, prisioneiros, diplomatas, organizações não governamentais, refugiados etc.

IED: *Improvised Explosive Device*; dispositivo explosivo improvisado. Qualquer dispositivo explosivo produzido de modo artesanal e empregado durante ações de guerra não convencionais (ilegais).

Infecção por Staph: "*Staph*" é uma contração de "estafilococo", designação comum a várias cadeias de bactérias capazes de produzir toxinas semelhantes às responsáveis por intoxicações alimentares, que podem ser mortíferas.

JOC: *Joint Operations Center*; centro de operações conjuntas.

JSOC: *Joint Special Operations Command*; comando de operações especiais conjuntas, localizado na Base Aérea Pope e em Fort Bragg, na Carolina do Norte. O JSOC comanda as Unidades de Missões Especiais, que incluem o SEAL Team Six, a *Delta* e o 24.º Esquadrão de Táticas Especiais da Força Aérea.

Khat: Planta com inflorescência nativa da Somália, que contém uma substância estimulante capaz de provocar excitação, perda de apetite e euforia (também conhecida como "barato africano").

KIM: *Keep in Mind*; exercícios de memorização para batedores/atiradores de elite.

Kit de Estouro: Estojo de primeiros socorros, ou suprimentos médicos.

KN-250: Luneta telescópica de visão noturna, para ser acoplada em fuzis. As lentes para visão noturna amplificam a luminosidade proporcionada por fontes tais como a Lua ou as estrelas, gerando imagens em tons de verde, mais claros ou mais escuros, em vez de imagens em preto e branco. O resultado carece de profundidade e contraste, mas permite ao atirador que enxergue quando não há luz solar.

LAW: *Light Antitank Weapon*; armamento leve antitanque. Arma capaz de disparar foguetes não teleguiados de 66 mm. Foi substituída pelo lançador de foguetes AT-4.

Little Bird: Helicópteros leves empregados em operações especiais. Tanto o MH-6 quanto o AH-6 (uma variação empregada em ataques) foram utilizados em Mogadíscio. O armamento incluía metralhadoras e lançadores de foguetes e mísseis.

LST: *Lightweight Satellite Terminal*; terminal leve de satélite. Um transmissor de rádio criptografado capaz de enviar volumes de informação não codificada a um satélite, para retransmissão rápida.

Luzes Químicas: Bastões luminescentes. Bastões contendo produtos químicos que proporcionam iluminação; ativados quando dobrados ao meio.

Macawi: Uma colorida vestimenta somali, semelhante a um saiote ou ao *kilt* escocês.

MRE: *Meal, Ready-to-Eat*. Refeição de campanha, pronta para o consumo, acondicionada em embalagens leves. Às vezes, referida como *"Meal, Refusing-to-Exit"* — refeição que se recusa a "sair" — devido ao baixo teor de fibras do alimento, capaz de causar constipações.

Nó: Medida de velocidade náutica. Um nó equivale a aproximadamente 1,15 milhas náuticas (2,14 km/h).

NOD: *Night Optical Device*; dispositivo óptico para visão noturna.

NVA: *North Vietnamese Army*; Exército norte-vietnamita. As forças armadas comunistas regulares que combateram as forças armadas sul-vietnamitas e norte-americanas durante a Guerra do Vietnã.

OLP: Organização para a Libertação da Palestina. Uma organização política, paramilitar e terrorista, reconhecida por uma centena de Estados como representativa do povo palestino.

OP: *Observation Post*; posto de observação.

Op.: Abreviatura de "operação".

P-3 Orion: Avião-espião da Marinha.

Pacote Completo: Em Mogadíscio, este constituía-se de ao menos cem homens, incluindo uma força de bloqueio dotada de *Humvees*, *Little Birds* com atiradores de elite *Delta*, e helicópteros *Black Hawk*, transportando *Rangers* e efetivos *Delta*.

Pasha: Codinome da nossa fortaleza secreta e quartel-general em Mogadíscio.

Patrimônio: Habitante local, capaz de proporcionar informações valiosas aos serviços de inteligência.

PJ: Unidade de paraquedistas treinados para operações especiais da Força Aérea, visando o resgate de pilotos abatidos sobre território inimigo, proporcionando tratamento médico de emergência a estes.

PT: *Physical Training*; treinamento físico.

PTs: Camiseta e *shorts* de ginástica, utilizados como uniforme durante as sessões de *PT*.

QRF: *Quick Reaction Force*; força de reação rápida, composta pela 10.ª Divisão de Montanha do Exército, o 101.º e o 25.º Regimentos da Aviação.

Rangers: Uma veloz unidade de infantaria ligeira, treinada para o combate a alvos em ações convencionais ou em operações especiais. Os *Rangers* do Exército em Mogadíscio eram provenientes da Companhia Bravo, do 3.º Batalhão de *Rangers*.

RPG: *Rocket-Propelled Grenade*. Granada lançada através de um lançador de foguetes.

SAS: *Special Air Service*; serviço aéreo especial. Unidade inglesa de comando treinada para operações especiais. A Austrália e a Nova Zelândia também possuem suas unidades *SAS*, criadas segundo o modelo britânico.

SATCOM: Rádio de comunicações criptográficas (codificadas) por satélite, utilizado pelos SEALs.

SEALs: Comandos de elite da Marinha norte-americana, treinados para operações de combate no mar, no ar e em terra (**SE**a, **A**ir, and **L**and).

SERE: *Survival, Evasion, Resistance, and Escape*; sobrevivência, evasão, resistência e fuga.

SIG SAUER P-226 Navy 9 mm: SIG é a abreviação, em alemão, de *Schweizerisch Industrie Gesellschaft* — "Companhia Industrial Suíça". Trata-se de uma pistola cujas partes internas recebem a aplicação de um acabamento anticorrosão de fosfato, dotada de alça e massa de mira, com o desenho de uma âncora gravado no percussor. Comporta quinze cartuchos no pente. Projetada especialmente para os SEALs.

SIGINT: *Signals Intelligence*. Informações de inteligência obtidas pela interceptação de sinais entre pessoas (inteligência de comunicações) e sinais eletrônicos (inteligência eletrônica) não diretamente envolvidos nas comunicações por meios convencionais, tais como um radar. O termo também designa as pessoas responsáveis pela obtenção desse tipo de informações para os serviços de inteligência.

Tabuleiro de Ouija: Superfície plana sobre a qual são movimentadas miniaturas de aviões e outros materiais bélicos para representar o posicionamento dos equipamentos correspondentes e suas condições sobre o convés de um porta-aviões.

Task Force 160: Força-Tarefa 160. Apelidada de "Perseguidores Noturnos" (*Night Stalkers*), esta unidade do Exército é transportada por helicópteros que, geralmente, voam durante a noite, muito velozmente e em baixa altitude, para evitar que sejam detectados por radares.

UDT: *Underwater Demolition Team*; equipe de demolição subaquática. Mergulhadores de combate, os "homens-rã" foram os ancestrais dos SEALs.

Unidade: A *Força Delta* do Exército dos Estados Unidos.

UNOSOM: *United Nations Operation in Somalia*; operação das Nações Unidas na Somália.

Vagalumes: Estroboscópios portáteis, que emitem luz infravermelha, utilizados para iluminar objetos ou corpos em movimento.

VC: Vietcongue; unidades regulares das forças armadas ou de guerrilheiros comunistas norte-vietnamitas que combateram as forças sul-vietnamitas e norte-americanas durante a Guerra do Vietnã.

Whiskey Tango Foxtrot: Tal como o fazem outras unidades militares, os SEALs também utilizam o alfabeto fonético militar. Assim, a expressão "*Whiskey Tango Foxtrot*" equivale às letras W, T e F do alfabeto convencional — as quais, por sua vez, são um acrônimo para a expressão chula "*What the fuck?*", que poderia ser livremente traduzida como "Mas, que merda?"

Win Mag: *Winchester Magnum*. O rifle de precisão .300 Win Mag comporta quatro cartuchos de munição .300. Geralmente, ele é utilizado em conjunto com uma mira telescópica Leupold, dotada de lentes capazes de aumentar dez vezes o tamanho da imagem. Para utilização noturna, uma luneta KN-250 é acoplada sobre a Leupold.

XO: *Executive Officer*; oficial-executivo. O homem "número dois" encarregado do comando. O homem "número um" é o oficial-comandante (CO).

PREFÁCIO

O SEAL Team Six equivale aos "Cavaleiros Jedi" das equipes de ações no mar, no ar e em terra da Marinha dos Estados Unidos. Sabe-se que eles trabalharam em conjunto com a CIA e outras organizações para matar Osama bin Laden. Tendo sido condecorado com a Estrela de Prata quando servi como atirador de elite do SEAL Team Six, eu conheço — por experiência própria — o modo como o Team Six combate o terrorismo.

Antes de me tornar um integrante dessa unidade de elite, eu tive de passar por um dos aprendizados mais árduos do mundo, começando pelo treinamento de Demolição Subaquática Basica/SEAL. Após haver servido em combate como membro do SEAL Team Two, apresentei-me voluntariamente e fui selecionado para integrar o *Green Team* — a "Equipe Verde", no sentido de "imaturo" —, a turma preparatória para admissão no legendário SEAL Team Six. O currículo de treinamento do *Green Team* abrange desde táticas de guerra convencional em terra até o combate corpo a corpo, desarmado. Nós não somos ensinados a arrombar fechaduras de portas: nós aprendemos como explodir portas, arrombando-as, inclusive, com suas dobradiças.

Todo o treinamento SEAL envolve um contínuo trabalho repetitivo, e a preparação para a missão que resultou na morte de bin Laden não deve ter sido uma exceção a esta regra. Enquanto eu pertenci ao SEAL Team Six, costumávamos disparar milhares de tiros, diariamente. Dizia-se que, em um ano, nós gastávamos mais dinheiro apenas com cartuchos de 9 mm do que todo o Corpo de Fuzileiros Navais (*Marine Corps*) gastava com munição, de qualquer tipo. Porém, nós não atirávamos somente por diversão. Ao treinar incessantemente, através de uma grande variedade de situações, os efetivos tornam-se capazes de agir baseados em uma espécie de "memória muscular"

— algo especialmente útil para suportar a sobrecarga sensorial gerada em meio ao caos de uma batalha.

Os SEALs também aprendem a importância da obtenção de informações de inteligência. Este processo pode ser extremamente tedioso e consumir muito tempo, sendo permeado por obstáculos políticos e outras decepções. Os analistas tentam conciliar as informações de inteligência de natureza humana e tecnológica. Embora os equipamentos e dispositivos tecnológicos sejam muito úteis na obtenção de informações de inteligência, eles pouco significam sem os bravos seres humanos que se infiltram em território inimigo e fazem as perguntas certas: seres humanos que podem ver e ouvir o que a tecnologia não consegue, e são capazes de compreender algum significado a partir do contexto circundante — uma espécie de trabalho no qual os agentes da CIA são particularmente habilidosos. Meses após bin Laden haver arquitetado os ataques de 11 setembro de 2001, o comandante da *Delta Force*, Dalton Fury, utilizando a inteligência da CIA e de outras fontes, encurralou-o em Tora Bora, um complexo de cavernas nas Montanhas Brancas, no leste do Afeganistão. Contudo, devido à falta de apoio do Comando Central, nos Estados Unidos, deixou a "porta dos fundos" aberta para que bin Laden pudesse se refugiar no Paquistão.

Dois anos mais tarde, porém, quando Khalid Sheikh Mohammed, o terceiro homem no comando da al-Qaeda, foi capturado e interrogado pela CIA, eles se convenceram de que embora os comandantes mais graduados de bin Laden desconhecessem a sua localização, seu mensageiro deveria conhecê-la para poder lhe entregar mensagens. Bastava, portanto, encontrar o mensageiro para que bin Laden fosse encontrado. Acreditava-se que o líder da al-Qaeda estivesse escondido nas cavernas próximas à fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, mas a CIA seguiu seu mensageiro até uma localidade próxima à Academia Militar do Paquistão, em Bilal Town, um bairro da cidade de Abbottabad. Ali encontravam-se as instalações de um quartel-general, no valor de 250 mil dólares, protegidas por muralhas encimadas por cercas de arame farpado. A fortaleza contava com dois portões fortemente guardados, mas não possuía telefones, nem conexões de

internet. As pessoas que viviam em seu interior incineravam o lixo que produziam, em vez de deixá-lo para que fosse levado pelo serviço de coleta, como faziam os seus vizinhos. Alguns habitantes das redondezas achavam que os misteriosos residentes fossem traficantes de drogas.

No início de abril de 2011, no "Campo Alfa" — uma área restrita da base aérea de Bagram, no Afeganistão — o JSOC (comando de operações especiais conjuntas), havia criado uma réplica do provável quartel-general de bin Laden, para que fosse utilizada pelo SEAL Team Six como campo de treinamento.

O vice-almirante William H. McRaven, comandante do JSOC — que supervisiona as Unidades de Missões Especiais, tais como o SEAL Team Six e a *Delta* —, afirma em seu livro *Spec Ops* ("Operações Especiais") que uma missão deve ser tornada simples, limitando-se a quantidade de objetivos a serem alcançados, obtendo valiosas informações de inteligência e implantando algum tipo de inovação. Embora aquela fosse uma operação de alto risco, seus objetivos eram poucos e simples: capturar ou matar bin Laden e obter informações de inteligência. O elemento "inovação" viria a se tornar claro mais tarde, pelo ar.

Não importa quão meticuloso seja um planejamento, os dias finais de preparação para a captura ou a morte de um terrorista podem ser frustrantes. Você se equipa completamente e apressa-se a embarcar em um helicóptero, apenas para ouvir uma ordem de permanecer em solo. O alvo não estava em casa. A informação não pôde ser verificada. A fonte não era confiável. Vezes e mais vezes, seguidas.

Porém, na sexta-feira, 29 de abril de 2011, o presidente Obama tomou a decisão de dar início à "Operação Lança" (*Operation Spear*), para capturar ou matar bin Laden. Para que uma Operação Especial seja bem-sucedida, a segurança é um fator crítico; por isso, oficiais estrangeiros não foram comunicados, nem qualquer outra pessoa não pertencente a um pequeno círculo de autoridades do governo norte-americano.

Para o SEAL Team Six, isto significava que o jogo havia começado. Havia apenas um tênue luar no céu carregado. Usando óculos de visão noturna,

cada SEAL portava um fuzil M4, com centenas de cartuchos de munição, e uma pistola SIG SAUER 9 mm no coldre de quadril, para ser usada como arma de apoio. Vinte e quatro SEALs teriam tomado o esconderijo de bin Laden, divididos em quatro helicópteros: dois atiradores de elite, no primeiro; outros dois, no segundo; uma equipe de dez homens de assalto, no terceiro helicóptero; e outros dez, no quarto. Na missão para apanhar bin Laden, o 160.º Regimento de Aviação para Operações Especiais supostamente teria utilizado os secretos helicópteros "invisíveis" *Stealth*. Uma unidade de resgate composta de paraquedistas da Força Aérea, empregada como apoio, teria utilizado seus próprios helicópteros. As aeronaves decolaram de Jalalabad, no leste do Afeganistão, dotadas da última palavra em tecnologia para despistar o sistema de radares paquistanês. Outros aparatos tecnológicos foram utilizados para cortar os sinais de telefones celulares e a eletricidade na área visada.

Eu sei bem o que é ser o homem encarregado da corda em missões desse tipo. Você se senta à porta do helicóptero, no meio de um rolo de corda. Quando o helicóptero decola, você segura a corda com sua mão esquerda, para que o vento não a leve, porta afora. Os helicópteros voam muito próximos ao solo, para que sejam mais dificilmente detectáveis.

"Quinze minutos!", diz a voz do aeronauta no seu *headset*, repassando a informação dada pelo piloto, sobre o tempo restante para alcançar o alvo.

"Dez minutos!" Surpresa, velocidade e ação violenta serão de importância capital.

"Cinco minutos!" A atmosfera é intensamente carregada e as atenções são absolutamente focalizadas, mas não há tensão. O ritmo da operação será acelerado, mas, após incontáveis missões no Afeganistão e no Iraque, todos os rapazes do Team Six designados para o assalto à residência de bin Laden deverão ser enrijecidos veteranos de combate.

"Três minutos!"

"Um minuto..."

De repente, um dos helicópteros esforça-se para manter a altitude. As temperaturas elevadas e as altas muralhas atrapalham o empuxo dos rotores.

Um dos rotores esbarra em uma muralha, a hélice arrebenta, e o helicóptero atinge o solo, em um pouso forçado, mas controlado. O elemento-surpresa está perdido, mas os homens ainda contam com a velocidade e a violência da ação a seu favor — além da profunda convicção de que estão fazendo justiça a todas as vítimas dos ataques de 11 de setembro.

A aeronave ainda em operação eleva seu nariz em ângulo, enquanto o piloto aciona os freios. Uma vez que o helicóptero se encontre posicionado sobre o complexo de bin Laden, o homem da corda chuta o rolo de quase 28 metros de cabo para fora da porta e grita: "Corda!" O helicóptero não irá pousar.

"Vamos!" O homem da corda agarra-se a ela e desce, deslizando pelo cabo, tal como os bombeiros fazem, descendo por um poste, nos quartéis — exceto pelo fato de um SEAL carregar consigo mais de 45 kg de equipamento. É preciso agarrar-se firmemente à corda, para não espatifar-se no chão, mas nenhum deles ousaria descer muito lentamente, para não retardar os companheiros que descerão em seguida. Suas luvas ficam, literalmente, fumegantes, durante a descida. O trabalho dos pilotos não é menos árduo: sob fogo inimigo, eles têm de manter os helicópteros estáveis, a cada vez que suas cargas são aliviadas dos 90 kg de cada SEAL, mais seus respectivos 45 kg de equipamento. O helicóptero, automaticamente, ganha altitude e arremete quando o peso de sua carga diminui, gerando o risco de deixar pendurado no ar o próximo SEAL a descer pela corda.

No exterior do complexo de bin Laden, mais efetivos especiais protegem as equipes de assalto de eventuais ameaças externas que possam acorrer em auxílio do inimigo.

À 1h da manhã, uma equipe de SEALs abre um buraco na parede da casa de hóspedes, isolada da fortaleza principal. Os SEALs adentram a construção, esquadrinhando o ambiente, à esquerda e à direita, silenciosa e rapidamente. O mensageiro de bin Laden, armado, tenta resistir e é morto. Sua esposa, embora desarmada, também esboça uma reação e é morta.

A outra equipe adentra o edifício principal, onde habita bin Laden. Irrompendo pelas portas, eles neutralizam os ambientes, atirando e

eliminando quem surge à esquerda e à direita. Por mais que algumas pessoas gostem de enfatizar o trabalho de eliminação mortal dos SEALs, terroristas são, frequentemente, mais valiosos vivos do que mortos — principalmente para a obtenção das informações de inteligência que eles possam proporcionar.

No piso central do edifício principal, um parente do mensageiro opõe-se aos SEALs e é baleado. Da escadaria, o filho de bin Laden também se recusa a entregar-se, sendo mortalmente atingido por tiros.

Quando os SEALs irrompem no dormitório de bin Laden, sua quinta esposa, Amal Ahmed Abdul Fatah, investe contra eles, que baleiam-na em uma das pernas para detê-la. Em vez de se render, bin Laden opta pela resistência — e recebe as balas dos SEALs, em seu peito e em sua cabeça. Ao seu lado, havia um fuzil AK-47 e uma pistola Makarov. Quinhentos euros e dois aparelhos de telefone celular estavam costurados às suas roupas.

Um dos SEALs informa pelo rádio: *"Geronimo, E-KIA"*. O inimigo (representado pela letra *E*, de *"enemy"*), bin Laden, foi morto em ação (*"killed in action"*, ou *KIA*).

As equipes utilizam algemas plásticas de alta resistência — semelhantes aos lacres usados para fechar hermeticamente sacos plásticos contendo alimentos — para imobilizar outras onze pessoas localizadas no complexo. Após tornar a área segura, esvaziando depósitos de armas e eliminando outros perigos, eles buscam e apreendem qualquer tipo de informação útil aos serviços de inteligência: discos rígidos de computadores, equipamentos eletrônicos, DVDs, *pen-drives*, documentos impressos em papéis, e assim por diante. Então, eles deixam os detidos algemados para que sejam encontrados pelas forças paquistanesas.

No lado de fora, os SEALs explodem o helicóptero caído, para preservar o sigilo sobre o equipamento, e embarcam o cadáver de bin Laden consigo em outro helicóptero.

A equipe de assalto inicia e conclui a missão em menos de quarenta minutos. Mais tarde, eles transportam o corpo de bin Laden até o navio bélico USS Carl Vinson, posicionado no norte do Mar da Arábia. A

identidade de bin Laden é confirmada pela mensuração do corpo, por exames biométricos e de reconhecimento facial, e por testes genéticos. O corpo é lavado, envolto em um lençol branco, acondicionado em um saco com pesos e lançado ao mar, em um funeral islâmico.

Enquanto isso, os efetivos do SEAL Team Six retornam à sua base em Virginia Beach, no Estado da Virgínia, para retirarem seus equipamentos, limparem-nos e assegurarem-se de que suas armas estejam carregadas e tudo esteja em condições de uso, novamente. Agora, eles reportam-se. Eles discutem com seus líderes sobre o que saiu errado, tal como a queda do helicóptero, e o que deu certo, tal como a finalização da missão. Depois, o presidente Obama, reservadamente, os cumprimenta. Graças ao tesouro de informações de inteligência que trouxeram consigo, esses mesmos SEALs aguardam, novamente a postos, para apanhar o próximo terrorista.

Diferentemente do que aconteceu com a operação para capturar ou matar bin Laden, a maioria das missões do SEAL Team Six permanece secreta; desconhecida da opinião pública, de seus próprios familiares e mesmo de seus companheiros SEALs.

Eu fui um atirador de elite do Team Six. Nas páginas seguintes está registrada a minha história.

PARTE UM

Eu gosto de atirar, e adoro caçar. Mas jamais gostei de matar alguém. Esse é o meu trabalho. Se eu não acertar os filhos da mãe, eles matarão um bocado desses garotos vestidos de Marines.

— Sargento-armeiro Carlos Hathcock,
ATIRADOR DE ELITE DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS *(Marine Corps)*

1.
Rastreiem e Derrubem Alguém

Quando a Marinha norte-americana envia a sua elite, ela envia os SEALs. Quando os SEALs enviam a sua elite, eles enviam o SEAL Team Six — o equivalente da Marinha à *Delta Force* do Exército —, uma força especializada em atividades antiterroristas e contra-insurgentes, que ocasionalmente trabalha em conjunto com a CIA. Esta é a primeira vez que a história de um atirador de elite do SEAL Team Six é revelada. A minha história.

Atiradores de elite evitam a exposição pública. Embora prefiramos agir em vez de permitir a ação alheia sobre nós, algumas forças estão além do nosso controle. Nós confiamos em nossos pontos fortes e exploramos as vulnerabilidades do inimigo. Contudo, durante a guerra no Golfo Pérsico, eu fiquei em posição vulnerável, sendo a única pessoa estranha presente à cauda em leque de um navio inimigo, abarrotado com uma tripulação a serviço de Sadam Hussein. Em outra ocasião, apesar de ser um mestre na camuflagem e ocultação, fiquei a descoberto no meio de uma pista de pouso em um país do Terceiro Mundo, com buracos de balas em ambas as pernas — a perna direita tendo sido quase arrancada por um balaço de AK-47. Algumas vezes, nós temos de nos defrontar com aquilo que mais nos esforçamos para evitar.

No alvorecer de 18 de setembro de 1993, em Mogadíscio, Somália, Casanova e eu rastejamos ao longo do topo de um muro remanescente e

escalamos até o alto de uma torre de seis andares. Mesmo tão cedo pela manhã, já havia gente andando por ali. Homens, mulheres e crianças buscavam alívio às suas necessidades, nas ruas. Aspirei o cheiro das fogueiras matinais que eram acesas, tendo como combustível o estrume de animais ou qualquer outra coisa que as pessoas tivessem encontrado para queimar. As fogueiras aqueciam qualquer alimento que os somalis tivessem conseguido obter. O "Senhor da Guerra" Aidid conhecia bem o poder proporcionado pelo controle da distribuição de alimentos. Toda vez que via uma criança morrendo de fome, eu culpava Aidid por seu nefasto jogo de poder, que facilitava a essa devastação da vida.

A torre em que estávamos localizava-se no centro do complexo paquistanês. Os paquistaneses eram profissionais, e nos tratavam com grande respeito. Quando chegava a hora do chá, o garoto encarregado do serviço sempre nos trazia uma xícara. Cheguei, mesmo, a criar um gosto pelo leite de cabra fresco, que eles costumavam beber com o chá. Os sons e os aromas do rebanho de cabras existente no complexo apelaram aos meus sentidos, enquanto Casanova e eu rastejávamos até a beira da torre. Ali permanecemos, debruçados, vigiando uma grande garagem — um pátio de estacionamento, que não possuía cobertura. Ao redor da garagem, havia uma cidade em desespero. Os somalis andavam de cabeças baixas. O desespero marcava suas expressões, e a fome grudava suas peles aos esqueletos. Isto, porque estávamos na "melhor" parte da cidade, onde havia edifícios de vários andares, ainda em boas condições de conservação. Naquele local havia edificações de concreto, ao contrário dos barracos de madeira, prestes a desabar, que dominavam o restante da paisagem da cidade e do interior do país. Não obstante, o cheiro de fezes humanas e de morte — misturado ao do desespero — empestava o ar. Sim; o desespero tem um cheiro. Há gente que emprega o termo "países em desenvolvimento"; mas isto é besteira! O que se desenvolveu na Somália foram coisas tais como o enforcamento, a fome e a guerra. Acho que termos como "países em desenvolvimento" foram criados pelas pessoas que os inventaram apenas para fazer com que se sentissem melhores. Não importa

como você os chame, a fome e a guerra continuarão a ser os piores eventos imagináveis.

Calculei exatamente as distâncias entre certos edifícios. Há dois fatores a serem primordialmente considerados quando se deseja atirar com precisão: o vento e a elevação. Como não houvesse vento suficientemente forte que pudesse desviar meu disparo para a esquerda ou a direita, eu não precisava me preocupar em compensar este fator. A elevação é a variável considerada pela relação entre a potência da arma e a distância do alvo. Uma vez que os meus alvos potenciais estivessem entre 180 (a garagem) e 600 metros de distância (um cruzamento de estradas, adiante da garagem), ajustei minha mira para cerca de 460 metros. Deste modo eu poderia apontar meu fuzil mais para cima ou mais para baixo, dependendo do alcance. Quando o tiroteio começasse, não haveria tempo para corrigir o alcance da minha mira, sob uma saraivada de balas.

Iniciamos nossa vigilância às 6h. Enquanto aguardávamos por um sinal que seria dado por nosso "patrimônio", imaginei diferentes situações em minha mente: um inimigo surgindo em algum lugar, outro emergindo de um lugar diferente, e assim por diante. Eu focalizava, mirava e até mesmo simulava puxar o gatilho, controlando minha respiração tal como fazíamos em nossas rotinas de treinamento, enquanto imaginava o confronto verdadeiro. Depois, simulei a ação de recarregar o fuzil e olhar através da minha mira telescópica Leupold, com capacidade de aumentar dez vezes uma imagem, continuando a esquadrinhar o terreno à procura de mais "catarrentos". Eu já havia feito exercícios com tiros simulados e com balas reais, milhares de vezes: sob terreno molhado, seco, lamacento e nevado; e já havia atirado desde dentro de um buraco cavado no chão, de uma janela parcialmente aberta no esconderijo de um atirador de elite, e de quase todas as maneiras imagináveis. As palavras que inculcaram em nossas mentes quando iniciamos o treinamento SEAL eram a expressão da verdade: "Quanto mais você transpirar em tempos de paz, menos irá sangrar na guerra". Neste dia em particular eu fora encarregado de garantir que nenhum dos meus companheiros da *Delta Force* esguichasse sangue, dando-

lhes cobertura na invasão da garagem. Assegurar que meus companheiros não sangrassem na guerra era tão importante quanto evitar que eu mesmo sangrasse.

Nosso alvo nessa missão era Osman Ali Atto — o principal financiador do "senhor da guerra" Aidid. Embora Casanova e eu pudéssemos reconhecer o alvo, graças as nossas vigilâncias anteriores, fomos instruídos a obter a confirmação de sua identidade por um agente da CIA, antes que déssemos o comando para iniciar a ação.

A ironia, para mim, estava no fato de termos de capturar Atto, em vez de matá-lo — apesar de ele e seu chefe haverem matado centenas de milhares de somalis. Eu achava que se pudéssemos eliminar Atto e Aidid, poderíamos por um fim na contenda, distribuir rapidamente os alimentos entre o povo e voltarmos para casa, sãos e salvos.

Não foi senão por volta das 8h15 que o nosso "patrimônio" nos deu o sinal combinado. Ele fazia isso porque a CIA lhe pagava bem. Enquanto trabalhei com a CIA, aprendi, em primeira mão, como bons pagamentos podem fazer lealdades oscilarem.

Quando vimos o sinal, Casanova e eu lançamos o "pacote completo". Helicópteros *Little Bird* e *Black Hawk* encheram o céu. Enquanto isso, os efetivos da *Delta* estavam, literalmente, com seus traseiros expostos: o ambiente urbano proporciona cobertura demais, esconderijos demais, e muitas rotas de fuga ao inimigo. Tudo o que um elemento hostil tem a fazer é disparar alguns tiros contra um helicóptero ou um *Humvee*, pular de volta para o interior de um edifício e depor seu armamento. Mesmo se ele reaparecesse em cena, não seria considerado hostil, sem portar uma arma. As coisas aconteciam muito rapidamente, e o cenário era inesquecível.

Os efetivos da *Delta Force* desceram por cordas rápidas no interior da garagem, enquanto os *Rangers* faziam o mesmo, do lado de fora, e os *Little Birds* sobrevoavam a ação, com atiradores de elite da *Delta* dando cobertura à força de assalto. O pessoal de Atto espalhava-se, correndo como ratos. Logo, uma milícia inimiga surgiu nas vizinhanças, abrindo fogo contra os helicópteros.

Normalmente, os atiradores de elite trabalham em conjunto com um "olheiro". O "olheiro" identifica e avalia a que distância estão os alvos, e repassa essas informações ao atirador, para que este execute o serviço. Mas não havia tempo para isso, nesta operação — estávamos envolvidos em uma guerrilha urbana. Em um ambiente como esse, o inimigo pode surgir de qualquer lugar. E, o que é ainda pior, o inimigo se veste tal como um civil. Nós tínhamos de esperar para saber quais eram suas verdadeiras intenções. Mesmo que o sujeito estivesse armado, ainda restava a possibilidade de que pertencesse a um dos clãs aliados. Nós tínhamos de esperar até que o sujeito, realmente, apontasse a arma para um dos nossos homens. Então, assegurávamos que o inimigo deixasse de existir. Não havia tempo para arquitetar uma ação ou para disparar um segundo tiro. Tanto Casanova quanto eu portávamos fuzis .300 Win Mag, para atiradores de elite.

Através da minha luneta telescópica Leupold, avistei um miliciano, a uns 450 metros de distância, atirando contra os helicópteros desde uma janela aberta. Fiz uma anotação mental para manter baixo o meu ritmo cardíaco e centrei a mira sobre ele, enquanto a minha "memória muscular" assumia o comando, com a coronha firmemente encostada ao ombro, minha face posicionada por trás da luneta e minha visão focalizada bem no centro da mira — em vez de sobre o inimigo —, e apertei o gatilho com firmeza (embora meu dedo exercesse uma força de menos de um quilo). Senti o reconfortante coice do meu fuzil. A bala atingiu-o no lado esquerdo do peito, transfixando-o e saindo pelo lado direito. Ele convulsionou e tombou, para dentro do edifício — permanentemente. Rapidamente, voltei a olhar pela luneta, esquadrinhando o cenário. *Agora, o jogo começou.* Quaisquer outros pensamentos fugiram da minha mente. Eu formava um todo com o meu Win Mag, examinando meu setor. Casanova fazia o mesmo com o dele.

Outro miliciano, portando um AK-47, emergiu pela porta de uma saída de incêndio na lateral de um edifício, a uns 270 metros de distância de onde eu estava, e abriu fogo contra os efetivos da *Delta* que tomavam de assalto a garagem. De sua posição, estou certo de que ele pensava estar seguro, fora do alcance da tropa de assalto — e é provável que estivesse, mesmo. Mas ele

não estava a salvo de mim: 270 metros não chegaram a ser um desafio. Acertei-lhe o lado esquerdo do corpo, e a bala saiu pelo lado oposto. Ele desabou sobre o patamar da saída de incêndio, sem saber sequer o que o teria atingido. Seu AK-47 jazia, silenciado, próximo ao corpo. Alguém tentou alcançar e recuperar a arma, e um tiro do meu Win Mag pôs fim a isto. A cada vez que disparava um tiro, eu me esquecia imediatamente do alvo, e buscava encontrar outro.

O caos irrompeu, dentro e fora da garagem. Pessoas corriam em todas as direções. Os *Little Birds* e os *Black Hawks* enchiam o céu com o ensurdecedor ruído de seus rotores. Eu, porém, encontrava-me em meu pequeno mundo. Nada mais existia, fora da minha mira e da minha missão. Deixei que os rapazes da Unidade cuidassem de seus próprios negócios, na garagem. O meu negócio era rastrear e derrubar o inimigo.

Aquela foi a primeira vez que matei alguém pelo meu país. Mas não seria a última.

Alguns minutos se passaram, enquanto eu continuava a esquadrinhar tudo. Mais de 730 metros adiante, um sujeito apareceu, portando um lançador de granadas RPG, preparando-se para dispará-lo contra os helicópteros. Se conseguisse acertá-lo, aquele teria sido o tiro mais longo da minha carreira. Se eu não conseguisse...

2.
Um Tiro, Um Caído?

Um ano antes disso, eu servia na sede do SEAL Team Six, em Virginia Beach, no Estado da Virgínia. Enquanto estava de prontidão, eu mantinha meus cabelos um tanto mais compridos do que o padrão regulamentar dos marinheiros; assim, eu poderia viajar para qualquer lugar do mundo, a qualquer momento, sem ser imediatamente identificado como um militar. Geralmente, eu tinha o rosto totalmente barbeado. Quando fui enviado com o SEAL Team Two para a Noruega, eu usava uma barba; mas não costumo gostar de ostentar nenhum tipo de pilosidade facial.

Aguardando por alguma convocação, eu praticava minhas habilidades em um edifício chamado "casa de assassinato", utilizado para o treinamento de atividades antiterroristas e para a prática de tiro de longo alcance.

Após os três meses de duração da fase de prontidão e treinamento individual, éramos enviados à escola: à academia de tiro de Bill Roger, à escola de motoristas, a um curso de escalada sem equipamento, ou a qualquer lugar onde pudéssemos aprender alguma coisa. Uma das melhores coisas decorrentes de haver sido um SEAL é que eu era enviado a quase todas as melhores escolas, onde quer que quisesse. A fase de treinamento também era uma boa oportunidade para tirar licenças — talvez para desfrutar de uma viagem em família —, especialmente para aqueles que retornavam de alguma convocação ultramarina. Então, vinham os três meses de trabalho conjunto com os membros da equipe: mergulhos, saltos de paraquedas e cursos de tiro — sendo cada etapa do treinamento seguida

por uma operação simulada, na qual eram exigidas e empregadas as habilidades recém-adquiridas.

***

Certa noite, eu me encontrava em uma pizzaria chamada *Ready Room* (o mesmo lugar diante de cuja fachada Charlie Sheen e Michael Biehn travaram uma discussão acalorada, no filme *Navy SEALs* — "Comando Imbatível", no Brasil), conversando sobre golfe com Blake, meu filho de sete anos de idade, e com meu amigo, apelidado Smudge ("Borrão"), um sujeito muito divertido, grande como um urso. Ao fundo, uma *jukebox* tocava uma canção do Def Leppard. Inalávamos o aroma de uma pizza de linguiça calabresa, *pepperoni* e cebolas — a minha favorita. Quando me encontrava de prontidão, não me era permitido beber mais do que duas cervejas; e, no SEAL Team Six, nós levamos este limite muito a sério.

Nossa bebida era a cerveja *Coors Light*. Sempre que viajávamos em grupos, meus companheiros de equipe e eu usávamos, como "disfarce", a história de que éramos membros de um time de paraquedismo esportivo patrocinado pela *Coors Light*. Esta era a nossa explicação para o motivo de uns trinta sujeitos barulhentos — a maioria de nós, bonitões — adentrarem um bar, usando sandálias de dedo, *shorts*, camisetas tipo regata, portando facas dobráveis *Spyderco* nos bolsos. A cada vez que entrávamos em um bar, os homens presentes trocavam o que quer que estivessem bebendo por uma cerveja *Coors Light*. Logo em seguida, as mulheres faziam o mesmo. A *Coors Light* devia ter nos patrocinado. O disfarce funcionava bem, pois caso alguém nos perguntasse qualquer coisa sobre paraquedismo, nós sabíamos responder, muito satisfatória e convincentemente. Além disso, a nossa história parecia absurda demais para não ser verdadeira.

Por volta das 19h30, antes que eu tivesse terminado a minha pizza e minha cerveja, meu *pager* anunciou: *T-R-I-D-E-N-T-0-1-0-1*. Um código assim poderia significar "Dirija-se ao complexo do SEAL Team Six", ou

dizer-me qual dos portões de entrada da base eu deveria utilizar. Neste caso, significava que eu deveria seguir diretamente para embarcar em um avião.

Minha equipagem estaria me aguardando, dentro do avião. Cada uma das mochilas possuía uma etiqueta com o meu nome, em cores específicas para cada tipo de missão. Se eu não tivesse embalado tudo corretamente, iria sentir falta de alguma coisa. Durante uma operação, um sujeito esqueceu-se de incluir em sua bagagem o forro para ser colocado sobre o chão, debaixo do saco de dormir, para impedir que a água da chuva o ensopasse. Sua "boa noite de sono" não foi, realmente, muito boa.

Durante a prontidão, estamos condicionados a períodos de uma hora. Não interessava onde diabos me encontrasse ou o que estivesse fazendo, eu dispunha somente de uma hora para sentar meu traseiro naquele avião, pronto para receber minhas ordens. Agora, o tempo já começara a ser contado. Blake e eu pulamos para dentro do carro — um Pontiac Grand Am, prateado — e eu dirigi até a nossa casa, logo descendo a rua, partindo da *Ready Room*. Em casa, minha esposa, Laura, perguntou-me:

— Para onde você está indo?

Encolhi os ombros e respondi:

— Não sei.

— Agora é pra valer?

— Eu não sei. E, mesmo que soubesse, não poderia dizer. Vejo você depois.

Isto foi outro "prego no caixão" do nosso casamento: o fato de eu ter de partir, nos momentos mais inesperados, sem saber quando — ou, se — voltaria. Quem poderia culpá-la por isso? Eu me sentia mais "casado" com o Team Six do que com ela.

Smudge apanhou-me em casa e levou-me até o aeroporto da Base Naval Oceana. Meus olhos esquadrinharam o C-130 especialmente pintado de preto fosco. Alguns desses aviões são equipados com turbinas JATO (*jet-assisted takeoff* — "decolagem propelida a jato"), para proporcionar decolagens em pistas demasiado curtas e para ganhar altitude muito rapidamente — algo extremamente útil, quando há gente atirando contra a

aeronave. Se eu tivesse visto turbinas JATO, saberia que o nosso destino não seria bom; mas, desta vez, não havia turbinas JATO.

Embarquei no avião bem antes das 20h30, meu prazo final. O interior havia sido obscurecido. Sob uma diminuta luz vermelha, assegurei-me de que minhas mochilas estavam ali, e que eram as mochilas certas. Fiz uma anotação mental sobre o lugar exato em que encontrá-las, para saber para onde voltar, quando tivesse de começar a equipar-me.

Três atiradores de elite SEAL vieram juntar-se a mim: Casanova, Little Big Man ("Pequeno Grande Homem") e Sourpuss ("Azedume"). Nas equipes, muitos dos sujeitos são conhecidos por apelidos. Alguns deles me chamavam de Waz-man (uma brincadeira, envolvendo o sobrenome Wasdin e o nome de um personagem do, então, popular videogame de ação *Metal Gear*, cuja música-tema era intitulada *Just Another Dead Soldier* — "Apenas Mais Um Soldado Morto"). Outros tentaram chamar-me de Howie (diminutivo de Howard), mas este apelido não "colou", porque eu não respondia a ele. Às vezes, um sujeito ganha seu apelido por fazer algo realmente estúpido: há um motivo para alguém ser chamado de "Pinga-Pinga". Outras vezes, alguém com um nome difícil — tal como Bryzinski — termina sendo chamado de "Alfabeto". No Team Two, um amigo meu era chamado de "Tripé".

Casanova era o meu companheiro de tiro. Tínhamos estado juntos desde o curso para formação de atiradores de elite, em Quantico, Virgínia. Ele era o favorito da mulherada. Mais calcinhas foram atiradas sobre ele do que nos carpetes de muitos dormitórios. Little Big Man sofria de um terrível complexo de baixa estatura — o que, provavelmente, fosse o motivo pelo qual ele sempre carregava um enorme facão *Randall*, preso ao quadril. Todo mundo gostava de provocá-lo: "Pequeno homem, grande faca". Sourpuss, o mais velho dentre nós, tinha zero de personalidade: o único sujeito do grupo que não era "uma figura", que gostasse de diversão. Ele estava interessado apenas em voltar para casa, para o seu "benzinho" — sua esposa —, sem parecer ligar muito para a operação em que estivéssemos envolvidos ou para

o que pensávamos disso. Ele reclamava um bocado, também. Nenhum de nós realmente gostava muito dele.

Sentamo-nos diante de um *flip chart*, perto da cabine do piloto. *Somos apenas nós quatro. É provável que esta seja uma operação real.* O sujeito que nos passava as instruções era alguém que eu jamais vira antes; alguém do comando de operações especiais conjuntas (JSOC). Ele era absolutamente profissional. Às vezes, entre as equipes, há algumas risadas durante a sessão de detalhamento de uma missão. Um instrutor SEAL pode soltar uma piada sobre o sujeito com a bexiga solta: "Muito bem, nós iremos patrulhar esta área, aqui, por cerca de dois quilômetros. Este aqui é o ponto onde Jimbo terá que dar uma mijada, pela primeira vez. Então, aqui adiante, fica o lugar em que Jimbo terá de mijar pela segunda vez." Agora, no entanto, não havia piadas, e nós mantivemos as bocas fechadas.

Após a tentativa fracassada de resgatar 53 reféns norte-americanos, em 1980, da Embaixada dos Estados Unidos no Irã, tornou-se claro que o Exército, a Marinha, a Força Aérea e os Fuzileiros Navais não poderiam atuar em conjunto, efetivamente, em operações especiais. Em 1987, o Departamento de Defesa incorporou as unidades de operações especiais das três forças armadas em um único organograma — inclusive as unidades de elite, como o SEAL Team Six e a *Delta Force*. Os SEALs e os Boinas Verdes (*Green Berets*) são realmente especiais, mas somente os melhores dentre esses efetivos chegam às camadas superiores: o Team Six e a *Delta*. O JSOC era quem nos comandava.

O "Sr. JSOC" virou algumas folhas do *flip chart*, até nos mostrar uma fotografia aérea.

— Muito bem, senhores. Esta é uma operação TCS (*Task Conditions and Standards* — aproximadamente, "Condições e Padrões de Procedimento").

Então, o major-general William F. Garrison — o comandante da JSOC — nos havia designado para uma operação TCS. O general Garrison havia, isto sim, "jogado a titica no ventilador". *Seríamos realmente capazes de fazer aquilo que dizíamos fazer — qualquer coisa, a qualquer tempo, sob quaisquer*

condições —, inclusive atirar e acertar, de maneira letal, um alvo humano a 730 metros de distância? O "Sr. JSOC" continuou:

— Vocês irão fazer um HALO noturno, sobre um alvo conhecido.

"HALO" é a abreviação de *High Altitude Low Opening* — "grande altitude, abertura baixa" — ou seja, um salto de paraquedas cuja duração é quase toda em queda livre, e os paraquedas são acionados somente a uma curta distância do solo. Isto também significa que qualquer pessoa em terra pode avistar ou ouvir o avião voando muito próximo da área-alvo. Em um HAHO (*High Altitude High Opening*) — "grande altitude, abertura alta" —, nós podemos saltar de 28.000 pés (cerca de 8.500 metros), caindo livremente por cinco segundos, acionando os paraquedas e flutuando para até 65 km de distância da área-alvo — o que nos permite evitar sermos detectados com mais facilidade. Durante um treinamento de paraquedismo sobre o Estado do Arizona, cidades como Phoenix e Tucson — a mais de 160 km de distância, uma da outra — faziam com que nós mal parecêssemos separados. O aspecto negativo do HAHO é que faz um frio inacreditável a 28.000 pés de altitude — e você permanece congelado, ao longo de todo o salto. Após a aterrissagem, eu tinha de enfiar minhas mãos entre as axilas para descongelá-las. Porém, uma vez que este seria um salto HALO, o frio não seria um fator considerável.

O "Sr. JSOC" nos mostrou a rota do avião, o ponto em que saltaríamos e — mais importante — o ponto onde deveríamos aterrissar e guardar nossos paraquedas. Ele também nos falou sobre o lugar em que deveríamos armazenar os paraquedas, assim que atingíssemos o solo. Em território hostil, nós cavaríamos buracos no chão e enterraríamos os paraquedas. Mas esta era apenas uma missão de treinamento; por isso, não deveríamos enterrar paraquedas que custam dois mil dólares, cada.

— Esta é a estrada que vocês deverão patrulhar —, sentenciou. Ele nos deu uma "janela" de dez minutos de oportunidade para eliminarmos nosso alvo. Se nos atrasássemos ou perdêssemos nossa "janela" de oportunidade — ou, se errássemos o tiro —, não haveria uma segunda chance. Um tiro, um caído.

Despimo-nos das nossas roupas civis. Tal como qualquer outro SEAL, eu me vestia como um "comando", mesmo em meus trajes civis — ou seja, nada de cuecas convencionais. Para fazer o trabalho de atirador de elite, eu vestia um *short* azul de polipropileno da *North Face*, também utilizado como roupa de baixo em ações de guerra no inverno, para absorver e expulsar a umidade do corpo. Vestimos jaquetas de campo, camisas e calças camufladas, e eu usava meias de lã. Após haver-me submetido ao treinamento de guerra no inverno, no SEAL Team Two, eu aprendi o valor de um bom par de meias, e investi dinheiro no melhor par de meias civis que pude encontrar. Sobre as meias, eu usava botas de selva. Em um dos meus bolsos eu levava um *boonie hat*, usado ao iniciar e ao terminar uma patrulha. O *boonie hat* é um tipo de chapéu flexível, de lona, com abas largas e uma grossa faixa de brim costurada ao redor da copa, com reentrâncias para acondicionar folhas e talos de vegetação, para efeito de camuflagem. Em uma bainha presa ao meu cinturão, eu levava um canivete do exército suíço — o único tipo de faca que eu utilizava em missões como atirador de elite. Eu usava um *kit* de camuflagem, do tamanho de um pequeno estojo de maquiagem, para pintar meu rosto em tons de verde-claro e escuro. Minhas mãos também eram pintadas, para o caso de eu ter de retirar minhas luvas de aviador *Nomex*, que as mantinham aquecidas. A primeira falange dos dedos polegar e indicador da luva direita haviam sido removidas, para facilitar os movimentos mais delicados dos dedos, tal como os necessários para ajustar minha mira, carregar munição ou sentir melhor o gatilho.

Minha arma de apoio era uma SIG SAUER P-226 Navy 9 mm. Ela possui um acabamento anticorrosão, de fosfato, em todas as suas partes internas; alça e massa de mira, com o desenho de uma âncora gravado no percussor e um pente capaz de conter quinze cartuchos. Projetada especialmente para os SEALs, esta foi a melhor arma de mão que já disparei — e eu já atirei com quase todas as melhores armas de mão existentes. Eu mantinha um pente carregado na pistola e mais dois, em meu cinturão. Meu equipamento incluía um mapa, uma bússola e uma pequena lanterna com lentes vermelhas. Em uma operação real, nós usaríamos um aparelho de GPS, mas,

desta vez, o general Garrison não perderia a oportunidade de testar nossas habilidades com mapas e bússolas. Nós também levávamos um estojo de primeiros socorros, chamado "*kit* de estouro".

Atuando como atiradores de elite em missões em campo aberto, tal como esta, nós não utilizávamos coletes à prova de balas, preferindo confiar em nossa capacidade para permanecermos "invisíveis". Se participássemos de uma operação de guerrilha urbana, nós usaríamos coletes e capacetes.

Cada um de nós carregava água em uma "corcova de camelo" — uma bexiga atada às costas, com um tubo que corre sobre o ombro e que pode ser sugado (sem que seja preciso usar as mãos), para que nos hidratássemos.

Nossa arma de longo alcance era o fuzil .300 Winchester Magnum. A ação do vento afeta menos os seus disparos, cuja trajetória é mais baixa e o alcance mais longo — além de produzir um estrago diabolicamente maior do que tiros de outros fuzis. Para atingir um alvo rígido, tal como o bloco do motor de um veículo, eu prefiro um fuzil de calibre .50; mas, quando se trata de um alvo humano, o .300 Win Mag é o melhor. Já havia quatro cartuchos no pente do meu fuzil, mas eu colocaria mais um, na câmara, quando avistasse o alvo. Em minhas roupas, eu levava vinte cartuchos adicionais.

Minha luneta de mira de atirador de elite era uma Leupold poder-10. O "poder", neste caso, é o número de vezes que a imagem do alvo parece mais próxima do atirador — ou seja, dez vezes mais próxima. As marcações, chamadas *mil dots* — "pontos milimétricos" —, na mira, auxiliam a calcular a distância real. Nós possuíamos buscadores a laser, para longas distâncias, que eram incrivelmente precisos; mas não tínhamos permissão para utilizá-los nesta operação. Sobre a mira da Leupold, eu acoplei uma luneta KN-250, para visão noturna.

Embora os atiradores de elite do SEAL Team Six às vezes utilizem munição capaz de perfurar blindagens e munição incendiária igualmente capaz de perfurar blindagens, para esta operação nós empregaríamos somente cartuchos *match* — projéteis especialmente moldados e polidos, para que sejam totalmente simétricos. Eles custam quatro vezes mais do que as balas comuns, e vêm acondicionados em caixas genéricas de papelão

marrom, em cujo exterior lê-se apenas a palavra "MATCH". Esses cartuchos são disparados de maneira quase igual aos cartuchos fabricados pela *Winchester*, para o Win Mag.

Para outras missões, nós levaríamos um rádio de comunicação criptografada por satélite, o LST-5; mas aquela seria uma operação de uma única noite, e nós não precisaríamos reportar nossas ações. *Vá até lá, faça o seu disparo e "exfiltre"*. Por isso, levávamos um rádio MX-300. A letra X, nesse caso, não provém da palavra "excelente"; mas, sim, de "experiente". Nossos rádios poderiam ser molhados e congelarem, mas continuariam a funcionar. Das nossas posições de tiro, nós podíamos sussurrar pelo microfone e nos entendermos, uns aos outros, com clareza cristalina. Com frequência, o SEAL Team Six testava e experimentava os mais recentes e melhores equipamentos.

Como eu era o comandante do salto, meu dever era checar as condições de todos os paraquedas — do modelo MT-1X. Novamente, o X não provinha de "excelente".

"Trinta minutos!", anunciou o responsável pela carga.

Se tivesse de urinar, este seria o momento para fazer isso, no tubo urinário montado em uma das paredes do avião. Eu não precisava; portanto, voltei a dormir.

"Dez minutos!"

Acordar.

"Cinco minutos!" A rampa de salto na cauda do C-130 foi baixada. Dei uma olhada final nos paraquedas de cada atirador de elite, e caminhamos para a rampa — mas não sobre ela.

Com a rampa baixada, havia barulho demais para que pudéssemos ouvir uns aos outros. Agora, toda a comunicação era feita através de sinais, com as mãos. A três minutos do salto, rastejei até a beirada da rampa. Recordando a foto aérea que nos fora mostrada durante a sessão de instruções, debruçado sobre a extremidade da rampa, olhei para baixo, para assegurar-me de que o avião sobrevoava a área correta.

"Um minuto!" Tudo, lá embaixo, me parecia familiar. Eu poderia simplesmente confiar nos pilotos, mas já tinha tido de caminhar um bocado após alguns saltos, no passado; por isso, preferi confirmar, pessoalmente, o ponto exato do salto.

"Trinta segundos!" O avião estava ligeiramente fora de curso. Apoiei-me com a mão esquerda à beirada da rampa e usei minha mão direita para sinalizar. Olhando para o interior do avião, exibi os cinco dedos e inclinei o polegar para a direita, sinalizando para o responsável pela carga, diante de mim. O responsável disse ao piloto que ajustasse o nariz da aeronave cinco graus para estibordo. Se eu tivesse exibido meus cinco dedos, cerrado o punho e os exibido novamente, ele ajustaria dez graus. Jamais tive de solicitar um ajuste maior do que dez graus. Em alguns saltos, aliás, sequer tive de solicitar ajuste algum. Era ótimo poder contar com bons pilotos.

A luz da rampa mudou de vermelho para verde. Agora, a decisão de saltar ou não era minha. *Vai levar cerca de cinco segundos para que todo mundo tenha saltado do avião.*

Sinalizei aos companheiros. Little Big Man deu o primeiro passo para fora do avião — a 12.000 pés (aproximadamente 3.660 metros) acima do solo. Costumamos saltar na ordem do mais leve para o mais pesado, pois, assim, o saltador mais pesado não aterrissará muito longe do restante do grupo. O próximo a saltar foi Sourpuss; depois, Casanova. Eu saltei por último, pois, como comandante do salto, deveria assegurar-me de que todos tivessem abandonado o avião, ajudando a livrar alguém que pudesse haver-se enroscado etc. No ar, nossas mochilas pendiam de um cabo atado ao peito. Este era um momento em que eu pensava: *"Espero que esta merda funcione."* Durante meus cem primeiros saltos, é possível que eu tenha implorado: *"Ó, Deus! Por favor, faça com que esse negócio abra!"* Mas, então, eu já contava com centenas de saltos em meu currículo, e dobrava e embalava pessoalmente o meu paraquedas. Alguns caras já haviam tido problemas de mau funcionamento com seus primeiros paraquedas, e tiveram de apelar para o paraquedas de reserva; mas, não eu. Os meus

paraquedas sempre abriram. Jamais sofri nada além de uma ligeira torção em um dos dedos dos pés — mesmo após 752 saltos.

Posicionei meu corpo de modo a poder voar para o mais próximo possível da área de aterrissagem. Após uma queda livre de quase um minuto, acionei o paraquedas, a 3.000 pés (910 metros). A 2.500 pés (aproximadamente 760 metros), já estava sob o meu "guarda-chuva" aberto. Olhei para cima, para assegurar-me de que o paraquedas estivesse em ordem, e afrouxei os cabos que prendiam minha mochila, para que não cortassem minha circulação. Meus pés me ajudavam a sustentar o peso da mochila. Ajustei meu visor; um dispositivo especial para visão noturna. Uma luz química infravermelha brilhava na parte traseira dos nossos capacetes. Elas são conhecidas pelos civis como "bastões fluorescentes": basta dobrar ao meio um pequeno bastão plástico para quebrar um frágil frasco de vidro, que há em seu interior, para que duas substâncias químicas se misturem, gerando uma luminescência. Invisível a olho nu, as luzes infravermelhas brilhavam através dos nossos visores de visão noturna. Empilhamos nossos "guarda-chuvas", uns sobre os outros. Acima e atrás de Little Big Man, descia Sourpuss. Acima e atrás de Sourpuss, descia Casanova. Eu descia atrás e acima de Casanova. Nossos paraquedas pareciam formar uma "escadinha", à medida que voávamos para a área-alvo.

Aproximando-me do solo, fiz inflar o meu paraquedas, retardando minha descida. Soltei minha mochila para que caísse, de modo a não tropeçar nela na aterrissagem. Little Big Man pousou primeiro. Sem a resistência do ar e o vento, seu "guarda-chuva" — de 3,5 x 4,2 metros — imediatamente desabou sobre a terra. Rapidamente, ele livrou-se do paraquedas e preparou sua arma, enquanto Sourpuss chegava ao solo, logo em seguida. Tal como fizera o companheiro que o precedera, Sourpuss também livrou-se de seu paraquedas e fez com que sua arma estivesse pronta para disparar. Casanova e eu aterrissamos sobre os paraquedas de Little Big Man e Sourpuss. Nós quatro, juntos, aterrissamos em uma área não maior do que a de uma sala de estar. Little Big Man e Sourpuss guardaram o perímetro, cada um cobrindo um ângulo de 180 graus, enquanto eu e Casanova nos livrávamos dos nossos

paraquedas. Após havermos ocultado nossos paraquedas, assumi a liderança, levando-nos para longe dali. Avaliadores de campo do JSOC estavam ali por perto, para ver se não tomaríamos nenhum "atalho". Trapacear era algo tentador: nós quatro poderíamos ter nos livrado dos nossos paraquedas ao mesmo tempo, sem que dois de nós precisassem montar guarda e cuidar da segurança — e, talvez, poupássemos cinco minutos do nosso tempo; mas não valia a pena correr o risco de sermos apanhados pelos avaliadores. Nós sabíamos que seria melhor "jogar o jogo", como se estivéssemos em território hostil. Quanto mais você transpirar em tempos de paz, menos irá sangrar na guerra.

O vento soprava a chuva contra nós. Clima perfeito para que sejam perdoados certos "pecados" táticos: um barulho aqui, um movimento brusco ali. Patrulhamos ao longo de pouco mais de oitocentos metros e paramos, em um ponto de reunião. Little Big Man e Sourpuss encarregaram-se da segurança, enquanto Casanova e eu retirávamos das mochilas os nossos "ternos de amarração" — roupas de camuflagem, que se assemelham a uma densa folhagem, feitas de tiras soltas de juta e sacos de aniagem. Cada um de nós havia confeccionado manualmente nossos próprios "ternos", e tínhamos dois: um para ambientes com folhagens verdes, e outro para a paisagem do deserto. Desta vez, usávamos o modelo verde. Troquei meu *boonie hat* de camuflagem por outro, de "amarração". No tocante à vestimenta, é importante fazer com que ela se confunda com o ambiente. Em ambientes urbanos, as cores tornam-se mais escuras quanto mais próximas do chão; por isso, uma vestimenta em dois tons funciona mais efetivamente: calças escuras de camuflagem de selva e jaquetas ou camisas claras, de camuflagem de deserto.

Casanova e eu conferimos as "pinturas de guerra", um do outro: mãos, pescoço, orelhas e rosto. Ao pintar a pele para efeito de camuflagem, é importante que o resultado da aplicação das cores o faça parecer o oposto de um ser humano: o que é escuro deve tornar-se claro, e o que é claro deve ser escurecido. Isto significa assegurar-se que as partes do rosto onde as sombras se formam (onde os olhos encaixam-se no rosto etc.) tornem-se

verde-claro, e as partes que se sobressaem (testa, maçãs do rosto, nariz, supercílios e queixo) tornem-se verde-escuro. Se o rosto de um atirador de elite for avistado, ele não deve parecer-se com um rosto. Desapareça, e permaneça invisível.

Dividimo-nos em duas equipes e tomamos dois caminhos diferentes para o alvo. Mesmo que uma das equipes fosse comprometida, o outro par ainda poderia completar a missão. Casanova e eu nos esgueiramos, noite adentro, em direção ao nosso objetivo. Cada um de nós, lentamente, levantava um pé e movia-se para diante, eliminando obstáculos com as pontas das botas, prestando atenção a gravetos ou a qualquer outra coisa que pudesse produzir ruído, se pisássemos sobre ela. A passos curtos, eu caminhava sobre as bordas externas dos meus pés, girando-os sobre os calcanhares e, gradualmente, impelindo meu peso para frente.

Em um ponto que julgávamos distar cerca de 800 metros do alvo, chegamos a uma área parcialmente descoberta. Casanova e eu debruçamo-nos sobre o chão, mantendo-nos separados, para que não parecêssemos uma massa informe em movimento, enquanto rastejávamos. Tínhamos de nos movimentar suficientemente devagar para não sermos vistos, mas rápido o bastante para chegarmos a tempo de atirar. Eu cuidava para não enfiar a ponta do meu fuzil na lama, pois isso prejudicaria sua precisão, mais atentava para não erguê-lo demais, para não denunciar nossas posições. Debruçado, eu agarrava o solo com minhas mãos e impulsionava meu corpo com os pés, com o rosto tão colado ao chão que empurrava a lama com o meu queixo, avançando quinze centímetros a cada movimento. Eu me tornava uno com a Mãe Terra, e limpava minha mente de quaisquer outros pensamentos. Ao esgueirar-me, eu dizia a mim mesmo: *"Eu sou uno com o solo. Sou uma parte desta terra."*

Se eu avistasse o alvo ou uma patrulha em movimento, não olharia diretamente em sua direção. Um alce poderá resfolegar e pisotear o chão porque ele sabe farejar, mas não poderá localizar você. Ele resfolega e pisoteia o chão para tentar fazer com que você se mova, e, então, possa localizar você. Os humanos não têm o senso olfativo de um alce, mas eles

possuem um "sexto sentido": eles sabem quando estão sendo observados. Alguns têm esse sentido mais apurado do que outros. Quando você acha que está sendo observado, vira-se para trás e surpreende alguém olhando na sua direção, você está usando este "sexto sentido". Um atirador de elite tenta não despertar esse sentido nos outros, evitando olhar diretamente para o seu alvo. Quando chega o momento de atirar, naturalmente eu olho para o alvo, através da minha luneta de mira; mesmo assim, o foco visual estará concentrado na mira.

Fiz uma pausa momentânea, então continuei a mover-me.

Finalmente, a uma distância estimada de 450 metros do alvo, chegamos à nossa FFP (*final firing position*) — nossa posição final de tiro. Hora: 2h20. Puxei meu véu verde sobre a mira, para confundir o contorno das formas da minha cabeça e da luneta de mira com visão noturna. Se você jamais esteve debruçado numa poça de lama, vestindo um "terno de amarração" ensopado, com a chuva lhe fustigando e o vento zunindo, enquanto tenta manter a mira e fazer o seu trabalho, você está perdendo uma das melhores partes da vida.

Adiante de nós, havia uma velha casa. Em algum lugar dentro dela, estava o nosso alvo. Casanova e eu discutimos sobre alcance, visibilidade etc. Nós utilizávamos um código de cores para definir cada um dos lados da construção: branco, para a frente; preto, para os fundos; verde, para a lateral direita da edificação; e vermelho, para a lateral esquerda. O código de cores para descrever os lados de alguma coisa originou-se nos navios; nos quais são utilizadas luzes verdes no lado direito (estibordo) e luzes vermelhas no lado esquerdo (bombordo), olhando-se da popa (ou "ré") para a proa (ou "vante"). O alfabeto fonético designava cada um dos andares de um edifício: Alfa, Bravo, Charlie, Delta... As janelas eram numeradas, da esquerda para a direita: um, dois, três... Se alguém aparecesse numa janela à esquerda da frente, no segundo andar de uma casa, eu indicaria esta janela como "Um, Branco, Bravo". Deste modo, nós cortávamos as conversas desnecessárias, tornando a comunicação concisa e simplificada. Esta linguagem cifrada também é universal, entre os atiradores de elite do Team Six, permitindo

que compreendamos rapidamente alguém em companhia de quem jamais tenhamos trabalhado.

Nós também fazíamos um registro das condições do inimigo: sua ***s***oma, ***a***tividade, ***l***ocalização, ***u***nidade, seu ***t***empo de mobilização e seu ***e***quipamento — tudo isso, resumido pelo acrônimo SALUTE. Informações proporcionadas pelo patrulhamento são importantes para as equipes de assalto. Por exemplo: a equipe de assalto poderia querer seguir imediatamente a uma patrulha inimiga que retornasse à casa que tínhamos em vista. Se a patrulha fosse constituída por apenas dois elementos, a equipe de assalto poderia decidir capturá-los, ainda durante seu patrulhamento. Ou, três atiradores de elite poderiam, simultaneamente, derrubar os dois integrantes da patrulha, do lado de fora, e o alvo, dentro da casa. Caso se tratasse de uma situação de retenção de reféns, nós notaríamos a localização destes, bem como a localização dos terroristas, quem seria o líder deles, seus horários de alimentação e de sono etc. Estávamos ensopados, congelados e desgraçados; mas não porque gostávamos disso: nós apenas tínhamos de fazer isso.

Esquadrinhei a janela. Sabendo que uma janela comum mede cerca de noventa centímetros de altura, multipliquei esse número por mil; e, então, dividi a medida resultante encaixando-a na marcação milimétrica da minha mira, para calcular aproximadamente o alcance.

Um avaliador de campo apareceu, entre nós.

— Qual é a distância do alvo?

— 550 metros —, foi a minha resposta precisa.

Uma figura, usando uma balaclava — um gorro de lã, que cobre a cabeça, o pescoço e a parte superior dos ombros — e um casacão de trincheira do exército surgiu à janela: o alvo — que, na verdade, tratava-se de um manequim. Geralmente, apenas um atirador de elite em um par encarrega-se de atirar — enquanto o outro comunica as informações colhidas, localiza o alvo e guarda o perímetro. Desta vez, nós quatro atiraríamos. O general Garrison queria saber qual de nós — ou *se* algum de nós — faria o que afirmávamos fazer. Ouvi um disparo efetuado pelo outro par. Cada um de

nós teria direito a apenas uma tentativa: um "tiro a frio". Assim é chamado o primeiro disparo, que, também, é o pior, pois o projétil tem de passar pelo cano ainda frio do fuzil. Depois que esse disparo aquece o cano da arma, o tiro seguinte é sempre mais preciso. Mas, o general Garrison não nos daria a chance atirar duas vezes. Nem o inimigo.

Um avaliador de campo conferiu o alvo, mas não nos informou dos resultados. Então, um segundo tiro foi disparado; e, novamente, minha equipe desconheceu os resultados.

Agora, era a nossa vez. Casanova posicionou-se à minha direita, suficientemente próximo para que eu pudesse ouvi-lo sussurrar, caso fosse necessário. Suficientemente próximo para que pudéssemos olhar para um mapa, juntos. Sua posição também o ajudava a ver a trilha de vapor deixada no ar pelo projétil, permitindo que ele visse a bala estraçalhar-se contra o alvo e pudesse informar sobre alguma eventual correção para um segundo tiro — mas, hoje, era tudo ou nada. Fazia apenas seis horas que eu estivera saboreando uma pizza quentinha com o meu filho, no aconchego do *Ready Room*. Agora, eu estava em um matagal frio e úmido, no meio de lugar nenhum, tentando acertar um trio a frio no alvo que me fora designado. A maioria das pessoas sequer imagina o grau de treinamento e de comprometimento necessários para a execução do trabalho de um atirador de elite.

A coronha do fuzil apoiava-se firmemente à cava do meu ombro direito. Minha mão segurava a empunhadura com firmeza, mas sem demasiada tensão, e meu dedo tocava calmamente o gatilho. Fincado no chão, meu cotovelo dava-me o equilíbrio necessário. Com minha face encostada ao meu polegar na empunhadura, respirei profundamente. Após exalar parcialmente o ar, prendi a respiração — uma habilidade muito desenvolvida pelos homens-rã, mantendo meus pulmões imóveis, para que não atrapalhassem o tiro. Eu tinha de ficar sem respirar pelo tempo necessário para alinhar minha mira sobre o alvo, mas não o bastante para causar-me uma visão embaçada e tensão muscular. Meu dedo pressionou o gatilho: *bang*!

Eu ainda não sabia se havia acertado o alvo ou não. As coisas não são como nos filmes, em que uma bala desintegra um alvo. Na realidade, a bala atravessa um corpo humano tão velozmente que, às vezes, as pessoas sequer percebem que foram atingidas — tal como, tempos depois, eu iria presenciar, repetidas vezes, na Somália, com disparos de calibre .223.

Depois de Casanova haver efetuado seu disparo, nós rastejamos para longe daquela área, utilizando um caminho diferente do que fizéramos para chegar até ali. Qualquer um que encontrasse os nossos rastros e esperasse que voltássemos pela mesma rota teria de esperar por um tempo muito longo. Patrulhamos as proximidades da área de aterrissagem designada e aguardamos até a aurora.

Ao amanhecer, dirigimo-nos ao helicóptero que nos apanharia. Um avaliador de campo nos deu o código que significava que a operação havia oficialmente terminado: "*Tuna, tuna, tuna*". Pudemos, então, relaxar, ficarmos em pé, distender os músculos, fazer estalar as juntas dos nossos dedos, aliviarmo-nos e fazermos brincadeiras.

Um helicóptero *Black Hawk* nos apanhou em campo aberto e levou-nos até um aeroporto nas proximidades, onde embarcamos em um avião.

Após havermos retornado ao SEAL Team Six, nós quatro ainda não pudemos voltar para casa. Tínhamos de ser desmobilizados, desmontar e limpar o nosso equipamento, inspecioná-lo à procura de eventuais danos e repará-los, se necessário. Então, tínhamos de montar tudo novamente, deixando o equipamento preparado para a próxima chamada, quer fosse apenas um treinamento ou uma missão real. Ao cabo de três horas, todo o equipamento estaria pronto para ser utilizado, mais uma vez.

Nós quatro adentramos a sala de instruções para sermos desmobilizados às 11h, sentindo-nos mais "por baixo" do que as solas de nossas botas. O general Garrison, juntamente com o nosso capitão do SEAL Team Six — nosso líder e nosso chefe, na Equipe Vermelha — além de uma comitiva composta por outros oito ou dez sujeitos cheios de galões e divisas, sentaram-se diante de nós. William F. Garrison não escolhera a carreira militar: a carreira militar o havia escolhido. Convocado durante a Guerra do

Vietnã, ele servira por duas temporadas, como oficial, tendo sido condecorado com a Estrela de Bronze, por mérito, e com o Coração Púrpura, por ferimentos sofridos em combate. Ele participou ativamente do Programa Fênix, elaborado para desmantelar a infraestrutura de liderança dos vietcongues. Tempos depois, ele trabalharia para a seção de Apoio às Atividades de Inteligência do Exército e na *Delta Force*, entre 1985 e 1989. Um homem alto e esguio, com os cabelos grisalhos cortados à escovinha, ele mastigava a metade de um charuto apagado, que pendia de um canto da sua boca. Ele era o mais jovem general que o Exército já tivera, em toda a História.

Nosso capitão nem sempre estava presente em nossas desmobilizações de operações de treinamento, mas com "Papai" Garrison presente à mesa do jantar, o capitão gostaria de assegurar-se de que aqueles desgraçados moleques da Marinha fizessem boa figura — e, mais importante, de que eles recebessem as suas fatias do bolo.

O líder da nossa Equipe Vermelha era Denny Chalker, apelidado Snake ("Serpente"), um ex-paraquedista da 82.ª Divisão Aerotransportada do Exército que tornara-se um SEAL na unidade antiterrorismo do Team One — o Pelotão Eco —, antes de se tornar um dos integrantes originais do SEAL Team Six.

Nós relatamos a sessão de instruções a bordo do avião, o salto de paraquedas, e todo o restante da operação. Os avaliadores de campo tinham estado, secretamente, observando a área de aterrissagem que nos fora designada. Eles viram dois de nós vigiarem a área, enquanto os outros dois se encarregavam dos paraquedas. Felizmente, nós havíamos treinado para fazer isso exatamente do mesmo modo que operávamos.

O general Garrison disse: — As boas notícias são que as habilidades de vocês como atiradores de elite são notáveis: infiltrar-se, movimentar-se e confundir-se com o ambiente, chegando às posições determinadas e fazendo um bom trabalho de observação — além de todos haverem conseguido efetuar seus disparos. Porém, isto não significa droga nenhuma, pois vocês quatro erraram o alvo! Vocês disseram ao avaliador de campo que o alvo se

encontrava a 550 metros de distância, quando, na verdade, a distância era superior a 678 metros. Um de vocês atirou tão longe do alvo que acertou o caixilho da janela. Sua única esperança seria a de que o inimigo morresse de um ataque do coração, em vez de atingido por um tiro.

Nós, os atiradores de elite, olhamos uns para os outros. Nossos semblantes desabaram, como se tivéssemos recebido um chute no estômago.

O semblante do nosso capitão parecia a ponto de se partir em pedaços.

No entanto, o general Garrison ocultara-nos dois segredos. O primeiro era que a Equipe Dourada de atiradores de elite também havia falhado em sua missão. O comandante do salto deles não conseguiu fazer com que todos aterrissassem na área determinada, e os atiradores tiveram de caminhar por quase treze quilômetros através da mata. Quando, afinal, eles conseguiram se aproximar do alvo, era tarde demais: os dez minutos de "janela de oportunidade" que possuíam já haviam se esgotado. Eles sequer chegaram a disparar um só tiro.

O segundo segredo era que a própria *Delta Force* do general havia, igualmente, falhado.

Um problema ainda maior existia: o SEAL Team Six e a *Delta Force* eram comandadas como duas entidades distintas. Por que o SEAL Team Six tinha de embarcar e saltar de um avião quando a *Delta Force* fazia isso melhor? Por que a *Delta Force* tinha de ser embarcada em um navio quando o SEAL Team Six fazia isso melhor?

O exemplo mais clamoroso desse problema maior surgiu quando a *Delta* sofreu um dentre vários infortunados contratempos envolvendo explosivos. Um efetivo da *Delta* colocou uma carga explosiva em uma porta fechada, para fazer com que fosse destruída. Ele estava usando um "camundongo australiano" — um detonador dotado de um cronômetro, que, cinco segundos após haver sido acionado faz explodir uma pequena cápsula. A pequena explosão da cápsula é que detonaria a carga explosiva maior, que havia sido afixada à porta. Infelizmente, a pequena explosão destruiu o cronômetro, detonando imediatamente a grande explosão, que arrancou os dedos do efetivo da *Delta*.

Embora *ninguém* saiba lidar com explosivos melhor do que o SEAL Team Six — os mais tecnologicamente avançados, a última palavra, aquele tipo que você jamais imaginou que existisse (nós até mesmo temos uma unidade de Intendência e Administração de Explosivos, que fabrica seus próprios artefatos explosivos) —, o SEAL Team Six treinava e operava separadamente da *Delta*.

O general Garrison também compreendia que o SEAL Team Six e a *Delta* deveriam ser realistas quanto às suas respectivas capacidades. Com seu forte sotaque texano, ele disse: — Não quero saber do que vocês são capazes de fazer, algumas vezes. Quero saber do que vocês podem fazer todas as vezes, em qualquer lugar do mundo, sob quaisquer condições.

Isto era algo que você tinha de adorar, quando se tratava de Garrison.

O SEAL Team Six e a Delta teriam de aprender a trabalhar em conjunto, e encarar um teste de realidade. Especialmente se quiséssemos sobreviver a uma das batalhas mais sangrentas a serem travadas, desde o Vietnã. E nós lutaríamos essa batalha, muito antes do que esperávamos.

3.
O Inferno é para as Crianças

Quando criança, aprendi a suportar forças que estavam além do meu controle. Minha mãe deu-me à luz quando contava apenas dezesseis anos de idade — uma criança, gerando outra criança —, no dia 8 de novembro de 1961, na Clínica Gratuita Weems, em Boynton Beach, na Flórida. Ela não podia arcar com as despesas de um hospital normal. Nascido prematuramente, dois meses antes do que seria de esperar, com olhos castanhos e cabelos negros, eu pesava apenas 1,42 kg. A clínica era tão pobre que não possuía sequer uma incubadora, algo de que alguém tão pequenino como eu necessitava. Eu era tão pequenino, e um carrinho de bebê pareceria tão grande, que minha mãe, literalmente, levou-me para casa dentro de uma caixa de sapatos. Em casa, o cestinho para bebês também pareceu tão grande que eles simplesmente puxaram uma gaveta de uma cômoda, acolchoaram o fundo com cobertores e me colocaram ali. Era onde eu dormia.

Minha mãe, Millie Kirkman, tinha ascendência escocesa; e uma cabeça tão dura quanto os tijolos das paredes. Ela não demonstrava suas emoções e nenhuma flexibilidade diante da vida, trabalhando duro, todos os dias, em uma oficina de costura, para ajudar a sustentar as minhas irmãs e a mim. Provavelmente eu tenha herdado dela a minha própria cabeça dura; minha atitude de recusa a desistir, apenas porque alguém acha que é a coisa certa a fazer — até o ponto disto chegar a ser um defeito de caráter.

Quando eu tinha nove anos de idade, ela me disse que Ben Wilbanks, meu pai biológico, havia fugido e nos abandonado. Eu o odiei por isso.

A lembrança mais antiga que tenho da minha infância é de West Palm Beach, na Flórida, de quando eu contava quatro anos e fui despertado, no meio da noite, por um homem enorme, exalando um cheiro de bebida alcoólica. Seu nome era Leon, e minha mãe estava saindo com ele. Ela o conhecera enquanto trabalhou como garçonete, em um bar de beira de estrada.

Eles acabavam de chegar de um encontro. Leon arrancou-me do leito superior de um beliche, perguntando-me por que eu fizera uma coisa errada, naquele dia. Então, ele me esbofeteou, acertando-me no rosto, até que eu pudesse sentir o gosto do meu próprio sangue. Esta era a maneira de Leon ajudar minha mãe a fazer com que seu filho homem andasse "na linha".

Isto foi apenas o começo. Nem sempre essas coisas aconteciam à noite. Quando quer que chegasse em casa, Leon tomava para si a tarefa de "disciplinar-me". Eu vivia mortalmente assustado — literalmente, tremendo de medo —, temendo pelo próximo encontro que a Mamãe marcasse. Eu sentia como se o meu coração fosse saltar para fora do peito. *Quão terrível será a surra, desta vez?* Eu podia levar uma surra quando Leon chegasse em casa, enquanto minha mãe se preparava para sair em companhia dele, ou quando ambos voltassem para casa, mais tarde. Leon não era nada parcimonioso, quando se tratava de me aplicar uma surra.

Certo dia, após o término da aula, no jardim de infância, eu fugi. Propositalmente, entrei no ônibus escolar errado. *Esse sujeito não vai mais me bater. Vou cair fora daqui.* O ônibus levou-me até a periferia da cidade, a uma zona rural. Eu não tinha ideia sobre onde me encontrava. Restavam apenas algumas poucas crianças no ônibus quando ele parou. Um garoto levantou-se para sair, e eu o segui. O garoto caminhou por uma estradinha de terra batida, até sua casa. A esta altura, eu não sabia o que fazer: aos cinco anos de idade, eu não havia me dedicado a pensar muito sobre isso. Continuei a caminhar, até chegar a uma casa, no final da estradinha de terra. Então, fiquei por ali, fora da casa, sem saber bem o que fazer, a não ser me manter longe da estrada, para evitar ser visto.

Cerca de duas horas depois, um homem e uma mulher chegaram e me encontraram, sentado, na varanda dos fundos de sua casa, longe da visão de quem pudesse passar pela estrada.

— Qual é o seu nome? —, perguntou-me a mulher.

— Howard.

— Você deve estar com fome.

O casal levou-me para dentro da casa e me alimentou. Algum tempo depois, a mulher disse:

— Sabe, nós temos de encontrar os seus pais. Levar você de volta para casa.

— Não, não! —, disse eu. — Por favor, por favor, não chame a minha mãe! Será que eu não poderia viver aqui, com vocês?

Eles riram.

Eu não sabia o que poderia ser tão engraçado, mas não contei a eles sobre a minha situação. — Não, não chame a minha mãe! Será que eu não posso apenas morar com vocês?

— Não, querido! Você não compreende? A sua mãe deve estar morrendo de preocupação! Qual é o número do seu telefone?

Honestamente, eu não sabia.

— Onde você mora?

Tentei explicar a eles como chegar à minha casa, em Lake Worth, na Flórida; mas o ônibus tomara tantas estradas sinuosas e fizera tantas curvas que eu já não podia mais me lembrar. Afinal, eles me levaram de volta à minha escola. Lá, encontraram a minha tia, que procurava por mim.

Meu plano de fuga havia falhado. Menti à minha mãe, dizendo-lhe que tomara o ônibus errado por engano.

Dentro de um ano ou dois, minha mãe se casaria com Leon.

Pouco tempo depois, nós nos mudamos para Screven, na Geórgia, onde tivemos de ser ouvidos por um juiz. No carro, a caminho da audiência, minha mãe me disse:

— Quando virmos o juiz, ele irá perguntar se você deseja que o Sr. Leon seja seu pai. Você deve dizer a ele que sim.

Leon era a última coisa do mundo que eu desejaria ter em minha vida, mas eu sabia muito bem que seria melhor se eu dissesse "sim"; pois, se não o fizesse, seria morto ao voltarmos para casa. Então, cumpri com o meu dever.

No dia seguinte, antes que eu fosse para a escola, meus pais me disseram:

— Você, diga a todos, lá na escola, que o seu sobrenome não é mais Wilbanks. Agora, você se chama Wasdin.

Assim eu fiz.

Agora, eu era um filho adotivo, e tinha de ver Leon todos os dias. Quando um leão toma para si uma leoa com filhotes, ele os mata, a todos. Leon não me matou; mas fez-me pagar por qualquer coisa que eu não tivesse feito de maneira exatamente correta. Às vezes, mesmo que as coisas tivessem sido feitas corretamente, eu também pagava.

Nós tínhamos algumas nogueiras no quintal. Meu trabalho era apanhar todas as nozes que caíssem no chão. Leon era um motorista de caminhão e, quando chegava em casa, se ouvisse uma única noz estourando debaixo de seus pneus, era o meu traseiro que sofria. Não importava se algumas nozes tivessem caído das árvores desde o momento em que eu tivesse terminado de recolher todas as outras: a culpa seria minha, por não haver feito o trabalho com dedicação suficiente. Quando chegava em casa, voltando da escola, eu tinha de ir diretamente para o meu quarto e me deitar sobre a cama, para que Leon me chicoteasse impiedosamente, usando um cinto.

No dia seguinte, quando usava o banheiro, na escola, eu tinha de desgrudar minhas cuecas do sangue seco e das feridas em meu traseiro, para que pudesse me sentar. Eu nunca dirigi minha raiva contra Deus, mas, às vezes, eu pedia a Ele: "Deus, por favor, mate Leon."

Depois de tantos maus-tratos, cheguei ao ponto de não temer mais quando o cinto de um homem de 113 kg cortava minhas costas, meu traseiro e minhas pernas. *Acalme-se. Pare de tremer. Isto não vai tornar as coisas melhores, nem piores. Apenas aguente.* Eu podia, literalmente, deitar-me na cama, fechar-me em mim mesmo e bloquear a dor. Este meu estado mental, semelhante ao de um zumbi, servia apenas para enfurecer Leon, ainda mais.

A primeira "operação" de que participei como atirador de elite aconteceu logo após o Natal, quando eu contava sete anos de idade. Um garoto de dez anos, chamado Gary, era o "brigão" da escola. Bem grande para a sua idade, ele havia batido em um dos meus amigos. Naquela tarde, reuni quatro dos meus colegas. Nós sabíamos que Gary era grande demais para que pudéssemos lutar com ele usando os meios convencionais; mas quase todos nós havíamos ganhado armas de ar comprimido, como presentes de Natal.

— Amanhã, de manhã, tragam suas armas para a escola —, disse-lhes eu. — Vamos esperar por ele no alto da árvore que fica à beira do pátio, e apanhá-lo quando ele estiver caminhando para a escola.

Gary teria de passar por uma trilha estreita, que serviria como um ponto ideal para que o encurralássemos. No dia seguinte, nós o aguardávamos. Tínhamos as vantagens táticas de estarmos em maior número, com um poder de fogo superior e localizados bem acima do solo. Quando Gary chegou à área fatal, nós o acertamos, para valer. Você poderia pensar que ele tivesse começado a correr, logo após haver sido atingido pelo primeiro tiro; mas ele não fez isso. Ele apenas ficou ali, berrando, como se tivesse sido atacado por um enxame de abelhas, agarrando seus ombros, suas costas e sua cabeça, enquanto nós continuávamos atirando. A Srta. Waters, uma das professoras, veio correndo, em nossa direção, chamando-nos de assassinos sanguinários. Outra professora gritou para que descêssemos imediatamente da árvore. Gary havia-se encolhido no chão e hiperventilado, por ter gritado tanto. Eu me senti mal por ele, pois o sangue escorria de sua cabeça, onde a maioria dos disparos de chumbinho o acertara; mas, também achava que ele havia merecido aquilo, por haver surrado meu amigo, no dia anterior. Empapada de sangue, a camisa de Gary grudava-se às suas costas. Uma professora sacou seu lenço e limpou o rosto de Gary.

Tivemos de ser conduzidos à sala do diretor. O agente da lei local estava sentado ali, tentando conter o riso.

— Esse garoto é maior do que nós todos, e ele deu uma surra em Chris, ontem —, expliquei.

Na minha cabeça, eu não conseguia compreender o que havíamos feito de errado. Nossas armas foram confiscadas e eles mandaram chamar os nossos pais. Naturalmente, o meu "pai" aplicou-me uma surra formidável, quando chegamos em casa.

Anos depois, antes de me tornar um SEAL, fui para casa, durante uma licença da Marinha, e sentei ao lado de Gary em uma caminhonete, enquanto ele me levava até a casa do meu pai. Gary perguntou-me:

— Você se lembra de ter atirado contra mim, com uma arma de chumbinho?

— Sim, eu me lembro —, respondi, embaraçado. — Você sabe, nós éramos apenas garotos...

— Ora, claro! Está tudo bem —, disse ele, apontando para seu ombro esquerdo. — Sinta isto, aqui.

Toquei seu ombro esquerdo e senti o relevo de um chumbinho, debaixo de sua pele.

— De vez em quando, uma dessas coisas sai através da minha pele —, disse ele, com muita naturalidade. — Às vezes, algumas saem pelo meu couro cabeludo, outras vezes dos meus ombros...

— Puxa vida, cara! Eu sinto muito!

Mais tarde, tomamos algumas cervejas e rimos muito dessa história.

Aos oito anos de idade, retornei à Flórida, com Leon e alguns outros sujeitos, fazendo vendas de porta em porta, rodando pelas estradas afora, comercializando frutas e verduras transportadas na carroceria de uma caminhonete. Na carroceria, eu me encarregava das vendas, enquanto um caipira alcoólatra, chamado Ralph Miller, conduzia o veículo. Com muita frequência, ele parava em uma loja de bebidas.

— Vou dar uma paradinha aqui, para comprar um pouco de suco de tomate. Você não gosta de suco de tomate?

— Acho que gosto, sim, de suco de tomate.

Então, ele comprava uma lata de suco de tomate para mim. Tempos depois, ele começou a comprar-me um suco de tomate temperado, mais

claro, com uma leve mistura de sabores de cebolas, aipo, especiarias e um toque de frutos do mar, chamado Mott's Clamato. Ralph bebia o mesmo que eu.

Certa vez, da carroceria, eu dei uma espiada para dentro da cabine. Ralph abriu o zíper das calças e tirou de dentro delas uma garrafa de vodka, misturando-a ao seu suco de tomate.

Que graça ele vê nisso? Está apenas estragando um bom Clamato...

Nós rodávamos por algumas das piores vizinhanças das cidades, vendendo melancias e melões. Uma vez, ao pararmos em uma cidade chamada Dania, dois sujeitos aproximaram-se da carroceria perguntando pelos preços dos nossos produtos. Um deles apanhou uma melancia, levou-a até seu carro e dirigiu-se à cabine da caminhonete, como se fosse pagar a Ralph.

Pôu!

Virei-me e vi o homem apontando um revólver, calibre .38, para Ralph. A perna de Ralph sangrava; e, tremendo, ele entregou sua carteira ao homem.

O homem com a arma perguntou a Ralph:

— Você pensou que eu não atiraria em você?

Fui para a traseira da caminhonete, e o cúmplice do atirador disse:

— Pare, aí mesmo!

Então, o atirador apontou sua arma para mim.

Saltei da traseira da caminhonete, pelo lado do passageiro, e botei "sebo nas canelas", esperando receber um tiro a qualquer momento. Corri tão depressa que o meu chapéu de caubói favorito — de palhinha avermelhada —, que havia comprado na lojinha da Vovó Beulah, voou da minha cabeça. Por uma fração de segundo, pensei em voltar para recuperar o chapéu, mas logo mudei de ideia. *Aquele homem vai atirar em mim, se eu voltar.*

Dei uma volta, circundando dois quarteirões, e reencontrei Ralph, apoiando-se a uma cabine telefônica diante de uma loja de conveniência. Fiquei muito feliz por ver que ele ainda estava vivo. Ralph chamou uma ambulância.

A polícia chegou alguns instantes antes da ambulância. Enquanto eu ouvia os policiais interrogarem Ralph, descobri que ele oferecera seu dinheiro aos bandidos, mas recusara-se a entregar-lhes a carteira. Por isso, Ralph fora baleado.

Enquanto Ralph era submetido a uma cirurgia no hospital, os policiais me levaram ao distrito policial de Dania. Os investigadores me interrogaram, levaram-me de volta ao local do crime e me fizeram falar sobre todo o incidente. Eles tinham um suspeito, mas perceberam que eu era jovem demais e estava muito chocado, devido ao que acontecera, para ser uma testemunha com alguma credibilidade.

Aquela foi a primeira vez que estive em meio a homens tão profissionais. Eles dedicaram-me seu tempo, contaram-me como era ser um policial e o que tiveram de fazer para se tornarem agentes da lei. Eu estava fascinado. Um investigador da divisão de narcóticos mostrou-me todos os diferentes tipos de drogas que eles haviam apreendido nas ruas. Eles me acompanharam por uma verdadeira excursão pelo distrito; e os paramédicos que trabalhavam no edifício vizinho mostraram-me as instalações onde operavam. *Cara! Isso é tão legal!* Os paramédicos até deixaram que eu descesse ao térreo deslizando pelo poste. Eu jamais os esqueceria.

Naquela noite, eles ainda não haviam conseguido localizar o meu pai; então, um dos investigadores levou-me para sua própria casa, para que eu tivesse onde passar a noite. A esposa dele me perguntou:

— Você já comeu alguma coisa?

Eu não havia comido nada, desde o café da manhã.

— Não, Sra.

— Você está com fome?

— Um pouquinho, sim.

— Está bem. Deixe-me arranjar algo para você comer.

— Nós o levamos para o distrito, esta manhã —, disse o investigador. — Mas nenhum de nós se lembrou de oferecer-lhe algo para comer.

— Vocês não notaram que ele é um garoto em fase de crescimento? —, disse a mulher, oferecendo-me um prato de comida.

Comi vorazmente. *Talvez eu pudesse viver com essas pessoas, para sempre...* Após a refeição, adormeci. Fui despertado às cinco horas da manhã seguinte. O investigador levou-me ao distrito policial, onde Papai e seu irmão, meu tio Carroll, esperavam por mim.

Os dois possuíam uma plantação de melancias, onde eu começara a trabalhar, após a escola, durante o verão. Com aqueles dois, tudo era trabalho. Quando não estavam trabalhando em sua plantação, estavam dirigindo caminhões. Quando passei a contribuir com a renda da família, meu relacionamento com Papai — que havia deixado de beber — melhorou.

No sul da Geórgia, onde a temperatura costuma exceder os 38ºC e a umidade do ar chega quase aos 100%, eu caminhava pelos campos, colhendo melancias de até 15 kg, alinhava-as em uma longa fila para empurrá-las pela estrada e, depois, carregava-as para a carroceria da caminhonete. Um dos sujeitos mais velhos manobrava a caminhonete até fazer a carroceria abrir-se para dentro do baú de um caminhão de dezoito rodas, onde eu ajudava a acondicionar as melancias. Após haver carregado milhares de melancias, eu viajava no caminhão até Columbia, na Carolina do Sul, nas primeiras horas da manhã seguinte, para descarregar e vender as melancias. Eu conseguia ter apenas umas duas horas de sono, antes de viajar de volta.

Quando havia uma ou duas horas de folga, minha família, às vezes, saía para fazer um piquenique. Durante um desses piqueniques aprendi a nadar, sozinho, nas águas calmas do rio Little Satilla. Eu não conhecia, absolutamente, nenhuma técnica de natação, mas sempre havia me sentido muito à vontade na água. Passamos muitos fins de semana, ali, nadando e pescando percas, peixes-folha, peitos-vermelhos e guelras-azuis.

Ocasionalmente, após trabalharmos na plantação de melancias, os lavradores e eu íamos nadar nas águas escuras do lago Grace. Devido a todo o ácido tânico que provém dos pinheiros e da vegetação nativa, as águas do rio Little Satilla e do lago Grace são tão escuras — mesmo em um dia claro — que você mal consegue enxergar seus pés, dentro da água. No verão, as libélulas caçam os mosquitos. Nas matas circundantes, esquilos chiam, patos

grasnam e perus selvagens gorgolejam. Aquelas águas escuras guardam uma beleza misteriosa.

À época em que eu contava treze ou catorze anos de idade, eu dirigia o trabalho dos lavradores no campo. Eu saía da "parte branca" da cidade e, cruzando a linha férrea, ia aos quarteirões onde os negros viviam. Eu arregimentava quinze ou vinte pessoas que quisessem trabalhar na plantação e as levava até o campo; organizava suas atividades e trabalhava lado a lado com elas, mesmo que tivessem quase duas vezes o meu tamanho.

Após o trabalho, eu e meus lavradores de melancias apostávamos para ver quem podia nadar mais longe, debaixo d'água, sob um píer, no lago Grace. Os piqueniques familiares ocasionais haviam me proporcionado tempo suficiente para aprimorar minha natação. Enquanto nadava abaixo da superfície da água escura, eu engolia o ar que retinha em minha boca fechada, exalando a respiração pouco a pouco. Quando eu emergia, alguém dizia: "Você deve estar soltando gás por outro lugar! Não é possível que você retenha tanto ar, assim, nos pulmões." Momentos como este eram muito raros, para mim. Estas eram as poucas oportunidades em que eu podia relaxar e aproveitar a vida. Às vezes, acendíamos uma fogueira e conversávamos, à noite.

Papai não se importava quando eu passava algumas horas nadando ou pescando, mas nós jamais saíamos para caçar. Meu pai permitia que eu atirasse com a sua arma, uma vez, ou outra; mas, uma caçada era um evento que duraria um dia inteiro, e isto me afastaria do trabalho por muito tempo. O trabalho era o seu foco. Se eu cometesse um erro ou não trabalhasse com bastante afinco, ele me bateria.

Nas séries finais do ensino fundamental, machuquei minha perna, jogando futebol, durante uma aula de Educação Física. Um dos instrutores disse: — Deixe-me dar uma olhada no seu quadril —, e baixou as minhas calças, para que pudesse examinar meu quadril direito. Ao fazer isso, ele notou a massa de escoriações que havia desde a parte inferior das minhas

costas até a região superior das pernas, onde meu pai havia recentemente me batido. O instrutor engasgou-se: — Oh, minha nossa...

Após haver examinado meu quadril, ele suspendeu novamente as minhas calças e não voltou a dizer sequer mais uma palavra. Naqueles dias, o que quer que acontecesse em casa permanecia em casa. Lembro de sentir-me muito embaraçado pelo fato de alguém haver descoberto o meu segredo.

Apesar de tudo, eu amava os meus pais. Não era inteiramente culpa deles o fato de não haverem sido educados e de não saberem como criar filhos. Tudo o que eles podiam fazer era botar comida na mesa e manter quatro crianças vestidas. Na hierarquia das necessidades de Maslow, nós jamais nos preocupávamos em manter-nos atualizados, pois ainda nos encontrávamos na base da pirâmide: lutando para nos alimentar e nos vestir. De modo geral, meus pais jamais praguejavam ou empregavam uma linguagem obscena: eles eram pessoas tementes a Deus. Mamãe levava minhas irmãs e eu à igreja, todos os domingos. Eles não viam nada de errado com o modo como criavam seus filhos.

Uma vez que eu era o irmão mais velho, Papai esperava que me encarregasse de cuidar das minhas irmãs, Rebecca, Tammy e Sue Anne. Tammy sempre foi a mais faladeira, fuxiqueira e criadora de problemas. Desde que ela começou a frequentar a escola de ensino fundamental, perdi a conta de quantas vezes ela falou demais e eu tive de intervir em sua defesa. Quando eu cursava a quinta série, ela respondeu mal a um garoto da oitava série. O garoto quebrou-me a cara, deixando-me com dois olhos pretos, o nariz fraturado e um dente lascado. Quando cheguei em casa, meu pai parecia ser o homem mais orgulhoso do mundo. Ninguém ligava se Tammy havia sido inconsequente e provocado uma briga. Minha aparência era a de um animal atropelado, na estrada. Não interessava quão severamente o garoto tivesse me espancado: se eu não o tivesse enfrentado, meu pai me aplicaria uma surra ainda pior.

Quando eu tinha dezessete anos de idade, no verão do meu primeiro ano no curso colegial, certa tarde voltei para casa, após haver trabalhado o dia

todo na plantação de melancias, tomei uma boa chuveirada e sentei-me na sala de estar, vestido com nada além de um *short*. Pouco depois, Tammy entrou pela porta da frente, chorando.

Meus cabelos ainda estavam molhados, desde o banho. — O que aconteceu? —, perguntei a ela.

— Minha cabeça está doendo!

— Por que a sua cabeça está doendo, querida?

— Passe a sua mão, aqui...

Tateei sua cabeça e notei que havia um "galo", bem no topo.

— Nós estávamos jogando voleibol, lá na igreja. Quando eu dei uma cortada na bola, Timmy a apanhou e atirou-a em mim. Eu a atirei de volta. Ele me agarrou pelo pescoço e aplicou-me uma "gravata". Então, ele deu um "croque" na minha cabeça.

Naquele momento, eu quis sair pelo telhado. Tornei-me, instantaneamente, um touro enfurecido. Saí correndo de casa, atravessei a varanda, saltei por sobre a corrente que fechava o portão e "voei" por um quarteirão, até chegar à Primeira Igreja Batista. Crianças e seus pais deixavam a igreja, saídos de mais uma aula do curso bíblico de verão, enquanto diáconos despediam-se de todos, à porta. Avistei Timmy, um garoto da minha idade: o garoto que machucara a minha irmãzinha.

Ele virou-se, bem a tempo de me ver chegando.

— Howard, nós precisamos conversar...

— Ora, não precisamos, não, seu filho da mãe!

Acertei-o em cheio, bem no meio do rosto, jogando-o ao chão. Atirei-me sobre o garoto, prendendo-lhe o tronco com as minhas pernas, e surrei-o quase até a morte, despejando sobre ele uma torrente de xingamentos. Tudo em que eu podia pensar era na minha querida irmãzinha, chorando por causa de um "galo" na cabeça.

Um dos diáconos da igreja tentou tirar-me de cima dele, mas eu tinha dezessete anos de idade e havia trabalhado como um mouro, todos os dias da minha vida. Seriam necessários muitos diáconos para apartar-me daquele garoto.

O Irmão Ron surgiu.

— Howard, pare!

Eu acreditava no irmão Ron, e o respeitava profundamente. Ele era uma espécie de "celebridade" na cidade.

Então, eu parei. O Irmão Ron havia exorcizado o demônio.

Infelizmente, porém, o incidente havia criado uma rixa. O pai do garoto era um tipo meio psicopata, e o meu pai era um "cabeça-quente", que jamais recuaria diante de ninguém.

O Psicopata dirigiu até a minha casa.

Meu pai o encontrou, no lado de fora.

— Se eu vir aquele desgraçado do seu filho outra vez, ele pode acabar não voltando para casa! —, vociferou o Psicopata.

Papai entrou em casa e apanhou sua escopeta. Quando tornou a sair pela porta da frente, meu avô o interceptou, lá fora. Ao lado do meu avô, estava o Irmão Ron. Papai estava pronto para disparar uma carga de chumbo grosso no traseiro do Psicopata. Vovô e o Irmão Ray acalmaram Papai.

As semanas seguintes foram tensas, para mim. Eu andava olhando por sobre meus ombros, esperando encontrar um homem adulto em meu encalço, aonde quer que fosse. E Timmy tinha dois irmãos, também. Reuni o meu "bando" e passei a não ir sozinho a lugar nenhum.

O Irmão Ron fez com que Papai e o Psicopata chegassem a bons termos, promovendo uma pacífica reunião, do tipo "Venham para Jesus", entre ambos. No final das contas, descobriu-se que as coisas não tinham acontecido exatamente da maneira como a minha esperta irmãzinha faladeira as descrevera. Tammy havia feito algo a Timmy; e este, afinal, dera-lhe apenas uma amigável esfregadela, friccionando os nós de seus dedos contra o topo da cabeça dela. Eu havia imaginado que ela tivesse levado uma pancada na cabeça, muito mais vigorosa do que realmente havia sido. Nossos pais concordaram em deixar todo o episódio de lado.

Agora, eu sabia que estaria metido em um grande problema.

Em vez disso, porém, Papai disse:

— Sabe, eu teria feito exatamente a mesma coisa; embora, talvez, não tivesse praguejado tanto quanto você o fez, no pátio da igreja.

Recebi aquele comentário como se fora uma condecoração por honra ao mérito. Apesar de todos os erros de meu pai, a proteção de sua família era algo muito importante para ele, e eu soube respeitar seu desejo de proteger-me.

O Irmão Ron era a "cola" que mantinha unida toda a comunidade; e a comunidade contribuiu para formar quem eu era.

Além do Irmão Ron, outro homem que muito me influenciou foi o meu tio Carroll, o irmão mais velho de Papai. O tio Carroll não tinha um temperamento exaltado. Ele podia não ter recebido uma excelente educação, mas era inteligente — especialmente no trato com as pessoas. O tio Carroll tinha amigos em todos os lugares. Foi ele quem me ensinou a dirigir um caminhão, porque Leon não tinha a paciência necessária para tanto. Leon ficaria furioso diante do primeiro erro que eu cometesse, quer fosse ao colher melancias, dirigir um caminhão, ou ao fazer qualquer outra coisa; não importava. O tio Carroll dedicava-me tempo para explicar as coisas. Quando eu estava aprendendo a dirigir um caminhão de dezoito rodas, tio Carroll dizia-me coisas tais como: "Bem, Howard, não. Você não deveria trocar de marcha tão bruscamente, com o motor ainda frio. É preciso que a rotação esteja um pouco mais alta. Agora, reduza a marcha e comece, outra vez..." Estando ao lado do tio Carroll, eu aprendi muitas habilidades humanas. Leon e eu podíamos estar na cabine de um caminhão, dirigindo de West Palm Beach, na Flórida, até Screven, na Geórgia — uma viagem de oito horas —, e mal trocarmos algumas palavras. Nós não conversávamos. No máximo, ele poderia dizer algo como: "Você precisa ir ao banheiro?" A menos que se tratasse da satisfação de necessidades corporais ou de arranjar algo para comer, nós não falávamos. Mamãe e Papai sempre nos diziam: "As crianças devem ser vistas, não ouvidas." Eles mesmos não eram de gastar muita conversa. Se estivéssemos em público e disséssemos qualquer coisa sem que alguém nos tivesse perguntado algo, quando chegássemos em casa já sabíamos o que nos esperava. O tio Carroll era o único que sempre me

dedicava algum afeto. Às vezes, ele estendia seu braço sobre os meus ombros, quando sabia que Leon estava me perseguindo incansavelmente, como costumava fazer. Ele me dava apoio moral, e até mesmo uma palavra de carinho, ocasionalmente. Através de todas as situações, o valor do apoio de tio Carroll era incalculável. Se eu e ele estivéssemos conduzindo o caminhão, nós pararíamos em um restaurante e comeríamos, quer fosse um café da manhã ou um almoço. Com Leon, entraríamos em alguma mercearia, compraríamos um pouco de salame ou queijo e faríamos um sanduíche, para ser consumido dentro da cabine do caminhão, enquanto dirigíamos. Leon jamais diminuía seu ritmo. A melhor coisa que o tio Carroll me dedicava eram algumas palavras de encorajamento. Sua influência sobre mim foi tão criticamente importante quanto a exercida pelo Irmão Ron — senão ainda mais. Sem os dois, eu poderia haver dado guarida a alguns pensamentos obscuros. Provavelmente, envolvendo suicídio.

Passei meus anos de colégio como um "esquisito", estudando na Escola de Formação de Cadetes da Reserva da Força Aérea. Eu adorava a Escola de Cadetes, com toda a sua disciplina, estrutura e seus belos uniformes. Eu sempre fui um cadete excepcional: oficial graduado, comandante da guarda etc. Essas coisas me davam algo para fazer e uma oportunidade para me superar. Uma luz se acendeu em minha vida e eu aprendi que poderia ser, facilmente, um líder entre os meus iguais.

No tocante às garotas, no entanto, eu "desabrochei" tardiamente. Em outubro, a um mês de completar dezoito anos de idade, perguntei a um colega:

— Como é que funciona esse negócio de beijo de língua? O que é que você faz?

— Howard, você apenas abraça a garota, encosta os seus lábios aos dela, coloca a língua em sua boca e "curte a viagem"!

Eu precisava arranjar um par para ir ao baile da Escola de Cadetes. Um dos meus colegas tinha uma irmã, Dianne, a quem todos chamavam "Dee-Dee". Eu não havia realmente pensado nela, mas, então, achei que ela

pudesse me acompanhar no baile. Amedrontado e envergonhado, perguntei a ela:

— Você iria ao baile dos cadetes comigo?

— Sim —, ela respondeu.

Depois do baile, Dee-Dee disse:

— Vamos à Lanterna do Fantasma.

Levei-a até este famoso ponto de encontro de casais de namorados, onde — segundo uma lenda — o fantasma de um antigo trabalhador ferroviário decapitado andava pela linha férrea, procurando por alguma coisa com sua lanterna.

Quando estacionei o carro no pátio, eu estava petrificado. *Quando é que eu devo encostar os meus lábios aos dela? O que significa esse negócio de "colocar a língua em sua boca e curtir a viagem"? Será que estou fazendo muitos rodeios? O que eu deveria fazer?* Deste modo, eu conversava mais comigo mesmo do que com ela. Virei-me, disposto a dizer a Dee-Dee algo como: "Sabe de uma coisa? Acho que é melhor voltarmos para casa." Mas ela já estava pronta para avançar sobre a sua presa. Seu rosto já estava sobre o meu. Ela me deu o meu primeiro beijo de língua. Não é preciso dizer que eu logo compreendi tudo. *Ei! Isso não é tão difícil quanto Física Quântica! E é bom!* Namoramos pelo resto do ano letivo, até a primavera.

A formatura estava se aproximando, mas alguém já havia convidado Dee-Dee para ir ao baile. Durante uma aula de Economia Doméstica, convidei uma das amigas dela, Laura, para ser minha acompanhante no baile de formatura — que foi a ocasião do nosso primeiro encontro. Laura tinha um belo corpo e seios grandes. Após o baile de formatura, no carro, nos beijamos pela primeira vez. Bem, para ser sincero, foi ela quem me beijou; e eu não resisti. Por haver crescido em uma família que não demonstrava muito afeto, a manifestação do interesse de Laura por mim significou muito.

Pensando retrospectivamente nos meus anos de adolescência, lembro-me da minha primeira "operação de vigilância". Não havia muita coisa para fazer em Screven, na Geórgia; por isso, às vezes, tínhamos de inventar

nossas próprias formas de diversão. Certa noite de sexta-feira, Greg, Phil, Dan e eu dirigimos até a beira do rio. No caminho, encontramos uma mala de viagem, que devia ter caído do carro de alguém. Abrimos a mala e encontramos algumas roupas em seu interior. Atiramos tudo na carroceria da caminhonete de Greg e não pensamos mais no assunto. Fizemos um pequeno acampamento à margem do rio, sentando-nos em torno de uma fogueira, bebericando cerveja e tostando algumas salsichas sobre o fogo. Um gato desnutrido e maltratado aproximou-se de nós. Talvez ele achasse muito arriscado aproximar-se tanto assim, mas o pobre animal devia estar desesperado para arranjar qualquer tipo de alimento. Atiramos-lhe um pedaço de salsicha e o gato engoliu-o, imediatamente. Um de nós tentou lhe fazer um carinho, mas o felino mostrou-se extremamente agressivo, exibindo garras e dentes para todo mundo. Aquele era um gato mau. Então, usamos a mala de viagem para fazer-lhe uma armadilha, abrindo-a e colocando uma salsicha dentro dela. Quando o gato entrou na mala para comer a salsicha, baixamos-lhe a tampa e a vedamos com o zíper. Nós rimos. Ouvir o gato ficar maluco dentro da mala só nos fez rir ainda mais alto. O gato debateu-se, até ficar exausto; e eu tive uma ideia.

— Nós mesmos não quisemos abrir a mala? Se a colocarmos à beira da estrada, alguém irá encontrá-la e abri-la, também.

Então levamos a mala até a estrada e a colocamos no acostamento, perto de uma ponte. Escondemo-nos nas proximidades daquele ponto, deitando-nos de bruços em uma ravina que margeava a estrada. Esperamos um bocado de tempo, até que o primeiro carro passasse. Aquela não era uma estrada muito movimentada.

Outro carro passou e, desta vez, pudemos ver acenderem-se as luzes de freio. O carro avançou mais um pouco e fez uma conversão em U. Passando pelo ponto em que estávamos, o carro fez uma nova conversão em U, parando, finalmente, próximo à mala. Uma corpulenta mulher negra desceu do carro e apanhou a mala. Quando ela retornou ao carro e fechou a porta, pudemos ouvir uma animada conversação vinda do interior do veículo, como se seus ocupantes tivessem encontrado um baú de tesouro. O carro

partiu e seguiu adiante. Repentinamente, as luzes de freio tornaram a se acender e o carro estacou, com uma ruidosa freada brusca. Três de suas quatro portas abriram-se violentamente, e três pessoas emergiram de seu interior, berrando xingamentos a plenos pulmões.

Nós tentamos conter o riso.

Um dos passageiros atirou a mala para longe, colina abaixo.

— Tire esse bicho debaixo do banco! — gritou outro.

Uma terceira pessoa apanhou um graveto e usou-o para cutucar o interior do carro e tirar o gato debaixo do assento. O gato, afinal, escapou.

Não esperávamos que alguém abrisse a mala dentro de um carro ainda em movimento, e não tínhamos a intenção de causar mal algum, a ninguém. Felizmente, ninguém se feriu. O incidente nos proporcionou uma história capaz de manter nosso riso ecoando a noite toda. Aposto que aquelas pessoas jamais voltaram a apanhar qualquer coisa encontrada à beira de uma estrada. Aquela também foi a minha primeira operação de observação oculta.

***

Quando graduei-me no colégio, eu media 1,80 m de altura e havia economizado dinheiro suficiente para comprar um carro e para custear meus estudos na Faculdade Cumberland, em Williamsburg, Kentucky — uma instituição de ensino cristã. Porém, todo o trabalho que tive para poupar dinheiro para ter um carro foi em vão, pois Tammy destruiu completamente o meu Ford LTD azul, modelo 1970, antes mesmo que eu deixasse a casa dos meus pais. Assim, tive de viajar de ônibus. Antes que eu embarcasse no ônibus, minha mãe disse a Papai:

— Abrace o Howard.

Então, ela disse a mim:

— Vá, abrace o seu pai.

Leon estendeu seus braços e demo-nos um abraço desajeitado. Aquela foi a primeira vez que nos abraçamos. Recebi, ainda, um dos raros abraços de

minha mãe. Embarquei no ônibus, feliz por poder dar o fora daquele lugar, afinal.

4.
O Submarino Russo e o Herói Verde

Aos vinte anos de idade, após um ano e meio de faculdade, eu havia gasto todo o meu dinheiro — ganho com muito suor — e não poderia mais pagar pelos meus estudos. Àquela época, não havia tantas possibilidades de auxílio financeiro aos estudantes, e eu estava cansado de tomar banho com restos de sabão e de procurar por moedas perdidas nas ruas para aproveitar a promoção oferecida às quintas-feiras por uma loja de conveniência da vizinhança, quando três cachorros-quentes eram vendidos por um dólar. Resolvi visitar um posto de recrutamento militar que havia em um *shopping center* em Brunswick, Geórgia, com a intenção de me alistar, economizar dinheiro suficiente e voltar a cursar a faculdade. No exterior do posto de recrutamento da Marinha, havia um pôster com a imagem de um nadador do SAR (*Search and Rescue*; "Busca e Resgate"), em traje de mergulho. Tempos depois, eu me candidataria para o serviço de Busca e Resgate da Marinha.

Antes de ser embarcado, decidi me casar com Laura.

Minha mãe fez apenas um pedido: "Fale com o Irmão Ron, antes."

Eu sabia que o nosso pastor não gostava de Laura. Sabia que ele não concordava com a religião mórmon dela.

— Não, Mamãe. Eu não vou fazer isso. Não vou falar com o Irmão Ron. Eu a amo, e vou me casar com ela.

Leon veio ao meu quarto e, com as duas mãos, empurrou-me pelos ombros, fazendo-me recuar alguns passos. Esta era a maneira ostensiva dele

afirmar sua autoridade. Se eu o encarasse ou desse um passo para frente, ele interpretaria isso como um sinal de agressividade. Eu aprendera a baixar minha cabeça e permanecer retraído.

— Se você não pode obedecer à sua mãe quanto a esse assunto, faça as suas malas e caia fora da minha casa.

Eu não podia acreditar no que ouvia.

— É isso mesmo! Eu vi você me encarando —, disse Papai. — Você quer me enfrentar? Vamos, me enfrente. Eu engulo você como uma dose de sal-amargo!

O sal-amargo, ou sal de Epsom (sulfato de magnésio heptaidratado) é uma substância usada para aliviar constipações; e, no sul da Geórgia, esta é a maneira de dizer algo como "eu acabo com você como um ganso digere um grão de milho". Ele havia me ameaçado pela última vez.

Coloquei tudo o que pude dentro de uma maleta de viagem e saí de casa, descendo a rua até encontrar um telefone público. Após telefonar para a casa de Laura, seus pais disseram a ela que viesse me buscar.

A família de Laura agia de maneira muito diferente da minha família. Os filhos e os pais *conversavam*. Eles mantinham conversas entre si. Os pais eram bondosos para com os filhos. O pai até mesmo lhes dizia "bom dia". Isso deixou-me aturdido. Eles eram amorosos e afetuosos. Eu adorava o modo como a família deles se comportava, tanto quanto amava Laura.

Os pais dela permitiram que eu morasse com eles, até que arranjei um emprego no ramo da construção civil e um pequeno apartamento. Meses depois de ter saído de casa, eu e Laura nos casamos, na igreja que ela frequentava, no dia 16 de abril de 1983. Relutantemente, meus pais compareceram à modesta cerimônia. Nós vivíamos em uma cidade na qual a simples ausência deles à cerimônia não refletiria negativamente sobre as suas reputações. Após Laura e eu havermos feitos nossos juramentos solenes, meu pai deu-me uma nota de cem dólares e um aperto de mão, sem dizer uma só palavra — nem "parabéns", nem "vá para o Inferno". Não é preciso dizer que meus pais não permaneceram ali até que o bolo fosse cortado.

Beijar de língua e fazer amor foram coisas que eu aprendi com muita naturalidade. Porém, fazer coisas tais como dizer que eu a amava ou andar de mãos dadas com ela era mais difícil. Eu vivia alternadamente na posição "ligado" ou "desligado": não havia meio-termo. Faltava-me um modelo de marido e de pai. Papai jamais enlaçava minha mãe em seus braços, ou segurava-lhe a mão. Talvez ele fizesse isso, quando eu não estivesse por perto; mas eu jamais o vi fazer. A maior parte das conversas que eles mantinham era somente sobre o trabalho ou os filhos.

No dia 6 de novembro de 1983, cheguei ao campo de treinamento da Marinha, em Orlando, Flórida. Dois dias depois, todos nós tínhamos os cabelos cortados a máquina e cheirávamos ao brim dos nossos uniformes. Na hora de apagar as luzes, eu disse ao sujeito deitado no leito abaixo do meu, no beliche:

— Ei, hoje foi o dia do meu aniversário.

— É, cara? Feliz aniversário.

Ele não estava ligando a mínima. Ninguém estava. Aquilo foi uma espécie de confrontação com a realidade.

A falta de disciplina e de respeito por parte dos recrutas deixou-me estupefato. Muitos deles envolveram-se em problemas por se esquecerem de dizer "sim, senhor" ou "não, senhor". Eu fora criado para jamais esquecer minhas boas maneiras e para atentar constantemente aos detalhes. Os sujeitos que tinham de cumprir deveres adicionais — fazer flexões, trabalhar sem camisa ou encerar o chão — pareciam ser idiotas. *Fazer a cama e dobrar suas cuecas não é nenhuma espécie de ciência aeroespacial.* Eu fora criado para sempre fazer a minha cama e dobrar as minhas cuecas, em casa.

O comandante da companhia e eu logo criamos um laço: ele tinha uma função como integrante de uma equipe aerotransportada de Busca e Resgate, que era a que eu desejava. Ele me encarregou da supervisão de metade das barracas. Após o término de quase quatro semanas no campo de treinamento, um quarto dos recrutas ainda enfrentava problemas. Eu não podia compreender aquilo.

Qualquer um que se envolvesse em algum problema mais sério era enviado para o Treinamento Intensivo (TI). Eu disse ao comandante da companhia:

— Quero ser enviado para o TI. Quero ficar em forma para o meu exame de seleção física para a equipe de Busca e Resgate, senhor.

Não me lembro exatamente quais eram as exigências para ingressar no SAR; mas, hoje em dia, os candidatos têm de nadar 450 metros em 13 minutos, correr 2,4 quilômetros em 12,5 minutos, fazer 35 flexões de braços em dois minutos, 50 flexões de pernas em dois minutos e elevarem-se duas vezes em uma barra. Se não pudesse ser aprovado no exame, esvaziaria de sentido o próprio motivo pelo qual eu me alistara na Marinha: integrar a equipe de Busca e Resgate.

O comandante da companhia olhou-me como se eu tivesse um cogumelo crescendo sobre a cabeça.

— Wasdin, você sabe o que eles fazem no TI?

— Os sujeitos que se envolveram em problemas me disseram que eles fazem um bocado de exercícios físicos, lá.

Ele riu.

Após o jantar, eu cheguei ao TI e descobri por que ele rira. O TI me deixou quebrado. Nós fazíamos flexões de braços e de pernas, exercícios segurando um fuzil sobre as nossas cabeças e muito mais. Eu olhava para a esquerda e para a direita e, em ambos os lados, via homens chorando. *Isto é dureza, é verdade; mas, por que vocês estão chorando?* Eu já havia experimentado coisas muito piores. O suor e as lágrimas cobriam o piso do ginásio de esportes. Eu suava, também; mas não chorava. O pessoal que coordenava o TI não sabia que eu havia ido voluntariamente. Depois de ter aparecido por ali quase todas as noites, após o jantar — sete, oito, nove vezes —, eles acharam que deveriam me convencer a abandonar o "mau caminho"; e eu não fiz nada para convencê-los do contrário. Quando deixei o campo de treinamento, eles devem ter pensado: "*Esse Wasdin é o maior maluco que já passou por aqui.*"

Submeti-me ao exame de seleção para a equipe de Busca e Resgate. Da piscina, avistei um sujeito com uma insígnia desconhecida no peito de sua camiseta. Àquela época, eu não sabia que ele era um SEAL da Marinha. Aliás, eu sequer sabia o que era um SEAL. A maioria das pessoas também não. O TI deve ter ajudado na minha preparação para o exame do SAR; se não física, ao menos mentalmente. Fui aprovado. Apesar disso, eu estava apenas 70% confiante de que seria aceito pela escola preparatória de tripulantes aeronáuticos. *Meu destino está nas mãos da Marinha. Que tipo de trabalho eles me obrigarão a fazer se eu não passar nesse teste?*

Perto do final do período de três meses no campo de treinamento, o comandante da tripulação aeronáutica da minha companhia dirigiu-me um sorriso e ordenou que eu me apresentasse na escola preparatória de tripulantes aeronáuticos. "Vejo você na frota", disse-me ele. Eu havia sido aprovado. Aquele foi o melhor dia da minha vida. Laura veio da Flórida para comparecer à minha formatura, no campo de treinamento, e passou o fim de semana ali. Eu tinha de vestir o uniforme, mesmo quando estava fora da base. Enquanto jantávamos em um restaurante, um casal nos presenteou com dois ingressos para o Disney World — e ainda pagou a nossa conta, antes de ir embora. No dia seguinte, nós fomos conhecer o "Reino Encantado".

Não haveria, propriamente, uma vida conjugal onde quer que Laura pudesse ficar comigo, enquanto eu frequentei o curso preparatório para tripulantes aeronáuticos em Pensacola, Flórida. Durante o curso, eu tive de usar um macacão de voo, aprender como lançar o bote de resgate de uma aeronave, correr por percursos cheios de obstáculos e boxear nos torneios informais da Marinha. Próximo do final das seis semanas de curso, tive de passar por uma semana de treinamento de sobrevivência. Os instrutores simulavam que a nossa aeronave tivesse sido atingida, e nós tínhamos de tratar de sobreviver: fazer nós em cordas, cruzar rios a vau e construir um abrigo utilizando a lona de um paraquedas. Tudo isso tendo à nossa disposição apenas uma ração mínima, resumida a algumas latas de sopa e

umas poucas maçãs. Ao longo dos últimos três dias de treinamento, nós só comemos o que pudemos encontrar — e que estivemos dispostos a engolir. Eu não estava preparado para comer vermes, ainda.

Minha primeira luta de boxe aconteceu na noite seguinte ao nosso retorno do treinamento de sobrevivência. Eu disse ao treinador:

— Eu estive no meio do mato pelos últimos três dias, sem comer. Você acha que vai estar tudo bem?

— Ora, claro! Que diabos! Esse *marine* está quebrando a nossa cara. Precisamos que você vá até lá e lute com ele.

Muito obrigado, amigão!

Meus amigos Todd Mock e Bob Powell vieram assistir à luta e me proporcionar algum apoio moral.

Todd permaneceu junto ao meu canto do ringue. Eu disse a ele:

— Gostaria de ter tido mais tempo de me preparar para esta luta.

— Apenas bata nele mais do que ele bater em você.

Excelente conselho.

As lutas informais consistiam-se de três *rounds* de três minutos cada. Não era preciso que os lutadores tivessem muito ritmo ou mostrassem um desempenho técnico excepcional: bastava que subissem ao ringue e dessem tudo de si. No primeiro *round*, eu estudei o marinheiro adversário e nós lutamos quase de igual para igual. No segundo *round*, eu não reagi com suficiente rapidez e fui surpreendido pelos seus golpes, um bom par de vezes. *Ele está me subjugando.* Meus braços pareciam haver perdido a força. Minhas luvas — de 497 gramas — pareciam pesar vinte quilos, cada uma.

No terceiro *round*, eu fui "tocar as luvas" com o meu oponente — uma silenciosa demonstração de cortesia entre contendores, feita no início do último *round* de uma luta. Estendi minha mão direita e ele, imediatamente, acertou-me um direto. Doeu. Ah, doeu, muito. Fez com que eu caísse de joelhos, sobre o ringue. Consegui me levantar, mas não antes que a contagem do nocaute tivesse sido iniciada e chegasse até oito.

Eu não era Rocky, o Lutador; e estava com medo de apanhar, novamente. Após a contagem haver chegado a oito, parti para o ataque ao marinheiro,

desferindo golpes a esmo, com toda a força que me restava, mortalmente temeroso de que ele pudesse me acertar, outra vez. Ao fim de tudo, eu venci a luta. Os torcedores da Marinha foram ao delírio. Sentei-me sobre o banquinho no meu canto do ringue, exausto. Olhei para Todd e disse:

— Você e Bob vão ter de me ajudar a sair daqui.

Fui, literalmente, carregado por eles até o pátio de estacionamento e colocado em um carro. Após haverem me ajudado a tirar as luvas e vestir uma camiseta, eles me levaram até uma lanchonete Wendy's, onde comemos alguma coisa. Mais tarde, eles me levaram de volta às barracas da base e me colocaram na cama.

Na manhã seguinte, achei que houvesse algo errado comigo. Meu rosto havia inchado tanto que eu não conseguia mais abrir um dos olhos. O outro olho estava apenas parcialmente fechado. *O que aconteceu?* Senti-me enjoado por três ou quatro dias. Felizmente, a conclusão do curso de tripulante aeronáutico estava próxima e eu consegui graduar-me em tempo.

Apesar da falta de convivência, Laura e eu escrevíamos cartas, um para o outro; e eu telefonava para ela. Ela veio visitar-me no fim de semana seguinte à minha formatura no curso. Nosso relacionamento parecia satisfatório.

Após o término do curso para tripulantes aeronáuticos, Todd, Bobby e eu nos mudamos para um novo alojamento, rua abaixo, e iniciamos nossas doze semanas de treinamento para a equipe de Busca e Resgate. O lugar era intimidador: havia nomes inscritos nas paredes, uma gigantesca piscina em seu interior, uma instalação suspensa que simulava a porta de um helicóptero H-3, e instrutores do SAR circulando incessantemente por ali, vestindo seus *shorts* e camisetas azuis.

Cara, esses sujeitos são deuses!

A escola do SAR foi um desafio, para mim. Até que passamos a nos sentir confortáveis na água, mergulhando nela com todo o nosso equipamento, nadando até o gancho da grua de içamento, conectando nosso piloto a ele, fazendo sinais com as mãos, acendendo o sinalizador Mark-13 e simulando resgates.

Ao término do curso, como teste final, eu tive que completar a simulação de uma missão de resgate. Um dos pilotos sentava-se em um bote inflável, enquanto outro boiava na superfície da água, com o rosto voltado para o fundo. Na enorme piscina interna, eu saltei da porta da estrutura que simulava um helicóptero e, na água, empreendi o resgate ao homem que boiava. O piloto que estava no bote gritou para mim:

— Ei, cara! Tire-me daqui! Ele está morto. Não há nada a fazer por ele.

Quando toquei o corpo do piloto que boiava com o rosto imerso na água, ele subitamente "voltou à vida" e agarrou-me. Nadei debaixo da água, onde homens que estão se afogando não gostam de ir. Depois de revolver-me em torno dele, fiz uma revista táctil em seu corpo, para certificar-me de que ele não estivesse envolvido por nenhuma corda de paraquedas. Tudo parecia estar bem. Então, comecei a nadar; mas ele não fez qualquer movimento. Verifiquei a situação mais uma vez, e encontrei uma corda de paraquedas enrolada em torno de ambas as pernas dele. Após livrá-lo da corda, eu o conduzi, nadando até o bote ocupado pelo outro sujeito. O piloto no bote começou a gritar com o piloto que estava na água: "Foi culpa sua! Você ferrou tudo!"

Eu não posso colocar este piloto no mesmo bote em que está esse sujeito perturbado. Acionei e inflei seu dispositivo de flutuação e amarrei-o ao bote. Subi a bordo do bote e conferi a situação do piloto perturbado. Conectei-o ao gancho de içamento do helicóptero e fiz com que ele subisse primeiro. Ele reagiu a isso, e eu tive de lutar com ele, antes de fazer com que fosse içado. Então, conectei a mim mesmo e ao piloto que estava na água, para que fôssemos içados juntos.

De volta ao vestiário, notei que alguns dos meus colegas de curso não haviam retornado. Eu não deduzira que eles pudessem ter sido reprovados no teste, pois ainda tentava me recuperar do meu resgate. Cinco ou seis instrutores postaram-se ao meu redor. "Wasdin, o que você fez de errado?"

Caramba. Eu não fui aprovado para integrar a equipe de Busca e Resgate, e não faço ideia por quê.

Com uma lâmina recurva, em forma de J, utilizada para cortar cordas de paraquedas, eles rasgaram minha camiseta branca, de cima a baixo.

Eu tentava compreender alguma coisa cujo sentido me houvesse escapado.

"Parabéns, Wasdin. Você foi aprovado no curso de SAR." Eles me deram uma nova camiseta — azul — e me atiraram na piscina, para juntar-me aos meus colegas que já estavam na água. Todos riram a valer da expressão traumatizada no meu rosto; eles haviam acabado de passar pela mesma situação.

Minha graduação no SAR foi mais especial do que as do campo de treinamento e do curso de tripulante aeronáutico, pois o treinamento para o SAR exigiu muito mais de mim mesmo, física e mentalmente.

Após a conclusão do curso de SAR, aperfeiçoei a minha formação, fazendo um curso de táticas de ataque antissubmarino, em Millington, Tennessee. Embora ainda não pudéssemos ter uma vida conjugal, Laura e eu alugamos um pequeno apartamento, não muito distante da base. Quando engravidou, ela voltou a morar com seus pais, até que o bebê nascesse.

Então, a Marinha designou-me para um esquadrão de treinamento em Jacksonville, Flórida, para que eu reunisse tudo o que havia aprendido como tripulante aeronáutico, integrante da equipe de Busca e Resgate e no curso de táticas de ataque antissubmarino. Ainda em Jacksonville, apresentei-me para o meu primeiro destacamento real, no Esquadrão HS-7 — os "Cachorros Poeirentos" —, tendo sido designado para servir no porta-aviões *USS John Kennedy* (CV-67). Embora o *Kennedy* atracasse no porto de Norfolk, Virgínia, meu esquadrão permaneceria em Jacksonville enquanto o *Kennedy* não fosse incumbido de alguma missão em alto-mar.

Na manhã do dia 27 de fevereiro de 1985, Bobby Powell veio ao meu quarto, nas barracas, e disse-me: "Sua esposa está tendo um bebê."

"Caramba!", exclamei. Eu teria de dirigir por duas horas, desde Jacksonville, até chegar ao hospital militar em Fort Stewart, na Geórgia.

Telefonei para a casa da família de Laura.

O pai dela atendeu ao telefone e disse: "Ela teve um menino."

Ainda vestindo meu uniforme de voo, dirigi o mais velozmente que pude. Tudo correu bem, até eu estar a uns vinte minutos do hospital, quando avistei as luzes de um carro da polícia brilhando contra o vidro traseiro do meu carro. Tratava-se da Patrulha Rodoviária do Estado da Geórgia. Diminuí a marcha, até parar no acostamento.

O policial estacionou logo atrás de mim, saltou de seu veículo e aproximou-se da porta do meu carro.

— Aonde você vai com tanta pressa, filho?

Nervoso e incomodado, expliquei:

— Minha esposa acaba de ter um bebê, e eu tenho de chegar ao hospital, Sr.

— Sua licença de motorista?

Entreguei o documento ao guarda, que o examinou.

— Vamos fazer o seguinte: eu escolto você até o hospital. Quando chegarmos lá, se a sua esposa realmente tiver tido um bebê, eu lhe devolvo a licença —, disse ele, guardando meu documento no bolso de sua camisa. — Se ela não tiver, você irá dar um passeio, comigo.

Ele escoltou-me até o pátio de estacionamento do hospital, e entrou comigo no quarto que Laura ocupava. Entre os visitantes que ali se encontravam, estava minha mãe — ainda "louca da vida" comigo, por haver saído de casa para me casar com Laura, mas muito contente por causa de seu neto. O policial rodoviário conversou com ela.

Segurei nos braços o meu belo garoto, Blake, pela primeira vez. Eu me sentia muito orgulhoso por ser pai e um nadador de elite do SAR. A vida era boa. Após algum tempo, notei que o policial havia desaparecido.

— Onde está o patrulheiro rodoviário? Preciso reaver minha licença de motorista!

Minha mãe passou o documento às minhas mãos.

— O policial pediu para que eu lhe desse seus cumprimentos.

Quando Blake alcançou idade suficiente, Laura e ele mudaram-se para Jacksonville, para que todos vivêssemos juntos.

No dia 6 de outubro de 1986, um submarino russo da classe "ianque" (K-219) que navegava ao largo da costa de Bermuda sofreu um acidente devido a uma falha na vedação de um de seus compartimentos de mísseis. A água do mar vazou para o interior do compartimento e reagiu com resíduos do combustível líquido dos mísseis, provocando uma explosão que causou a morte de três tripulantes. O submarino passou a navegar precariamente, rumando para Cuba. A força-tarefa do *John F. Kennedy* enviou meu helicóptero para acompanhar a rota do submarino russo. Geralmente, nós voamos dentro de um raio de 30 milhas náuticas (aproximadamente 55 quilômetros) do grupamento do nosso cargueiro; mas, naquela ocasião, obtivemos permissão para voarmos a uma distância maior.

Eu estava usando galochas, a parte superior de um traje de mergulho e um calção branco justo, de algodão. A maioria dos outros sujeitos estava usando a parte inferior de seus trajes de mergulho, mas eu resolvi arriscar a sorte — no caso de ter de resgatar alguém — usando meu calção branco. Por cima de tudo, eu usava meu uniforme de voo. Localizamos o submarino russo a partir dos sinais que ele emitia pelo sonar. Seguindo-o de perto, posicionando-nos à sua popa, respondemos à sinalização com o nosso sonar.

De repente, nosso piloto disse: "Olhem só para o medidor de temperatura da transmissão do nosso rotor principal!"

Minha nossa! As engrenagens superaqueciam-se, quase até o ponto de fusão.

O piloto tentou fazer com que a aeronave planasse um pouco, antes que despencássemos do céu. Nós não atingimos a água com tanta violência quanto eu esperava; mas, mesmo assim, o impacto foi bastante forte. *"Mayday, mayday..."*

Como primeiro nadador, apressei-me a ajudar o copiloto a conectar e lançar pela janela a âncora marítima. Em seguida, assegurei-me de que o

piloto e o copiloto abandonassem a aeronave pela saída de emergência da janela frontal. Então, dirigi-me para a parte posterior da cabine e fiz com que o primeiro tripulante saísse pela porta lateral. Despi o meu traje de voo e coloquei meus pés-de-pato, máscara de mergulho e *snorkel*. Finalmente, chutei para fora um bote salva-vidas, inflei-o e ajudei aos dois pilotos para que embarcassem nele. O outro nadador de resgate era um sujeito mais velho, que andava pela casa dos quarenta anos de idade. Em vez de inflar seu colete salva-vidas e nadar até o bote, ele agarrou-se a uma caixa térmica de isopor, como se daquilo dependesse a salvação de sua vida, e ficou flutuando à deriva no mar. Assim, eu tive de nadar até onde ele estava, trazê-lo para o bote e embarcá-lo, junto com os pilotos. Um pensamento perturbador cruzou a minha mente: *O que é que eu vou fazer se esse submarino russo resolver emergir bem debaixo de nós?*

Um jato antissubmarino Viking S-3 nos sobrevoou. O ronco baixo de seus motores se assemelhava ao ruído de um aspirador de pó. O avião voltou em nossa direção, em um ângulo de 90 graus, provavelmente havendo notado a nossa posição. Trinta minutos depois, um helicóptero chegou. Apanhei o sinalizador aquático verde, que se parece com uma barra de sabão, e atirei-o à água em torno do bote inflável. Imediatamente, nos tornamos o centro de um grande alvo verde-fluorescente, facilmente avistável pelo helicóptero de resgate.

O helicóptero baixou sua altitude sobre nós, e eu sinalizei para que seu nadador não saltasse dele. Baixei as viseiras dos capacetes dos pilotos, para protegê-los da violenta borrasca de água salgada causada pelo deslocamento de ar das hélices do helicóptero. Então, conduzi todos a nado até o gancho de resgate, içando-me junto com o último homem. Depois do afluxo de adrenalina causado pela queda, de haver nadado para resgatar o outro nadador e de conduzir todo mundo até o içamento, eu estava esgotado. A bordo do helicóptero, meu amigo Dan Rucker — também um nadador de Busca e Resgate — mostrou-me um polegar erguido, em sinal de aprovação.

Nosso helicóptero de resgate pousou suavemente no porta-aviões. Quando pisamos no convés, todos irromperam em ruidosa aclamação,

dando-me tapinhas nas costas e parabenizando-me pelo resgate. Caminhando pela área de pouso no convés, eu carregava meus pés-de-pato tão garbosamente como se fosse um herói — exceto pelo meu calção de algodão branco, que, agora, brilhava com a mesma tonalidade verde-fluorescente do pigmento do sinalizador aquático. Aquela era uma situação muito embaraçosa: eu teria pago um milhão de dólares pela parte de baixo do meu traje de mergulho. Mais tarde, para meu constrangimento, eu e todos os outros assistimos novamente à cena, gravada pela câmera de vídeo do navio.

Duas semanas antes da expiração do meu contrato de serviço ativo com a Marinha, notei a presença de cinco sujeitos pertencentes a uma unidade da qual jamais ouvira falar: os SEALs. Analisando retrospectivamente, eles sequer constituíam uma equipe comum, um esquadrão com sete ou oito homens do SEAL. É mais provável que eles fossem uma equipe de operações com laser: dois atiradores com mira a laser, dois sinalizadores — ou "olheiros" — e um tenente responsável, possivelmente encarregado das comunicações, também. Eles estavam no nosso espaço territorial, do SAR; por isso, resolvi segui-los, fazendo-lhes perguntas sobre os SEALs.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os primeiros homens-rãs da Marinha foram treinados para fazer o reconhecimento de praias para possibilitar desembarques anfíbios. Logo eles tiveram de aprender técnicas de demolição subaquática para remover obstáculos, e passaram a ser conhecidos como UDTs — *Underwater Demolition Teams*; "Equipes de Demolição Subaquática". Na Guerra da Coreia, as UDTs evoluíram e ampliaram sua esfera de atuação, trabalhando em terra, explodindo pontes e túneis.

Anos mais tarde, observando a insurgência comunista no sudeste asiático, o presidente John F. Kennedy — que servira na Marinha, durante a Segunda Guerra Mundial — e outros líderes militares compreenderam a necessidade de combatentes não convencionais. A Marinha criou uma unidade que podia atuar a partir do mar, do ar e da terra — os SEALs —,

baseando-se quase inteiramente na experiência das UDTs. Em 1.º de janeiro de 1962, nasciam as duas primeiras equipes SEAL: o SEAL Team One, em Coronado, na Califórnia. E o SEAL Team Two, em Little Creek, Virgínia.

Um dos primeiros SEALs foi Rudy Boesch, natural de Nova York e líder da UDT-21. Usando seu cabelo sempre impecavelmente cortado à escovinha, ele comandou a recém-formada Equipe Dois dos SEALs em seu treinamento físico (chamado PT, em inglês; sigla de *physical training*). Em sua plaqueta de identificação, no espaço reservado para "religião" ele mandou gravar as iniciais PT. Para se manterem em forma, Rudy e seus comandados jogavam futebol americano, por horas a fio, com 32 homens em cada time. Pernas fraturadas eram ocorrências corriqueiras. Os SEALs empregavam uma série de táticas diferentes para fugir às extenuantes corridas promovidas por Rudy: inventavam as mais diversas desculpas, iam ao banheiro e não mais retornavam e escondiam-se entre arbustos, durante as corridas.

Rudy também serviu como líder do 10.º Pelotão, que rendeu o 7.º Pelotão em My Tho, no Vietnã, em 8 de abril de 1968. Após uma semana estudando o que o 7.º Pelotão vinha fazendo e de sair em incursões com os SEALs do 7.º, o 10.º Pelotão assumiu o serviço. Rudy portava uma versão importada do fuzil alemão Heckler & Koch 33. Esse fuzil de assalto pode ser utilizado com a mesma munição-padrão, calibre .223, do fuzil M-16, mas é muito mais facilmente manuseável na selva — além de contar com pentes capazes de conter 40 cartuchos! Ele carregava seus pentes de munição nos bolsos de uma cartucheira chinesa, feita para transportar munição de fuzil AK-47. Duas cintas prendiam-se à sua cintura e outras duas cruzavam seu peito, fazendo com que três grandes bolsos, cheios de munição, fossem mantidos sobre seu estômago. Rudy também levava um colete salva-vidas inflável em um dos bolsos de suas calças.

A especialidade dos SEALs eram as capturas sorrateiras. À noite, Rudy e os homens da sua equipe esgueiravam-se para dentro de uma cabana coberta de sapé e abduziam um vietcongue (VC) da rede em que dormia. Eles imobilizavam e vendavam o VC, e davam-lhe um "chá de sumiço". A

maioria dos VCs demonstrava possuir suficiente bom senso para não reagir a uma investida noturna dos homens com rostos pintados de verde. Os SEALs, então, entregavam o prisioneiro à CIA, para que fosse interrogado (os SEALs também costumavam entregar prisioneiros à polícia sul-vietnamita, com a mesma finalidade). Então, Rudy e seus comandados agiriam em função das informações obtidas pela inteligência, na noite seguinte, capturando um VC que ocupasse uma posição hierarquicamente mais elevada. Um desses prisioneiros "mudou de lado" e veio a juntar-se aos SEALs. O desertor ofereceu-se para conduzir os homens de rostos verdes até o seu próximo alvo. Os SEALs mantiveram o VC renegado à sua frente, atuando como guia, fazendo-o saber que caso os estivesse levando a uma emboscada, ele seria, provavelmente, o primeiro a ser morto: se o inimigo não matasse o guia, durante uma emboscada, os SEALs fariam isso. Depois de ter atuado como guia, com empenho suficiente para conquistar a confiança de Rudy e dos outros SEALs, eles o promoveram a "batedor", e deram-lhe um fuzil AK-47.

Com seu batedor vietnamita, Rudy e outros seis SEALs cruzavam através da noite em uma barcaça de desembarque motorizada — apelidada de "Barca Mike" —, armada, "até os dentes", com metralhadoras M-60 e calibre .50, uma arma leve calibre 7.62 e um lançador de morteiros M-29. O veículo os deixou em uma praia fluvial e eles patrulharam por quase dois quilômetros terra adentro, até se depararem com os diques de uma plantação de arroz. Rudy encarregava-se da segurança da retaguarda, enquanto todos rastejavam, mergulhados em vinte centímetros de água, até chegarem a uma trilha. Os SEALs instalaram três minas antipessoais de fragmentação, voltando-as para a trilha e preparando uma emboscada para um esquadrão VC composto por oito homens. Vinte minutos depois, Rudy e os outros lutavam contra o sono, quando, afinal, os oito VCs surgiram, caminhando pela trilha. Os SEALs aguardavam que todos os inimigos adentrassem a zona mortal, quando o VC que vinha à frente do grupo avistou alguns rastros, estacou e avisou aos seus companheiros, em seu idioma nativo: "Há alguém aqui". O batedor vietnamita dos SEALs atirou no

homem que vinha à frente da coluna, e os homens de rostos verdes lançaram seu ataque. Duas mil e cem esferas de aço foram projetadas com a explosão das minas de fragmentação, em arcos de sessenta graus. Os SEALs abriram fogo. A emboscada, literalmente, reduziu o inimigo a pedaços. Quando a fumaça se dissipou, os comandos precipitaram-se, recolhendo armas e coletando fragmentos de coisas que pudessem interessar aos serviços de inteligência, entre os despojos humanos. Enquanto vasculhavam o local da emboscada, ouviram-se sons de fuzis AK-47 que disparavam contra eles, de dentro da escuridão da floresta: visitantes indesejados. Logo os clarões das bocas dos fuzis tornaram-se visíveis. Os VCs aproximavam-se. Rudy e seus comandados decidiram que era o momento de baterem em retirada, voltando ao rio. O homem que vinha à frente da coluna tornou-se o responsável pela retaguarda, enquanto Rudy liderava a todos, chafurdando através dos diques do arrozal. O volume do fogo que vinha detrás deles aumentou. Eles haviam atiçado um vespeiro. Em Little Creek, Rudy jamais havia comandado uma corrida em que os SEALs se mostrassem tão motivados. O homem encarregado pelo rádio chamou a "Barca Mike" e disse: "Lançar morteiro", requisitando um bombardeio previamente combinado. A "Barca Mike" lançou um morteiro de 81 milímetros sobre as cabeças dos SEALs, errando a posição do inimigo. O homem do rádio ordenou que o próximo morteiro fosse lançado mais próximo à retaguarda dos SEALs, enviando ao inimigo uma ruidosa surpresa. Quando os SEALs aproximaram-se da "Barca Mike", esta abriu fogo sobre o inimigo, com todas as suas armas. Seu incrível poder de fogo estraçalhou árvores e VCs, silenciando-os. Os SEALs subiram a bordo da "Barca Mike" e rodaram ao longo do rio de águas negras.

Ao final da guerra, membros das equipes SEAL Team One e Team Two haviam sido condecorados com três Medalhas de Honra, duas Cruzes da Marinha, 42 Estrelas de Prata, 402 Estrelas de Bronze (uma das quais foi conferida a Rudy), e numerosas outras distinções honoríficas. Para cada SEAL morto em combate, eles mataram duzentos combatentes inimigos. No

final dos anos 1970, Rudy contribuiu para a formação do Mobility Six (MOB Six), a unidade antiterrorismo do Team Two.

Os SEALs a bordo do porta-aviões John F. Kennedy provavelmente cansaram-se da minha presença, mas compartilharam comigo algumas de suas horripilantes histórias do treinamento de Demolição Subaquática Básica (BUD/S). Eles me falaram sobre saltos de paraquedas, mergulhos, tiros e sobre explodir coisas — bem como sobre pescar camarões no delta. Eles trabalhavam duro, e divertiam-se a valer. Havia uma grande camaradagem. Um deles disse-me que recebera suas ordens para participar do BUD/S como um incentivo para realistar-se. Eu queria, para mim, o que eles tinham.

Durante uma missão de seis meses de duração, o *John F. Kennedy* parou em Toulon, na França, no porto em que atracava o porta-aviões francês *Charles de Gaulle*. Eu tive uma conversa séria com o tenente dos SEALs, sobre o que realmente era preciso fazer para tornar-me, eu mesmo, um SEAL. Ter de realistar-me ou não me realistar: a aposta era muito alta, fazendo-me arriscar tudo o que conquistara na Marinha. Porém, pode-se falar em "intervenção divina", quando se encontra as pessoas certas, no momento certo. Dirigi-me ao meu oficial-comandante e bati à porta de sua cabine.

Ele abriu a porta, subitamente.

— Comandante Christiansen, se o Sr. puder designar-me para o BUD/S antes da expiração do meu contrato, eu me realistarei.

— Vá entrando —, disse ele, dando-me passagem pela porta aberta.

Entrei na cabine e postei-me diante dele. Não havia me ocorrido que talvez eu pudesse estar ferindo os sentimentos dele. Eu pensava que havia ingressado em uma unidade de elite, antes; mas, agora eu soubera da existência de uma unidade ainda mais "elitista". Eu não poderia mais me sentir satisfeito onde me encontrava.

— Você não sabe pelo que está pedindo. O BUD/S não é, realmente, o que você quer fazer. Receba o seu dinheiro, volte para casa e termine os seus estudos. Você não faz ideia do que é preciso para se tornar um SEAL.

Ele passou a maior parte de uma hora discorrendo sobre a loucura que eu estava lhe pedindo para cometer.

— Muito obrigado, Sr.

Ainda na França, a três dias de voltar à vida civil, o "braço direito" do meu oficial comandante — o oficial-executivo (XO) — mandou me chamar.

— Você tem sido um excelente tripulante, e nós gostaríamos de mantê-lo conosco. O que temos de fazer para que você continue a serviço da Marinha?

— Eu já disse ao Comandante Christiansen, Sr. Se vocês me designarem para o BUD/S, eu me realistarei.

Fui para o meu hotel, preparando-me para voar de volta para os Estados Unidos e retornar à vida civil. No dia que antecedia meu embarque em um voo da Air France, meu amigo Tim surgiu à minha porta.

— Recebemos um teletipo esta manhã, com a sua designação para o BUD/S.

— Caramba!

— É sério. O capitão me disse para te levar de volta ao navio, para que possa ter uma conversa com você.

Eles estão me gozando. Isto deve ser algum tipo de surpresa para a minha despedida.

Voltei ao navio e adentrei o salão de ordenança, que se encontrava abarrotado, com pilotos, membros da tripulação e outros. Os oficiais dos esquadrões sentavam-se em poltronas com braços. Uma máquina de fazer café e algumas revistas haviam sido colocadas sobre uma mesa. Sobre o "tabuleiro de Ouija", aviõezinhos diminutos mostravam o posicionamento de cada uma das aeronaves sobre o convés do porta-aviões. Um monitor em preto e branco exibia imagens dos aviões que chegavam à área de pouso. O oficial-comandante chamou-me à frente da sala e entregou-me, em mãos, minhas ordens para me apresentar ao BUD/S. Todos os presentes aplaudiram e despediram-se de mim.

Para que fossem efetivas, as ordens dependeriam da minha aprovação no exame de seleção física para o BUD/S, a ser realizado em Jacksonville. Voei

de volta para casa, na Geórgia, e Laura levou-me de carro até a Flórida. Durante os quase seis meses que servi a bordo do porta-aviões eu não tivera muitas oportunidades de nadar, exceto quando resgatei a tripulação do nosso helicóptero acidentado. Além do mais, eu quase invariavelmente nadei usando pés-de-pato; e no exame de seleção eu teria de nadar sem pés-de-pato. Eu não havia praticado o nado de braçada ou de peito, requeridos no treinamento dos SEALs. Embora eu não me recorde exatamente dos requisitos do exame físico quando fui testado, sei que estes eram similares às exigências feitas hoje em dia: nadar 450 metros em 12,5 minutos e descansar por dez minutos; fazer 42 flexões de braços em dois minutos e descansar por dois minutos; 50 flexões de pernas em dois minutos e descansar por dois minutos; elevar-se seis vezes numa barra e descansar por dez minutos; e correr 2.400 metros, vestindo calças compridas e calçando botas, em 11,5 minutos.

Eu me incluía entre os doze candidatos que apresentaram papéis e documentos de identidade e despiram-se até ficarem apenas com seus calções de banho. Eu estava muito nervoso. Ao soar de um apito, nós começamos a nadar. Quando me aproximava de completar os 450 metros de natação, um SEAL gritou, anunciando o tempo restante para o final da prova: "Trinta segundos!" Esforçando-me para nadar contra cada segundo, concluí a prova apenas quinze segundos antes que o tempo se esgotasse. Um dos candidatos não teve a mesma sorte.

Onze de nós vestimos camisetas e calças compridas e calçamos botas, para fazermos nossas flexões de braços e pernas. Novamente, eu passei no teste. Dois outros candidatos falharam.

Após dois minutos de descanso, saltei para agarrar-me a uma barra. A pressão do fracasso pode, às vezes, fazer uma pessoa implodir. Eu passei por mais este teste; outros dois candidatos, não.

Restavam apenas sete de nós. Cada uma das atividades, por si mesmas, não eram especialmente difíceis; mas fazer uma após a outra, *era*. Apresentamo-nos na pista de corrida, onde um SEAL desejou-nos boa sorte.

Novamente, eu passei no teste, enquanto outro candidato não conseguiu fazer o mesmo. Dos doze que haviam se apresentado, sobravam apenas seis.

Mas as eliminações não terminavam aí. Alguns candidatos não obtiveram uma pontuação significativa na Bateria de Testes de Aptidão Vocacional para as Forças Armadas — o teste de inteligência a que todos os recrutas em potencial são submetidos, antes de iniciarem-se na carreira militar. Nos exames médico, dentário e nos testes em uma câmara hiperbárica, muitos sujeitos foram reprovados. Alguns, por serem portadores de algum grau de deficiência visual ou daltonismo; outros, por haverem falhado no exame psicológico. Um dos questionários psicológicos continha a mesma pergunta, repetida incontáveis vezes. Eu não tinha certeza se eles estavam testando a confiabilidade do teste ou a minha paciência. Uma das perguntas era a seguinte: "Você gostaria de ser um designer de moda?" Eu não sabia se os designers de moda eram loucos, ou se eu era louco por não desejar ser um deles. O teste também perguntava: "Você tem pensamentos relativos ao suicídio?" *Eu não tinha, até ser submetido a este teste.* "Você gosta de *Alice no País das Maravilhas*?" *Como eu poderia saber? Jamais havia lido esse livro.* O profeta Moisés teria sido reprovado no exame psicológico. "Você já teve visões?" "Você possui habilidades especiais?" Após o teste escrito, tive de ser entrevistado por uma psiquiatra, a quem eu disse tudo o que ela desejava ouvir. Fui aprovado.

Para o teste de resistência à pressão, a câmara hiperbárica era uma coisa enorme, semelhante a um torpedo. Ouvi dizer que alguns sujeitos haviam "pirado" durante o teste: a claustrofobia, a pressão do ar ou ambas as coisas os liquidaram. Entrei na câmara, sentei-me e relaxei: respirando lentamente e mantendo a estabilidade do meu ritmo cardíaco. O oficial responsável pelo mergulho fechou hermeticamente a entrada da câmara e eu fui mergulhado a dez pés (cerca de três metros) de profundidade; e, então, a vinte pés. Eu podia sentir a pressão do ar aumentando. Mergulhado a trinta pés, eu bocejava e engolia saliva, para aliviar a pressão sobre os meus ouvidos. No interior da câmara, a pressão era similar à sentida quando se está mergulhado a 60 pés de profundidade, e se permanece lá. Sem problemas.

Após dez minutos a 60 pés debaixo d'água, o oficial responsável pelo mergulho começou a aliviar, lentamente, a pressão no interior da câmara, até chegar ao nível normal, similar à pressão na superfície.

— Bom trabalho —, disse-me o oficial.

Dentre cem candidatos, eu fui o único a ser aprovado em todos os testes. Eu estava mais do que excitado.

Laura e eu voltamos para casa a tempo para o feriado de Ação de Graças. Eu teria de me apresentar para o BUD/S apenas no início do mês de janeiro seguinte. Era muito bom estar em casa com ela e Blake, para passarmos os feriados de final de ano, sorrindo e rindo, comendo peru com purê de batatas quentinho, com um molho fumegante. *O único dia tranquilo foi ontem.*

5.
O Único Dia Tranquilo foi Ontem

Quando me apresentei no Centro Naval de Táticas Bélicas Especiais, em Coronado, na Califórnia, caminhei sobre um banco de areia e vi o Oceano Pacífico pela primeira vez. Grandes ondas arrebentavam sobre a praia. *Caramba!* Mergulhei no que eu achava serem as águas tépidas da Califórnia. Mas elas não eram tépidas; especialmente em comparação às águas do golfo, na Flórida, nas quais eu havia treinado. *Estou congelando!* Saí da água tão rapidamente quanto havia entrado. *Imagino quanto tempo teremos de passar nessas águas.*

Durante os dias que antecederam o início do treinamento, o mestre-líder SEAL Rick Knepper auxiliou nossa preparação com sessões de natação na piscina, bem cedo, pelas manhãs, e com sessões de exercícios calistênicos na praia, ao entardecer. O mestre-líder parecia ser um sujeito comum, na casa dos quarenta anos, que se exercitava calmamente, enquanto nós resfolegávamos e resmungávamos. Ele sequer parecia transpirar uma só gota de suor.

O mestre-líder não nos contou sobre as suas experiências no Vietnã: nós descobriríamos tudo sobre elas a partir do que outras pessoas nos contaram. Ele servira no SEAL Team One, no Pelotão Delta, 2.º Esquadrão. Então, seu esquadrão achou que estava bem informado acerca de Hon Tai, uma grande ilha na baía de Nha Trang. À distância, a ilha parecia ser apenas um grande rochedo no meio do oceano, utilizado pelos pássaros para depositarem seus excrementos. Porém, dois vietcongues — cansados da guerra e de ficarem

afastados de suas famílias — desertaram da ilha e falaram à inteligência norte-americana sobre o acampamento repleto de VCs que eles haviam abandonado.

Sob a cobertura da escuridão, o esquadrão do mestre-líder Knepper, composto por sete SEALs, chegou à ilha, em um bote. Não havia luar, naquela noite. Seu esquadrão escalou — com as mãos nuas — um paredão de rocha de mais de cem metros de altura. Após chegarem ao topo, eles baixaram, uns aos outros, até o acampamento VC. Os sete homens do esquadrão dividiram-se em duas equipes de atiradores e, tirando suas botas, seguiram descalços, à procura de alguém importante para sequestrar. Descalços, eles não deixavam os rastros reveladores das botas norte-americanas no terreno. Isto também tornava mais fácil a detecção de armadilhas feitas com explosivos; e pés descalços são mais facilmente liberados de um lamaçal do que quando calçados com botas. No entanto, no acampamento, os VCs surpreenderam os SEALs. Uma granada explodiu aos pés do segundo-tenente Bob Kerrey. O impacto da explosão atirou-o contra as rochas, amputando-lhe a metade de uma das pernas. O tenente Kerrey, porém, conseguiu alertar a outra equipe de tiro, pelo rádio. Quando a segunda equipe chegou ao local, ambas puderam apanhar os VCs em um fogo cruzado mortífero. Quatro VCs ainda tentaram escapar, mas foram abatidos pelos SEALs. Três outros VCs ainda permaneceram combatendo, mas os SEALs terminaram por abatê-los, também.

Um dos SEALs que atuava como médico de campo perdeu um dos olhos. Outro SEAL aplicou um torniquete à perna decepada de Kerrey.

O esquadrão SEAL capturou vários VCs importantes, além de três grandes sacos contendo documentos (incluindo uma lista de VCs que atuavam na cidade), armas e equipamentos. O tenente Kerrey continuou a liderar o mestre-líder Knepper e os demais homens do esquadrão, até que todos fossem evacuados. A inteligência recebeu os documentos e os importantes VCs capturados forneceram informações cruciais para a atividade das forças aliadas no Vietnã. O tenente Kerrey foi condecorado

com a Medalha de Honra e, mais tarde, viria a fazer carreira na política, tornando-se governador de Nebraska e, depois, senador por aquele Estado.

Nossos mentores figuravam entre os melhores profissionais do ramo.

Na primeira manhã de doutrinação no BUD/S, nós tivemos de nos submeter mais uma vez ao exame físico de seleção. Após um banho frio de chuveiro e algumas flexões, iniciamos o teste. Temendo não me sair bem na prova de natação, agitei meus braços e pernas tanto quanto pude. De alguma forma, concluí a prova em tempo. Então, passamos às flexões de braços e pernas, à elevação na barra e à corrida. Um dos sujeitos do grupo falhou; e afastou-se, cabisbaixo, quando os instrutores lhe ordenaram que fizesse suas malas.

Na tarde daquele dia, os instrutores do SEAL postaram-se diante de nós e apresentaram-se. No final da apresentação, o tenente Moore nos disse que poderíamos desistir do treinamento quando quiséssemos, bastando, para tanto, abandonar a formação e badalar um sino, por três vezes.

— Eu esperarei por isso —, disse o tenente Moore.

Pensei que o tenente estivesse blefando; mas alguns dos meus colegas de curso logo começaram a badalar o sino.

Entre os meus colegas remanescentes, havia uma quantidade de sujeitos excepcionais: um triatleta, competidor na prova de triatlo *Iron Man*; um jogador de futebol americano universitário, e vários outros. Certa tarde, nas barracas, eu olhei para a minha imagem no espelho: *Esses sujeitos são verdadeiros "cavalos de corrida". Que diabos estou fazendo aqui?*

No dia seguinte, o competidor do *Iron Man* badalou o sino. Não pude compreender por quê.

Uma das primeiras sessões de exercícios do nosso treinamento incluía o percurso de uma pista com obstáculos (a "pista-O"). Em uma mesma noite, um SEAL poderia ter de escapar de um submarino naufragado, agarrar-se à própria vida enquanto seu bote inflável *Zodiac* saltasse por sobre as ondas, escalar um paredão de rocha, rastejar através de território inimigo até chegar

ao seu objetivo, subir por um edifício de três andares, fazer seu trabalho e dar o fora dali. A "pista-O" auxiliava na preparação de um homem para que pudesse executar esse tipo de trabalho. Ela também era conhecida por quebrantar o ânimo e/ou a integridade física de mais de um candidato em treinamento. Não é um bom momento para se perder a força dos braços quando se alcança o topo de uma estrutura de 18 metros de altura, tendo subido até lá por uma rede de grossas cordas entrelaçadas. Muitas das tarefas do nosso treinamento eram perigosas; e ferimentos de toda espécie eram comuns.

Formamos uma fila segundo a ordem alfabética dos nossos sobrenomes. Eu fiquei próximo do fim da fila, assistindo enquanto os outros partiam para percorrer a pista antes de mim. Quando chegou a minha vez, zarpei como um míssil cruzador. Eu não conseguia entender por que estava ultrapassando tanta gente.

A certa altura do percurso, corri em direção ao piso térreo de uma construção com três andares. Saltei e agarrei-me à marquise do segundo piso; balancei as pernas e escalei-a. Dali, saltei para agarrar-me à marquise do último piso, repetindo a operação anterior. Então, fiz o caminho inverso, até o chão. Enquanto me dirigia aos obstáculos seguintes, notei que havia deixado para trás alguém que estacara diante da construção de três pisos. Ali estava Mike W., que jogara futebol americano pela Universidade do Alabama, com lágrimas de frustração escorrendo-lhe pelo rosto, pois não conseguira alcançar o piso mais elevado da construção.

Com um ligeiro traço da Geórgia em seu sotaque, o instrutor Stoneclam gritou: "Você pode correr para cima e para baixo no campo de futebol da faculdade, mas não consegue chegar ao topo de um obstáculo? Seu frouxo!"

Imaginei que diabos poderia haver de errado com Mike W. Ele aparentava estar em muito melhor forma do que eu. *Não estaria?* (Mike feriu gravemente suas costas, mas o capitão Bailey o manteve por ali mesmo, submetendo-se a terapia por quase um ano. Tempos depois, ele viria a se tornar um dos mais destacados oficiais do SEAL).

Um bom número de "cavalos de corrida" também eram os maiores "bebês-chorões". Provavelmente, esses sujeitos tenham sido os "números um" durante a maior parte de suas vidas; mas, agora que experimentavam o sabor da adversidade pela primeira vez — ao estilo BUD/S —, não sabiam lidar com a situação.

O que, diabos, há de errado com essas "prima-donas"?

Embora correr e nadar fossem atividades que eu desempenhava com alguma dificuldade, a pista de obstáculos revelou-se o tipo de exercício físico que eu mais gostava de praticar. Bobby H. e eu sempre nos revezávamos no primeiro lugar. O instrutor Stoneclam aconselhou a um dos candidatos: "Veja como Wasdin ataca os obstáculos."

Eu prefiro fazer isto a colher melancias.

O perigo tornou-se uma companhia constante. Porém, com perigo ou sem perigo, um dos nossos instrutores falava sempre com o mesmo tom monocórdio. Em uma sala de aula do Centro Naval de Táticas Bélicas Especiais, o pé calçado com botas de selva do instrutor Blá-blá-blá repousava sobre um bote inflável de borracha negra, com quatro metros de extensão, que estava no chão, diante de toda a classe.

— Hoje, vou ensinar a vocês como "surfar" uma onda, ultrapassando-a. Isto é um BIP. Algumas pessoas o chamam de "Bote Imprestável e Perigoso", e é provável que vocês mesmos já tenham inventado seus próprios apelidos para designá-lo; mas a Marinha o chama assim porque trata-se de um "Bote Inflável, Pequeno". Vocês irão navegá-lo, acompanhados por outros seis a oito homens, de estatura mais ou menos igual à de vocês. Esses homens serão a tripulação do seu barco.

No quadro negro, ele desenhou — de maneira rudimentar — uma cena em que se podia ver a praia, o oceano e vários homens espalhados em torno de um BIP. Ele apontou para as grotescas figuras dos homens desagregados que flutuavam no mar.

— Estes são vocês, depois de terem sido varridos do seu bote por uma onda.

Ele desenhou a tosca figura de um homem na praia.

— Este aqui é um de vocês, depois de haver sido cuspido para terra firme pelo oceano. Agora, adivinhem! A próxima coisa que o oceano cuspirá para a praia será o bote.

O instrutor Blá-blá-blá utilizou seu apagador para representar um bote.

— Agora, o BIP de 77 quilos está cheio de água e pesa quase tanto quanto um automóvel pequeno; e ele está se aproximando da praia em grande velocidade, rumando diretamente para o ponto em que vocês estão. O que é que cada um de vocês faria? Se vocês estivessem parados em uma estrada e um carro viesse em sua direção, em alta velocidade, o que vocês fariam? Tentariam correr mais rápido do que o carro? É claro que não. Vocês tratariam de sair do meio da estrada! O mesmo se aplica com relação ao bote que se aproxima velozmente na sua direção. Vocês devem sair do caminho dele, correndo paralelamente à praia.

— Alguns de vocês parecem estar um tanto sonolentos —, continuou o instrutor. — Todos para o chão, fazendo flexões!

Depois de algumas flexões e mais instruções, saímos da sala quando o sol já não brilhava muito intensamente. Logo estávamos na praia, ao lado dos nossos botes, encarando o oceano. Grossos coletes salva-vidas cor de laranja cobriam nossos uniformes de combate (BDUs, ou *Battle Dress Uniforms*). Amarramos nossos chapéus, com cordões cor de laranja, à primeira casa de botão das nossas camisas. Cada um de nós segurava um remo como se fosse um fuzil, na posição de "apresentar armas", esperando até que os líderes dos nossos botes voltassem do lugar onde os instrutores davam-lhes as últimas ordens.

Logo eles voltaram e nos transmitiram as ordens recebidas. Segurando o bote por uma alça com uma das mãos e levando o remo na outra, todos os tripulantes correram para a água. Os que ficassem mais para trás pagariam por isso em sua própria carne. *Vale a pena querer ser o primeiro, em tudo.*

— Os primeiros, para dentro! —, gritou Mike H., o líder do nosso bote.

Os dois homens que carregavam o bote mais à frente saltaram para o seu interior e começaram a remar. Eu já corria com a água batendo à altura dos

meus joelhos.

— Os segundos, para dentro!

Outros dois homens saltaram para dentro do bote e começaram a remar.

— Os terceiros, para dentro!

Saltei para dentro do bote junto com o homem que ocupava uma posição simétrica à minha, no outro lado do bote, e começamos a remar. Mike foi o último homem a embarcar no bote, usando seu remo como um leme, na popa, para dirigir o nosso curso.

— Remem! Remem! —, gritou ele.

Diante de nós, uma onda de dois metros de altura se formou. Mergulhei meu remo na água tão profundamente quanto possível, e o impeli com toda a força que tinha.

— Remem, remem, remem! —, gritou Mike.

A proa do nosso bote levantou-se ao bater de encontro à parede de água. Vi um dos outros botes passar por cima da crista, superando a onda. Nós, porém, não tivemos a mesma sorte. A onda nos apanhou com muita força, jogando-nos para fora e ensanduichando-nos entre o bote e a água. Enquanto o oceano nos tragava, eu me senti como se engolisse botas, remos e um bocado de água salgada. Dei-me conta de que aquilo poderia ter me matado.

Finalmente, o oceano nos cuspiu de volta à praia, juntamente com a maioria dos tripulantes dos outros botes. Os instrutores deram-nos "boas-vindas", mandando-nos ao chão para que fizéssemos flexões de braços. Com nossas botas apoiadas sobre os botes e as mãos na areia — e com a gravidade atuando em nosso desfavor —, fizemos flexões.

Então, voltamos a nos reunir e repetimos toda a operação — agora, mais motivados e com um trabalho de equipe muito melhorado. Desta vez, conseguimos superar a arrebentação das ondas.

De volta à praia, um sujeito com rosto de menino, que participava do treinamento como tripulante de um dos outros botes, abaixou-se para apanhar seu remo que caíra sobre a areia, voltando as costas para o mar.

Quando ele se virou para encarar novamente o oceano, um bote cheio de água aproximou-se do ponto em que ele estava, flutuando de lado.

O instrutor Blá-blá-blá berrou em seu megafone:

— Saia daí!

O rapaz com rosto de menino tentou correr do bote que se aproximava, exatamente da maneira como os instrutores disseram para não fazer isso. O medo tem a capacidade de transformar gênios em perfeitos idiotas.

— Corra paralelamente à praia! Corra paralelamente à praia!

O rapaz com rosto de menino tentou correr mais velozmente do que o bote. O bote saiu da água, de lado, e deslizou sobre a areia molhada como um *hovercraft*. Ao ultrapassar a faixa de areia molhada e compacta, o bote ainda conservava energia suficiente para deslizar sobre a fofa areia seca até atingir o rapaz, derrubando-o ao chão. Blá-blá-blá, os outros instrutores e uma ambulância acorreram imediatamente ao homem ferido.

O Doutor, um dos instrutores do SEAL, administrou-lhe os primeiros socorros. Ninguém ouviu o rapaz com rosto de menino gritar de dor. O bote atingiu-lhe uma das pernas, quebrando-a à altura da coxa.

À medida que o treinamento avançava, os perigos aumentavam. Mais tarde, no treinamento, em vez de depositarmos nossos botes sobre a areia da praia, sob o sol, tivemos de fazê-lo sobre os rochedos que ficam diante do Hotel del Coronado, à noite, quando as correntes marítimas nos atingiam, sobre as pedras, de ambos os lados. Uma lenda conta que esses rochedos constituíam um só grande bloco de pedra, antes que os homens que passavam pelo treinamento de BUD/S o partissem com suas cabeças.

O sol já se escondera detrás do horizonte quando nós marchamos, em passo acelerado, atravessando as ruas da Base Anfíbio-Naval. Vestindo os mesmos uniformes verdes, nós cantávamos cadenciadamente, parecendo muito confiantes — mas a tensão adensava a atmosfera. *Se alguém tiver de morrer, o momento será este.*

Chegamos à piscina, localizada no Prédio 164, e nos despimos até ficarmos apenas com os nossos calções de banho da UDT. Um instrutor

anunciou: “Vocês vão adorar isto! A prova do afogamento é uma das minhas favoritas. Afundem ou nadem, ervilhinhas!”

Amarrei meus pés juntos, e meu parceiro de natação atou-me as mãos, às minhas costas.

— Quando eu der o comando, os homens amarrados deverão mergulhar na extremidade mais profunda da piscina —, disse o instrutor Stoneclam. — Vocês terão de impelir-se para cima e para baixo, vinte vezes; boiar, por cinco minutos; nadar até a extremidade mais rasa da piscina, virar-se e nadar de volta à extremidade mais profunda; dar um salto-mortal de frente e outro de costas, debaixo d’água; e apanhar uma máscara de mergulho, que está no fundo da piscina, com os dentes.

Para mim, a parte mais difícil foi nadar por toda a extensão da piscina e voltar ao ponto de partida com os pés amarrados e as mãos atadas às costas. Eu tinha de contorcer-me e impelir-me como um golfinho. *Ainda assim, eu prefiro fazer isto a ser arrancado de um sono profundo para ser espancado.*

Embora eu tenha cumprido meu dever, outros não conseguiram fazer o mesmo. Perdemos um sujeito, negro e musculoso, pois seu corpo era tão denso que simplesmente afundava como uma pedra, indo diretamente ao fundo da piscina. Outro candidato em treinamento caiu na água, mas, em vez de nadar para diante, em linha reta, ele descreveu uma trajetória curva, em formato de ferradura. Um dos instrutores disse a ele: “Nade em linha reta! O que, diabos, há de errado com você?” Mais tarde, os instrutores descobriram que o sujeito era praticamente cego, e havia falsificado seus registros médicos para inscrever-se no BUD/S.

Para cada sujeito capaz de fazer qualquer coisa para ingressar no curso de treinamento, havia outro, querendo abandoná-lo. Mas Stoneclam não permitia que fizessem isso.

— Vocês não podem abandonar o curso, agora! —, berrava Stoneclam. — Isto é apenas doutrinação. O treinamento nem começou, ainda!

Estávamos, portanto, apenas na fase de doutrinação.

Após três semanas de doutrinação, iniciamos a Primeira Fase: o Condicionamento Básico. Nossa turma continuava a diminuir, devido a falhas de desempenho, ferimentos e desistências. Imaginei por quanto tempo eu ainda poderia continuar sem ser rejeitado por alguma deficiência no meu desempenho ou afastado devido a algum ferimento. Naturalmente, algumas das atividades eram verdadeiros suplícios, criadas para nos penalizar. Pobre do homem em treinamento que deixasse o sofrimento transparecer em seu semblante. Um instrutor lhe diria: "Você não gostou disso? Bem, faça um pouco mais." Porém, o mesmo se aplicava ao homem em treinamento que não demonstrasse seu sofrimento: "Você gostou disso? Então, sofra mais um pouco." O tormento continuava, ao longo de cada dia: flexões, corridas, flexões, exercícios calistênicos, flexões, natação, flexões, pista de obstáculos — dia após dia, semana após semana. Tínhamos de correr por um percurso de 1.600 metros, ida e volta, apenas para podermos fazer uma refeição. Fazíamos três refeições por dia; portanto, tínhamos de correr 9.600 metros, diariamente, apenas para comer! Parecia que jamais tínhamos tempo para nos recuperar, antes que fôssemos obrigados a participar de uma nova sessão de exercícios. Além disso, os instrutores se encarregavam de agravar o estresse com suas provocações e seus assédios verbais. A maioria deles sequer se dava ao trabalho de elevar o tom de voz para nos dizer coisas como: "A vovó era lerda, mas ela era velha."

Cada um de nós tinha um "calcanhar de Aquiles", e os instrutores eram peritos em identificá-los. Para mim, os exercícios mais penosos eram as corridas cronometradas de 6.400 metros, na praia, usando calças compridas e botas de selva. Eu as abominava. A areia fofa drenava a energia das minhas pernas, e as ondas me atacavam quando eu tentava correr pela faixa mais compacta de areia molhada. Alguns sujeitos costumavam largar na dianteira, outros permaneciam no pelotão intermediário; e havia os que — como eu — constituíam a "retaguarda". Quase invariavelmente, ao alcançar a marca de 3.200 metros, na cerca divisória da North Island, um instrutor me dizia: "Wasdin, você está ficando para trás! Vai ter de redobrar seus esforços,

no caminho de volta!" A cada corrida, as exigências quanto ao tempo se tornavam mais severas.

Por poucos segundos, não consegui terminar uma corrida de 6.400 metros no tempo estipulado. Enquanto todos retornavam às barracas, eu e outros quatro ou cinco sujeitos, que também não haviam conseguido terminar a prova a tempo, fomos agrupados, para que formássemos um "esquadrão estúpido". Depois de haver praticamente exaurido minhas energias na corrida, eu sabia que nada de bom me esperava. Nós tivemos de fazer *sprints*, correndo sobre a areia fofa, mergulhar na água gelada, e, então, rolarmos de cima abaixo em um banco de areia, até que os nossos corpos ficassem parecidos com biscoitos polvilhados com açúcar de confeiteiro. Areia entrou nos meus olhos, no meu nariz, nas minhas orelhas e minha boca. Fomos obrigados a dar "pulinhos de galo", fazer séries de oito repetições de levantamento de pesos e nos submetermos a todas as formas de tortura acrobática, até que a abrasividade da areia arrancasse nossa pele, deixando nossos corpos em carne viva, e que nossos músculos estivessem completamente esgotados. Aquela foi a primeira vez que integrei um "esquadrão estúpido" — e a única em que tive de fazer isso. *Eu posso morrer durante a próxima corrida cronometrada, mas não vou me submeter a isto outra vez.* Havia um sujeito que nadava como um peixe, mas que sempre terminava integrando um "esquadrão estúpido", por não conseguir terminar as corridas a tempo. Eu imaginava como ele conseguia sobreviver, após integrar "esquadrões estúpidos" tantas vezes.

Durante a Primeira Fase, havia uma única coisa pior do que as corridas cronometradas de 6.400 metros: a "Semana do Inferno"; a última palavra em termos de treinar os melhores e descartar o restante. O "pontapé inicial" foi dado em horário bastante avançado, numa noite de domingo. Fogo de metralhadoras M-60 rasgava o ar. Nós rastejamos para fora das barracas, enquanto um instrutor berrava: "Mexam-se, mexam-se, mexam-se!"

Lá fora, no "moedor de carne" — uma área asfaltada, do tamanho de um pequeno pátio de estacionamento —, simuladores de fogo de artilharia

explodiam: um longo silvo agudo, seguido por um poderoso estrondo. As M-60 continuavam a matraquear. Uma máquina lançava uma cobertura de neblina sobre toda a área. Luzes químicas verdes e bastões luminescentes decoravam o perímetro. Mangueiras aspergiam água sobre nós. O cheiro de cordite pairava na atmosfera. Os alto-falantes estrondeavam "Highway to Hell", do AC/DC, castigando nossos ouvidos.

O terror estampava-se nos rostos de muitos sujeitos. Seus olhos pareciam dois ovos fritos. Depois de apenas alguns minutos disto, o sino começou a tocar: pessoas desistiam e abandonavam o treinamento. *Vocês não podem estar falando sério. O que, diabos, há de errado? Tudo bem, os instrutores estão correndo por aí, atirando com metralhadoras e tudo mais, mas ninguém me deu uma bofetada no rosto ou me chicoteou com um cinto, ainda.* Eu não conseguia compreender por que as pessoas desistiam de tudo, tão facilmente. Naturalmente, minha infância difícil havia-me preparado para momentos como este. Mais do que apenas no sentido físico, eu sabia que poderia dominar mentalmente o sofrimento e suportar o trabalho pesado; e também sabia que poderia vir a dominar mais do que isso. As expectativas do meu pai quanto a um alto desempenho da minha parte haviam produzido minhas próprias expectativas quanto a um desempenho excepcional. Em minha mente, eu acreditava firmemente que não iria desistir. Eu não precisava expressar minha crença com palavras: falar é fácil. Minha crença era real. Sem uma crença tão arraigada no sucesso, qualquer "girino" teria assegurado seu fracasso na vida.

Um evento legendário durante a Semana do Inferno ocorreu sobre um píer de aço, ao qual a Marinha atracava seus barcos pequenos. Nós tiramos nossas botas e acondicionamos as meias e os cintos dentro delas. Meus dedos estavam tão adormecidos e trêmulos que tive dificuldade para descalçar as botas.

Usando nossos grosseiros uniformes de sarja verde-oliva, saltamos para as águas da baía sem coletes salva-vidas, calçados ou meias. Imediatamente, comecei a boiar como um homem morto, com o rosto voltado para o fundo,

e abri o zíper das minhas calças. Ainda boiando como um homem morto, quando eu precisava de ar, erguia meu rosto à superfície da água gelada e tomava um rápido fôlego de oxigênio, retomando, logo em seguida, minha posição com a cabeça dentro da água. Quando eu começava a afundar demais, agitava as pernas uma ou duas vezes. Enquanto fazia isso, despi minhas calças e tornei a fechar-lhes o zíper.

Segurando minhas calças, amarrei-lhes juntas as extremidades das pernas, com um nó direito. Então, usando ambas as mãos, agarrei-as pela cintura e nadei até aprumar o corpo dentro d'água. Ergui minhas calças no ar e baixei-as, com força, sobre a água, fazendo com que o ar ficasse preso dentro de suas pernas.

Quando repousei a parte superior do meu tronco no cavalo das calças, como numa boia improvisada, senti algum alívio. Eu tinha estado tão preocupado em não afundar que me esquecera completamente de quão gélida a água estava. Agora que não corria mais o risco de me afogar, comecei a prestar atenção ao frio.

Alguns sujeitos haviam retornado ao píer, nadando. Tentamos chamá-los de volta para a água, mas eles já haviam aguentado quanto podiam. *Blém, blém, blém!* O instrutor Stoneclam disse:

— Se mais algum de vocês tocar o sino, todos os outros poderão sair da água, também. Dentro da ambulância, temos cobertores e uma garrafa térmica com café quente.

Depois de mais um dobre do sino, Stoneclam disse:

— Todo mundo fora d'água!

— U-ufa! Sim, senhor!

Arrastamo-nos para fora d'água, para cima do píer de aço flutuante. O instrutor Stoneclam ordenou:

— Agora, tirem todas as roupas, exceto suas cuecas, e deitem-se sobre o píer. Se alguém não estiver usando cuecas, tanto melhor: permaneçam tal como vieram ao mundo.

Despi minhas roupas, até ficar como vim ao mundo. Os instrutores haviam preparado o píer, molhando-o. A Mãe Natureza contribuíra para a

preparação fazendo soprar um vento congelante sobre o píer. A sensação era a mesma de deitar-se sobre um bloco de gelo. Então, os instrutores nos borrifaram com mais água gelada. Nossos músculos contraíam-se violentamente, em espasmos incontroláveis. Nós espadanávamos sobre a plataforma de aço como peixes recém-pescados da água.

Os instrutores nos levaram até os primeiros estágios de uma hipotermia. Eu teria feito quase qualquer coisa para me aquecer. Ao meu lado, Mike disse:

— Desculpe, cara, mas eu tenho de urinar.

— Tudo bem, cara. Urine aqui.

Ele urinou nas minhas mãos.

— Ah, obrigado, amigo! —, disse a ele, deleitando-me com o calor.

Muita gente pode achar isso repulsivo; mas essas pessoas, obviamente, jamais sentiram frio *de verdade*.

Na noite de quarta-feira — quando a Semana do Inferno já ia pela metade — foi a única vez em que pensei em desistir de tudo. Os instrutores não perderam tempo em dar início ao "Trote de Lyon", assim chamado em homenagem a um SEAL que atuou no Vietnã. Nós tivemos de remar nossos botes infláveis negros por cerca de 230 metros, até algumas boias de sinalização colocadas na baía de San Diego, emborcar o bote e tornar a virá-lo até a posição correta (operação chamada de "virar a canoa"), remar de volta à praia, correr 800 metros carregando apenas os nossos remos, atirar os remos à carroceria de um caminhão, assentarmo-nos na baía para formar uma "centopeia humana", nadar 365 metros, correr 550 metros, apanhar de volta os remos e usá-los para impelir a "centopeia" por mais 365 metros, tornar a apanhar os botes e remar até as boias de sinalização e, então, voltar à praia. Todos nós havíamos atingido o segundo estágio de hipotermia. O primeiro estágio caracteriza-se por um tremor — ligeiro, ou algo mais forte — e pelo adormecimento das mãos. A maioria das pessoas já experimentou este nível de hipotermia. O segundo estágio é caracterizado por tremores violentos, com algum grau de confusão mental e perda da coordenação

motora. No terceiro estágio, a temperatura corporal baixa para menos de 32ºC, os tremores cessam e a pessoa passa a agir como um idiota balbuciante. Não existe um quarto estágio: apenas a morte. Os instrutores calculavam as temperaturas do ar e da água, bem como o tempo que passávamos dentro d'água, para que ficássemos tão frios quanto possível, sem causar-nos danos permanentes ou nos matar.

Havia uma fila de espera para tocar o sino. Meus companheiros de treinamento o badalavam como se fossem os carrilhões anunciando que a igreja de Coronado estava ardendo em chamas. Os instrutores haviam estacionado ambulâncias e aberto suas portas. Dentro dos carros, meus ex-companheiros sentavam-se envoltos em cobertores de lã, bebendo chocolate quente. O instrutor Stoneclam disse:

— Venha cá, Wasdin. Você é um homem casado, não é?

— Sim, instrutor Stoneclam.

Meus músculos estavam exaustos demais para que eu me movesse, mas eles tremiam espasmodicamente.

— Você não precisa disto. Venha cá —, disse ele, conduzindo-me até a parte de trás de uma das ambulâncias, de modo que eu pudesse sentir no rosto o calor proveniente de seu interior. — Tome uma caneca de chocolate.

Eu segurei a caneca quente em minhas mãos.

— Se nós quiséssemos que você tivesse uma esposa, teríamos designado uma para você —, disse Stoneclam, em tom professoral. — Vá até lá e toque aquele maldito sino. Acabe logo com isto e eu deixarei que você tome esse chocolate quente. Vou colocar você dentro de uma ambulância quentinha, e envolvê-lo em um cobertor espesso. E você não precisará mais enfrentar nada disso.

Eu olhei para o sino. *Seria tão fácil. Tudo o que tenho a fazer é badalar aquele negócio, três vezes.* Pensei um pouco sobre as ambulâncias aquecidas, os cobertores e o chocolate quente. Então, recobrei a consciência. *Espere um momento. Eu não estou raciocinando direito. Isso significa desistir de tudo!*

— Está tudo bem, instrutor Stoneclam —, disse eu, devolvendo-lhe a caneca de chocolate quente.

— Volte para a sua turma.

Devolver-lhe aquela caneca de chocolate quente foi a coisa mais difícil que eu jamais fizera. *Deixe-me voltar para lá e congelar, enquanto vocês me chutam o traseiro, mais um pouco.*

Mike H. e eu integrávamos uma tripulação de seis homens, antes que os outros quatro nos abandonassem. Agora havia apenas nós dois, esforçando-nos para impelir nosso bote — pesando quase cem quilos — de volta ao complexo do BUD/S, ouvindo os instrutores gritarem conosco, por sermos lentos demais. Nós praguejamos contra os desistentes.

— Seus patéticos pedaços de asnos!

Quando Mike e eu chegamos ao complexo, ainda estávamos loucos da vida. Nós havíamos passado da condição de camaradas deles para a de seus detratores, por eles terem nos abandonado. Esta é uma das razões pelas quais o treinamento é tão brutal: descobrir quem o estará apunhalando pelas costas, quando as portas do Inferno se abrirem diante de você. Após aquela noite de quarta-feira, não me lembro de mais ninguém que tenha desistido de tudo.

Na manhã da quinta-feira, bem cedo, eu me sentava no refeitório. *Eles terão de me matar. Depois de tudo pelo que já passei, eles terão de me cortar em pedacinhos e enviar tudo de volta para o Condado de Wayne, na Geórgia; porque eu não vou desistir, agora.* Dentro de mim, alguma coisa fez um clique. Não importava mais o que eles pudessem fazer em seguida. *Isto haverá de terminar, em algum momento.*

Privados do apoio de nosso próprio meio e da capacidade de suportarmos nossos próprios corpos, a única coisa que nos movia era a nossa crença no cumprimento da missão: completar a Semana do Inferno. Em termos de psicologia, esta crença é chamada de "autoeficácia". Mesmo quando o cumprimento de uma missão parece impossível, é a força de nossa crença que torna possível o sucesso. A ausência desta crença garante o fracasso. Uma crença inabalável no cumprimento de uma missão potencializa nossa capacidade de concentrarmo-nos no objetivo, de fazer um esforço a mais, e de persistir. É a crença que nos permite enxergar o

objetivo principal (completar a Semana do Inferno) e de fracioná-lo em uma série de metas mais facilmente administráveis, evoluindo à medida que conquistamos cada uma delas. Se uma etapa desta evolução consistir-se em vencer uma corrida de botes, até mesmo esta pode ser fracionada em metas menores, como remar mais eficientemente. A crença nos permitia traçar estratégias para atingir cada um dos objetivos, tais como empregar os grandes músculos dos ombros para remar, em vez de forçar os pequenos músculos do antebraço. Então, ao final da corrida, passaríamos a nos concentrar na próxima etapa da evolução. Pensar demais sobre o que aconteceu ou sobre o que está para acontecer só irá cansá-lo. Viva cada momento e dê um passo de cada vez.

Na noite de quinta-feira, tínhamos tido apenas um total de três a quatro horas de sono desde a noite do domingo anterior. O mundo dos sonhos começava a mesclar-se ao mundo real, e nós tínhamos alucinações. No refeitório, enquanto as cabeças dos outros sujeitos aproximavam-se e afastavam-se de seus pratos de comida e seus olhos rolavam para trás nas órbitas, devido à privação do sono, um instrutor se aproximou de mim e disse:

— Sabe de uma coisa, Wasdin, quero que você apanhe esta faca de passar manteiga, vá até ali e mate aquele alce, que está no canto do refeitório.

Lentamente, levantei o olhar do meu delírio de mingau de aveia, olhei para diante e — posso afirmar, com toda certeza — avistei um enorme alce, parado, em pleno refeitório. Não me ocorria o motivo de haver um alce no refeitório, nem como ele teria chegado a estar ali. *Agora, eu tenho uma missão a cumprir.* Levantei-me e me aproximei cautelosamente do alce, brandindo minha faca, como *Rambo*, e preparei-me para saltar sobre o animal, atingindo-o mortalmente.

O instrutor Stoneclam berrou:

— Wasdin! O que você está fazendo?

— Preparando-me para abater este alce, instrutor Stoneclam.

— Olhe, isto é um carrinho de transportar bandejas. É com ele que as bandejas de comida são trazidas da cozinha!

Que diabos! Como é que o alce se transformou em um carrinho de bandejas?

— Sente esse seu traseiro idiota ali e termine de comer! —, disse o instrutor Stoneclam.

Todos os instrutores irromperam numa sonora gargalhada.

Mais tarde, Mike H., Bobby H. e o restante da nossa tripulação remávamos um bote desde o Centro Naval de Táticas Especiais, rumo sul, até o Parque Estadual Silver Strand. Parecia que estávamos remando até o México, embora fosse uma viagem de menos de dez quilômetros. Remávamos, caíamos no sono; remávamos, caíamos no sono... De repente, Bobby golpeou o fundo do bote com seu remo, gritando.

— A-aahhh!

— Que diabos...? — perguntei.

— Tem uma baita cobra, aqui! — berrou Bobby.

Nós o ajudamos a matar a cobra.

— Cobra!

Um dos caras no bote parou de golpear o fundo.

— É só o cabo de amarração.

Nós estivéramos golpeando a corda utilizada para amarrar o bote, pela proa.

Todos olhamos para a corda e retornamos ao nosso juízo perfeito. Cinco minutos depois, Mike Berrou:

— A-aahhh!

— A cobra voltou? —, perguntei.

As luzes da cidade brilhavam, refletindo-se no céu noturno.

— Acabo de ver o rosto do meu pai, nas nuvens! —, disse Mike.

Olhei para cima, e — posso jurar — vi o rosto do pai dele nas nuvens. Eu jamais havia conhecido o pai dele, nem sabia como ele se parecia; mas eu vi o rosto do pai de Mike, projetado nas nuvens.

Um outro sujeito da nossa turma, Randy Clendening, era completamente desprovido de pelos. Em todos os lugares: sobre a cabeça, nas sobrancelhas, nas pálpebras, nas axilas e até mesmo sobre seu saco escrotal. O sujeito parecia-se com uma cobra. Quando criança, ele comera umas frutas selvagens que provocaram uma reação alérgica violenta e causaram uma febre tão intensa, a ponto de matar-lhe todos os folículos capilares. (Quando ele ingressou no SEAL Team Two, alguém o apelidou de "Químio" — uma contração de "quimioterapia". O apelido "pegou".) Durante a Semana do Inferno, Randy resfolegou e tossiu, o tempo todo.

— Está tudo bem com você, Randy? —, perguntei-lhe.

— Os instrutores me disseram que eu estou com o carburador sujo.

— Puxa vida! Deve ser muito ruim ter o carburador sujo!

Não havia me ocorrido que Randy tinha alguma espécie de acúmulo de líquido nos pulmões. Os instrutores chegaram a discutir a possibilidade de transferi-lo para outra turma, mas isto significaria submetê-lo à Semana do Inferno, outra vez — e já estávamos tão próximos de completá-la.

Na sexta-feira, os instrutores nos conduziram até a "área de surfe". Sentamo-nos na água gelada, encarando o oceano, com nossos braços ligados uns aos outros, tentando permanecer juntos. O instrutor Stoneclam permaneceu na praia, falando às nossas costas.

— Esta foi a pior turma que eu já vi. Vocês sequer conseguiram manter os oficiais na sua turma!

Tanto os oficiais quanto os praças alistados eram submetidos ao mesmo treinamento.

— Vocês não lhes deram o seu apoio. Vocês não lhes deram cobertura! A culpa é toda de vocês, se não restaram oficiais na turma. Nesta última evolução, vocês fizeram o pior tempo da história deste treinamento. Por isso, recebemos uma permissão especial do capitão Bailey para estender a Semana do Inferno por mais um dia.

Olhei para o parceiro de natação ao meu lado, Rodney. Ele parecia estar pensando o mesmo que eu. *Droga! Vamos ter de aguentar isto por mais um*

dia! Tudo bem; se vocês tiveram de nos aturar até agora, podem muito bem suportar mais um dia!

Alguém — não me lembro quem — recusou-se a suportar mais um dia. Ele preferiria desistir, ali mesmo. Felizmente, ele não teve de fazer isso.

— Virem-se e olhem para mim, quando eu estiver falando com vocês! —, berrou o instrutor Stoneclam.

Tal como um pelotão de zumbis, todos viramos os rostos na direção dele.

Ali estava o nosso oficial-comandante, o capitão Larry Bailey. Ele havia liderado um dos primeiros pelotões do SEAL Team Two no Vietnã. Ele também ajudara a criar as Equipes SEAL de Assalto em Botes (*SEAL Team Assault Boat - STAB*).

— Parabéns, homens. Declaro encerrada a sua Semana do Inferno!

Alguns dos sujeitos na praia pularam de alegria; mas eu sentia meu corpo dolorido demais para este tipo de comemoração. Randy Clendening chorou lágrimas de alívio: ele havia passado pela Semana do Inferno sofrendo com uma pneumonia galopante. Eu me limitei a ficar ali, com uma expressão aparvalhada em meu semblante. *O que é que eu estou fazendo aqui?* Olhei ao meu redor. *Para onde foram todos os outros?* Havíamos iniciado a Semana do Inferno com dez ou doze botes tripulados por seis a oito homens, cada um. Agora, contávamos com apenas quatro ou cinco tripulações. *Por que todos aqueles sujeitos iniciaram a Semana do Inferno se sabiam que não desejavam chegar ao final dela?* Eles não sabiam que não desejavam.

O pessoal do corpo médico levou Randy imediatamente para uma enfermaria, para restabelecer-lhe a capacidade respiratória. O restante de nós também foi submetido a uma bateria de exames médicos. Alguns dos homens haviam desenvolvido celulites: infecções haviam viajado, a partir de cortes, para as camadas mais profundas de suas peles. Outros haviam lesionado as faixas de tecidos sobre suas pélvis, quadris e joelhos, causando-lhes uma síndrome das faixas iliotibiais. Todos nós tínhamos inchaços em diversas áreas do corpo. Um médico agachou-se e pressionou minhas panturrilhas. Quando ele afastou suas mãos, pude notar as marcas causadas pela pressão de seus dedos em minhas pernas. Eles também nos

examinaram em busca da presença de "bactérias carnívoras" (na verdade, essas bactérias secretam toxinas que destroem a pele e os músculos, em vez de comerem a carne). Uma vez que traumas diversos cobriam os nossos corpos, da cabeça aos pés, éramos considerados como verdadeiras "refeições" para bactérias oportunistas e mortíferas.

Tomei uma boa chuveirada e bebi um pouco de Gatorade. Nas barracas, sobre o leito superior do beliche, estava estendida a minha camiseta marrom. Um amigo me presenteara com ela, pelo cumprimento da Semana do Inferno. Nós pagávamos pela nossa roupa de baixo, usando a verba destinada ao vestuário; mas somente os sujeitos que concluíssem a Semana do Inferno tinham o direito de usar camisetas marrons. Haver conquistado esse direito fez-me tão feliz que me deitei e adormeci. Havia pessoas que nos vigiavam durante o sono, para que não engolíssemos nossas línguas, nos afogássemos com a própria saliva ou simplesmente deixássemos de respirar, devido a fadiga.

No dia seguinte, rolei sobre a cama e saltei do beliche, como sempre fazia; mas minhas pernas não funcionavam mais. Meu rosto atingiu o piso, causando-me um sangramento nasal e um corte no lábio. Tentei telefonar para Laura, a cobrar, para informá-la de que eu passara pela Semana do Inferno; mas, quando a telefonista falou comigo, minha voz não saiu. Foram necessárias algumas horas, até que eu conseguisse voltar a falar.

Um motorista nos levou até o refeitório, a bordo de uma *van*. Algumas pessoas nos auxiliaram a desembarcar do veículo. Enquanto caminhávamos com dificuldade através do refeitório, todos os olhares pareciam convergir para nós. Nós éramos os sujeitos que haviam passado pela "Semana". E aquela fora a semana mais fria dos últimos 23 anos; na verdade, até mesmo granizo choveu sobre nós, a certa altura. Enquanto comíamos, olhei para as mesas ocupadas pelos sujeitos que haviam desistido do treinamento durante a Semana do Inferno. Eles evitavam fazer contato visual conosco.

Eu havia implorado a um deles para que não tocasse o sino, mas ele abandonou a mim e Mike, fazendo com que tivéssemos de conduzir aquele bote, sozinhos. *Poderia, ao menos, ter esperado para abandonar tudo depois*

que tivéssemos trazido aquele bote de volta às barracas? Ele caminhou até a minha mesa.

— Sinto muito, cara. Sei que deixei vocês "na mão", mas eu simplesmente não aguentava mais.

Olhei para ele e disse:

— Desapareça da minha frente.

O treinamento foi reassumindo seu ritmo habitual, gradativamente, com muitos exercícios de alongamento. Então, seu ritmo foi intensificado. Os limites de tempo ficaram menos elásticos, e as distâncias aumentaram. Havia mais sessões de natação, corridas e provas na pista de obstáculos. Os testes acadêmicos também continuaram. Antes da Semana do Inferno, nós havíamos nos concentrado em tópicos tais como primeiros-socorros e manuseio de botes. Agora, nos dedicávamos ao reconhecimento hidrográfico. Os praças alistados tinham de obter um aproveitamento superior a 70% de acertos nos testes; e embora tivéssemos perdido todos os nossos oficiais, o aproveitamento esperado destes deveria ser superior a 80%.

Uma nova etapa de evolução pela qual tivemos de passar foi a prova de 50 metros de nado subaquático. Na piscina, o instrutor Stoneclam nos disse:

— Todos vocês terão de nadar por 50 metros debaixo d'água. Um salto mortal subaquático marcará o início da prova, de modo que ninguém poderá se beneficiar de um longo mergulho, logo de saída. Vocês deverão atravessar os 25 metros de extensão da piscina, tocar a parede oposta e nadar mais 25 metros, até retornarem ao ponto de partida. Se algum de vocês emergir à superfície da água, a qualquer momento, terá falhado no teste. Não se esqueçam de nadar o mais próximo possível do fundo. O aumento da pressão da água sobre os seus pulmões os ajudará a reter a respiração por mais tempo, de modo que vocês poderão nadar por uma distância maior.

Alinhei-me junto ao segundo grupo de quatro estudantes a cair na água. Nós saudamos o primeiro grupo. "Nadem até apagar!", dissemos alguns de

nós. Esta era a nova forma de pensamento que viria a influenciar nossas atividades futuras: levar nossos corpos até o limiar da inconsciência.

Quando chegou a minha vez de nadar, eu hiperventilei, para fazer diminuir a quantidade de dióxido de carbono em meu organismo e para minimizar o desejo de respirar. Durante meu salto mortal na piscina, desperdicei um pouco do ar retido nos pulmões. Orientei-me a nadar tão fundo quanto pudesse. Após haver nadado 25 metros, aproximei-me da parede na outra extremidade da piscina. Ao fazer o movimento de retorno, meu pé tocou a parede, mas não consegui ganhar grande impulso.

Minha garganta começou a convulsionar, à medida que eu ansiava por oxigênio. *Nade até apagar!* Nadei com o maior ímpeto possível, mas meu corpo começou a perder velocidade. Minha visão periférica começou a perder o foco, até que me encontrei olhando para o meu destino através de um túnel escuro. Enquanto sentia minha consciência desvanecer-se, na verdade, também era tomado por uma sensação de paz. Se eu ainda tivesse alguns pensamentos remanescentes sobre me afogar, eles haviam desaparecido, agora. Tentei concentrar-me na parede da piscina diante de mim, até que a minha mão, afinal, tocou-a. O instrutor Stoneclam agarrou-me pela cintura do meu calção de banho e ajudou-me a sair da água. Eu desmaiei. Outros sujeitos não tiveram tanta sorte. Dois deles falharam em suas segundas oportunidades e foram excluídos do treinamento. (Nota: Não pratique nado subaquático nem treine reter a respiração em casa, porque estas coisas *irão* matar você.)

Outra importante etapa na evolução do treinamento após a Semana do Inferno foi a prática de fazer nós debaixo d'água. Usando apenas nossos calções da UDT, minha turma subiu pelas escadas externas até o topo da torre de mergulho, na qual entramos. Lá dentro, mergulhei na água tépida. A profundidade total alcançava os 15 metros; mas eu teria de mergulhar apenas até pouco mais de 4,5 metros e atar cinco nós diferentes: o "nó de escota", a "lais de guia", a "volta de fiel", o "nó direito" e a "amarra quadrada". Entre esses, incluíam-se alguns nós que teríamos de utilizar em nosso trabalho de demolição subaquática. Por exemplo, o nó de escota e o nó

direito podem ser utilizados para conectar as pontas de dois pavios de detonação. Já havíamos praticado fazer esses nós durante alguns dos intervalos entre nossas atividades, por isso não tive grandes problemas para atá-los — embora aquela fosse a primeira vez que eu fizesse nós a 4,5 metros de profundidade, sob a água.

Nós poderíamos fazer cada um dos nós durante um mergulho diferente, mas eu achei que mergulhar cinco vezes seria algo muito cansativo. Também poderíamos atar os cinco nós durante um único mergulho — mas achei que meus pulmões não resistiriam tanto assim. Ou poderíamos fazer os nós em combinação com a quantidade de mergulhos que desejássemos. Saudei o instrutor Stoneclam, que usava um equipamento de mergulho.

— Respeitosamente, peço permissão para atar o nó de escota, a lais de guia e a volta de fiel.

Ele mostrou-me o polegar apontado para baixo, concedendo-me sua permissão para mergulhar. Imitei-lhe o gesto, voltando meu polegar para baixo e sinalizando-lhe que o compreendera. Stoneclam deu o sinal mais uma vez, e eu fiz meu mergulho de combate a 4,5 metros de profundidade, onde eu tinha de atar cabos afixados às paredes. Atei os três nós, e fiz o sinal de "OK" ao instrutor. Ele conferiu os nós e retribuiu-me a sinalização de "OK". Desfiz os nós e sinalizei para ele com meu polegar voltado para cima. Ele compreendeu e me respondeu voltando seu polegar para cima, concedendo-me permissão para ascender.

No meu segundo mergulho, atei os dois últimos nós e fiz o sinal de "OK" ao instrutor Stoneclam. Ele pareceu não se importar com os nós, olhando-me diretamente nos olhos. Notei que ele iria me causar problemas. Sinalizei para ele com o polegar voltado para cima, mas ele limitou-se a continuar me encarando. A profundidade imprimia grande pressão sobre meu peito, e meu corpo ansiava por ar. Eu sabia o que ele estava tentando fazer, mas não iria dar-lhe esta satisfação. Os instrutores do SEAL haviam me ensinado bem. *Posso ascender por mim mesmo, ou você poderá içar meu corpo até a superfície, quando eu perder os sentidos. Uma coisa ou outra; tanto faz.* Ele sorriu e deu-me o sinal de "para cima", muito antes que eu sentisse que

pudesse desmaiar. Eu queria zarpar até a superfície, mas não poderia demonstrar pânico, pois emergir repentinamente não é uma boa atitude tática. Ascendi tão lentamente quanto possível. Novamente, nem todos os meus companheiros de turma tiveram tanta sorte quanto eu; mas eles teriam uma segunda chance.

Na Segunda Fase do treinamento — de táticas de combate terrestres —, aprendemos a nos infiltrar incógnitos, a remover sentinelas, a lidar com agentes e guias, a coletar informações de inteligência, sequestrar inimigos, empreender buscas, lidar com prisioneiros, atirar, explodir coisas etc. Quando criança, eu aprendera a prestar atenção aos detalhes: assegurar-me de que nenhuma noz havia ficado no chão, quando meu pai chegasse em casa, muitas vezes salvou-me a pele, evitando que eu fosse chicoteado. Agora, essa mesma atenção aos detalhes salvava-me a pele de ser atingida por uma bala ou de fazer com que eu fosse varrido por uma explosão. Minha atenção aos detalhes garantiu que eu jamais tivesse qualquer problema com o funcionamento dos meus paraquedas.

Nós fomos os primeiros ocupantes dos novos edifícios de alojamentos, localizados apenas um pouco adiante, na mesma praia, dos multimilionários condomínios residenciais de Coronado. Certa tarde de sábado, eu estava em meu quarto, engraxando minhas botas de selva em companhia de Calisto, um dos dois oficiais peruanos que frequentavam o curso de treinamento de BUD/S em nossa turma. Eles seguiam a mesma agenda de treinamento que nós, comparecendo às sessões nos mesmos dias e horários. Ambos já haviam passado pelo treinamento de BUD/S no Peru, que seguia os mesmos moldes do nosso próprio treinamento. Calisto e seu companheiro já atuavam como SEALs havia quase dez anos; tendo, inclusive, participado de operações reais. Nós recebíamos valiosas informações de inteligência apenas por treinarmos ao lado deles. Perguntei a ele:

— Se você já é um SEAL peruano, por que se submete novamente ao treinamento?

— É preciso passar pelo treinamento aqui, para ser um instrutor SEAL no Peru.

— Acredito que você vai ganhar muito mais respeito, então...

— Respeito, não. Mais dinheiro.

Sua família viera com ele, e todos passavam os fins de semana juntos, em um apartamento no centro da cidade. Eles compravam montes de calças *jeans* e as enviavam para casa, no Peru. Ele me explicou que o dinheiro que ganhariam revendendo as calças poderia mudar suas vidas.

Eles eram os únicos oficiais remanescentes em nossa turma, mas, como não fossem cidadãos norte-americanos, não poderiam nos liderar. Mike H., um E-5, liderava a nossa turma. Nós dois tínhamos o mesmo posto, mas ele era um pouco mais velho do que eu. Não tínhamos nenhum "*cake-eater*" (um oficial comissionado) entre nós. Os instrutores alistados pareciam gostar disso.

Na ilha de San Clemente, servi como um líder de esquadrão; e, certa vez, levei meu esquadrão a atacar o alvo errado. Calisto nos liderou na oportunidade seguinte. Ele era um excelente navegador em terra. Lançamos nosso assalto ao acampamento dos instrutores quando eles ainda palitavam os dentes, sentados em torno de uma fogueira. Nosso esquadrão caiu sobre suas cabeças tão rapidamente que sequer houve tempo para que eles montassem e instalassem suas M-60. Eles não ficaram nada felizes com a nossa atitude. Os instrutores alteraram nossa rota de exfiltração [evacuação tática] e nos obrigaram a atravessar um campo repleto de cactos. Mais tarde, um sujeito do corpo médico teve de vir até nós, trazendo um alicate, para retirar espinhos das nossas pernas.

Durante a desmobilização, os instrutores nos explicaram: "Desculpem-nos, mas tivemos de enviar vocês por outro caminho, pois a rota de exfiltração estava comprometida." Os instrutores sempre riam por último.

Nos dias pares, nós corríamos, antes de fazermos cada refeição. Nos dias ímpares, fazíamos elevações na barra, antes de comer. Certo dia, a quantidade de elevações na barra que tínhamos de fazer foi alterada, de dezenove para vinte. Devo ter sofrido um lapso de concentração mental, pois larguei a barra após fazer apenas dezenove elevações.

— Wasdin! Que diabos você está fazendo? —, indagou um instrutor. — Você fez apenas dezenove elevações!

Eu não conseguia compreender o que ele estava me pedindo.

— O número de elevações é vinte. Só para ter certeza de que você sabe contar até vinte, vá para o chão e "pague-me" vinte flexões!

Eu fiz vinte flexões de braços.

— Agora, volte para a barra e "pague-me" vinte elevações!

Aquilo não podia estar acontecendo. O instrutor conseguiu que eu fizesse somente mais três ou quatro elevações, antes que meus braços se recusassem a me obedecer.

— Apanhe a sua MRE e vá para o "surfe"!

Tive de me sentar na gélida água do mar e comer uma refeição de campanha (MRE; *Meal Ready-to-Eat*) fria. Randy Clendening e alguns outros sujeitos vieram juntar-se a mim. Nós tiritávamos de frio.

Randy tinha um sorriso no rosto.

— De que você está rindo? —, perguntei. — Estamos mergulhados até o peito nesta água gelada, comendo MREs frias!

— Tente fazer isso, dia sim, dia não.

Randy sempre conseguia chegar a tempo nas corridas cronometradas, mas dava-se mal com as elevações na barra. Por isso, dia sim, dia não, ele sentava-se no mar, com água até a altura do peito, e comia sua MRE fria — no café da manhã, no almoço e no jantar. Ele desejava completar o programa de treinamento muito mais intensamente do que eu.

Depois de saber disso, arrisquei-me a arranjar problemas com os instrutores ao contrabandear comida para ele, nas barracas, nos dias ímpares. Outros sujeitos também levavam-lhe coisas para comer, às escondidas. Tenho o maior respeito por sujeitos como Randy, que trabalham mais duramente do que todo mundo e, de algum modo, conseguem terminar o curso de treinamento de BUD/S. Mais do que as "gazelas", que sempre correm na dianteira; mais do que os "peixes", que nadam sempre à frente; mais do que os "macacos", que gingam na pista de obstáculos — esses "cachorros vira-latas" é que são, mesmo, durões.

Um dos mais famosos dentre os "vira-latas" foi Thomas Norris, da Turma 45 do BUD/S. Norris queria ingressar no FBI, mas foi convocado antes que pudesse fazer isso. Ele alistou-se na Marinha para ser um piloto, mas sua visão deficiente desqualificou-o para essa função. Assim, ele apresentou-se voluntariamente para o treinamento do SEAL, durante o qual costumava cair para a "retaguarda" nas corridas e sessões de natação. Os instrutores cogitaram expulsá-lo do programa de treinamento, mas Norris jamais desistiu, vindo a se tornar um integrante do SEAL Team Two.

No Vietnã, em abril de 1972, um avião de reconhecimento foi abatido sobre as profundezas do território inimigo, onde mais de trinta mil efetivos do NVA (o Exército norte-vietnamita) preparavam-se para lançar uma ofensiva, na Páscoa. Apenas um dos membros da tripulação do avião sobrevivera à queda, mas este fato precipitou uma das tentativas de resgate mais dispendiosas de toda a Guerra do Vietnã: catorze pessoas foram mortas, oito aeronaves foram abatidas, dois integrantes de uma equipe de resgate foram capturados e outros dois viram-se encurralados em território inimigo. Decidiu-se, então, que um resgate aéreo seria impraticável.

O tenente Norris liderou uma patrulha composta por cinco SEALs sul-vietnamitas, e localizou um dos pilotos de uma aeronave de reconhecimento que fora abatida, conduzindo-o de volta à FOB (*Forward Operating Base*), a base avançada de operações. O NVA retaliou, lançando um ataque com foguetes sobre a FOB, matando dois dos SEALs sul-vietnamitas e outros efetivos.

Norris e seus três SEALs sul-vietnamitas remanescentes falharam em sua tentativa de resgatar um segundo piloto. Devido à impossibilidade de lidar com a situação, dois dos SEALs sul-vietnamitas recusaram-se a participar de outra tentativa de resgate. Norris, então, decidiu fazer uma nova tentativa acompanhado apenas pelo SEAL sul-vietnamita Nguyen Van Kiet — e fracassou, novamente.

No dia 12 de abril — cerca de dez dias depois do primeiro avião de reconhecimento haver sido abatido —, Norris recebera um relatório sobre a localização do piloto. Ele e Kiet disfarçaram-se de pescadores e remaram um

sampan rio acima, em meio a uma noite nebulosa. Eles localizaram o piloto ao alvorecer, à margem do rio, oculto sob a vegetação, e ajudaram-no a embarcar no *sampan*, cobrindo-o com bambus e folhas de bananeira. Um grupo de soldados inimigos em terra avistou-os, mas não conseguiu passar através da selva densa tão velozmente quanto Norris e seu parceiro podiam remar, na água. Quando o trio se aproximava da FOB, foi notado por uma patrulha do NVA, que despejou fogo de metralhadoras pesadas sobre a pequena embarcação. Norris solicitou um ataque aéreo para manter o inimigo de cabeça baixa, e o lançamento de uma cortina de fumaça, para impedir-lhe a visão. Norris e Kiet levaram o piloto ao interior da FOB, onde Norris ministrou-lhe os primeiros socorros, para que ele pudesse ser evacuado. O tenente Thomas Norris foi condecorado com a Medalha de Honra, e Kiet recebeu a Cruz da Marinha — a mais alta condecoração outorgada pela Marinha a um estrangeiro que lhe tenha prestado serviços. Contudo, este não foi o final da história de Norris.

Cerca de seis meses depois, ele defrontava-se com as garras da adversidade, mais uma vez. Norris designou o suboficial Michael Thornton (do SEAL Team One) para acompanhá-lo em uma missão. Thornton, por sua vez, designou dois SEALs sul-vietnamitas, Dang e Quon, e um inseguro oficial sul-vietnamita, chamado Tai. Todos vestiam aquela espécie de pijama negro usados pelos VCs e portavam fuzis AK-47, com farta quantidade de munição. A equipe viajou a bordo de um barco de junco da Marinha sul-vietnamita (pois não havia navios da Marinha norte-americana disponíveis) subindo pelo sul do Mar da China, até lançarem-se do junco em um bote inflável e desembarcarem em terra, para patrulhar e obter informações de inteligência. Norris encabeçava a coluna, com Thornton cuidando da retaguarda e tendo os SEALs sul-vietnamitas entre eles. O junco os havia levado até uma posição muito setentrional e, durante a patrulha, eles deram-se conta de estar em território norte-vietnamita. Enquanto eles se escondiam no abrigo que haviam construído para passar as horas do dia, o oficial sul-vietnamita — sem consultar a Norris e Thornton — ordenou que os dois SEALs sul-vietnamitas empreendessem uma operação mal planejada

de sequestro de dois soldados inimigos que vinham em patrulha. Os SEALs sul-vietnamitas entraram em luta corporal com os dois inimigos.

Percebendo a movimentação, Thornton apressou-se a intervir, golpeando um dos inimigos com a coronha de seu fuzil e nocauteando-o, para que ele não pudesse alertar uma aldeia que havia nas proximidades. O outro soldado inimigo, no entanto, conseguiu escapar — e alertar cerca de 60 soldados do Exército norte-vietnamita. Thornton disse: "Nós arranjamos um problema". Os SEALs amarraram o soldado inimigo, ainda desacordado, e encarregaram Dang de interrogá-lo, quando recuperasse a consciência.

Norris e Dang abriram fogo contra os inimigos que se aproximavam. Entre uma rajada e outra, Norris utilizou o rádio que Dang carregava em uma mochila às suas costas para solicitar apoio de fogo da artilharia naval, ditando coordenadas, posições, tipos de munição necessários etc. O marinheiro que operava o rádio, na outra extremidade da linha (a bordo de um navio que, naquele momento, encontrava-se sob fogo inimigo, em outra batalha) parecia ser um novato em sua função, mostrando-se pouco familiarizado com a administração de fogo de apoio a tropas em terra. Norris deixou o fone de lado, para alvejar mais alguns inimigos. Quando ele voltou a falar ao rádio, sua ligação já havia sido transferida para outro navio — que também se encontrava sob fogo inimigo e, portanto, incapacitado para prestar-lhe qualquer auxílio. Norris e Dang começaram a recuar, ainda atirando contra o inimigo.

Thornton encarregou o tenente sul-vietnamita da retaguarda, enquanto ele mesmo e Quon defendiam os flancos. Thornton atingia vários efetivos do NVA, protegia-se, surgia em uma posição diferente, e atingia outros mais. Thornton sabia que o inimigo surgiria sempre na mesma posição, a cada vez que atirasse; mas o inimigo não tinha como saber de onde Thornton surgiria, nem quantas pessoas o acompanhavam. Enquanto manobrava em retirada, Thornton atirava através do topo da duna de areia por trás da qual os inimigos se escondiam, deslocando-os dali.

Após quase cinco horas de combate, Thornton, afinal, conseguiu estabelecer contato com um navio que estava em condições de ajudá-lo: o

Newport News.

O inimigo atirou uma granada "comunista", de fabricação chinesa, na direção de Thornton. Thornton atirou-a de volta. O inimigo atirou, novamente, a mesma granada; e Thornton devolveu-a. Quando a granada retornou, não havia mais tempo para que Thornton a atirasse outra vez; então, ele procurou abrigar-se. A granada explodiu, e seis estilhaços atingiram as costas de Thornton. Ele ouviu Norris chamando-o: "Mike, meu amigo! Mike, meu amigo!" Thornton fingiu-se de morto. Quatro soldados inimigos saltaram, correndo para a posição que ele ocupava. Ele alvejou os quatro: dois caíram sobre ele; os outros dois tombaram para trás.

— Eu estou bem! —, gritou Thornton. — Foram apenas alguns estilhaços!

Os inimigos silenciaram. Agora, eles contavam com a ajuda do 283.º Batalhão do NVA para atacar os SEALs pelos flancos.

Os SEALs começaram a bater em retirada, alternadamente. Norris despejava fogo de cobertura para que Thornton, Quon e Tai pudessem recuar. Então, Thornton e sua equipe faziam o mesmo, enquanto Norris e Dang recuavam. Norris acabara de preparar uma arma leve antitanque para disparar, quando uma bala de AK-47 do NVA acertou-lhe em pleno rosto, derrubando-o do alto de uma duna de areia. Norris ainda tentou voltar à posição para responder ao fogo, mas perdeu os sentidos.

Dang correu para juntar-se a Thornton, em sua posição. Duas balas haviam atingido o rádio que Dang carregava às costas.

— Onde está Tommy? —, perguntou-lhe Thornton.

— Ele está morto.

— Você tem certeza?

— Ele foi atingido na cabeça.

— Você tem certeza disso?

— Eu o vi cair!

— Fique aqui. Vou voltar para buscar o Tommy.

— Não, Mike! Ele está morto! O NVA está chegando!

— Vocês todos, fiquem aqui.

Thornton correu cerca de 450 metros até a posição de Norris, através de uma tempestade de fogo inimigo. Vários homens do NVA já se aproximavam do corpo inerte de Norris. Thornton alvejou-os a todos, pondo-os fora de combate. Quando ele pôde chegar até Norris, constatou que a bala o havia atingido num dos lados da cabeça, destroçando-lhe a parte frontal da testa. Ele estava morto. Thornton atirou o corpo sobre seu ombro, à maneira que fazem os bombeiros ao resgatarem vítimas de um incêndio, e recolheu o fuzil AK de Norris. Thornton já havia atirado oito granadas e lançado todos os foguetes da arma leve antitanque. Restavam-lhe somente um ou dois pentes de munição para o seu fuzil. Parecia que o fim havia chegado para ele, também.

De repente, o primeiro projétil do *Newport News* passou voando sobre sua cabeça, como um pequeno automóvel Volkswagen cruzando o ar. Quando ele explodiu, Thornton foi atirado até a base de uma duna de nove metros de altura. O corpo de Norris voou sobre Thornton. Ele levantou-se e caminhou para apanhar Norris.

— Mike, meu amigo... —, disse Norris.

— Seu filho da mãe! Você está vivo!?

Thornton recobrou o ânimo e, com energia redobrada, apanhou Norris, jogando-o por sobre o ombro, e correu tão velozmente quanto podia, enquanto Dang e Quon davam-lhe cobertura.

O tiro da artilharia do *Newport News* fez com que eles pudessem ganhar algum tempo; mas este tempo, agora, havia-se esgotado. As balas do inimigo voltaram a chover sobre os SEALs.

Thornton alcançou a posição de Dang e Quon. — Onde está Tai? — perguntou ele.

Quando Thornton voltara para recuperar o corpo de Norris, o inseguro tenente sul-vietnamita havia desaparecido, água adentro. Thornton olhou para os dois SEALs sul-vietnamitas.

— Quando eu gritar "um", Quong, lance uma base de fogo. Quando eu gritar "dois", Dang, lance uma base de fogo. No "três", eu mesmo vou lançar

uma base de fogo, e nós iremos recuando alternadamente até voltarmos à água.

Atirando e empreendendo a retirada, ao chegar à beira d'água, Thornton caiu, sem dar-se conta de que uma bala lhe atravessara a panturrilha esquerda. Ele apanhou Norris e carregou-o, debaixo do braço. Dentro d'água, ele sentiu um movimento que puxava-o para o fundo, e deixou que a cabeça de Norris submergisse, por alguns segundos. Thornton tornou a elevar a cabeça de seu amigo acima da superfície da água. O colete salva-vidas de Norris estava preso à perna de suas calças, segundo o padrão de procedimento operacional do Team Two. Então, Thornton apanhou seu próprio colete e vestiu-o em Norris, inflando-o para que ambos pudessem utilizá-lo e flutuar à superfície.

Quon espadanava na água, com seu quadril direito destroçado por um tiro. Thornton agarrou-o e fez com que Quon se segurasse ao salva-vidas de Norris. Dang ajudou-o, enquanto todos lançavam-se ao mar. Thornton podia ver as balas inimigas atravessando a água ao seu redor. Ele rezou: *"Bom Deus, não permita que nenhuma dessas me acerte."*

Norris recobrou momentaneamente a consciência. Não podendo avistar o oficial sul-vietnamita, ele perguntou:

— Nós pegamos todo mundo de volta?

Apoiando-se em Thornton e imergindo-o, Norris elevou-se da superfície da água o suficiente para avistar o tenente sul-vietnamita nadando ao longe, mar adentro, antes de tornar a perder a consciência.

Após haver nadado para muito além do alcance do fogo inimigo, Thornton e os dois SEALs sul-vietnamitas avistaram o *Newport News* — apenas para notarem que o navio afastava-se deles, supondo que todos os SEALs estivessem mortos.

— Vamos nadar rumo ao sul —, disse Thornton. Ele aplicou dois curativos de campanha, de 10 x 10 centímetros, sobre a cabeça de Norris; mas as bandagens não cobriam completamente o ferimento. Norris estava prestes a entrar em choque.

Outra equipe de SEALs, pilotando um junco, à procura de seus companheiros, encontrara o tenente sul-vietnamita e o interrogara. Assim, Thornton, Norris, Dang e Quon puderam ser encontrados. Thornton estabeleceu contato pelo rádio com o *Newport News*, para que todos fossem resgatados.

Uma vez a bordo do *Newport News*, Thornton apressou-se a levar Norris ao departamento médico. A equipe médica limpou e desinfetou o ferimento de Norris, tão bem quanto seria possível. No entanto, os médicos disseram a Thornton: "Ele não tem condições de sobreviver".

Do navio, Norris foi levado em um helicóptero médico para Da Nang; e, dali, embarcado em um voo para as Filipinas.

Por suas ações em combate, Thornton foi condecorado com a Medalha de Honra. Aquela foi a única vez que um condecorado com a Medalha de Honra resgatou outro recebedor da mesma condecoração. Anos mais tarde, Thornton contribuiria para a formação do SEAL Team Six, e serviria como um de seus efetivos.

Norris sobreviveu, provando que os médicos haviam errado. Ele foi transferido para o Hospital Naval, em Bethesda, Maryland; e, ao longo dos anos seguintes, submeteu-se a algumas cirurgias muito extensas, havendo perdido parte de seu crânio e um de seus olhos. A Marinha fez de Norris um oficial reformado; mas o único dia tranquilo foi ontem: Norris resolveu retomar seu sonho de infância e se tornar um agente do FBI. Em 1979, ele renunciou aos seus direitos adquiridos como ferido de guerra. O diretor do FBI, William Webster, disse-lhe: "Se você conseguir ser aprovado nos mesmos testes aos quais todos os candidatos a um cargo nesta organização são submetidos, eu posso me recusar a atentar para as suas deficiências." Naturalmente, Norris foi aprovado em todos os testes.

Tempos depois, quando já trabalhava para o FBI, Norris mostrou-se interessado em integrar a recém-formada Equipe de Resgate de Reféns (*Hostage Rescue Team*; ou HRT); mas os detalhistas burocratas do FBI não queriam permitir que um homem com apenas um olho integrasse uma de suas equipes especiais. Danny Coulson, o fundador da HRT, disse:

— É provável que tenhamos de admitir outro ganhador da Medalha de Honra do Congresso que tenha apenas um dos olhos, se ele vier a se candidatar ao cargo. Mas, por enquanto, vou correr o risco de aceitar este, mesmo.

Norris tornou o líder da equipe de assalto. Após vinte anos de trabalho no FBI, ele aposentou-se. Ele era o sujeito que sempre se incluía entre os últimos colocados nas corridas e nas sessões de natação do BUD/S; e ele tinha apenas um olho, quando entrou para a Academia do FBI. Mas, Norris tinha "cabelinhos nas ventas".

Algumas "lendas" passaram pelo treinamento de BUD/S; mas eu não conheceria a história de Norris, senão até haver-me tornado, eu mesmo, um SEAL. Em meio a uma comunidade tão exclusivista, a reputação de um SEAL — quer seja boa, ou má — torna-se rápida e amplamente conhecida. Tais reputações começam a ser construídas durante o treinamento de BUD/S. Norris permaneceu sendo um dos "vira-latas", ao longo das carreiras que fez nas Equipes dos SEALs e no FBI. Então, decidi que chegara o tempo de forjar a minha própria reputação.

Durante uma das nossas corridas de longa distância, em meio ao treinamento na Ilha, nós tivemos de correr atrás de um caminhão, de cuja carroceria provinha o som de uma música. Eu realmente consegui visualizar a mim mesmo usando o emblema com o tridente dos SEALs. *Ou eu volto para casa num caixão, ou volto usando um tridente. Vou conseguir passar por este treinamento e ser aprovado, no final.* Foi como se uma visão muito clara se formasse na minha mente. Aquela foi a primeira e a única vez em que posso dizer ter sentido um "barato de corredor". Alguns sujeitos diziam sentir o "barato de corredor" várias vezes em seguida. Para mim, cada corrida era um verdadeiro martírio.

Ao longo da Terceira Fase — a fase do treinamento de mergulho —, nós aprendemos sobre navegação e várias técnicas de sabotagem de navios. Alguns dos meus companheiros de turma tiveram problemas devido às suas capacidades físicas para mergulhar ou à sua competência no desempenho de exercícios na piscina. Eu só tinha dificuldades ao mover-me sob a água com

tanques de oxigênio presos às minhas costas e ao manter meus dedos acima da superfície, por cinco minutos. Algum instrutor sempre gritava: "Bote outro dedo para fora da água, Wasdin!" Então, assim eu fazia.

O treinamento de BUD/S nos prepara para que acreditemos que somos capazes de cumprir uma missão — e nunca nos rendermos. Nenhum SEAL jamais foi feito prisioneiro de guerra. O único quesito explícito do treinamento que recebemos é o de cuidarmos uns dos outros, sem deixarmos ninguém para trás. Grande parte do nosso treinamento tático era referente a retiradas, fugas e táticas de evasão. Nós éramos ensinados a ser mentalmente inflexíveis, treinando repetidamente, até que os nossos músculos reagissem de maneira automática. Analisando retrospectivamente, percebo, agora, que o treinamento da minha inflexibilidade mental foi iniciado ainda em idade muito tenra. Nosso planejamento é meticuloso, e revela-se no detalhamento das ordens que recebemos. Dentre as pessoas que conheci, que serviam ao Exército, à Marinha, à Força Aérea ou aos *Marines*, apenas os integrantes da *Delta Force* recebiam ordens tão precisas e as cumpriam — estritamente — tão bem quanto nós.

A crença de um SEAL no cumprimento de uma missão transcende os obstáculos ambientais ou físicos que possam contribuir para o seu fracasso. Com frequência, costumamos pensar que somos indestrutíveis. Eternos otimistas, mesmo que estejamos em menor número ou sejamos superados em termos de equipamento, tendemos a achar que temos uma chance de escapar, vivos — e ainda chegar em casa a tempo para o jantar.

No entanto, às vezes um SEAL pode não conseguir encontrar seu caminho de volta para o mar, vendo-se forçado a fazer uma escolha entre lutar até a morte ou render-se ao inimigo. Para muitos bravos guerreiros, às vezes, parece melhor apostar na sobrevivência e se render, pensando na possibilidade de voltar a combater, outro dia; e, por isso, os SEALs demonstram um profundo respeito para com esses prisioneiros de guerra. Porém, como SEALs, acreditamos que a rendição seja uma espécie de desistência; e a desistência não é uma opção viável, para nós. Eu não gostaria

de ser utilizado como "moeda de troca" em alguma barganha política desfavorável aos Estados Unidos. Não gostaria de morrer de fome, preso em uma gaiola; ou de ser decapitado, enquanto tudo é filmado e, posteriormente, exibido na internet, para que todo o mundo veja. Minha atitude é a de que se o inimigo quiser me matar, é melhor que o faça imediatamente. Nós desprezamos os pretensos ditadores que desejam nos dominar: os SEALs controlam as rédeas dos seus próprios destinos. O nosso mundo é o da meritocracia; do qual somos livres para partir, assim que o desejarmos. Assumimos o cumprimento das nossas missões voluntariamente; e sequer posso me lembrar de alguma que não tenha sido cumprida desta maneira. O nosso código de conduta não é escrito: é melhor ser extinto do que se deixar extinguir. E, com o nosso último alento, levaremos conosco tantos inimigos quanto possível.

Laura e Blake — que era apenas um bebê — tomaram um avião para assistirem à minha formatura. Blake tocou o sino por mim. Eu disse a ele:

— Agora, você jamais terá de passar pelo treinamento de BUD/S, pois já tocou o sino para sair.

Durante seus anos de adolescência, ele manifestaria o desejo de tornar-se um SEAL; mas eu o dissuadiria. Meia dúzia de pessoas da minha cidade natal tinha filhos que diziam desejar se tornarem SEALs. Eu dissuadiria cada um deles. Se eu fosse capaz de dissuadi-los, estaria apenas poupando-lhes tempo, pois aquilo não seria realmente o que eles desejariam para si mesmos. Se eu não pudesse dissuadi-los, talvez eles realmente desejassem aquilo.

Após a conclusão do treinamento de BUD/S, fomos enviados diretamente para o treinamento aerotransportado, em Fort Benning, na Geórgia, no "lar" das escolas de infantaria e da divisão aerotransportada do Exército. Durante o verão, o clima era tão abrasador que tínhamos de passar sob *sprinklers*, duas ou três vezes por dia, para nos refrescarmos. Mesmo assim, ainda havia gente que simplesmente "desabava", vitimada por insolação ou devido à

exaustão causada pelo calor. Alguns dos soldados, ali, gostavam de vangloriar-se, dizendo que o treinamento a que se submetiam era o mais "duro" do mundo. Eles achavam que treinavam para integrar alguma força combatente de elite. Para nós, que vínhamos do BUD/S, o treinamento da divisão aerotransportada era um "refresco".

— Isto não é "dureza" —, eu dizia. — Vocês têm mulheres, aqui, que passam por este treinamento.

Sentíamos que éramos capazes de fazer todo o trabalho de duas semanas do "treinamento intensivo" deles em apenas dois dias.

Os regulamentos do Exército não permitiam que um instrutor exigisse que qualquer soldado fizesse mais do que dez flexões. Um dos nossos instrutores na Aerotransportada era um típico "bom sujeito", que estava sempre mascando um naco de tabaco *Red Man*. Nós, os "girinos" da Marinha, gostávamos de provocá-lo, instando-o a nos mandar fazer mais flexões.

— "Pague-me" dez, Marinheiro —, dizia-nos ele.

Nós fazíamos as dez flexões e nos levantávamos, prontamente.

— Ora, que diabos! —, dizia ele, cuspindo um pouco de sumo de tabaco. — Isso foi fácil demais!

Imediatamente, nos jogávamos ao chão e fazíamos mais dez flexões.

— Mas, que inferno! Não! Ainda está parecendo muito fácil.

Então, fazíamos dez flexões adicionais.

À noite, nós saíamos para beber, até tarde. Para nós, o treinamento na Aerotransportada era como um interminável feriado.

A academia militar de West Point permitia que seus estudantes escolhessem fazer um curso de treinamento, em qualquer escola do Exército que preferissem frequentar, durante o verão. Alguns dos candidatos a oficiais escolhiam cursar o treinamento da Aerotransportada. Dois ou três, dentre eles, mostravam-se dispostos a engraxar nossas botas, se lhes contássemos nossas histórias do BUD/S. Eu me sentia como uma "celebridade". Parece-me estranho lembrar disso, hoje em dia. Eles eram candidatos a oficiais provenientes da escola militar mais prestigiosa do Exército, e engraxavam

minhas botas de praça alistado E-5, apenas para que eu lhes falasse sobre o BUD/S. Eu nem mesmo era um SEAL, ainda; e jamais havia participado de um combate real. Mas os rapazes de West Point ficavam absolutamente fascinados com as nossas histórias. Se as coisas continuassem daquela maneira, logo teríamos de nos mudar para um alojamento maior, pois sempre havia muitos sujeitos à nossa volta, ansiosos para ouvir o que tínhamos para contar.

Ao final do treinamento da Aerotransportada, nós havíamos feito cinco saltos estáticos, chamados de "saltos de fantoches", pois os paraquedas se abriam automaticamente, tão logo abandonássemos o avião, sem que nenhuma corda precisasse ser puxada. Mesmo assim, aquilo era real; e era muito divertido. Mas a verdadeira diversão ainda estava para começar.

6.
SEAL Team Two

Após o término do treinamento na Aerotransportada, apresentei-me à minha equipe SEAL. As equipes de números ímpares (Um, Três e Cinco) eram sediadas na costa oeste, em Coronado, na Califórnia; enquanto as equipes de números pares (Dois, Quatro e Oito) ficavam na costa leste, em Little Creek, Virgínia. Embora existisse a altamente secreta "equipe Seis" do SEAL, eu nada sabia a seu respeito. Apresentei-me à "equipe Dois" — o SEAL Team Two —, em Little Creek.

Durante uma corrida na pista de obstáculos, numa quarta-feira, um SEAL de aproximadamente 60 anos de idade — ainda no serviço ativo —, correu conosco: tratava-se de Rudy Boesch. Achei que eu poderia "pegar leve", uma vez que não havia instrutores para gritar com a gente, ali. Ao final do percurso, Rudy separou todos que haviam terminado a prova depois dele.

— Encontrem-me aqui, esta tarde —, disse ele.

Naquela tarde, os "marchas-lentas" — entre os quais eu me incluía — tivemos de refazer todo o percurso da pista de obstáculos. Mesmo nas Equipes, valia a pena ser um vencedor. Tempos depois, eu me tornaria o homem mais rápido do Team Two no percurso da pista-O.

Rudy logo viria a servir como o primeiro consultor sênior do recém-formado Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos (USSOCOM; *United States Special Operations Command*), controlando unidades de operações especiais da Marinha, do Exército, da Força Aérea e dos Fuzileiros Navais (*Marines*), incluindo as subordinadas ao JSOC, tais

como o SEAL Team Six e a *Delta Force*. Após servir à Marinha por mais de 45 anos — a maioria dos quais como um SEAL — Rudy aposentou-se. Quando alcançou a casa dos 72 anos de idade, ele participou como competidor em um *reality show* da televisão, chamado *Survivor* ("Sobrevivente"), e ficou em terceiro lugar. Ele repetiu a dose aos 75 anos de idade!

Alguns sujeitos do Team Two haviam retornado de uma missão em um navio petroleiro — chamado *Hércules* —, uma das duas barcaças que estavam em operação no Golfo Pérsico. A ação deles fizera parte da "Operação Louva-a-Deus". Quando uma mina iraniana causou danos ao navio *USS Samuel B. Roberts*, uma das missões de que os SEALs foram incumbidos fora capturar uma plataforma petrolífera iraniana, a partir da qual eram lançados ataques contra navios que se encontravam no Golfo. Os SEALs planejaram utilizar um destróier da Marinha para disparar mísseis capazes de perfurar blindagens, para manter os iranianos de cabeças baixas. Seguindo-se ao ataque, os SEALs pousariam no heliporto da plataforma, tomando-a de assalto. Infelizmente, no destróier, alguém carregou os lançadores de mísseis com munição incendiária e altamente explosiva. Quando o destróier abriu fogo contra a plataforma, o fogo foi, literalmente, aberto. Em vez de manterem suas cabeças abaixadas, os iranianos apressaram-se a saltar da plataforma que ardia em chamas. Toda a estrutura superaqueceu-se de tal maneira que os SEALs não puderam pousar sobre ela, com seu helicóptero. Em poucos minutos, a plataforma derreteu-se e afundou no mar. O-ops...

Dick, Mike H., Rob e eu não havíamos participado dessa operação porque ainda estávamos treinando para poder fazê-lo, mas isto não nos impediu de participarmos da comemoração pelo retorno, em segurança, dos nossos companheiros. Ao término do dia de trabalho, deixamos o complexo do SEAL Team Two, saindo da base em Little Creek pelo Portão Cinco, e rumamos para um pequeno clube de *striptease*, chamado *Body Shop*. Devido ao fato de o *Body Shop* situar-se muito próximo do complexo do SEAL Team

Two, muitos de nós já havíamos passado algumas horas ali. O chefe da segurança do local era um sujeito novato, que estava substituindo Bob, um amigo e companheiro das Equipes SEAL. Um de nós pediu a ele:

— Um grupo de companheiros nossos acaba de voltar do Golfo Pérsico. Você poderia cumprimentá-los, ao microfone?

Assim ele o fez.

— Vamos todos dar um grande "muito obrigado" aos nossos combatentes norte-americanos, que acabam de retornar do Golfo Pérsico!

Aplausos e assobios dominaram a atmosfera do recinto. Nós nos cumprimentávamos, tocando ruidosamente nossas mãos espalmadas e pagando rodadas de cerveja, uns para os outros.

No fundo da sala, quatro homens tunisianos sentavam-se a uma mesa. Um deles disse, em voz alta, e em inglês fluente:

— Por que os Estados Unidos não se limitam a cuidar de sua própria vida?

Dick não se deu ao trabalho de contornar a passarela sobre a qual as garotas dançavam: saltando por cima dela, ele atravessou-a. Quando eu contornei a passarela e cheguei à mesa ocupada pelos quatro homens, Dick já havia imobilizado o "língua-solta", aplicando-lhe uma "gravata". Durante nossa breve altercação, os três amigos do "língua-solta" berraram interjeições enfáticas ao seu companheiro. Quatro de nós deixamos os quatro tunisianos amontoados, no canto da sala.

Quando nos aproximávamos da porta do clube, para sairmos dali, o novo segurança tentou nos impedir de fazer isso.

— Vocês começaram uma briga, aqui. Agora, não vão a lugar nenhum, antes de...

Nós o catapultamos sobre o balcão do bar.

À porta do clube, surgiu um policial. É provável que ele estivesse parado bem ali, na esquina, pois não fazia sequer cinco minutos desde que a briga começara.

— Vamos, cavalheiros. Vamos nos sentar, por um minuto.

Pensamos, conosco mesmos: "Esse sujeito deve ser legal."

O segurança havia-se recomposto, e atalhou nossa conversa:

— Esses sujeitos são SEALs, da Marinha. Eles entraram aqui e começaram a destruir o ambiente!

Oh, não! Ele pronunciou aquela palavra que começa com S...

Ato contínuo, o policial entrou em pânico, e começou a gritar em seu rádio de comunicação:

— SEALs da Marinha estão depredando o estabelecimento! Preciso que mandem reforços!

Nós estávamos sentados, conversando calmamente com ele. Aquilo já era suficiente. Levantamo-nos, para sair.

— Esperem! Vocês não podem ir a lugar nenhum!

Ignorando o policial, caminhamos em direção à porta da frente do clube. Lá fora, um mar de luzes giroscópicas azuis brilhava sobre nós, desde o pátio de estacionamento. O reforço solicitado incluía uma grande *van* da polícia, com as palavras "Unidade Canina" escritas nas laterais do veículo. Os primeiros policiais começaram a desembarcar de seus carros. Nós começamos a nos explicar.

O policial que estava dentro do clube atalhou nossa justificativa, mostrando-se subitamente arrogante.

— Sinto muito, mas terei de levar vocês comigo —, disse ele, agarrando Mike pela manga da camisa.

Dick acertou o queixo do policial com um cruzado de direita, pondo-o instantaneamente a nocaute.

Agora, policiais com cassetetes enfrentavam a nós quatro, que lutávamos de mãos vazias. Lutamos por dez ou quinze minutos. Na televisão, um golpe de cassetete pode derrubar um homem ao chão; mas os cassetetes que nos atingiam pareciam ricochetear. O cachorro da "unidade canina" da polícia avançou e mordeu Dick. Ele agarrou o cachorro pela cabeça, forçando-a para trás, rolou por cima do animal e mordeu-o, arrancando-lhe um tufo de pelos. O cachorro ganiu e fugiu dali.

Eu dava combate a dois policiais diante de mim, quando senti um leve golpe nas minhas costas. Virei-me, com o punho cerrado e o braço retraído,

pronto para desferir um soco, e deparei-me com uma pequenina policial feminina, que acabara de atingir-me com seu cassetete. Senti a pancada como se fosse a picada de um mosquito, em comparação com os golpes que os outros policiais desferiam. Notando que se tratava de uma mulher, em vez de socá-la, levantei-a do chão e atirei-a sobre o capô de seu carro.

Havia cerca de trinta policiais lutando contra nós quatro; e, afinal, perdemos. Eles nos algemaram, e nós lhes contamos nossa versão da história. Os quatro tunisianos haviam saído do *Body Shop* e desfiavam sua retórica antiamericanista, a plenos pulmões. Então, foi a vez da polícia ficar "louca da vida" com o primeiro policial que se dirigiu a nós.

— O que é que você estava pensando? Você está maluco!?

Mas, o que estava feito, estava feito. Nós havíamos agredido policiais. Eles nos separaram e nos colocaram nos bancos traseiros de seus carros. A policial feminina enfiou um papelzinho dobrado no bolso da minha camisa, no qual estava escrito o número de seu telefone.

— Ligue para mim, qualquer hora dessas...

No distrito policial, eles instauraram um processo contra nós e nos cientificaram da data do julgamento. Nosso comandante foi informado do ocorrido, e os policiais não permitiram que saíssemos dali senão até que um motorista do SEAL Team Two viesse nos apanhar.

Quando chegou o dia de comparecermos ao tribunal de justiça, temi pelo meu emprego. Todos nós ainda éramos novatos nas Equipes SEAL, e esperávamos que nossas carreiras fossem arruinadas. Na primeira fileira de cadeiras na sala da corte sentavam-se vários policiais, usando coletes cervicais. Um deles tinha um braço engessado. Outro, caminhava apoiando-se numa bengala. Todos pareciam maltrapillhos — enquanto nós, envergando nossos uniformes azuis, parecíamos trajados para uma ocasião de gala.

Eleito pelos meus companheiros para ser o porta-voz do grupo, eu contei ao juiz a nossa versão do evento. As pessoas presentes ao tribunal pareciam mostrar-se simpáticas a nós, devido ao que acontecera e ao modo como acontecera. O juiz perguntou:

— Por que três desses homens levados à detenção foram quase imediatamente liberados, enquanto o suboficial [Dick] não foi liberado senão horas depois?

O policial da "unidade canina" respondeu:

— O cachorro mordeu-o, e nós tivemos de levá-lo a um médico, para que lhe fosse aplicada uma injeção.

— Quanto tempo isso poderia ter demorado? —, perguntou o juiz.

— Bem, meritíssimo, ele também mordeu o meu cachorro. Então, tive de levar o animal a um veterinário, para que tomasse uma injeção...

Todo o recinto do tribunal, detrás de nós, pareceu irromper numa gargalhada.

O policial da "unidade canina" explicou-se:

— Meritíssimo, na verdade, isto não é engraçado. Levei meses para treinar aquele cachorro; e ainda dedico dezesseis horas mensais à manutenção de seu treinamento. Porém, desde que o suboficial [Dick] o mordeu, ele se recusa a fazer seu trabalho...

A gargalhada coletiva prorrompeu num verdadeiro pandemônio.

O juiz bateu seu martelo, vociferando "Ordem! Ordem no tribunal!", até que — com exceção de alguns risinhos abafados, vindos das últimas fileiras — a ruidosa manifestação cessou.

— Agora, vocês quatro, aproximem-se da mesa —, disse-nos o juiz.

Xiii... Perdemos nossas carreiras. Vamos diretamente para a cadeia. Não vamos mais receber nossos duzentos dólares... Nós estávamos realmente temerosos.

O juiz inclinou-se para frente e nos disse, calmamente, em voz baixa:

— Cavalheiros, vou creditar este episódio ao vigor da juventude e ao seu patriotismo. Mas não me obriguem a vê-los neste tribunal, outra vez.

Ouvi os aplausos da corte, atrás de mim.

Fazendo meia-volta, encarei os policiais sentados na primeira fileira. Parecia que ladrões haviam roubado suas casas. A caminho da saída, passei por um policial que usava um colete cervical e por aquele que portava uma

bengala. Ao passar pelo policial que tinha seu braço engessado, pisquei um olho para ele. Assim, saímos do tribunal.

De volta ao complexo do SEAL, relatamos o ocorrido ao capitão do Team Two, Norm Carley — um católico baixinho, de ascendência irlandesa, graduado pela Academia Naval e primeiro oficial-executivo (o segundo homem na hierarquia; subordinado apenas ao oficial-comandante) do SEAL Team Six. O capitão do SEAL Team Two havia recentemente retornado da "Operação Louva-a-Deus", no Golfo Pérsico. Ele olhou para nós, em silêncio, por um momento; então, disse:

— Houve um tempo em que nós costumávamos sair e brigar um bocado com os tiras. Estes dias estão rapidamente chegando ao fim. A vida militar está mudando...

Ele nos dispensou, mas sua profecia não demorou a se revelar acertada: a moderna vida militar mudou, mesmo. No dia 31 de março de 2004, Ahmed Hashim Abed, um terrorista iraquiano ligado à Al Qaeda, orquestrou uma emboscada a um comboio de caminhões que não transportavam carga, tendo conseguido roubar apenas algum equipamento de cozinha da 82.ª Divisão Aerotransportada do Exército. Abed e seu bando de terroristas mataram quatro guardas da Blackwater; então, queimaram os corpos, mutilaram-nos, arrastaram-nos pelas ruas e dependuraram dois deles em uma ponte sobre o rio Eufrates. Um desses quatro guardas assassinados era o ex-SEAL Scott Helvenston. No dia 1.º de setembro de 2009, os SEALs capturaram Abed. Na ocasião, três SEALs foram enviados para cortes marciais, por haverem — supostamente — partido-lhe um lábio. Embora os três SEALs tenham sido posteriormente absolvidos, tal acusação jamais deveria ter chegado ao nível de uma corte marcial. Se os SEALs tivessem simplesmente matado Abed, nada poderia ter sido feito. É muito difícil arranjar assistência jurídica quando se está morto.

No mesmo edifício do *Body Shop*, há uma loja da *7-Eleven*. Minha casa ficava a pouco mais de três quilômetros de distância. Certa noite, após o jantar, quando Blake ainda contava apenas quatro anos de idade, fui de carro com ele à loja da *7-Eleven*, por volta das sete horas da noite, para comprar

leite e pão. Ao mesmo tempo em que eu estacionava, Smudge estacionou sua caminhonete Ford Bronco, montada sobre rodas enormes e uma suspensão robusta, ao nosso lado. Havíamos nos tornado amigos quando integrei o Pelotão Foxtrot, do SEAL Team Two, em sua companhia. Smudge veio ao nosso encontro e, como de costume, apanhou Blake do meu colo e deu-lhe um abraço.

Enquanto ele segurava Blake, eu disse:

— Vou apenas dar um pulinho na loja para comprar leite e pão. Volto já.

Quando saí da loja com as compras, os dois haviam desaparecido. Olhei na direção do *Body Shop*. A namorada de Smudge era uma das *strippers* da casa. *Ah, não! Ele não faria isso!* Quando corri até a entrada, o chefe da segurança me cumprimentou:

— Boa noite, Howard.

— Olá, Bob —, respondi. — Preciso saber se meu filho está aqui.

Ele sorriu, deixando-me entrar sem que eu tivesse de pagar pelo ingresso.

Dentro do clube, quase todo o ambiente estava às escuras, exceto pelo palco central, onde uma dançarina balançava seus atributos. Smudge sentava-se a uma mesa, com os pés apoiados sobre a borda do palco, tendo Blake sentado em seu colo. A namorada de Smudge — em *topless* — estava em pé, ao lado deles, com o corpo inclinado para frente, fazendo correr seus dedos pelos cabelos de Blake e beliscando-lhe suavemente as bochechas.

— Você é um garoto muito bonitinho!

Seus seios eram tão grandes que me admirou o fato dos olhos do meu filho não haverem saltado para fora das órbitas.

Arrebatei Blake do colo de Smudge, gritando com ele enquanto saía:

— Cara, você é louco? Você quer que eu seja morto?!

Ele parecia não compreender a natureza do problema.

— Eu só quis apresentá-lo à Cassandra...

Acomodei Blake dentro do carro e tentei interrogá-lo, a caminho de casa.

Isto vai ser uma coisa, mesmo! Smudge é um dos meus melhores amigos, e ele adora o Blake. Mas, se Laura descobrir alguma coisa a respeito disto, jamais permitirá que Smudge volte a se aproximar do meu filho!

Em casa, para minha sorte, Laura estava ocupada com o serviço na cozinha. Levei Blake ao seu quarto e o entretive com seu videogame de "caça ao pato". Então, fui guardar o pão e o leite que trouxera da *7-Eleven*. Na sala de estar, estudei algumas ordens de operações e manuais de treinamento do SEAL, como costumava fazer; mas fiquei de olho no relógio, esperando pela hora de colocar Blake para dormir. Se eu pudesse botá-lo na cama, estaria livre de preocupações, até a manhã seguinte. Normalmente, era eu quem o colocava para dormir, à noite; e, quando chegou a hora de ir para a cama, naquela noite, fiz questão de levá-lo de volta ao seu quarto e de me assegurar de que ele dormiria, mesmo. Dias depois, Laura, Blake e eu passamos de carro diante do *Body Shop*, a caminho do complexo do SEAL Team Two. *Santo Deus! Será que a visão desse lugar vai fazer com que Blake diga alguma coisa a Laura? "Ei, eu vi uns peitões, lá dentro!"* Mesmo depois de passadas duas semanas do episódio, eu ainda estava preocupado. Felizmente, Blake jamais proferiu uma só palavra sobre o que houvera, senão até contar doze ou treze anos de idade. E eu jamais voltei a pisar no *Body Shop*.

A primeira vez que Blake experimentou um gole de cerveja, foi um sujeito da Equipe quem o ofereceu a ele. Quando ele ficou mais velho, todos saíamos para jogar golfe, juntos. Blake recebeu suas primeiras "lições" sobre como dirigir um automóvel pilotando um carrinho de golfe, em companhia de um dos meus amigos beberrões — tendo esbarrado em todas as árvores ao redor do campo de golfe. Tempos depois, Blake me diria: "Algumas das melhores coisas de que me lembro, do tempo em que vivíamos em Virgínia, aconteceram em companhia de vários daqueles sujeitos". Aqueles sujeitos eram os "tios" dele; integrantes da Equipe SEAL, que ouviam "The Boys Are Back in Town", do Thin Lizzy, e, às vezes, permitiam que ele fizesse coisas que não deveria fazer.

Após alguns meses de marasmo, cumprindo tarefas esporádicas no complexo do SEAL Team Two, fui convocado para o treinamento avançado de táticas de combate no mar, no ar e em terra, conhecido como Treinamento Tático SEAL (*SEAL Tactical Training*; STT) Enquanto o foco principal do BUD/S era a seleção do pessoal ***e*** o treinamento dos

sobreviventes, o STT concentrava-se principalmente no treinamento. Durante os seis meses do STT, somente dois homens foram descartados, devido ao seu desempenho insatisfatório. Aprendemos os detalhes mais avançados de combates subaquáticos e terrestres, incluindo o combate a curta distância (*close-quarters combat*; CQC). [Para saber mais sobre o treinamento avançado após o BUD/S, leia o livro de Dick Couch, *The Finishing School*; "A Escola de Aperfeiçoamento".]

Quando completei o STT, o capitão do SEAL Team Two, Norm Carley, surgiu com um punhado de emblemas de tridentes e espetou um deles no meu peito. O emblema do tridente é composto por uma águia segurando, com suas garras, uma âncora da Marinha norte-americana, um tridente e uma pistola. Como a águia se parece muito com o desenho da logomarca da cerveja Budweiser, nós costumávamos nos referir ao tridente como "o Budweiser". Tanto os oficiais quanto os praças alistados usavam o mesmo emblema dourado — a despeito da prática comum da Marinha de permitir que os praças usassem apenas condecorações prateadas. Cerrando seu punho, o capitão aplicou-me um murro no peito, sobre o emblema. Depois, cada um dos integrantes do pelotão deu-me um murro, também. O tridente literalmente cravou-se no meu peito; tão profundamente que o suboficial que nos liderava teve de desincrustá-lo da minha pele. A marca, porém, permaneceu visível, por várias semanas. Agora, eu podia — oficialmente — "brincar com os meninos grandes".

O comandante do primeiro pelotão que integrei chamava-se Burt. Na Marinha, um "padrinho do mar" é alguém que toma para si a responsabilidade de ser o mentor de um marinheiro. Na verdade, eu jamais tive um "padrinho do mar", porque recebi aconselhamento — tanto tático, quanto em nível pessoal — de um grande número de pessoas; mas tenho uma dívida de gratidão para com Burt, por haver me incluído em seu pelotão de táticas de guerra no inverno, tão logo eu concluí o STT. Espera-se que os SEALs tenham servido em um pelotão regular, antes que venham a integrar um pelotão de inverno, mas Burt demonstrou confiar em mim, desde o princípio.

Tal como cerca de 50% dos oficiais SEALs — uma porcentagem extremamente elevada em qualquer outro ramo da carreira militar —, Burt fora um praça alistado, antes de se tornar um oficial. Homens como ele são os que chamamos de "cavalos selvagens"; e é provável que este seja o motivo pelo qual gosto tanto dele. Ele jamais nos pedia para fazer algo que ele mesmo não fosse capaz de fazer. Ele era excelente ao criar o detalhamento das missões, extremamente meticuloso na descrição das ordens e um avaliador preciso dos resultados possíveis de uma operação. O homem era, em suma, um grande facilitador, e um diplomata. Burt adorava o clima invernal — que fazia com que usássemos esquis, botas de alpinismo para neve e todo o restante do equipamento — e liderava as equipes na utilização de equipamento bélico para o inverno de alta tecnologia. A título de exemplo, fomos nós quem testamos e avaliamos o equipamento expedicionário *Gore-Tex*.

O segundo-em-comando de Burt era Mark, um sujeito com mais de 1,83 m de altura. Os pais de Mark eram imigrantes, provenientes de um dos países-satélites da União Soviética. Modesto, ele não costumava contar a todo mundo que havia se graduado pelo MIT e que falava fluentemente russo, tcheco, polonês e alemão. A "margem de segurança" de sua discrição estendia-se infinitamente. Embora altamente inteligente e poliglota, ele jamais falava conosco de maneira derrisória. Mark era capaz de criar planos excepcionais — e de explicá-los de maneira simples e clara, para que todos pudessem compreendê-los. Ao falar, ele sussurrava ligeiramente — sonoridade que nós gostávamos de imitar, durante as sessões de detalhamento de missões, para caçoar dele. Depois que o trabalho estivesse terminado, porém, bastava dar a Mark dois drinques e "cercá-lo" com uma garota bonita de cada lado para que sua fala se tornasse completamente incompreensível.

No SEAL Team Two, éramos submetidos, a cada dia da semana, a um treinamento físico diferente, sempre realizado em equipe. Às quartas-feiras, íamos para a pista-O; nos outros dias da semana, nós mesmos comandávamos o nosso PT. Alguns sujeitos dedicavam os dias a jogar

basquetebol ou, simplesmente, a "vagabundear"; mas Mark insistia em fazer-nos "queimar as gorduras" em longas sessões de corrida, natação e — novamente — corrida, ou qualquer outra forma de "tortura". Ele mesmo corria como uma "gazela", e nadava como um "peixe" — o que fazia com que aqueles, dentre nós, que não conseguiam acompanhar seu ritmo passassem a odiar a vida que levavam, embora gostássemos muito de trabalhar ao lado de Mark.

No SEAL Team Two, comecei a ouvir boatos a respeito de um certo SEAL Team Six. Após a fracassada tentativa de resgate dos reféns norte-americanos na Embaixada dos Estados Unidos no Irã, em 1980, a Marinha pediu a Richard Marcinko para que criasse uma equipe exclusivamente dedicada ao combate antiterrorismo. Como seu primeiro oficial-comandante, Marcinko batizou a nova equipe de SEAL Team Six. Para sua formação, ele recrutou principalmente homens que integravam as duas unidades antiterroristas dos SEALs: a *Mobility Six* (MOB Six), uma ramificação do SEAL Team Two, na costa leste; e o "Pelotão Eco" (*Echo Platoon*), do SEAL Team One, da costa oeste. Esses homens usavam trajes civis e cabelos mais longos, além de terem permissão para ostentar bigodes e barbas não regulamentares. Os oficiais e praças alistados dirigiam-se uns aos outros pelos primeiros nomes ou por seus apelidos, dispensando o emprego de saudações militares. Eles especializavam-se no resgate de reféns de navios, plataformas de petróleo e outras instalações marítimas; e, além disso, serviam como assistentes de segurança em bases militares e embaixadas. Mas, acima de tudo, o Team Six também proporcionava o apoio necessário a operações da CIA.

O "batismo de fogo" do Team Six aconteceu em 1983. Depois que ativistas comunistas — ligados a Cuba e à União Soviética — depuseram o governo de Granada com um sangrento golpe de Estado, os Estados Unidos lançaram a "Operação *Urgent Fury*" ("Fúria Urgente"), para restaurar o governo daquela ilha no Mar do Caribe. Como apoio à operação, doze atiradores do SEAL Team Six foram lançados de paraquedas ao largo da

costa de Granada. Esta primeira missão foi particularmente espinhosa, ao menos por três motivos. Primeiro, embora o SEAL Team Six tivesse sido exaustivamente treinado em várias táticas de combate antiterroristas, seus homens ainda não haviam recebido treinamento para saltos noturnos sobre a água — coisa ainda mais difícil de realizar quando botes são necessários. Uma espécie de missão que, provavelmente, seria melhor cumprida pelo SEAL Team Two — que estava de prontidão —, foi, em vez disso, designada ao SEAL Team Six. Segundo, porque a inteligência deixou muito a desejar. A missão foi planejada sem levar-se em conta a economia de horas de luz do dia; como resultado disto, a diferença de uma hora fez com que um salto que poderia haver ocorrido em plena claridade se transformasse em um salto noturno, numa noite em que sequer havia luar. Ninguém, tampouco, preveniu os homens do SEAL Team Six quanto às ondas de três metros de altura, os ventos fortíssimos e a chuva pesada. Terceiro, talvez devido ao fato de os pilotos da Força Aérea não possuírem experiência com saltos sobre a água, o segundo avião lançou os SEALs no ponto errado, muito distante de todo mundo.

Como resultado, quando os doze homens atingiram a água, o vento continuou a inflar seus paraquedas, arrastando-os. Com excesso de equipamento e sem capacidade de flutuação adequada, os SEALs estavam naufragando. Embora eles houvessem treinado com paraquedas de alta tecnologia, durante a missão real foram utilizados os antigos paraquedas MC-1. Os sujeitos tiveram de lutar por suas vidas, tentando impedir que os paraquedas os arrastassem para um túmulo no oceano. Sem luzes, conseguir reunir todos em um único grupo era tarefa impossível. Um dos SEALs gritou, até esgotar seus pulmões, e disparou ao menos três vezes para o alto, mas ninguém conseguiu chegar até ele. No total, quatro SEALs desapareceram. Os sobreviventes buscaram por eles, mas jamais puderam encontrar seus companheiros: Kenneth Butcher, Kevin Lundberg, Stephen Morris e Robert Schamberger. Apesar de desolados, os SEALs ainda tinham uma missão a cumprir.

Helicópteros *Black Hawk* fizeram incursões, por uma hora, no lusco-fusco da manhã, sobre a mansão governamental, tentando resgatar o governador-geral, Paul Scoon. Balas disparadas por aeronaves soviéticas rasgavam o céu, deixando rastros de fumaça verde. A bordo de um dos helicópteros, quinze SEALs amontoavam-se, aparentando calma — até que as balas inimigas começaram a abrir buracos na fuselagem. Denny "Snake" ["Serpente"] Chalker e os outros que jamais haviam estado em combate, deixaram cair os seus queixos, desfazendo suas expressões impassíveis. O oficial-encarregado, Wellington T. "Duke" Leonard — um SEAL veterano do Vietnã —, Bobby L., Timmy P. e J.J. sorriram. "Que tal é a sensação de estar sendo alvejado por fogo inimigo?" Após um momento tenso, Denny e os outros rapazes sorriram, também. Afinal, o que mais eles poderiam fazer? O helicóptero do comando, que transportava o oficial-comandante dos SEALs, Bob Gormly (o substituto de Richard Marcinko), recebeu a maior carga de fogo inimigo e teve de abandonar a formação, para tentar retornar ao porta-aviões, antes que despencasse irremediavelmente do céu.

O helicóptero em que estavam Duke e Denny pairou no ar, a cerca de trinta metros do solo, na frente da mansão, enquanto outro pairava sobre a quadra de tênis, nos fundos. Um dos pilotos fora atingido, mas continuava a voar. Fogo de fuzis AK-47 provinha da mansão, atingindo as aeronaves. Um dos SEALs projetou seu corpo para fora do helicóptero e revidou os tiros. Rich fora atingido, mas o intenso afluxo de adrenalina em seu corpo não permitiu que ele se apercebesse disso. Denny chutou um rolo de corda para fora do helicóptero e desceu por uma "corda rápida" na área dos fundos da mansão, debatendo-se em meio a galhos de pinheiros durante a descida. Duke e os outros homens desceram logo depois dele, lutando contra os galhos que Denny não havia quebrado.

Quando Denny aproximou-se da mansão, um AK-47 abriu fogo em sua direção. Denny não atirou com seu fuzil de assalto CAR-15 (o precursor do M-4) até que pudesse identificar o alvo — que tratava-se do próprio governador Scoon. Duke, que portava uma escopeta, rendeu e desarmou o governador. Os rapazes invadiram e vasculharam a mansão, mas apenas o

governador e sua família se encontravam no interior da mesma. Eles estabeleceram e asseguraram um perímetro, enquanto RPGs — granadas lançadas por meio de lançadores de foguetes — varavam o telhado da residência, sem explodir.

O rádio de comunicação por satélite (SATCOM) de que dispunham havia sido levado de volta, a bordo do helicóptero avariado; assim, além de terem sua capacidade comunicação comprometida, os homens também tinham de preocupar-se em economizar as baterias de seus rádios portáteis. Duke disse a todos:

— Não abram fogo contra ninguém, a menos que ocorra uma invasão do perímetro.

Eles não desejavam dar início a um combate que não poderiam terminar, e o resgate do governador era a prioridade.

Quando a noite começou a cair, trinta combatentes inimigos e quatro veículos blindados soviéticos de transporte de pessoal (BTR-60PBs; com oito rodas) cercaram a mansão. Duke usou o seu pequeno rádio portátil MX-360 para entrar em contato com o mestre-líder Dennis Johnson, no aeródromo de Port Salines. O mestre-líder repassou a requisição de Duke a um bombardeiro AC-130 que sobrevoava as imediações:

— Executem uma varredura de fogo num ângulo de 360º em torno da mansão.

O *Spectre* acionou sua arma de 40 mm: "blup, blup". As explosões resultantes aniquilaram os inimigos, exceto por dois homens que conseguiram escapar. Em seguida, os rádios MX-360 esgotaram suas baterias, e Duke usou o telefone do governador para manter as comunicações.

Dois cubanos, armados com fuzis AK-47, aproximaram-se, vindo pelo caminho diante da mansão. Eles ergueram suas armas; então, os rapazes abriram fogo — com uma escopeta, fuzis CAR-15, uma metralhadora ligeira Heckler & Koch 21, metralhadoras M-60 e um rifle .50 RAI 500 (*Research Armament Industries*, modelo 500), para atiradores de elite. Um dos cubanos

ainda tentou escapar, pulando por sobre um muro; mas tanto ele quanto o seu camarada foram, literalmente, cortados ao meio.

Na manhã seguinte, *marines* da Força de Reconhecimento auxiliaram na retirada dos SEALs, do governador e de sua família. Eles avistaram os destroços queimados de armas e veículos de transporte, bem como manchas de sangue, onde o Spectre disparara — mas alguém havia removido dali todos os corpos. Durante a retirada, os SEALs encontraram uma bandeira granadina hasteada e substituíram-na pela bandeira do SEAL Team Six, que alguém sempre trazia consigo, para ocasiões como aquela. Mais tarde, os rapazes hasteariam a bandeira granadina na base do SEAL Team Six, ao retornarem para lá. Toda a comitiva dirigiu-se a uma zona de pouso, de onde um helicóptero procedeu à evacuação de todos.

Em outra missão em Granada, doze SEALs, liderados pelo tenente Donald Kim Erskine, voaram em um helicóptero até a emissora de rádio local, cujas instalações eles deveriam proteger, para que o governador Scoon pudesse ser levado até ali e transmitisse uma mensagem à população da ilha. Enquanto ainda estava no ar, o helicóptero que transportava os SEALs recebeu fogo de armas leves; mas, quando pousou, o inimigo já havia abandonado a estação de rádio. Os homens de Erskine tiveram problemas com seus próprios rádios e não conseguiram estabelecer contato com o posto de comando, pois alguém havia alterado a frequência de comunicações sem avisar aos SEALs.

Eles estabeleceram um perímetro defensivo, pouco antes da chegada de um caminhão que transportava vinte soldados inimigos. Os SEALs ordenaram aos homens que depusessem suas armas, mas eles se recusaram a fazer isso. Então, os rapazes abriram fogo contra eles, usando cerca de um terço da munição de que dispunham, matando dez combatentes inimigos. Os dez homens restantes foram capturados e aprisionados dentro do edifício da emissora de rádio, e os SEALs usaram a maior parte dos suprimentos de primeiros socorros que eles carregavam para cuidar dos feridos. Nenhum dos SEALs havia sofrido ferimentos.

Um BTR-60PB e três caminhões subiram a colina, rumando para a estação de rádio. Entre quarenta e cinquenta soldados inimigos saltaram dos veículos. O oficial cubano açoitava os traseiros de seus homens com um bastão de comando: "Ataquem!" Erskine e seus rapazes defendiam-se no interior do prédio. O inimigo tentava cercá-los pelos flancos, enquanto o BTR dirigiu-se à entrada da frente e abriu fogo, com seu canhão de 20 mm. As balas do canhão perfuravam o concreto das paredes do edifício como se estas fossem feitas de papel.

Um dos SEALs acoplou uma arma de assalto RAW (*Rifleman's Assault Weapon*) — um lançador de foguetes ou granadas — sobre o cano de seu fuzil CAR-15 e puxou a trava de segurança do lançador. Ele mirou o BTR e puxou o gatilho de seu fuzil, fazendo com que o tiro lançasse o foguete. Quase um quilo de explosivo de alta potência atingiu o BTR com precisão.

Com a munição esgotando-se e diante do poder de fogo enormemente superior do inimigo, Erskine e seus SEALs armaram suas cargas explosivas na estação de rádio e correram para escapar pela saída nos fundos do prédio. Mesmo com o inimigo partindo imediatamente em seu encalço e cercando-os por ambos os lados, Erskine calmamente liderou seus homens em uma fuga alternada através de um campo aberto — e mortalmente perigoso — até a praia. Ele e metade dos homens jogaram-se ao chão e atiraram contra os inimigos, enquanto os homens restantes batiam em retirada. Então, o primeiro grupo de homens a empreender a retirada lançava-se ao solo e dava combate ao inimigo, enquanto Erskine e seus atiradores retiravam-se. As balas choviam sobre eles, e uma delas explodiu o cantil de Erskine. Embora medisse mais de 1,80 m e pesasse quase cem quilos, Erskine foi derrubado pelo impacto. Os integrantes de seu esquadrão o acompanharam, lançando-se ao chão. Todos viraram-se de frente para o inimigo, revidando-lhe o fogo, para que os outros homens se retirassem. Enquanto os rapazes alternavam-se na retirada, um segundo tiro arrancou o salto de uma das botas de Erskine, fazendo-o cair. Quando ele se levantou para correr, uma bala ricocheteou em um dos pentes de munição que ele carregava em seu cinturão, atirando-o ao chão, outra vez. O quarto tiro a alvejá-lo foi mais

impiedoso, arrancando um pedaço do cotovelo direito de Erskine e, literalmente, levantando-o do chão, antes de fazê-lo desabar sobre a poeira. Ele sentiu como se todo o seu braço tivesse sido dilacerado. No limite do campo aberto, os rapazes saltaram por sobre uma cerca e rastejaram em meio a uma vegetação mais densa. Quando contava seus homens, Erskine enfrentou o pior pesadelo de um líder SEAL: havia um homem a menos. Porém, os SEALs avistaram seu companheiro. Erskine e seus homens atiraram contra o inimigo, dando cobertura ao homem que arrastava penosamente o rádio SATCOM inoperante através do campo.

— Abandone o rádio! —, gritou-lhe Erskine.

O homem livrou-se do equipamento e, com sua pistola SIG SAUER 9 mm, disparou vários tiros contra as partes que faziam funcionar o sistema de criptografia do rádio. Depois, ele correu para se juntar aos seus companheiros.

Todos correram em meio a um emaranhado de vegetação que os ocultava da visão do inimigo. Embora tivessem matado alguns de seus oponentes, os SEALs ainda estavam em menor número e praticamente já não tinham munição em seus fuzis. Os homens seguiram em frente, descendo por uma trilha, até encontrarem o oceano; mas, caso nadassem mar adentro, eles se tornariam alvos fáceis para os soldados que os perseguiam. Erskine, então, disse aos rapazes:

— Livrem-se de tudo, exceto de seu equipamento básico, e nadem paralelamente à praia.

Os homens abandonaram seus fuzis, mochilas e quase tudo que carregavam, exceto suas pistolas e a munição correspondente, e seus *kits* F&E ("fuga e evasão"). Nadando ao longo da praia, os SEALs encontraram abrigo junto a alguns penhascos encimados por uma grande laje de pedra, que impedia que eles pudessem ser avistados pelos inimigos.

As forças amigas, não sabendo que eles ainda estavam vivos, lançaram um bombardeio sobre os "caras maus", bem próximo da posição ocupada pelos SEALs. Eles tiveram de esperar até que o inimigo recuasse e, então, nadar para o mar aberto, às 3h. Os SEALs permaneceram na água por seis

horas, até serem avistados por um avião de resgate, que enviou um navio da Marinha para apanhá-los. Àquela altura, os rapazes não dormiam havia 48 horas. Depois de assegurar-se de que todos os seus homens haviam sido recolhidos pelo navio, Erskine desmaiou. Mais tarde, ele recuperou-se; e a Marinha o condecorou com a Estrela de Prata.

Em 1985, terroristas ligados à OLP (Organização para a Libertação da Palestina) sequestraram o navio de cruzeiro *Achille Lauro* e mataram o passageiro Leon Klinghoffer. Os terroristas buscaram abrigo no Egito, e quando o governo daquele país colocou-os a bordo de uma aeronave que os levaria ao quartel-general da OLP na Tunísia, caças da Marinha norte-americana interceptaram o avião e forçaram-no a pousar em uma base da OTAN, na Itália. O SEAL Team Six cercou a aeronave com os terroristas ainda na pista de pouso, mas os italianos impediram que os SEALs tomassem o avião, exigindo que os cinco terroristas fossem entregues aos seus cuidados. Após uma breve altercação entre os SEALs e as autoridades militares e policiais italianas, os Estados Unidos concordaram em entregar os terroristas à Itália. Infelizmente, o governo italiano concedeu liberdade ao líder deles, Abu Abbas (que seria capturado no Iraque, em 2003). Embora os outros terroristas tenham sido presos, um deles conseguiria obter um indulto e aproveitaria a oportunidade para fugir (apenas para ser recapturado, mais tarde, na Espanha). Tempos depois, outro terrorista obteria a liberdade condicional e desapareceria da Itália.

Em 1989, o SEAL Team Six foi enviado ao Panamá para capturar o ditador e narcotraficante Manuel Noriega. Noriega tentou se esconder em uma igreja católica; mas, sem possibilidades de abandonar o país, afinal, rendeu-se.

Granada, o *Achille Lauro* e o Panamá foram apenas três das operações desempenhadas pelo SEAL Team Six, antes que eu viesse a integrá-lo.

Fui enviado pela primeira vez ao exterior, com o SEAL Team Two, para Machrihanish, Escócia — terra dos meus ancestrais (pelo lado materno) Kirkland, que mudaram seu nome para Kirkman, quando emigraram para

os Estados Unidos. Foram os escoceses que deram a Smudge seu apelido, tomado de empréstimo a um famoso jogador de futebol inglês. Em companhia de alguns dos rapazes locais, fomos visitar um museu de *tartan* — um tecido de lã, com o qual são confeccionados aqueles saiotes, chamdos *kilts*, tradicionalmente usados pelos escoceses —, em Edimburgo, onde descobri que o meu clã era proveniente das "terras altas", ou *Highlands*.

Smudge começou a me provocar quanto à descoberta do meu *tartan*:

— Uau! O Howard é o *Highlander*!

— É! Só pode existir um —, exclamei.

Na Escócia, nós treinamos conjuntamente ou interagimos com várias unidades de operações especiais estrangeiras: o Serviço Náutico Especial inglês, o *Commando Hubert* francês, os Nadadores de Combate alemães (*Kampfschwimmer*), a Patrulha Costeira sueca (*Kustjägarna*), o Comando de Patrulha da Marinha norueguesa (*Marinejegerkommandoen*), e muitas outras. Durante um exercício de infiltração em um porto, na Alemanha, eu troquei uma caixa das minhas MREs por uma quantidade equivalente da ração recebida pelos integrantes do *Commando Hubert*. A criação desta unidade de "comandos" homens-rã, durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu o auxílio inestimável de um oficial naval chamado Jacques-Yves Cousteau — que todo o mundo viria a conhecer, quando passou a produzir uma longa série de programas de televisão sobre o mundo submarino. As rações francesas incluíam garrafas de vinho, queijo e patê. Fiquei encantado ao saber o quanto eles apreciavam a nossa comida, desidratada e congelada, e o nosso café instantâneo *Maxwell House*, ao qual basta acrescentar água. Quando retornei às barracas, na Escócia, quase todo mundo implorava para que eu lhes desse um pouco do meu vinho, do queijo e do patê.

Como treinamento de táticas de guerra no inverno, desfrutei — por mais de um mês — da divertida companhia dos homens da Patrulha Costeira sueca, que desempenham missões de reconhecimento de longo alcance, ações de sabotagem e assaltos contra os inimigos que invadem as águas territoriais de seu país. Embora todos os jovens suecos do sexo masculino tenham de prestar o serviço militar por um ano, apenas alguns deles tentam

se tornar membros efetivos da Patrulha Costeira. Durante o período da Guerra Fria, a União Soviética representava a maior ameaça à soberania sueca.

Burt, DJ, Steve e eu voamos para Estocolmo, a capital da Suécia, onde igrejas históricas, palácios e castelos misturam-se a parques verdejantes e canais, justificando a fama da cidade como a "Veneza do Norte". Os edifícios mais modernos mesclam uma arquitetura ecológica à alta tecnologia e máxima funcionalidade. Nossos anfitriões nos hospedaram em um hotel maravilhoso. Certa tarde, quando voltávamos de um treinamento, vimos um sujeito muito magro, baixinho e com os cabelos espetados, no *lobby* do hotel. Havia mulheres lindas, com longas pernas, sentadas sobre cada um dos joelhos dele — além de outra, que aninhava-se em seu colo. *"Quem é aquele cara?"* Dois de nós nos aproximamos mais, para ver de quem se tratava: era Rod Stewart. Há esperança para os sujeitos feios, de qualquer lugar do mundo: tornem-se astros do *rock*!

Na manhã seguinte, Burt nos levou em um carro alugado até uma balsa, para que atravessássemos uma porção de água e pudéssemos dirigir até a base da Patrulha Costeira, em Berga, na Corporação Anfíbia Sueca, Primeiro Regimento da Marinha (*Första Amfibieregimentet*, AMFI). Nossas primeiras operações foram iniciadas no arquipélago de Estocolmo. Composto por milhares de ilhas, este é um dos maiores arquipélagos do Mar Báltico. Meu parceiro e eu remávamos um caiaque com dois lugares, leve e dobrável, não metálico, de ilha em ilha, à procura de submarinos soviéticos. Eu usava óculos escuros *Vuarnet* — assim chamados em homenagem ao atleta francês que conquistou o ouro olímpico na modalidade de esqui alpino — para proteger meus olhos do reflexo ofuscante da luz do sol sobre a neve. Nós desembarcávamos sobre as ilhas e as vasculhávamos em busca de qualquer sinal de atividade humana, fazendo um jogo de "gato e rato" com os soviéticos. Remar aquele caiaque de uma ilha para outra, carregando todo o nosso equipamento, sob temperaturas tão baixas era trabalho duro.

Após quase uma semana, embarcamos junto com os homens da Patrulha Costeira em um comboio de ônibus. Eles traziam sacos e mais sacos de

comida para dentro dos ônibus.

— A que distância viajaremos? —, perguntei.

— Sessenta e uma milhas (aproximadamente 98 quilômetros) —, responderam-me. Os homens da Patrulha Costeira falavam um inglês impecável.

— Para que levar tanta comida?

— Oh, é uma longa viagem...

Apenas 61 milhas? Eu poderia viajar essa distância "plantando bananeira"!

Após três horas na estrada, eu disse a outro homem da Patrulha Costeira:

— Eu pensei que viajaríamos apenas 61 milhas...

— Sim... 61 milhas.

— Nós já percorremos muito mais do que 61 milhas!

Outro homem da Patrulha sorriu e disse:

— São 61 milhas *suecas*!

Franzi o cenho e perguntei-lhe:

— Então, a que distância fica esse lugar para onde vamos?

— Oh... Cerca de 380 milhas americanas (611,5 quilômetros).

Vocês só podem estar brincando comigo! Fiquei feliz por não haver-me oferecido para acompanhá-los em nenhuma corrida de "quatro milhas" (pouco mais de 6,4 quilômetros, nos Estados Unidos).

Na estrada, passamos por uma placa que advertia: CRUZAMENTO DE ALCES — antes de chegarmos a um vilarejo coberto de neve, chamado Messlingin, às margens do lago com o mesmo nome. Embora não figure em nenhum mapa turístico, Messlingin localiza-se a pouco mais de 215 quilômetros a sudoeste de Östersund, na região central da Suécia. Nós quatro fomos hospedados em um hotel de madeira, com telhados muito altos e inclinados e com vigas aparentes nos tetos dos quartos, que se assemelhavam a chalés de inverno. Logo em seguida, os homens da Patrulha Costeira nos levaram para um mergulho em um buraco aberto no gelo. Embora a participação nesta atividade fosse opcional para nós, todos mergulhamos na água quase congelada. Nós gostávamos de "dar o exemplo": uma das estúpidas tradições das equipes SEAL, do tipo "pode bater que eu

aguento". Em torno do pescoço, nós usávamos um cordão, do qual pendia um picador de gelo, balançando à altura do peito. O cabo de madeira servia para ser empunhado pela mão de um adulto, mas o picador, mesmo, não chegava a medir três centímetros de comprimento. Nós tínhamos de mergulhar, nos acalmar, emergir a cabeça e pedir permissão para sairmos da água. Então, podíamos avançar um pouco mais, quebrar um pouco da cobertura de gelo e sairmos da água. Na primeira tentativa, minhas cordas vocais deixaram de funcionar, devido à intensidade do frio; e eu simplesmente saí da água. Foi somente durante a terceira tentativa que consegui me acalmar o bastante para dar um tempo às minhas cordas vocais, para que voltassem a funcionar. Minha voz — ou melhor, um ganido — tornou-se suficientemente audível para que eu pudesse dizer:

— Peço permissão para sair da água.

Mas, uma vez fora da água, aquecer-me tornou-se a minha prioridade.

Recordei-me do treinamento de táticas de guerra no inverno que fizera no Alasca. Kevin e eu nos tornamos parceiros, lá. Ele era um sujeito grande e afável, com olhos e cabelos escuros. Treinado em serviços de saúde, ele sabia como lidar com a maior parte das emergências médicas, até que um eventual ferido pudesse ser levado a um hospital (tempos depois, ouvi dizer que ele deixou os SEALs para se tornar um médico da Marinha, servindo na Espanha). Kevin e eu tomamos um caminho errado e esquiamos para além do ponto em que deveríamos armar nossa barraca. Então, tivemos de fazer um retorno até a área designada, pois, desta maneira poderíamos ouvir a aproximação de alguém antes que fôssemos avistados. Armamos a barraca — suficientemente grande para abrigar duas pessoas — com a entrada voltada para o norte, depositamos nossas mochilas na frente e amontoamos um bocado de neve diante da entrada para que derretesse e nos fornecesse água potável, inclusive a de que necessitaríamos ao esquiar, no dia seguinte. As pessoas desidratam-se mais facilmente no inverno, pois os pulmões precisam de muita umidade para aquecer o ar frio. Nós também usávamos a água para preparar nossa comida desidratada e congelada. Dentro da barraca, despimos nossas roupas molhadas, conservando apenas nossos

macacões de polipropileno, que usávamos como roupa de baixo. Acendemos nosso fogareiro de campanha para obtermos água, e o calor logo aqueceu todo o interior da barraca. Kevin tinha pés muito grandes, e suas galochas não entravam em suas botas de esquiar. Enquanto esperávamos que a neve derretesse, Kevin tirou suas botas e eu coloquei os dedos de seus pés sob minhas axilas, para evitar que congelassem. Todos os outros sujeitos ansiavam para voltar às suas barracas, mas eu não. A cada noite, durante dez dias, eu aqueci aqueles dedos que pareciam cubos de gelo sob as minhas axilas. Então, eu pulava para dentro de um saco de dormir, colocado sobre um acolchoado, no chão.

Felizmente, na Suécia, a cerca de apenas 45 metros do buraco no gelo, havia uma sauna — e cerveja.

Também na Suécia, eu experimentei um *snowcat* ("gato da neve"; um veículo blindado de transporte de pessoal, equipado com lagartas para rodar sobre a neve) pela primeira vez. Os soldados podem atirar contra o inimigo a partir do interior do veículo; e atando-se uma corda à traseira do *snowcat*, dez ou doze soldados podem ser levados a reboque, sobre esquis. Enganchando um bastão de esqui na corda, segurei-me pela manopla e fui rebocado. Vários homens da Patrulha Costeira haviam crescido esquiando; e um deles era um atleta olímpico, na modalidade de salto com esquis. Naturalmente, não havia rampas de esqui no sul da Geórgia, onde eu crescera. Eu caía, e os homens da Patrulha Costeira que vinham logo atrás tinham de se desviar de mim. Quatro deles acabaram indo ao chão, junto comigo. Após alguns momentos, eles começaram a discutir entre si. Eu não compreendia o que eles diziam, mas podia entender que estavam decidindo quem teria de esquiar atrás de mim. Meus três companheiros de equipe e eu caímos tantas vezes, levando conosco os homens da Patrulha Costeira, como dominós, que eles respeitosamente nos colocaram no final da fila, segurando-nos na ponta da corda. Se tivéssemos podido gravar em vídeo o nosso "Show no Gelo dos SEALs" e inscrevêssemos a fita nos "*Vídeos Caseiros Mais Engraçados da América*", teríamos levado o primeiro prêmio.

Uma vez que estávamos ali como instrutores, para auxiliar no treinamento dos jovens recrutas, estes nos tratavam como se fôssemos oficiais, limpando e encerando nossos esquis enquanto jantávamos. À noite, se deixássemos nossas botas do lado de fora da porta, eles as limpariam e as engraxariam, antes da manhã seguinte. Os recrutas até mesmo limpavam as nossas armas.

Outra coisa muito interessante que pudemos aprender foi o modo de construir uma caverna de neve. Meu parceiro da Patrulha Costeira era um sujeito alto e esguio. Ele podia esquiar em círculos ao meu redor sem a menor dificuldade. Nós escavamos horizontalmente a lateral de um banco de neve, abrindo uma cavidade e criando um platô para que o calor pudesse subir, enquanto o ar frio descia para o nível mais baixo. O patrulheiro e eu colocamos nossas mochilas à entrada da caverna, para bloquear o vento, e entramos com nossas machadinhas de gelo, caso precisássemos escavar para sairmos. Na parte interior do platô, nós moldamos uma cobertura em forma de domo, para que a neve derretida não gotejasse diretamente sobre nós.

Nós retirávamos nossas galochas antes de entrar na área sob o platô. Com apenas quatro SEALs servindo como instrutores, meu parceiro parecia sentir-se honrado por trabalharmos em conjunto. Ele até tentou limpar minhas botas.

— Não, está tudo bem. Eu cuido disso —, disse eu.

Ele me olhou de modo estranho; mas, mais tarde, apreciou o fato de não ter de ser meu criado.

Uma ou duas velas eram suficientes para aquecer a caverna. Do lado de fora, a temperatura era de 40ºC negativos. Dentro da caverna, eu me sentava sobre um saco de dormir, vestindo nada além do meu macacão azul-marinho de polipropileno. Nós tentávamos fazer com que a temperatura no interior não subisse muito acima de zero grau, ou nossa caverna de neve poderia degelar, começar a gotejar ou mesmo desabar sobre nossas cabeças. A diferença entre a temperatura do exterior e do interior — cerca de 21ºC — fazia com que nos sentíssemos como se estivéssemos nas Bahamas. O calor

interno liquefazia as paredes e o teto; então nós aplicávamos mais gelo para que se solidificassem novamente.

Após habitarmos a mesma caverna por duas semanas, usando-a como base para o lançamento de operações, nós havíamos aplicado tanto gelo sobre as paredes e o teto que seu interior já estava a caminho de se tornar uma verdadeira casa de neve. Os suecos sabiam como lutar uma guerra: suas rações incluíam conhaque e a melhor mistura para chocolate quente que eu já havia provado, além de refeições como macarrão à bolonhesa com pão de centeio. Para meu espanto, meu parceiro sueco quis trocar suas refeições pelas minhas MREs. Acho que ele se cansava de comer as mesmas refeições de sempre. Nós gostávamos de comer a comida, um do outro, na nossa caverna de neve.

Na verdade, parte da diversão do treinamento com unidades especiais estrangeiras era o intercâmbio de equipamento. Dos Estados Unidos eu trouxera alguns bastões de carne bovina desidratada, sem tempero muito forte, para que fossem picados e adicionados às minhas rações, para obter mais energia em um clima tão severo. Os homens da Patrulha Costeira adoraram os bastões de carne. Eu também trouxera um isqueiro *Zippo*, que troquei com um dos patrulheiros por uma linda faca da Lapônia, com um cabo de madeira e uma lâmina suavemente curva, além de uma bainha de couro com duas tiras que podiam ser amarradas à minha mochila. No frio, o isqueiro *Zippo* é mais confiável do que isqueiros de gás butano, mas eu gostei mais da faca.

No último dia, meu parceiro e eu aplicamos pigmento branco às partes que naturalmente formam sombras em nossos rostos, e pigmento cinza nos traços mais proeminentes: testa, maçãs do rosto, nariz, supercílios e queixo. Todos deixamos nossas cavernas de neve e partimos para uma grande operação. Algo como cem ou cento e cinquenta homens seguravam-se a cordas atadas às traseiras de *snowcats*, que nos rebocaram até a área do nosso objetivo. Nós esquiamos até tão longe quanto pudemos, então retiramos nossos esquis e mochilas ocultando o equipamento em meio a uma pequena mata de árvores, a cerca de 90 metros do objetivo.

Eu usava minhas desajeitadas botas de neve da OTAN, mas os homens da Patrulha Costeira usavam botas leves, com travas e reforços metálicos, com as quais podiam correr. *Puxa vida, caras! Vocês são muito melhor equipados do que nós, para a guerra no inverno.* Por um par daquelas botas, eu troquei meu velho canivete do Exército suíço e o pequeno estojo de couro em que eu o carregava, preso ao meu cinturão, pois ele era grande demais para ser levado em meus bolsos. Uma das laterais de plástico preto do meu canivete havia-se quebrado, mas ele ainda conservava todas as suas ferramentas escamoteáveis: uma serra, uma faca para descamar peixe com o correspondente removedor de anzóis, um perfurador de couro com uma agulha grossa, uma lente de aumento, uma lâmina longa, uma lâmina curta, tesoura, um pequeno alicate, saca-rolhas, palito de dentes e uma pinça. Alguém poderia pensar que, uma vez que a Suécia fica mais perto da Suíça do que os Estados Unidos, canivetes suíços não seriam tão difíceis de obter, ali; mas isto não é verdade. Além das botas, o homem da Patrulha Costeira ainda incluiu uma garrafa de *schnapps* na troca. Ele ficou tão feliz que praticamente passou a me adorar por haver feito a troca, e foi contar aos seus companheiros. Estes o censuraram por tirar vantagem de mim. Se ele tivesse me dado aquelas botas quando eu fazia meu treinamento de guerra no inverno no Alasca, eu teria dado cinco canivetes suíços para ele. Quando retornei aos Estados Unidos, comprei um novo canivete.

Avançamos em patrulha, em formação de cunha, com um homem ao centro, na ponta, ladeado por duas alas. Outra formação aproximava-se da área do objetivo pelo flanco esquerdo. Atirando com balas de festim, a formação à esquerda e a nossa cunha assaltaram simultaneamente uma fortificação simulada, com dez edifícios. Normalmente, uma unidade SEAL constitui-se da tripulação de um bote: apenas sete ou oito homens. Em meio àquele ataque de uma companhia com mais de cem homens, só precisávamos "seguir com a maré".

A Patrulha Costeira sueca e outras unidades de países do norte da Europa — tais como os Patrulheiros da Marinha norueguesa — passam muito mais tempo sobre esquis, em operações em climas invernais, do que os norte-

americanos, o que lhe dá uma grande vantagem. Contudo, a tecnologia do equipamento de combate norte-americano acaba nivelando a eficiência dos homens de ambas as nacionalidades. Não importa quão bom esquiador alguém possa ser, se eu conseguir focalizá-lo com minhas lentes de visão noturna e abatê-lo a 365 metros de distância. "Esqui-eça!"

Ouvi dizer que, enquanto eu estivera fora, treinando na Suécia, Laura havia se ausentado de casa, até tarde, quase todas as noites, farreando em companhia das esposas de outros SEALs. Quando perguntei-lhe sobre isso, ela disse:

— Ora, isso aconteceu apenas uma ou duas vezes. Eu apenas estava entediada.

Aceitei sua palavra quanto ao assunto, porque eu acreditava nela — e não desejaria acreditar em qualquer outra coisa. Nós íamos à igreja, aos domingos, e tudo parecia estar bem.

Meu filho, Blake, realmente gostava de sair em companhia dos outros caras da Equipe SEAL — e eles gostavam de Blake, também; especialmente após um incidente ocorrido quando ele contava quatro anos de idade. Certo dia, ao retornar do trabalho para casa, encontrei Laura na cozinha, "louca da vida".

— O que está havendo? —, perguntei.

— A pequena Debbie veio brincar, aqui, e os dois entraram na piscinazinha de Blake. Nus!

A pequena Debbie era a filha, de seis anos de idade, de um vizinho.

— Oh...

— Eu telefonei à mãe dela e contei-lhe o que houve. Ela achou isso engraçado. É melhor você ter uma conversa com ele.

Então, segui pelo corredor até o quarto de Blake.

Blake estava jogando "Caça ao Pato" em seu videogame, atirando em patos voadores com sua arma eletrônica.

— Ei, amigão, como foi o seu dia?

— Foi bom —, disse ele.

— O que é que você fez, hoje?

— Brinquei.

Deixei-o com seu jogo e voltei à cozinha, para falar com Laura.

— Ele está bem. Não toque no assunto. Talvez ele não tenha sequer dado qualquer importância a isso...

— Oh, não! Você tem que fazê-lo falar sobre isso. É provável que ele esteja traumatizado!

Voltei ao quarto de Blake. No monitor da TV, um cachorro farejava os patos abatidos sobre a grama e parabenizava Blake. Decidi ser mais direto no meu questionamento.

— Você nadou na sua piscinazinha, hoje?

— Hmm, hmm...

— Bem, e mais alguém nadou com você?

— Sim. Debbie veio nadar comigo.

— Você e Debbie tiraram suas roupas enquanto estavam na água?

— Debbie tirou seu maiô e me disse para tirar meu calção, também.

— Você sabe que não deve deixar que as outras pessoas vejam o seu pipi?

— Sim. A mamãe me disse para não deixar que os outros vejam o meu pipi.

— Bem, a Debbie viu o seu pipi?

— Sim. A Debbie viu o meu pipi —, disse ele, rindo.

— E você viu o pipi da Debbie?

Ele parou de jogar e pôs sua arma eletrônica de lado. Havia uma nota de preocupação em sua voz.

— Sabe de uma coisa, Papai? A Debbie não tem um pipi —, disse Blake, parecendo pesaroso por sua amiguinha. — Ela tem um bumbunzinho na frente.

Tive de me esforçar para não explodir minha cabeça de tanto rir. Telefonei para Smudge, contei-lhe a história e ele quase explodiu em gargalhadas.

Na tarde do dia seguinte, Blake estava comigo no salão de ordenança do Pelotão Foxtrot do SEAL Team Two. Começamos a falar sobre a história do

“bumbunzinho na frente” e todo mundo riu a valer.

Anos mais tarde, um sujeito me disse:

— Ei, sabe do que mais? Acho que vou me mandar pra cidade, hoje à noite, e tentar encontrar alguém com um belo bumbunzinho na frente, para me fazer companhia.

Meu filho havia se tornado uma lenda na Equipe.

Enquanto eu estava no SEAL Team Two, meu tio Carroll morreu de um ataque cardíaco, enquanto pescava. Meu coração doeu quando voltei para casa, para o funeral na Primeira Igreja Batista — a mesma igreja onde eu havia dado uma surra violenta em Timmy, tantos anos antes. Parentes, amigos e pessoas a quem eu não conhecia lotavam a igreja. Diante de todos, tio Carroll jazia em seu ataúde. Ele me amara, passara tempo comigo e me ajudara a crescer, até que eu viesse a ser um jovem rapaz. O serviço funerário me pareceu nebuloso: hinos, orações, leitura de trechos da Bíblia, as palavras do Irmão Ron e o necrológio. Sentado em um banco, eu não conseguia suportar, fisicamente, aquela situação. Levantei-me e dirigi-me para a porta da frente da igreja. Parei sobre os degraus da entrada e chorei, tremendo incontrolavelmente. Foi o choro mais sentido de toda a minha vida. Alguém aproximou-se de mim e envolveu-me em um abraço. Olhei para cima, esperando deparar-me com o Irmão Ron; mas o homem que me envolvia em seus braços não era o Irmão Ron. Era Papai. Aquela foi a segunda vez que nos abraçamos; e não foi um abraço relutante, como aquele que recebi quando parti, de ônibus, para a faculdade.

— Sabe, Howard, eu vou sentir a falta dele, também. Ele sempre dedicou muita atenção a você, porque sabia como educar você melhor do que eu. Ele tinha mais paciência. Foi por isso que o tio Carroll sempre fez isso por você.

Mais tarde, eu me recompus e segui o cortejo funerário até o cemitério, onde tio Carroll foi levado para o seu repouso eterno

***

No dia 6 de junho de 1990, minha filha, Rachel, nasceu em um hospital civil em Virginia Beach. Minha sogra veio do sul da Geórgia, enquanto eu estava lotado no Forte A. P. Hill, na Virgínia — um dos maiores campos de treinamento de tiro da costa leste. Eu dirigi por 225 quilômetros, rumo sudoeste, para ver Laura e a minha garotinha. Ver Rachel fez-me imensamente feliz. A despeito disso, por mais que eu a amasse, uma parte de mim não conseguia se desligar da Equipe. Talvez alguns SEALs consigam equilibrar suas relações com Deus, com a família e com suas equipes; mas eu não conseguia. As equipes eram tudo, para mim. Após passar um dia ou dois no hospital, eu já tomava o caminho de volta.

A cada vez que eu voltava para casa, ela era a "Garotinha do Papai". Ela adorava ficar comigo, e eu adorava ficar com ela. Certa vez, quando já era mais crescida, Blake empurrou-a de cima da varanda dos fundos.

— Blake, vá até o armário e me traga um cinto.

Ele desapareceu dentro do armário, e dali emergiu, com o maior cinto de couro que eu tinha.

— Filho, por que você me trouxe o maior cinto que pôde encontrar?

Ele olhou-me nos olhos e respondeu:

— Pai, eu fiz uma coisa errada. Então achei que mereceria levar uma surra com este cinto.

Talvez ele estivesse apenas me testando; mas, daquela vez, não apliquei-lhe nenhuma surra. Nem em outra vez qualquer. Talvez eu fosse muito leniente com Blake. Provavelmente eu poderia contar nos dedos de uma só mão as vezes em que o fiz deitar em sua cama e bati nele com um cinto.

Eu era ainda mais leniente com Rachel. Ela era a minha garotinha; ele era o meu amigão.

Eu continuava a ouvir mais coisas sobre o SEAL Team Six, a unidade secreta de atividades antiterroristas. Os caras diziam que o SEAL Team Six era "a" equipe à qual pertencer. O Six era a primeira fileira, para a qual eram recrutados somente os melhores SEALs — tal como em um time profissional, na Liga Nacional de Futebol. Eles resgatavam reféns e

ganhavam os melhores salários. Seus efetivos frequentavam as escolas que desejavam. Gastar milhares de dólares para fazer um curso de duas semanas em uma escola de pilotagem? Sem problemas. Quer ir para a academia de tiro de Bill Rogers? Outra vez? Sem problemas. Eles usavam a última palavra em termos de equipamento. Eles recebiam todo apoio: um esquadrão inteiro de helicópteros era reservado para o uso deles. Não era preciso pensar muito a respeito: eu queria integrar o SEAL Team Six. Porém, o curso dos acontecimentos me levou à guerra, antes.

7.
Tempestade no Deserto

Com a economia do Iraque em colapso, o presidente Saddam Hussein jogou a culpa da situação no Kuwait, invadindo aquele país, no dia 2 de agosto de 1990, e fazendo vários cidadãos ocidentais de reféns. As Nações Unidas condenaram a invasão e exigiram uma retirada, impondo sanções econômicas ao Iraque e instaurando um bloqueio. Apesar disso, Hussein parecia determinado a invadir a Arábia Saudita, em seguida.

No dia 7 de agosto, a "Operação Escudo do Deserto" foi lançada. Porta-aviões e outros navios bélicos norte-americanos adentraram o Golfo Pérsico, e tropas foram enviadas à Arábia Saudita. As Nações Unidas deram ao Iraque um ultimato, para que suas tropas fossem retiradas do Kuwait até o dia 15 de agosto, ou seriam expulsas pela força. Os Estados Unidos integraram uma coalizão de trinta e quatro países, recebendo contribuições financeiras da Alemanha e do Japão.

Meu pelotão preparou seu equipamento e foi alocado em Machrihanish, na Escócia. Quando soubemos que a operação "*Escudo* do Deserto" havia-se transformado em "*Tempestade* no Deserto", fomos enviados para Sigonella, na Sicília. Nossa estação aeronaval localizava-se em uma base da OTAN, que funcionava como uma central de operações para todo o Mediterrâneo. Ali, nós esperamos pela chegada do navio que nos transportaria.

Enquanto aguardava, passei a frequentar um restaurante que ficava nas proximidades da base. O *manicotti* que eles faziam era particularmente delicioso. Certa noite, perguntei à garçonete como aquele prato era

preparado. Ela desapareceu, correndo para a cozinha, e, ao retornar, explicou-me. Depois de fazer mais algumas refeições ali, perguntando sempre como os pratos eram preparados, ela me disse:

— É melhor você conversar com o cozinheiro.

Ela acompanhou-me até a cozinha, onde eu soube que uma família inteira conduzia o estabelecimento. O *chef* e eu bebemos *Chianti*, enquanto ele me explicava como era realizado todo o trabalho de preparação anterior à confecção dos pratos; e, após mais um bom número de visitas, ensinou-me a cozinhar à maneira siciliana: almôndegas caseiras, linguiças, *ziti* assados e *manicotti*. Ele pareceu se alegrar com o interesse que demonstrei por ajudar no trabalho da cozinha. A parte mais importante da culinária italiana é o molho, que pode levar até dois dias para ficar pronto. Primeiramente, é preciso picar pimentas, cebolas, alho, tomates e cogumelos; depois, todos os ingredientes devem ser fritos em fogo alto, com gordura suficiente para que não se grudem ao fundo da panela. Algumas ervas devem ser cozidas, em fogo baixo, em um molho de tomates, ao qual os temperos fritos serão adicionados — juntamente com um pouco de vinho. Todo este processo pode levar um dia inteiro; e, enquanto o molho é cozido em fogo baixo, as almôndegas e as linguiças são preparadas. A carne é, então, adicionada ao molho, e, no meio da noite, você se levanta, e guarda o molho na geladeira. No dia seguinte, ele estará pronto para ser saboreado. Até hoje, eu ainda cozinho à maneira siciliana. Minha esposa e eu costumamos convidar alguns amigos e vizinhos para que venham à nossa casa, compartilhar da mesma atmosfera de que aprendi a gostar, quando estive na Sicília. Às vezes, quando saio para passear com meu cachorro, encontro-me com algum vizinho que me pergunta: "Ei, Howard, quando é que você vai preparar comida italiana, outra vez?"

Após várias semanas de espera, certa noite, quando eu voltava do restaurante, passei pela torre de transmissão para assistir a um pouco de televisão. Na CNN, mostravam os primeiros tiros da "Tempestade no Deserto". Corri até o depósito de explosivos da intendência, onde os homens do meu pelotão dormiam em seus sacos de dormir e despertei todo mundo,

— Ei! A guerra começou!

Todos levantaram-se de um salto, prontos para entrarem em ação. Porém, em seguida, nos demos conta: *Por que, diabos, estamos tão agitados? Ninguém nos disse para fazer nada, ainda!* Assim, apanhei o meu saco de dormir e dormi.

Na manhã seguinte, soubemos que seríamos designados para o *John F. Kennedy*, o mesmo porta-aviões em que eu fizera o treinamento de Busca e Resgate. Quando o navio chegou, vindo do Mar Mediterrâneo, pareceu levar uma eternidade para que todo o equipamento fosse embarcado: caixas de foguetes leves antitanque de 84 mm (AT-4s), minas de fragmentação, munições de todo tipo... Nós não sabíamos que espécie de missão teríamos de cumprir, então levamos todo o material disponível.

O *John F. Kennedy* media 1.052 pés de comprimento (320,6 metros) e 192 pés (58,5 metros) de altura, da linha d'água até o topo do mastro. Ele podia navegar a uma velocidade de 34 nós (cada nó corresponde a cerca de 1,85 km/h), transportando mais de cinco mil homens e mais de oitenta aeronaves. Além disso, o porta-aviões era armado com dois lançadores de mísseis *Sea Sparrow*, teleguiados pelo sistema *Mark-29*; dois sistemas de armas antimísseis *Phalanx*; e dois lançadores de mísseis *Rolling Airframe*, que disparam foguetes mar–ar guiados por infravermelho.

Revi vários dos meus velhos amigos a bordo; até mesmo alguns dos pilotos ainda permaneciam com a tripulação. O *John F. Kennedy* navegou através do Canal de Suez até o Mar Vermelho, rumando para o Golfo Pérsico. A maioria dos navios não dispunha de acomodações para um contingente dos SEALs; por isso, nós dormíamos e nos reuníamos onde pudéssemos encontrar espaço para isso. Felizmente, contávamos com grande simpatia por parte da tripulação. Sempre que éramos avistados por algum tripulante do navio, caminhando pelo convés em nossos uniformes camuflados e ostentando o tridente dos SEALs, eles diziam:

— Abram caminho! SEALs passando!

Eles faziam com que nos sentíssemos como celebridades; e nós nos esforçávamos para tratá-los com respeito, também.

No início, ninguém se aproximava da gente, quando estávamos no refeitório; mas, com o tempo, alguns homens começaram a se juntar a nós. Eles nos indagavam sobre o BUD/S e sobre muitas outras coisas. Fazíamos nossos exercícios físicos matinais no enorme hangar do convés, todos os dias; e, logo, alguns dos tripulantes do navio começaram a aparecer por ali, acompanhando-nos na prática.

Nós não seguíamos a "escola" de comportamento arrogante de Dick Marcinko, mantendo as pessoas à distância. Marcinko criou o SEAL Team Six, cumpriu uma sentença de prisão por haver fraudado o governo, escreveu sua autobiografia — intitulada *Rogue Warrior* (algo como "Guerreiro Malandro") e lançou um videogame. Embora eu respeite o fato de ele haver criado o Team Six, Marcinko maculou nossa imagem, ao desrespeitar qualquer pessoa que não fosse um SEAL — além de desrespeitar os SEALs que não pertencessem à sua claque. Certa vez, estive em um voo cujo piloto admirou-se com o nosso comportamento, em comparação a atitude espalhafatosa, ofensiva e ameaçadora dos SEALs de Marcinko. Pior do que isso, Marcinko foi condenado por desviar verbas governamentais, ao conspirar com um contratante civil para superfaturar os preços de explosivos e embolsar o dinheiro. Ele afirma que foi vítima de uma "armação". Qualquer que tenha sido a verdade, isto colocou o Team Six sob uma escura nuvem de suspeita. Por anos, nós tivemos de lutar para nos livrarmos dessa herança. Especialmente no SEAL Team Six, os comandantes subsequentes tiveram de trabalhar duro para se livrarem da sujeira que Marcinko deixou para trás.

No *John F. Kennedy*, nós éramos como visitantes na casa dos outros. Eles mandavam ali; eles cuidavam dali, fazendo isso tão bem ou tão mal quanto quisessem. Se um rombo fosse aberto no casco do navio, nós dependeríamos do pessoal que nele trabalhava para que o conserto fosse executado. Nós tratávamos bem aos tripulantes, e eles nos tratavam como à realeza.

Não estou dizendo que tivéssemos de beijar os pés de todo mundo, mas todos nós estávamos, literalmente, no mesmo barco. Os marinheiros não

pertencentes aos SEALs tinham de fazer o mesmo juramento que qualquer SEAL: "Defender a Constituição dos Estados Unidos contra todos os inimigos, estrangeiros ou nacionais". Trate com desprezo as pessoas que vivem o mesmo cotidiano militar que você, e, consequentemente, elas o atacarão, em retribuição. Se encontrasse com Marcinko na rua, eu o respeitaria como criador do SEAL Team Six; mas, se ele me dissesse qualquer coisa sobre o modo como tudo parecia ser melhor quando ele era o oficial comandante, eu lhe diria: "Vá jogar o seu videogame e meta-se com alguém da sua laia".

Por mais de uma semana, pilotos do nosso navio decolaram, armados com todas as bombas possíveis, deixando-nos para trás, assistindo ao espetáculo pirotécnico que produziam ao explodir tudo, pela CNN. Nós apenas esperávamos pelo retorno dos pilotos, com seus aviões já desprovidos de bombas. Nós havíamos treinado, exaustivamente, para um momento como aquele. Especialmente durante o treinamento de táticas de guerra no inverno, enquanto esquiávamos, lançávamos raios luminosos para que os pilotos soubessem exatamente onde estávamos. Então, nós "pintávamos" nossos alvos com um laser, para que uma bomba lançada de uma aeronave o acertasse, com precisão. *Estamos perdendo o melhor dessa história.* Usando meus óculos Ray-Ban, modelo "aviador", eu me postava no convés superior do porta-aviões, sentindo a brisa e contemplando o reluzir do mar calmo, que banhava as costas do Iraque. Dali, eu podia avistar o cruzador *USS San Jacinto* (CG-56), carregado com mísseis *Tomahawk*. O *USS America* (CV-66) e o *USS Philippine* (CG-58) também navegavam em nossa frota de batalha. Era como se eu estivesse vestido em traje de gala, sem nenhuma festa a que frequentar. Meu pelotão e eu não éramos os únicos. Todavia, o general Norman Schwarzkopf preferiu utilizar unidades especiais britânicas — tais como o Serviço Aéreo Especial (*Special Air Service – SAS*) — no início da guerra, em detrimento das unidades especiais norte-americanas. Ele, notavelmente, favoreceu as forças militares norte-

americanas convencionais, em vez de unidades como os SEALs, ou a *Delta Force*. Estragou tudo.

Como uma nota de rodapé, apesar dos SEALs haverem sido treinados especificamente para protegerem os poços de petróleo do Kuwait, Schwarzkopf prescindiu de nossa ação. Tempos depois, quando tropas da Coalizão escorraçaram as tropas iraquianas do Kuwait e Saddam Hussein ordenou uma política de "terra arrasada", destruindo tudo por onde seus soldados passassem, mais de seiscentos poços de petróleo do Kuwait foram deliberadamente incendiados. O Kuwait perdeu, durante esse período, entre cinco e seis milhões de barris de petróleo, por dia. Sem que fosse queimado, o petróleo formou centenas de lagos oleosos, que contaminaram quarenta milhões de toneladas de terras. A areia, misturada ao petróleo, forma o que se chama de "alcatrão-concreto", que atualmente cobre mais de 5% da superfície do território do Kuwait. Somente para apagar os incêndios, o Kuwait gastou 1,5 bilhões de dólares. Os poços de petróleo arderam por mais de oito meses, poluindo o solo e a atmosfera. Inúmeros soldados kuwaitianos e da Coalizão desenvolveram problemas respiratórios. As densas nuvens de fumaça negra toldaram os céus do Golfo Pérsico e regiões adjacentes. Os ventos sopraram a fumaça até o extremo oriental da Península Arábica. Durante vários dias, os céus enfumaçados e a chuva negra saturaram os países da região. O sofrimento humano e ambiental causado pelos incêndios continua a ser sentido, até hoje. Não fosse devido ao fato de Schwarzkopf haver subestimado o poder de fogo de que dispunha em suas mãos, a crença dos rapazes da Equipe é de que poderíamos ter eliminado os "catarrentos", antes que eles sequer tentassem incendiar seiscentos poços de petróleo, minimizando, assim, o sofrimento.

Certa noite, fomos despertados, por volta da meia-noite, e reunidos em pelotão em uma das pistas de pouso dos bombardeiros. A inteligência nos comunicou que um navio cargueiro, disfarçado com uma bandeira egípcia, estava depositando minas no Mar Vermelho. Nossa missão seria a de fazer naufragar esse navio. O SEAL Team Six costumava cumprir esse tipo de missões com helicópteros *Black Hawk* e armamento de primeira linha —

enquanto nós, no SEAL Team Two, tínhamos de nos virar com helicópteros *SH-3 Sea King*, que mais se pareciam com teco-tecos, e confiar em nossos próprios talentos.

Iniciamos o planejamento da nossa missão. Quantos helicópteros seriam necessários? Quem viajaria, e em qual deles? Qual dos helicópteros sobrevoaria o navio, primeiro? Qual viria, em segundo lugar? Como posicionaríamos nossos atiradores de elite? Haveria um plano de fuga e evasão, caso fosse necessário? Enquanto pensávamos nisso, mais informações da inteligência continuavam a chegar, e mais próximo da nossa posição de ataque o nosso porta-aviões nos levava.

A sirene do navio tocou: hora do almoço. Comemos, sem saber quando teríamos a chance de comer, novamente; depois, fomos à central da inteligência para atualizarmos as informações de que dispúnhamos e para conferirmos os desenhos que descreviam a planta do navio. Quantos conveses? Quantas cabines? Quantos tripulantes? A quantidade de informações provida pela inteligência era suficiente para confundir a mente mais estável.

Na qualidade de comandante do salto, eu preparei as escadas portáteis ("escadas de mineradores") — caso precisássemos voltar aos helicópteros, com urgência —, as "cordas rápidas" e outros equipamentos aeronáuticos. Atei uma corda de náilon, de quase trinta metros de comprimento, a uma barra soldada no interior do helicóptero *SH-3 Sea King*, que, por si mesmo, tratava-se de uma máquina de guerra antissubmarina. Contudo, não havendo sido projetado para o tipo de combate em que deveríamos nos envolver, o *SH-3*, mais tarde, seria substituído pelo *SH-60 Sea Hawk*, a versão "marítima" do *Black Hawk*. O SEAL Team Six contava com os *Black Hawks*; mas, nós, do Team Two, só dispúnhamos dos "teco-tecos de água doce" que haviam. Joguei o rolo de corda pela porta adentro do primeiro helicóptero que encontrei à disposição.

Dividimos entre nós as outras responsabilidades. Servindo como líder encarregado da equipe que cuidaria dos prisioneiros, eu tinha de levar, em minha mochila, dez pares adicionais de algemas flexíveis, além dos dois

pares regulamentares, e planejar onde alocar os prisioneiros quando tomássemos o navio.

Nós nos equipamos, vestindo uniformes de combates negros. Nos pés usávamos botas de assalto *Adidas GSG9*. Elas têm solados macios, que proporcionam boa aderência, tanto quanto um par de tênis de cano alto. Elas podem ser molhadas e pés de pato podem ser ajustados sobre elas. Até hoje, esse é o meu tipo de botas favorito. Balaclavas negras cobriam nossas cabeças, e pigmento de camuflagem cobria as áreas de pele expostas. Em nossas mãos, luvas de aviador verdes — personalizadas, tingidas de preto e com dois dedos da mão direita cortados: o dedo do gatilho cortado à altura da segunda falange e o polegar à altura da primeira. Com os dedos da luva cortados, tornava-se mais fácil acionar o gatilho, trocar pentes de munição, puxar os pinos de seguranças de granadas etc. Em nossos pulsos, relógios *Casio* marcavam o tempo. Em meu cinturão, à altura dos rins, eu portava uma máscara antigás. Durante a "Tempestade no Deserto", todos nos preparávamos para ataques com gases ou armas biológicas que Hussein supostamente teria, bem como as armas químicas que ele não hesitaria em utilizar. Eu também levava comigo duas ou três granadas de impacto.

Eu portava uma submetralhadora *Heckler & Koch MP-5*, além de uma pistola *SIG SAUER* 9 mm no coldre de quadril. Alguns sujeitos preferem levar dois pentes de munição junto aos cabos das armas; porém nossa experiência provara que essa dupla carga limitava o manejo, e dificultava a troca dos pentes. Eu levava três pentes no bolso esquerdo, sobre minha perna, e três outros em minha mochila. Nós testamos o poder de fogo das nossas armas na cauda em leque, na popa do navio.

Embora houvesse dezesseis homens em nosso pelotão, um deles teria que permanecer como atirador de elite em cada um dos dois helicópteros que sobrevoaria o alvo, e apenas os catorze restantes teriam de dominar todo o navio: dois helicópteros, com sete atacantes em cada um. O meu seria o helicóptero líder.

Os membros das tripulações do helicóptero eram rostos familiares para mim. Eu servira com o esquadrão deles — o SH-7 — durante meus

primeiros dias na Marinha, atuando como nadador da equipe de Busca e Resgate. Como responsável pelo lançamento da corda, sentei-me no centro do rolo de corda com minha mão esquerda segurando o gancho montado na parte externa da aeronave onde a corda seria atada. Assim que decolamos senti o vento tentando afastar a corda de mim. Fechei os olhos e descansei um pouco.

— Quinze minutos! —, disse a voz do piloto em meu *headset*.

Eu abri os olhos e repassei a mensagem aos meus companheiros de equipe: "Quinze minutos!" Então, tornei a fechar os olhos.

— Dez minutos!

Eu estava acostumado a esta rotina.

— Cinco minutos!

Estávamos nos aproximando.

— Três minutos!

Aproximamo-nos do navio pela popa, reduzindo nossa velocidade de 100 para 50 nós.

— Um minuto!

Elevando o nariz do helicóptero em ângulo, o piloto acionou os freios. Enquanto a aeronave sobrevoava o navio, ainda contávamos com luz solar suficiente para avistarmos o convés. Estávamos posicionados. Chutei o rolo de mais de 27 metros de corda pela porta do helicóptero e gritei: "Corda"! Desembarquei sobre a cauda em leque do navio, em uma área pequena demais para permitir o pouso de um helicóptero.

— "Vamos"!

Utilizando grossas proteções de lã no interior de minhas luvas, agarrei a corda e deslizei por ela como se fora um bombeiro descendo por um poste no quartel. Com mais de 45 quilos de equipamento às minhas costas, eu precisava me agarrar com força à corda para evitar estatelar-me sobre o convés. Naturalmente, com seis sujeitos atrás de mim, aguardando no helicóptero, sobre um alvo enorme, eu não queria ter de descer muito lentamente, também. Minhas luvas literalmente fumegaram durante a descida; mas felizmente cheguei em segurança.

Infelizmente, nosso piloto teve grande dificuldade de manter a posição do helicóptero sobre o navio em águas turbulentas, com a escuridão caindo e rajadas de ventos soprando. Para aumentar a dificuldade, os pilotos não estavam acostumados a pairar sobre um alvo enquanto homens de 90 quilos — além dos 45 quilos de equipamentos que transportavam — desciam por uma corda, fazendo com que a aeronave subitamente ganhasse altitude. O piloto teria que compensar a diferença de peso baixando um pouco a aeronave a cada homem que descesse pela corda. Sem a compensação do piloto, o primeiro homem desceria pela corda cuja ponta mediria cerca de um metro sobre o convés; o segundo homem disporia de meros trinta centímetros e o terceiro encontraria a extremidade final da corda totalmente fora do convés. Não demoraria muito para que algum pobre coitado tivesse de saltar três metros pelo ar sem nada a que agarrar-se, com o convés metálico proporcionando menos amortecimento do que poeira. Mesmo para os pilotos de *Black Hawks* mais experientes, trata-se de uma manobra muito difícil. O helicóptero deu um arranco no ar. *Droga!* Lá estava eu, em meio a uma guerra, em pleno Mar Vermelho, a bordo de um navio inimigo e estranho, completamente sozinho. Eu me senti nu. *Se as coisas correrem mal, poderei lutar para escapar de uma situação. Se as coisas correrem realmente muito mal, o oceano está bem ali. Chute, bata e fuja.* O helicóptero teve de nos circundar, restabelecer contato visual, fazer uma nova aproximação e pairar sobre nós. É provável que tudo isso não tenha demorado mais do que dois minutos; mas, pareceram duas horas.

Averiguei a área, mantendo apontado o cano do MP-5, enquanto meu pelotão descia pela "corda rápida". Tão logo pudemos nos reunir, estabelecemos o perímetro. Mark, o líder da nossa equipe, e DJ, o homem encarregado das comunicações, levaram um grupo à casa das máquinas, para estabelecer o comando e controlar o navio. Dois atiradores se encarregaram do leme, para impedir o manejo do navio, tornando-o "morto" na água. Minha equipe rumou para as cabines, para neutralizar a tripulação.

No interior da embarcação, aproximamo-nos da primeira cabine. *As coisas são fáceis, até que deixem de ser.* Permanecemos em absoluto silêncio, por um tempo tão longo quanto possível. Se eu ouvisse um tiro ou a detonação de uma granada de impacto, automaticamente pensaria: *"Oh, droga! Aqui vamos nós!"* A partir desse momento, as coisas talvez deixassem de ser fáceis. Chutaríamos cada porta e atiraríamos granadas de impacto para o interior de cada um dos compartimentos, maniatando todos os seus ocupantes. A violência da ação cresceu exponencialmente, embora tentássemos empregar somente a violência necessária à situação; nem mais, nem menos.

Abri uma porta e adentramos silenciosamente, enquanto dois de nós permaneciam para trás, no corredor, para vigiar nossa retaguarda. Nessas ações, a rapidez é fundamental, tanto quanto nos movimentarmos em conjunto. Dois de nós se encarregaram dos aposentos à direita e outros dois das cabines à esquerda. Os dois tripulantes encontrados se paralisaram, imediatamente: havíamos dominado a área. Nenhum deles falava inglês, mas nós conhecíamos algumas palavras em árabe: "Para o chão!" Ambos assumiram a posição ordenada.

Eu e outro SEAL nos mantivemos encostados a uma parede, para darmos cobertura, enquanto outros dois SEALs gritavam: "Mexam-se!"

— Mexam-se! —, repeti eu, enquanto controlava um dos aposentos.

Os dois tripulantes encontrados foram algemados e levados ao convés.

Eu gritei, indagando se o vestíbulo que levava ao convés superior encontrava-se livre para que passássemos em segurança e saíssemos para o céu aberto: "Limpo?"

— Limpo para sair! —, foi a resposta que nos chegou do vestíbulo.

Apanhamos os prisioneiros e os conduzimos pelo corredor, abrindo todas as portas à nossa passagem. A maioria dos aposentos continha dois tripulantes; mas alguns se encontravam vazios.

Adentramos uma das cabines, algemamos os tripulantes e eu gritei: "Limpo para sair?"

— Não! —, replicaram os dois atiradores no vestíbulo.

Quatro de nós estacamos, retendo nossos prisioneiros, e aguardamos. Eu podia ouvir uma altercação vinda do corredor.

— Wasdin! —, chamou-me um dos sujeitos no corredor.

Dei um passo para fora do aposento e avistei um tripulante no final do corredor, que terminava em uma intersecção em forma de T. Em suas mãos ele portava um extintor de incêndio, e um dos nossos atiradores estava a ponto de baleá-lo por recusar-se a obedecer às ordens que recebera para que depusesse o equipamento.

— Que está havendo? —, perguntei.

— Esse sujeito se recusa a acatar às ordens! —, respondeu-me o atirador.

Talvez ele ache que estejamos sabotando o navio.

— Para o chão! —, gritei para ele, em árabe.

— Não! —, respondeu-me o tripulante, também em árabe.

Olhei para ele, diretamente em seus olhos. Ele parecia confuso, mas não deliberadamente hostil. Pensando haver-se tratado de uma simples falha de comunicação, baixei um pouco o cano do meu MP-5, apontado em sua direção.

Ele, então, investiu contra mim, brandindo seu extintor de incêndio e berrando a plenos pulmões.

Droga.

Dei um passo para o lado, apenas a tempo de entrever o extintor passar raspando o lado da minha cabeça. Naquela ocasião, não estávamos usando nossos capacetes de ataque e, caso não tivesse conseguido me esquivar, receberia o golpe em pleno rosto.

Puxa! Ele quase me matou, usando um extintor de incêndio! Que tal isto parece, hã? Tente ser um sujeito bacana e seja morto com um extintor de incêndio!

Fiquei furioso. Apanhei-o de lado e enterrei o cano do meu MP-5 debaixo de sua orelha direita. Empurrei-o para trás e apliquei-lhe uma coronhada — de bom tamanho — com o fuzil.

Um dos amigos do Homem do Extintor — um sujeito magro e pequeno — ergueu suas mãos, como se esperasse pela minha compreensão. Um dos

meus colegas de equipe estava a ponto de desfazê-lo a balaços.

— Não! —, gritei. — Eu dou conta dele!

Com minha mão esquerda, apliquei um golpe de caratê bem sob o nariz do amigo do Homem do Extintor, afastando-o. Empreguei força suficiente no golpe: é possível que ele tenha perdido alguns dentes. Contudo, ele tornou-se imediatamente cooperativo, não desejando receber outro golpe.

O Homem do Extintor foi imobilizado e algemado, da maneira mais dura: recebendo chaves de braço, joelhaços na nuca, sendo agarrado pelos cabelos, erguido do chão pelas algemas, até quase ao ponto de seus braços serem arrancados das juntas e tendo seu traseiro chutado ao longo de todo o corredor. Nossos rapazes o levaram, junto com os outros prisioneiros, para a área de detenção.

Um filete de sangue escorria da minha cabeça para dentro do ouvido. Então, eu fiquei realmente irritado. *Tente ser um sujeito legal e veja só o que acontece.* Analisando retrospectivamente a situação, os golpes desferidos pelo Homem do Extintor devem ter acertado dois homens no corpo e um na cabeça. Ele era um filho da mãe muito sortudo.

Encontramos a maior parte da tripulação em um dos alojamentos que servia como refeitório — interrompendo-lhes a fruição de seu chá turco e cigarros.

Revistamos, praticamente, cada centímetro do navio: de cima a baixo, de popa a proa. O SEAL Team Six teria utilizado cerca de trinta homens para tomar de assalto o mesmo navio. No entanto, uma vez que dispúnhamos de menos homens e não éramos tão especializados quanto o Six, toda a ação nos consumiu duas horas. Minha equipe permaneceu na proa com os prisioneiros, em meio à escuridão. Mark comandava o nosso pelotão a partir da casa de máquinas, enquanto, ao seu lado, DJ encarregava-se das comunicações. Ninguém se ferira — exceto eu mesmo, por haver agido como um idiota; mas, agora, o navio nos pertencia. Vasos de guerra aproximaram-se, chegando ao nosso redor, enquanto permanecíamos em um navio "morto", à deriva em pleno oceano. Botes infláveis de casco rígido avançaram ao nosso lado, trazendo homens do Destacamento da Guarda

Costeira para a Aplicação da Lei (*Coast Guard Law Enforcement Detachment* – LEDET) — o mais importante órgão governamental dedicado à apreensão de traficantes de drogas em alto-mar. Em grande medida, a parte mais perigosa da missão havia terminado.

Nós reunimos os prisioneiros. O capitão do navio, que se encontrava na casa de máquinas com Mark, enviou seu mestre-de-armas ao convés, para que fizesse uma contagem dos homens. Descobrimos, então, que ainda precisávamos capturar um tripulante. *Alguém está se escondendo.*

Interrogamos os outros prisioneiros sobre o possível paradeiro de seu companheiro; mas — como seria de esperar — ninguém sabia de nada.

Então, tivemos de revistar todo o maldito navio novamente. Deixando quatro homens encarregados da guarda dos prisioneiros, voltamos ao leme e começamos tudo, outra vez. Nós estávamos mais do que irritados, revirando cada centímetro quadrado do navio que pensávamos haver revistado. Quando eu estava na metade do meu trabalho, recebi a informação de que o homem fora encontrado, escondido entre algumas tubulações no compartimento dos motores — e apavorado.

Nós o levamos para que se juntasse aos seus companheiros, na proa. Cortamos as algemas flexíveis de todos os prisioneiros — exceto as do Homem do Extintor. Fiz com que ele se sentasse sobre o cabrestante, que se assemelha a um gigantesco carretel motorizado — talvez, o lugar mais desconfortável da proa do navio.

Enquanto isso, por intermédio de DJ, Mark perguntou se havia um intérprete a bordo de algum dos navios, para interrogar o capitão que permanecia ao seu lado.

— Vocês estavam lançando minas? Onde estão as minas? Para onde vocês rumavam? De onde vocês estão vindo?

— Nós não estávamos lançando minas.

— Bem, se não estavam, por que vocês não transportam qualquer espécie de carga? Por que vocês navegavam em um curso na direção oposta ao Egito, em vez de rumarem de volta para casa?

Aqueles sujeitos não estavam nos dando as respostas certas. Alguma coisa, definitivamente, não cheirava bem.

— Este negócio está machucando o meu traseiro! —, reclamou o Homem do Extintor.

Minha cabeça ainda doía. *Seu cretino! Você tem sorte de poder sentir alguma coisa, ainda.*

Um dos prisioneiros na proa colocou sua mão por dentro da jaqueta, como se fizesse menção de apanhar uma arma em um coldre sob a axila. Imediatamente, os atiradores de elite nos helicópteros projetaram sobre ele os raios infravermelhos de suas miras laser, enquanto nós soltávamos as travas de segurança dos nossos MP-5, prontos para fazê-lo em pedacinhos. Porém, não havia qualquer arma ou coldre: o homem tirou de seu bolso um maço de cigarros.

— Não, não, não, não! —, implorou o prisioneiro.

Seus olhos pareciam dois ovos fritos; mas ele teve sorte de possuirmos um estrito senso de disciplina, quando se trata de puxar o gatilho — ao contrário daqueles quatro policiais de Nova York, que alvejaram Amadou Diallo 41 vezes, quando ele tentava apanhar sua carteira.

Um dos tripulantes falava inglês, e passamos a nos comunicar através dele.

— Nada de movimentos bruscos! Não procurem por qualquer coisa em seus bolsos!

— Meu traseiro está doendo! —, choramingou o Homem do Extintor.

Espero que me dê um motivo para atirar em você.

Pouco depois, um adolescente irrompeu através da proa, correndo. Nós o derrubamos, de maneira rude e abrupta. Depois de chamarmos Mark, soubemos que o garoto era um mensageiro do capitão, que fora enviado para apanhar as chaves de alguma coisa. Talvez ele estivesse acostumado a correr em disparada, sempre que recebesse ordens do capitão, mas nós lhe explicamos: "Nada de movimentos bruscos, e nada de correrias!" Fiquei penalizado pelo pobre garoto, pois nós o havíamos derrubado para valer.

O capitão e a tripulação ainda não estavam nos dando as respostas certas, quando os homens do LEDET subiram a bordo, portando escopetas, e nos cumprimentaram efusivamente. Então, passamos a eles o controle sobre o navio e os prisioneiros. Eles conduziriam o navio até algum porto aliado no Mar Vermelho, onde os prisioneiros encerrariam sua história, de qualquer maneira.

O Homem do Extintor ainda conservava suas algemas quando foi entregue aos cuidados do LEDET — e eu espero que ele ainda as conserve, até hoje.

As condições climáticas haviam piorado, por isso não poderíamos retornar em nossos helicópteros. Em vez disso, descemos por escadas de corda até os botes do LEDET e deixamos o navio. Os botes nos levaram até a embarcação anfíbia do LEDET, a qual abordamos no início da manhã. Então, estávamos sem dormir havia mais de 24 horas.

Havíamos comido pela última vez à hora do almoço do dia anterior. Somando-se a este fato o esforço físico extremo que fizéramos e a tremenda descarga de adrenalina, o resultado era que estávamos morrendo de fome. No refeitório — embora ainda fosse apenas hora do café da manhã —, fomos recebidos com uma magnífica refeição completa, especialmente preparada para todos os 16 homens da nossa equipe. Não me recordo exatamente o que nos serviram, mas a impressão que tive foi a de que nos serviram o cardápio do café da manhã, o do almoço e o do jantar, juntos: *quiche*, presunto grelhado, panquecas leves com cobertura de geleia, suco de laranja, café quente, filé, sopa cremosa de aspargos, repolho cozido no vapor com molho branco, purê de batatas e uma torta de maçã, quentinha.

O cozinheiro-chefe veio cumprimentar-nos a todos, pessoalmente.

— Preparei algumas das minhas receitas secretas —, disse ele. — Espero que vocês gostem!

— Incrível! —, respondi.

— Quando soubemos que vocês estavam chegando, isso foi tudo o que tivemos tempo de preparar...

O relatório final da missão foi apresentado enquanto comíamos. Todos os oficiais do navio pareciam estar presentes. Eles nos tratavam como reis. Era como se todos os que tivessem conseguido se aglomerar no refeitório fizessem questão de estar ali. As pessoas queriam nos conhecer, falar conosco, sentirem-se parte da nossa equipe. A hospitalidade deles significou muito para mim: fez com que eu me sentisse importante.

No início da tarde, nossos helicópteros pousaram na cauda em leque da embarcação anfíbia. Acenamos, despedindo-nos de todos, e voamos de volta para o *Kennedy*.

Tempos depois, eu receberia a Medalha da Comenda da Marinha, cujo diploma correspondente dizia:

O Secretário para Assuntos da Marinha tem a honra de outorgar a Medalha da Comenda da Marinha ao Técnico de Casco de Primeira Classe Howard E. Wasdin, da Marinha dos Estados Unidos, pelos serviços prestados mencionados a seguir: por suas conquistas profissionais e pelo desempenho extraordinário de seus deveres enquanto serviu como especialista em operações aéreas junto ao Pelotão Foxtrot do SEAL Team Two, quando alocado no Mar Vermelho em apoio à Operação "Tempestade no Deserto", entre 17 de janeiro e 28 de fevereiro de 1991. Durante este período, o Suboficial Wasdin desempenhou com grande bravura as tarefas mais exigentes, de maneira exemplar e extremamente profissional. Como especialista em operações aéreas responsável por todos os lançamentos de "cordas-rápidas" de helicópteros nas missões desempenhadas pelo SEAL, seu empenho e trabalho diligente foram fundamentais para a manutenção da capacidade das equipes de assalto, possibilitando a rápida e eficiente penetração nos alvos designados. Durante uma das missões dos SEALs, ele conduziu com maestria a tomada de uma embarcação, sendo o primeiro homem a pisar o convés, proporcionando cobertura de importância vital para os seus companheiros de equipe. Ele atuou como líder encarregado da custódia de prisioneiros, demonstrando ser possuidor de habilidades excepcionais como combatente, que provaram ser determinantes para o sucesso da missão. A rara habilidade profissional do

Suboficial Wasdin, seu senso de iniciativa e sincera devoção ao cumprimento de seu dever conferem grande mérito a ele e ao Serviço Naval dos Estados Unidos.

— Disseram-me para que eu escolhesse três homens, para uma missão secreta —, disse Mark. — Mas a inteligência não irá me dizer do que se trata, até que eu selecione os três.

No lado de fora da Central de Inteligência do Cargueiro (*Carrier Intelligence Center* – CVIC), Smudge, DJ e eu nos mantivemos no passadiço, enquanto Mark desapareceu por alguns momentos, entrando na sala. Quando tornou a sair, Mark nos olhou e disse: "Tudo bem."

Entramos na sala. À direita da entrada, em um pequeno recuo, havia uma máquina de fazer café e um refrigerador. A parte principal da sala encontrava-se à esquerda, com uma mesa de reuniões rodeada de cadeiras. De uma das paredes pendia um quadro-branco; e, contra a parede oposta, havia um aparelho de TV e um videocassete. Diante dos aparelhos, dispostas lado a lado, ficava um par de poltronas forradas de couro escuro. No meio da sala estava o oficial de inteligência do navio e, ao seu lado, encontrava-se um homem que nenhum de nós jamais havia visto. Eu não sabia se ele era um espião, ou coisa parecida. Sem identificar-se, o homem disse, laconicamente:

— Boa noite, cavalheiros.

— Boa noite, senhor —, respondemos, em uníssono.

Não conhecíamos sua patente, mas era sempre mais prudente ser excessivamente polido do que soar desrespeitoso.

— Um míssil *Tomahawk* foi lançado e errou o alvo; mas não explodiu —, explicou-nos o homem. — Ele aterrissou em território amigo, mas há atividade de forças inimigas na região. Nós precisamos que vocês detonem o míssil, para que os iraquianos não possam ter acesso à sua tecnologia, que não tem preço. Além disso, também não queremos que eles roubem a carga e a convertam em dispositivos explosivos improvisados.

Retornamos ao alojamento, onde estavam os beliches, armários e nossa pequena "área de lazer" improvisada, e começamos a conversar.

— O que está acontecendo? —, perguntaram os outros rapazes, animados.

— Nós quatro fomos designados para uma missão.

Era constrangedor não poder lhes revelar os detalhes do que estávamos para realizar. Toda a animação deles arrefeceu, quando os doze souberam que não seriam "convidados para a festa".

Eu usaria o meu CAR-15, que tem uma coronha retrátil e um pente de munição com trinta cartuchos .223 (5,56 mm). No interior da coronha, escondi algumas centenas de dólares. No bolso das calças sobre a perna esquerda, guardei meu *kit* de Fuga & Evasão: bastões sinalizadores, fósforos à prova d'água, bússola, mapa, lanterna de infravermelho, capa de plástico e algumas "entradas" de MRE. No bolso sobre a perna direita havia o meu "*kit* de estouro": bandagens de gaze de dez centímetros quadrados com cordões para atá-las, uma tipoia, e uma grande bandagem untada com vaselina, para cobrir ferimentos extensos no tórax — tudo embalado a vácuo, em envelopes plásticos à prova d'água. Estes elementos compunham um *kit* mínimo, útil apenas para os primeiros-socorros de ferimentos a bala ou traumas com sangramento. Embora os SEALs costumem se vestir diferentemente e portar uma grande variedade de armas, a localização dos nossos "*kits* de estouro" é universal: o bolso direito das calças. Desta maneira, se um dos nossos atiradores for atingido, ninguém que venha em seu socorro precisará "adivinhar" onde estão os suprimentos necessários para auxiliá-lo. Naturalmente, um SEAL poderia utilizar seu próprio "*kit* de estouro" para socorrer um companheiro ferido; porém, mais tarde, se ele mesmo viesse a necessitar de seus suprimentos, sentiria a falta deles.

Nós quatro embarcamos em um *SH-3 Sea King*, com os rostos pintados com listras e manchas castanho-claras e cor de areia. Smudge levava quase dois quilos de um material esbranquiçado, semelhante a argila para modelar, com um ligeiro odor de asfalto quente: explosivos plásticos C-4. Eu levava as cápsulas de detonação, os pavios e os ignitores. O C-4 não explode senão

depois da pequena explosão de uma cápsula de detonação — por isso mesmo, transportávamos os dois materiais separadamente. Smudge levava a carga menos perigosa. Ainda que uma cápsula de detonação não produza uma explosão suficientemente poderosa para arrancar a mão de alguém, muitos dedos descuidados já foram perdidos, graças a elas.

Viajávamos carregando pouco peso, pois esta seria apenas uma missão rápida. O helicóptero voou por alguns poucos quilômetros antes de reduzir sua velocidade para dez nós, sobrevoando a água a pouco mais de três metros de altitude. Saltei pela porta lateral da aeronave, já calçado com meus pés-de-pato, mergulhando no oceano sob a borrasca causada pelas hélices. Não era possível ouvir sequer o som do meu mergulho, com o ruído dos rotores soando tão próximo à superfície da água.

Um após outro, os rapazes saltaram para o oceano pela porta lateral do helicóptero. De modo similar ao que ocorre com a "corda-rápida", cada homem que saltava aliviava o peso da carga da aeronave, fazendo com que esta ganhasse altitude subitamente. O trabalho do piloto era compensar essa diferença. O último SEAL a morrer no Vietnã — o tenente Spence Dry — estava saltando de um helicóptero quando a aeronave se elevou de maneira brusca a mais de seis metros de altitude, enquanto voava a uma velocidade superior a vinte nós, fazendo com que Dry quebrasse o pescoço na queda.

Movimentando-me na água, eu olhei em torno. Todos os outros pareciam estar bem. Uma luz piscava na praia: era o nosso sinal. Comecei a sentir frio. Formamos uma linha e rumamos na direção do sinal. Nadando de lado, eu dava algumas braçadas vigorosas sob a superfície, então diminuía o ritmo, impelindo-me velozmente, tentando manter-me na formação, ao lado dos outros. O nado me aqueceu. Quando atingimos água a uma profundidade em que podíamos ficar em pé, paramos de nadar e vasculhamos a praia. Ainda não havia sinais de perigo. Retirei os pés-de-pato e os prendi a um cordão elástico atado às minhas costas. Então, nos esgueiramos para a praia. Smudge e DJ separaram-se, dirigindo-se, respectivamente aos flancos esquerdo e direito. Com o meu CAR-15, dei cobertura a Mark, à medida que ele se aproximava da fonte do sinal luminoso — um árabe robusto, com um

físico em forma de pera, que era o nosso agente. Os dois trocaram cumprimentos amáveis: Mark deu um ligeiro puxão na orelha do árabe, e o agente retribuiu esfregando levemente sua mão esquerda sobre o estômago de Mark. *Até aqui, tudo bem.* Virando bruscamente as costas do agente para mim, algemei-o e revistei-o, a procura de uma arma, um rádio ou qualquer outra coisa que não devesse estar ali. Tudo parecia estar em ordem; então, libertei-o, cortando as algemas.

Mark sinalizou para que Smudge e DJ se aproximassem e se juntassem a nós. Eu vigiei o agente, enquanto eles patrulhavam para além da praia. Caso o agente se tornasse incomumente agitado à medida que nos aproximássemos do objetivo, eu saberia que ele estaria nos conduzindo a uma possível emboscada. Se ele tivesse sucesso ao nos conduzir a uma emboscada, eu seria o primeiro a colocar uma bala em sua cabeça. Ainda não ouvi falar sobre agentes duplos que tenham conduzido SEALs a uma emboscada e sobrevivido para contar a história. Atrás do agente e de mim, seguia-nos o nosso líder, Mark. Em seguida, avançava DJ, com o rádio, enquanto Smudge cuidava da retaguarda.

Após patrulharmos uma faixa de areia de uns oitocentos metros, nos detivemos a cerca de noventa metros de uma estradinha de terra e nos deitamos de bruços. O agente seguiu adiante, apanhou uma pedra grande e posicionou-a ao lado da estrada. Depois, ele voltou a juntar-se a nós, deitando-se de bruços, também. Meu corpo, ainda molhado, começava a tremer de frio. O deserto é quente, durante o dia, mas é frio, à noite; e estar com o corpo molhado, naquele momento, não tornava as coisas melhores. Eu estava ansioso para voltar a movimentar-me, mas não pretendia ser alvejado por uma bala por haver feito isso cedo demais. Quinze minutos depois, um veículo militar local veio pela estradinha e parou ao lado da pedra colocada pelo agente. Nós o mantivemos sob a mira dos nossos CAR-15, equipados com silenciadores. Um homem com uma longa vestimenta branca desembarcou do caminhão e caminhou cerca de cem metros em nossa direção.

— Pare! —, disse eu, em inglês. — Vire-se de costas.

O homem obedeceu à ordem.

— Aproxime-se de costas, na direção da minha voz.

Enquanto ele se aproximava lentamente de costas, nós o agarramos, algemamos e revistamos. Tudo certo. Caminhamos com o motorista até seu veículo e o revistamos, também. Ele nos conduziu até o alvo, dirigindo por cerca de vinte minutos até certo ponto, em algum lugar no meio do deserto. O motorista estacionou o caminhão e percorreu a pé o restante da distância, junto conosco. Lá estava o míssil. Embora tivesse feito uma "aterrissagem forçada", ele ainda parecia estar em boas condições. Estabelecemos um perímetro muito abrangente, enquanto Smudge preparava duas "meias" de C-4. Cada "meia" — sacos grandes, de lona verde — era cheia com cerca de um quilo de C-4 no fundo. Ele posicionou uma das "meias" sobre o nariz do foguete e puxou fortemente o cordão que fechava a boca do saco de lona, amarrando-o pelo meio, para compactar a carga explosiva em seu interior. Finalmente, Smudge repetiu a operação na cauda do míssil.

Dando-me um tapinha no ombro, ele veio assumir o meu lugar no perímetro, para que eu inserisse as cápsulas de detonação em cada um das cargas de C-4. Por mais motivos do que pudesse imaginar, eu não queria estragar toda a operação. Comprimi as cápsulas de detonação sobre as cargas explosivas, afixando bem os pavios. Depois disso, atarraxei firmemente dois ignitores subaquáticos (M-60) às extremidades dos pavios. Segurando os dois ignitores em uma das mãos, puxei-lhes ambos os cordões de ignição, ao mesmo tempo. *Pop!* "Fogo no buraco!" Eu podia sentir o cheiro da cordite dos pavios queimando. Antes da grande explosão, o comprimento dos pavios nos garantiria cerca de três minutos, poucos segundos a mais, ou a menos, para que nos afastássemos.

Juntei-me aos outros e patrulhamos o terreno, afastando-nos sorrateiramente. Abrigamo-nos detrás de um grande banco de areia, que se parecia com uma gigantesca lombada de controle de velocidade. *Cabum!* A areia choveu sobre nós.

Voltamos ao local da explosão para nos assegurarmos de que os pedaços restantes do míssil eram suficientemente pequenos para que fossem úteis

para qualquer coisa. Mark nos deu o sinal de OK; então, retornamos ao veículo.

O motorista nos levou pela mesma estrada, até o ponto em que havíamos deixado a pedra, mas Mark disse a ele para que dirigisse até mais além, para evitar que parássemos exatamente onde uma emboscada poderia estar à nossa espera. Quando o motorista nos desembarcou, esperamos até que ele e o agente se afastassem, antes de nos "exfiltrar" de volta à praia. Na praia, DJ chamou o helicóptero e avisou ao piloto que já estávamos a caminho. Calçamos nossos pés-de-pato e entramos na água. Fiquei feliz por estar longe da zona de perigo, e nadei o mais rapidamente que pude. Todos nós nadávamos rápido. O nado nos aquecia. O que eles nos diziam no BUD/S era verdade: "o mar é a sua zona de conforto e segurança".

Quando o helicóptero chegou, nós nos alinhamos, separados por intervalos de 4,5 metros, detonando os bastões infravermelhos de luzes químicas que trazíamos presos aos nossos coletes salva-vidas infláveis. O helicóptero pairou sobre nossas cabeças, com seu rotor principal agitando o oceano. A água salgada salpicava minha máscara de mergulho. Uma "escada de minerador" foi lançada do helicóptero e eu enganchei meu braço em um dos degraus. Pus-me em pé, agarrando-me à escada, e pedi para que eu fosse içado até o helicóptero, em vez de subir pela escada. Poupando a força dos meus braços, eu poderia me agarrar à entrada e lançar-me mais rapidamente e com menos esforço para dentro da aeronave.

Ao chegarmos — todos em segurança — ao interior do helicóptero, um tripulante recolheu a escada e voamos para longe dali. Dentro da aeronave, todos nos cumprimentamos com tapas nas costas e respiramos aliviados. O *Kennedy* devia ter navegado para mais próximo de onde estávamos, pois a viagem de volta não foi tão longa quanto a de ida. Nós havíamos cumprido uma missão secreta, que alguém achava ser extremamente importante.

Poucos dias depois, eu esperava do lado de fora da CVIC, novamente. Desta vez, eu estava acompanhado apenas por DJ. Mark nos chamou para

que entrássemos, e mais uma vez, nos vimos na presença do Homem Sem Nome.

Ele apertou nossas mãos e não perdeu mais tempo.

— Podemos ir diretamente ao assunto?

Acenamos afirmativamente com as cabeças, e ele nos explicou:

— A OLP manifestou apoio a Saddam Hussein quanto à invasão do Kuwait. Agora eles contam com uma base de apoio no Iraque. Os iranianos trabalham com a OLP para treinar terroristas para atacar as forças da Coalizão. Recentemente, eles promoveram um ataque com um dispositivo explosivo improvisado, à beira de uma estrada, que destruiu um dos nossos veículos. Sabemos da existência de um complexo conjunto da OLP e do Irã, localizado no sudeste do Iraque. Nós queremos que vocês o localizem precisamente e marquem-no como alvo para que possamos lançar um ataque com mísseis teleguiados; e, depois, voltem para nos apresentar uma avaliação dos danos sofridos por eles.

Mark discutiu seu plano de ação conosco, então eu e DJ saímos, para preparar nosso equipamento. Como sempre, procuramos nos assegurar de não portarmos nada muito reluzente ou barulhento: ou seja, nada que não pudesse ser disfarçado com um *spray* de pigmento cor de areia ou que não pudesse ser silenciado com fita adesiva. Após a preparação do equipamento, embarcamos, no final da tarde, em um *Sea King*, que decolou do convés do *John F. Kennedy*. Caí no sono durante o voo, e só despertei ao chegarmos à base avançada de operações. O céu já escurecera; o tempo já estava sendo contado. Um civil chamado Tom, com um rosto distinto e vestido com calças *jeans* e uma camiseta cinzenta, nos entregou as chaves de um *Humvee*.

— Acabo de deixá-la limpinha e lubrificada —, disse-nos ele.

Olhei para o veículo completamente sujo, sorri e pensei comigo: "Perfeito!"

Com um céu sem nuvens e uma meia-lua sobre nossas cabeças, DJ e eu podíamos enxergar perfeitamente, dentro da noite — tanto quanto o inimigo também podia. Contudo, o céu limpo ajudaria o míssil a acertar seu alvo. Após havermos percorrido cerca de 50 quilômetros através do deserto

— evitando estradas, construções, áreas povoadas e postes telefônicos —, chegamos à área onde a planura do solo decaía suavemente, por uns três metros, exatamente como víramos na CVIC, em um mapeamento obtido por satélite. Produzimos rastros falsos, passando adiante do ponto determinado; então, paramos na depressão e marcamos os rastros verdadeiros da nossa progressão. Em seguida, cobrimos o veículo com uma rede de camuflagem para o deserto e nos movemos pelo chão, lado a lado, olhando para direções opostas. Silenciosamente, vigiamos e aguçamos os ouvidos para saber se alguém iria nos "fazer uma visita". Os primeiros minutos foram enlouquecedores: *"Aquilo ali é mesmo um arbusto?" "Talvez eles estejam nos vendo. Quantos deles podem ter, lá?" "Será que o* Humvee *vai dar a partida, se tivermos de nos arrancar? Conseguiremos fugir rápido o bastante?"* Trinta minutos depois, eu estava mais calmo; e nós seguimos adiante, a pé, usando um aparelho de GPS para a navegação.

Estando sozinhos, nós dois tínhamos menos poder de fogo do que a tripulação de um bote, além de sermos forçados a tomar cuidados adicionais para não sermos vistos. Nossa audição tornou-se ainda mais aguçada, captando até os mais leves ruídos. Andávamos muito encurvados, evitando as elevações do solo, para que nossas silhuetas não se destacassem na paisagem.

Após cinco quilômetros de avanço, chegamos à base de uma colina. O complexo palestino–iraniano localizava-se do outro lado. Eu ia à frente, seguido de perto por DJ; e nós escalamos a colina por quase 180 metros, até nos aproximarmos de uma encosta. Mantendo-nos entre a encosta, abaixo de nós, e o cume, rastejamos em torno da colina, até o outro lado. Mais de um quilômetro e meio depois, eu avistei as muralhas do complexo fortificado. Dispostas em forma de triângulo, três muralhas cercavam três construções no interior da fortaleza, defendida por torres de vigilância em cada um dos vértices. Também pude ver um soldado inimigo sentado — a cerca de 50 metros à direita de onde estávamos, na colina —, com binóculos pendendo de seu pescoço e um fuzil de assalto AK-47 dependurado em seu ombro direito, sobre as costas.

Estaquei e sinalizei para DJ, com um punho cerrado: *"Alto!"* DJ, imediatamente, ficou imóvel; e a sentinela permaneceu como estava.

Olhei para DJ e apontei dois dedos para os meus olhos e, depois, na direção da sentinela inimiga. Rastejei na direção contrária, e DJ recuou, também. Esgueiramo-nos por trás da posição da sentinela, em torno da colina, até descobrirmos outra encosta. Desta vez, quando a cruzamos, pudemos ter uma visão clara do alvo, sem sentinelas por perto. Esquadrinhamos a área imediatamente circundante, e, depois, um pouco mais longe, até que pudéssemos ver todo o complexo. As únicas pessoas que podiam ser vistas ali eram os guardas nas torres de vigilância.

Enquanto eu guardava o perímetro, DJ enviou uma mensagem criptografada através do seu rádio, avisando ao *USS San Jacinto* que já nos encontrávamos em nossas posições. A mensagem deve ter sido respondida, pois DJ acenou afirmativamente com a cabeça, dando-me um "sinal verde". Desembalei e montei um apontador laser leve (AN/PED-1 LLDR) — que, na verdade, não é tão leve assim; especialmente incluindo o peso do tripé — enquanto DJ cobria o perímetro. Após haver marcado a nossa posição com um raio, "pintei" com o laser a edificação central do complexo palestino–iraniano, marcando-a com pulsos codificados de iluminação a laser. Esta luz é invisível para o olho humano; mas faz com que o alvo cintile no céu noturno, para que seja encontrado pelo míssil *Tomahawk*.

O míssil de cruzeiro parece voar paralelamente ao solo. Um rastro de fumaça branca é desprendido de sua cauda flamejante. O *Tomahawk* foi perdendo altitude gradualmente, até atingir, em cheio, a construção central do complexo. Quatrocentos e cinquenta quilos de explosivos transformaram-se numa gigantesca bola de fogo, gerando nuvens de fumaça negra. A onde de choque da explosão e os destroços varreram as outras duas construções, provocando uma detonação suplementar em uma das edificações — provavelmente aquela onde era armazenado o material empregado na confecção de dispositivos explosivos improvisados. Duas das três torres de vigilância também foram arrasadas. Pelos meus binóculos, eu vi claramente um soldado ser arremessado de uma das torres e voar pelo ar,

como um boneco de pano. Restaram apenas ruínas das muralhas do complexo; e eu não pude notar qualquer movimentação dentro dos antigos limites das muralhas. De nossa posição na colina, avistamos a sentinela avançada correr em direção aos destroços, possivelmente esperando encontrar amigos sobreviventes em meio a eles.

Embalamos nosso equipamento e fomos embora, tomando um caminho diferente do que fizéramos até o nosso veículo. É fácil se tornar negligente quando se está a caminho de casa; por isso mesmo, é muito importante ser ainda mais cauteloso. Após removermos a rede de camuflagem, embarcamos e dirigimos, novamente, seguindo uma rota diferente da que tomáramos para chegar até ali.

Durante a viagem de volta, notei o que me pareceu ser uma casamata inimiga meio exposta, pouco acima do nível do solo. Quando eu tentei contorná-la, evitando-a, o *Humvee* atolou na areia fofa. Ao acelerar para tentar nos tirar dali, as rodas do *Humvee* afundaram ainda mais, piorando a situação.

Enquanto isso, soldados iraquianos saíam da casamata. DJ e eu apontamos nossos CAR-15 na direção deles.

Catorze soldados iraquianos se aproximaram de nós, com as mãos erguidas. Não notei qualquer sinal de ameaça em seus semblantes. Eles estavam sujos e cheiravam mal. Suas peles esticavam-se sobre os ossos, e não era possível dizer há quanto tempo aqueles homens não se alimentavam. Eles levavam as mãos à boca, reproduzindo o gesto universal de pedir comida. Durante a guerra, alguns soldados iraquianos chegaram, mesmo, a render-se a equipes internacionais de televisão. Eles desejavam tanto entregar-se quanto não desejavam lutar.

Sobre o chão, estavam seus fuzis, com pedaços de pano enfiados nos canos, para evitar que fossem danificados pela areia do deserto. Desembarcamos do nosso veículo e dissemos a eles para que cavassem, com as mãos, um buraco no chão. Em seguida, ordenamos que jogassem suas armas ali. À medida que faziam isso, eles pareciam ficar ainda mais apavorados, como se temessem ser executados por nós. Por meio de gestos,

ordenamos que eles cobrissem o buraco. O temor deles pareceu abrandar-se, e eles nos obedeceram. Possivelmente, alguns deles tivessem esposas e filhos. A maioria contava aproximadamente a minha idade. Suas vidas estavam completamente entregues em minhas mãos. Eles me olhavam como se eu fosse Zeus, descendo do Monte Olimpo.

Sentindo-me penalizado por eles, tirei do bolso duas MREs que eu trouxera como rações de emergência, para o caso de Fuga & Evasão. Para catorze sujeitos, aquilo não era muita comida; mas eles dividiram as duas rações igualmente, entre si. Um dos caras engoliu até os *Chiclets*. *"Bem, você sabe que isso é goma de mascar, recoberta de açúcar, não sabe? Vá em frente, cara. O problema é seu."* Também demos a eles a maior parte da nossa água. Eles juntavam as mãos e se curvavam, demonstrando reverência e gratidão. Inteligentemente, eles não tentaram nos tocar ou invadir o nosso espaço pessoal.

O pálido brilho do sol começou a surgir no horizonte. Hora de irmos embora. Fizemos com que eles pusessem as mãos sobre a cabeça. Marquei a posição do *Humvee* no GPS e caminhei até o ponto, enquanto DJ me seguia, guardando a retaguarda. Se algum piloto nos sobrevoasse, naquele momento, teria tido uma visão inusitada: apenas dois soldados norte-americanos vigiando catorze iraquianos capturados no meio do deserto. Nós nos pareceríamos com "deuses da guerra". *Dois SEALs da Marinha aprisionam catorze soldados iraquianos!*

Quando chegamos à base, a reação de Tom foi a seguinte:

— Para que, diabos, você estão nos entregando esses caras?

— Bem, o que você queria que fizéssemos com eles?

— Fiquem com eles.

— Nós não podemos ficar com eles.

Logo o nosso helicóptero chegou, e nós deixamos os prisioneiros na base — ainda de mãos postas, inclinando-se e agradecendo-nos. O helicóptero decolou e nos levou de volta ao *John F. Kennedy*.

Desde o BUD/S até este ponto, segundo minha maneira de pensar, eu achava que qualquer um que se levantasse contra nós seria um mau sujeito.

Nós éramos moralmente superiores a *eles*. Eu empregava um tipo de linguagem que fazia o assassinato parecer algo um tanto mais respeitável: *"dispensar"*, *"eliminar"*, *"remover"*, *"despachar"*, *"descartar"*... No meio militar, bombardeios são "ataques cirurgicamente precisos"; e as baixas civis são "danos colaterais". Seguir ordens tira das minhas costas a responsabilidade pelos assassinatos, e transfere-a para os ombros de uma autoridade superior. Ao bombardear o complexo, diluímos ainda mais as responsabilidades pessoais ao dividirmos a tarefa: eu "pintei" o alvo com laser; DJ enviou a mensagem por rádio para o navio; e alguém apertou o botão que lançou o míssil. Não é algo incomum para soldados em combate desumanizar o inimigo: os iraquianos, por exemplo, eram chamados de "cabeças de trapos" ou "jóqueis de camelos". Na cultura da guerra, a linha que separa a vítima de seu agressor pode se tornar muito tênue. Todas essas ideias me ajudaram a fazer meu trabalho; mas elas também ameaçavam cegar-me para a humanidade no meu inimigo.

Naturalmente, os SEALs são treinados para empregar o grau de violência necessário a cada situação, elevando-o ou baixando-o como um *dimmer* em um interruptor de luz elétrica. Nem sempre você deseja uma "iluminação de candelabros"; mas, às vezes, é isso o que você quer. O "*dimmer*" ainda existe — e funciona —, dentro de mim. Eu não gostaria, mas posso acioná-lo, se necessário. Todavia, o treinamento não havia me preparado para ver a humanidade naqueles catorze homens. Isto é uma coisa que alguém precisa haver estado em uma situação real de combate para ver — não em uma simulação de combate. Talvez eu pudesse ter colocado uma bala no crânio de cada um deles e, depois, bravatear sobre quantas mortes confirmadas constariam dos meus registros. Algumas pessoas fazem esta concepção dos SEALs, considerando-os como máquinas de matar irresponsáveis e inconsequentes. "Oh, você é um assassino." Não gosto dessa noção, e não concordo com ela. A maior parte dos SEALs sabe, muito bem, que uma operação levada a termo sem que nenhuma vida seja perdida é uma ótima operação.

Ao ver aqueles catorze homens, percebi que eles não eram sujeitos maus. Eles eram apenas pobres coitados, meio mortos de fome, mal equipados, superados em poder de fogo, que não compreendiam bem por que seguiam um louco que decidiu invadir o território de outro país. Caso eles se recusassem a seguir o louco, a Guarda Republicana os executaria. Suspeitei que eles tivessem perdido a vontade de lutar. Talvez, jamais tivessem tido essa vontade.

Eles eram seres humanos, tal como eu. Eu descobrira a minha humanidade e a humanidade nos outros. Para mim, aquele foi um ponto de mutação: foi quando eu amadureci. Meus padrões de "certo" e "errado" em combate tornaram-se mais claros, definidos pelas coisas que eu fiz ou não fiz. Eu dei alimento àqueles catorze soldados iraquianos e levei-os para um lugar seguro. Eu não os matei. Quer você esteja vencendo ou perdendo, a guerra é um inferno.

De volta a bordo do *Kennedy*, meus olhos se abriram. Vestindo *shorts* e uma camiseta, sentado em uma cadeira e limpando meu fuzil, pensei sobre como eu pudera ver meu inimigo tão de perto, e soube que poderia estar à sua altura ou superá-lo em uma escala de violência. Mais do que isto, eu percebi a importância de compreender que os nossos inimigos são humanos.

A "Tempestade no Deserto" durou apenas 43 dias. Ficamos furiosos por não termos sido enviados a Bagdá para terminá-la. O *Kennedy* ancorou no Egito, onde descarregamos todo o nosso equipamento e fomos hospedados em um *resort* "cinco estrelas", em Hurghada. Uma vez que não era temporada de turismo e devido à guerra recente, nós éramos os únicos hóspedes. Durante o jantar, o chefe do nosso pelotão aproximou-se e deu-me tapinhas nas costas.

— Parabéns, Wasdin. Você chegou à Primeira Classe.

Eu fora promovido de E-5 para E-6. Estava tudo dando certo. Esperamos duas semanas por um voo de volta a Machrihanish, na Escócia, para concluirmos nossos seis meses de mobilização.

Jamais tive *flashbacks*, pesadelos, problemas de sono, dificuldades de concentração, depressão, ou qualquer tipo de autodepreciação por haver matado alguém, pela primeira vez: o soldado que vi ser arremessado da torre de vigilância até aterrissar no solo, sem vida, no complexo palestino–iraniano. Essa espécie de sentimento parece ser menos comum entre os integrantes das equipes de operações especiais. Talvez a maioria das pessoas susceptíveis a esses níveis de estresse sejam eliminadas ainda durante o treinamento de BUD/S; talvez os elevados níveis de estresse inerentes ao treinamento nos preparem para que suportemos níveis ainda mais elevados, em uma guerra. Comecei a controlar meus pensamentos, minhas emoções e minha dor ainda em idade muito tenra, pois tratava-se de uma questão de sobrevivência. Isto me ajudou a enfrentar os desafios nas Equipes. Eu sobrevivi ao trauma causado pela rudeza do meu pai; sobrevivi à "Semana do Inferno"; e, agora, havia sobrevivido à guerra.

No entanto, eu tinha uma preocupação de ordem moral quanto a ter matado pela primeira vez. Eu me preocupava em saber se havia ou não feito a coisa certa. Na TV ou nos videogames, matar pode não parecer grande coisa; porém, na vida real, eu tomara a decisão de pôr fim à vida de alguém. As pessoas que eu matei jamais voltarão a ver as suas famílias. Elas jamais voltarão a comer ou a respirar. Eu tirei delas tudo o que tinham, ou poderiam vir a ter. Para mim, isto era, sim, uma grande coisa. Isto era algo que eu não poderia encarar com leviandade. Até hoje, não encaro isto com leviandade. Durante uma visita à minha casa, tive uma conversa com o Irmão Ron.

— Eu matei, em combate, pela primeira vez. Fiz a coisa certa?

— Você serviu ao seu país com lealdade.

— Como é que este fato pode afetar a minha vida eterna?

— Isto não afetará negativamente sua vida na Eternidade.

As palavras dele me confortaram. Minha irmã mais nova, Sue Anne, que é terapeuta, está convencida de que deve ter algo errado comigo. Não haveria maneira de eu funcionar tão normalmente quanto faço sem reprimir

alguma coisa. Ela apenas não pode compreender o fato de que eu me sinto realmente bem com as minhas decisões e a minha paz de espírito.

Existem poucos segredos entre os SEALs. Estamos constantemente juntos e nos conhecemos, uns aos outros, por dentro e por fora. Eu saberia dizer a cor dos cabelos da filha de um companheiro, o número de sapatos que sua esposa calça, e assim por diante. Eu conhecia mais detalhes sobre a vida daqueles sujeitos do que gostaria de conhecer. Eu também sabia quem desejava se candidatar ao SEAL Team Six.

Smudge, DJ, quatro outros SEALs do Pelotão Foxtrot e eu apresentamos nossas propostas para nos juntarmos ao SEAL Team Six. Smudge, DJ e eu passamos pela primeira seleção; mas, os outros sujeitos, não. Um deles ficou muito irritado, porque já era um SEAL havia muito mais tempo do que eu. Nossas propostas foram aceitas e, quando o mestre-líder do Team Six visitou o nosso comando, entrevistou-nos pessoalmente. A probabilidade era de que apenas um de nós fosse aprovado nessas entrevistas e passasse à fase de testes seguinte. Contudo, nós três fomos aprovados — o que significa que alguma outra Equipe deve ter tido um índice de reprovações considerável.

Nós havíamos tido um período de tempo para comparecermos às entrevistas — que são realizadas somente uma vez por ano. Em maio, eu havia passado pela seleção principal em Dam Neck, Virgínia, embora o Six costume exigir que os candidatos tenham sido SEALs por, ao menos, cinco anos. Os SEALs formavam uma fila para as entrevistas, aguardando como garotos ansiosos para passear na *Montanha Espacial*, na Disneylândia. Alguns caras, como nós, acabavam de chegar da Escócia; outros vinham da Califórnia, de Porto Rico, das Filipinas e de outros lugares. Para alguns deles, esta não seria a primeira vez que eram entrevistados.

Na sala de apresentação, meus entrevistadores eram, na maioria, SEALs mais velhos, ainda alistados: efetivos reais do Team Six. Eles comportavam-se de maneira muito profissional. Eles me indagaram uma porção de coisas acerca da minha percepção das coisas; e sobre os combates de que eu participara.

— Quais são os seus pontos fracos? Em que você acha que precisa melhorar?

É difícil para um jovem SEAL sair-se bem nas respostas a perguntas como essas. Mas, se você não pode reconhecer essas coisas e não demonstra vontade de trabalhá-las, como poderá passar ao próximo nível? Um dos entrevistadores tentou me provocar, um pouco.

— Você bebe muito?

— Não.

— Mas, você sai para beber, com os outros caras?

— Sim.

— Você bebe como uma esponja...

— Não.

— Você bebe muito?

— Não sei como responder novamente a isso, a não ser dizendo que eu não bebo por causa do efeito do álcool.

Eu não bebo com a intenção de "curtir um barato" ou de ficar embriagado. Então, respondi ao entrevistador:

— Se os meus amigos dão um passeio na cidade e eles bebem durante 99% do tempo, lá estarei eu, bebendo junto com eles. Mas, se temos algo a fazer, nós não bebemos. Por isso, não sei como responder, novamente, à mesma pergunta. Eu não bebo por causa do efeito: eu bebo pela camaradagem.

Ele sorriu, com ironia.

— Tudo bem.

Deixei a sala imaginando como eu teria me saído. O processo de seleção e as entrevistas foram experiências incríveis. Pouco depois, um chefe mais idoso saiu e veio dizer-me:

— Essa foi a melhor entrevista que eu já vi!

— Mas, eu estou nas Equipes há apenas dois anos e meio...

— Você demonstrou possuir bastante experiência do mundo real. Estou certo de que isto será levado em consideração...

Se não tivesse participado da "Tempestade no Deserto", é provável que eu tivesse de esperar mais dois anos e meio.

Duas semanas depois, o capitão Norm Carley convocou Smudge, DJ e eu para que fossemos ao seu escritório. Ele nos informou a data em que iniciaríamos no Green Team — a "Equipe Verde" —, a verdadeira seleção e o treinamento para se tornar um efetivo do SEAL Team Six.

— Parabéns. Detesto vê-los partirem, homens. Mas sei que vocês irão "fazer bonito" no SEAL Team Six!

PARTE DOIS

É muito melhor subir um rio contra a correnteza com sete garanhões do que com uma centena de pangarés.

— Coronel Charlie A. Beckwith,
FUNDADOR DA DELTA FORCE
DO EXÉRCITO

8.
SEAL Team Six

O Green Team é um curso de seleção — no qual alguns de nós não fomos aprovados. A maioria de nós andava pela casa dos trinta anos de idade. Eu contava exatamente trinta. Os instrutores cronometravam as corridas e as sessões de natação. Nós praticávamos táticas de guerra no solo, paraquedismo e mergulho — mas, tudo isso, em um nível completamente novo. Por exemplo: é provável que tenhamos realizado uns 150 saltos de paraquedas em um período de quatro semanas: queda-livre, HAHO, formação em "escadinha" etc. Nosso currículo incluía escalada-livre, combate desarmado, direção defensiva e ofensiva e técnicas de Sobrevivência, Evasão, Resistência e Fuga (SERF). Embora dedicássemos pouco tempo ao aprendizado de coisas como abrir um carro e fazê-lo funcionar usando apenas uma chave de fenda, preferíamos dedicar nosso tempo aprendendo a manobrar o veículo e a atirar de dentro dele. Os instrutores avaliavam e classificavam tudo o que fazíamos, computando notas de pontuação geral e classificações individuais.

Para mim, a parte mais fácil era o treinamento na "pista-O"; e a mais difícil era a prática de John Shaw de tiro e combate a curta distância. Mais do que aprendermos como abrir uma fechadura, nós aprendíamos a arrombar portas, arrancando-as de suas dobradiças. Nós disparávamos milhares de tiros, diariamente. Ouvi dizer que, em um ano, o SEAL Team Six gastava mais dinheiro apenas com cartuchos de 9 mm do que todo o

Corpo de Fuzileiros Navais (*Marine Corps*) gastava com toda a munição que utilizava.

Eu aprendi técnicas de combate a curta distância (*close-quarters combat* – CQC) em nível totalmente novo, para mim. Embora eu já fosse um SEAL, jamais havia feito isso da maneira como o SEAL Team Six faz. Durante um exercício, nós tínhamos de adentrar um recinto, dominar todos os alvos, fazer *shuffle-shooting* (postura na qual dois atiradores se colocam de costas, um para o outro — podendo cobrir um raio de ação de até 360º —, enquanto disparam simultaneamente em direções opostas), correr e alvejar um alvo estático. Os instrutores reconfiguravam constantemente as salas: havia ambientes grandes, pequenos, quadrados, retangulares, inimigos, amigos... E eles mudavam de lugar a mobília de cada sala, também. Vivíamos permanentemente sob avaliação: os instrutores registravam em vídeo o nosso desempenho e, depois, tínhamos de assistir às gravações.

Eu e Bobby Z. — um garotão alto, com cabelos loiros — estávamos sempre a dois segundos um do outro. Às vezes ficávamos tão próximos que eu podia sentir as baforadas do cano de seu fuzil em meus cabelos — e isto em exercícios com munição real! Havia uma grande distância entre nós dois e todos os outros caras. Após revermos uma gravação em vídeo, constatamos que Bobby e eu não diminuíamos nossa velocidade em um *shuffle-shooting*, atirando lado a lado, na mesma direção. A maioria dos outros diminuía o ritmo ao dominar os alvos — mas nós, não. Em compensação, Bobby me fazia "comer poeira" na corrida e na natação.

Enquanto estivemos no Green Team, Bobby e eu nos alternamos seguidamente no primeiro lugar. Mas fui eu que terminei na segunda colocação. Parte do motivo dessas classificações era que nós já havíamos passado por uma seleção. Enquanto estávamos na escola de tiro de John Shaw, "olheiros" das equipes Vermelha, Azul e Dourada vieram assistir ao nosso treinamento, coletando informações sobre as nossas classificações, capacidade de liderança e desempenho em ação. Eles não se mostraram muito bem impressionados ao saberem do sujeito que, ao voltar dirigindo

bêbado de um clube de *striptease*, bateu o carro em uma ponte e foi arremessado para fora do veículo, através do para-brisa.

Os SEALs trabalham constantemente em perigo; mas o Team Six leva esse perigo a níveis muito mais elevados. Nos primeiros anos da formação do Team Six, durante um treinamento de CQC, um integrante da equipe tropeçou, e, acidentalmente, acionou o gatilho de sua arma, atingindo Roger Cheuy nas costas. Mais tarde, Cheuy viria a morrer no hospital, em decorrência de uma infecção por *staph*. "*Staph*" é uma contração de "estafilococo"; nome de uma cadeia de bactérias que produz toxinas semelhantes àquelas das intoxicações alimentares. O integrante da equipe não foi apenas expulso do Team Six: ele deixou de ser um SEAL. Em outro incidente, um estranho acidente ocorrido durante um treinamento de CQC fez com que uma bala atravessasse uma das divisórias de uma "casa de assassinato", penetrando por entre as costuras do colete à prova de balas de Rich Horn, matando-o. Em um acidente envolvendo paraquedas, Gary Hershey também morreu.

Seis meses depois do início da minha turma no Green Team, quatro ou cinco homens em cada grupo de trinta já haviam sido reprovados. Embora tivéssemos tido alguns feridos, não houve nenhuma baixa fatal. A Vermelha, a Azul e a Dourada fizeram suas primeiras escolhas dentre os selecionados. O Red Team, a "Equipe Vermelha", escolheu-me logo na primeira rodada, em um processo muito semelhante ao empregado pelos times de futebol americano da Liga Nacional, quando escolhem os atletas que integrarão seus elencos. O emblema da Equipe Vermelha, aliás, é muito semelhante ao do time de futebol americano *Washington Redskins*: nele, vê-se a efígie de um índio norte-americano. Alguns ativistas podem achar isto ofensivo; mas nós admiramos muito a bravura e as habilidades de combate dos índios.

O simples fato de eu haver sido escolhido na primeira rodada não significava que eu receberia um tratamento especial da Equipe. Tornei-me membro de uma equipe de assalto do mesmo modo que qualquer um, ali. Eu e a tripulação do meu bote integrávamos uma das quatro tripulações da Equipe. No entanto, eu ainda era o "Maldito Novato" (MN). Não importava

o fato de que eu já tivesse estado em combate, enquanto alguns dos caras não: eu teria de conquistar o respeito deles.

Agora eu pertencia e estava sob a cobertura de uma organização oficial, com um comandante, um endereço e uma secretária para atender ao telefone. Porém, ao tentar obter um cartão de crédito, por exemplo, eu não poderia dizer a eles que trabalhava para o SEAL Team Six, que era uma organização secreta. Em vez disso, eu fornecia os dados "de cobertura" da organização. Eu chegava ao trabalho vestido em trajes civis, em vez de usar um uniforme. Ninguém sequer sussurrava as palavras "SEAL Team Six", àquela época.

Mesmo após termos passado pelo Green Team e de sermos admitidos no Team Six, nós continuávamos a aperfeiçoar nossas habilidades de tiro no Instituto de Tiro de Defesa Pessoal John Shaw do Meio-Sul, em Lake Cormorant, no Mississipi. Lá havia uma grande pista de tiro, com alvos que se moviam da esquerda para a direita, levantavam-se do chão impelidos por molas e muitos outros tipos. A "casa de assassinato" deles era *top* de linha. Oito de nós, da Equipe Vermelha, viajávamos até lá, de trem. Na primeira noite de sexta-feira que passamos lá, nós todos fomos a um bar de *striptease* na outra margem do rio, no Tennessee. Nosso motorista era um *geek*, operador de rádio não-SEAL, designado para trabalhar na Equipe como apoio. Seu nome era Willie, mas nós o chamávamos de Wee Wee. Ele lia um bocado, e raramente dizia mais do que três palavras. Wee Wee não quis se juntar a nós, no bar; então, ficou nos esperando no pátio de estacionamento, lendo um livro na *van*. A *van* da Equipe era preta, com vidros escuros, placas do Governo da Virgínia e suspensão reforçada. A disposição dos assentos fora personalizada, e o veículo podia transportar oito pessoas, confortavelmente. O Team Six contava com veículos blindados, com vidros a prova de balas, pneus que podiam continuar rodando mesmo se furados, luzes de polícia, uma sirene embutida por trás da grade do radiador e vários compartimentos internos para transportar armas. Mas o nosso veículo era uma simples *van* de apoio, para transportar pessoal e equipamento dentro

do território dos Estados Unidos. Quando saímos do bar, Wee Wee nos conduziu nessa *van*.

Em um semáforo, uma *pickup* "envenenada", com carburador duplo, levando três caipiras, parou ao nosso lado. Através da janela parcialmente aberta, eles podiam ver ao volante o baixinho e franzino Wee Wee, com seus óculos de Clark Kent — mas não podiam nos ver, na parte traseira do veículo, devido aos vidros escuros.

— Ei, ianque filho da mãe! —, gritou um dos caipiras. — Volte para casa!

Nem seria preciso dizer que as placas de licenciamento do nosso carro — do Estado da Virgínia — denunciavam a proveniência de um Estado que lutou do lado do Sul, durante a Guerra de Secessão, além de ser a terra natal do general sulista Robert E. Lee.

De dentro da *van*, um dos caras gritou:

— Vá se ferrar, capiau!

A luz verde do semáforo acendeu e Wee Wee seguiu em frente — até parar no semáforo seguinte. Os caipiras pararam ao nosso lado, mais uma vez.

— Ô, magrelo cretino! Você tem uma boca bem grande, hein?

Eles devem ter pensado que fora Wee Wee quem respondera à provocação.

— Ô, capiau! —, retorquiu um sujeito de dentro da *van*. — Como você reagiu ao saber que seu pai e sua mãe eram irmãos?

Os caipiras ficaram enfurecidos.

— Encoste, aí, seu magrelo safado!

Eles cuspiam tabaco de mascar, pelas janelas do veículo.

— Encoste, aí, e nós vamos te dar uma lição!

Gotas de suor porejavam da testa de Wee Wee, enquanto ele empurrava seus óculos para cima do nariz. Nós segurávamos o fôlego para não explodir numa gargalhada, revelando nossa presença no interior da *van*. Alguém sussurrou:

— Wee Wee, encoste ali.

Wee Wee continuou a dirigir por mais uns três quilômetros, antes de estacionar no acostamento de uma rampa de acesso à autoestrada interestadual. Os rudes caipiras nos seguiram, até pararem, bem atrás de nós.

— O que é que há, ianque? —, berraram eles. — "Ocê" fez uma aposta que não podia bancar?

Nós nos posicionamos por trás da porta corrediça como se fôssemos irromper em um assalto a uma célula terrorista. Eu mantinha minha mão sobre a maçaneta, enquanto os caras se dividiam em dois grupos, posicionando-se em cada um dos lados da porta. Três de nós sairiam e limpariam a área à esquerda, e outros três se encarregariam da direita.

— Wee Wee, diga a eles para chegarem até à porta...

Wee Wee convenceu os caipiras a dirigirem-se à outra lateral do veículo, para que todos pudessem se afastar do tráfego.

Os caipiras contornaram o veículo e, assim que chegaram diante da porta, eu a abri com violência. Como em um passe de mágica, seis homens surgiram, cercando-os. Parecia que os olhos deles poderiam saltar para fora, a qualquer instante. Um dos caipiras disse, dando uma cusparada de seu tabaco:

— Viu? Viu, só, John? Eu te falei! Eu te falei que essa sua boca, um dia, ainda ia meter a gente em confusão!

— Ei, babaca! —, disse eu. — Em primeiro lugar, nenhum de nós é ianque.

Então, segui com a "lição de História":

— Segundo, a Virgínia jamais foi um Estado ianque. Terceiro, o comandante geral do Sul, Robert E. Lee, era natural da Virgínia.

Isso pareceu haver acalmado os caipiras, até que o tal de John resolveu soltar a língua, novamente. Então, decidimos dar a eles uma "lição de vida", para que não tentassem tirar proveito da aparente fraqueza dos outros. Basicamente, nós arrastamos os traseiros deles na lama. E, para que levassem para casa o que pudessem haver aprendido, um de nós disse a eles:

— Vocês, tirem as calças.

Eles nos olharam com estranhamento, por um momento; mas, como não desejassem levar outra surra, ficaram apenas com suas cuecas.

Tomamos as chaves deles, fechamos as portas da *pickup* e atiramos as chaves em meio a uns arbustos à beira da estrada. Confiscamos suas calças e seus calçados.

— Se vocês forem até a próxima saída da autoestrada, encontrarão suas coisas no banheiro da loja *7-Eleven*.

Na manhã seguinte, enquanto tomávamos café antes de iniciarmos nossos exercícios, sentados ao lado da pista de tiro na John Shaw, um policial — que também era um dos instrutores auxiliares da Shaw — chegou em uma caminhonete da polícia. Nós o conhecíamos bem, pois treinávamos juntos, com frequência; e saíamos para beber com ele, também. Além disso, ele era um motociclista que pilotava uma *Harley-Davidson*, o que criava uma grande identificação entre todos nós. Ele caminhou até onde nos encontrávamos e disse:

— Eu ouvi a história mais engraçada, hoje, à uma e meia da manhã...

— É? Que história é essa? —, perguntamos, inocentemente.

— Recebi um telefonema da *7-Eleven*, dizendo que três sujeitos chegaram à entrada da loja apenas de cuecas. O caixa trancou a porta e recusou-se a deixá-los entrar. Os três caras diziam que precisavam entrar para apanhar suas roupas. Quando eu cheguei lá, metade da força policial chegou junto comigo. E, quero ser mico de circo, lá estavam os três sujeitos de cuecas. Nós ouvimos a história fantástica que eles tinham para contar. Ouçam: uma *van* preta, com vidros escuros e placas da Virgínia, parecida com aquela, ali — disse ele, apontando para a nossa *van* —, parou ao lado do carro deles. De repente, oito caras fortões, assim, mais ou menos como vocês, saltaram da *van*, os cercaram, e deram-lhes uma surra infernal, sem qualquer motivo aparente. Então, permitimos que os três entrassem na *7-Eleven* e vasculhamos a loja, por vinte minutos, mas não encontramos as roupas deles em lugar nenhum.

Ríamos tanto, naquela noite, que nos esquecemos de parar na *7-Eleven*. Os sapatos e as calças dos caipiras ainda estavam na traseira da *van*. O

policial continuou:

— Antes que eu fosse embora, um dos sujeitos disse: "Viu, John? Eu te disse que essa sua boca ainda iria nos meter em encrencas!" Então, ainda de cuecas, dois deles começaram a esmurrar o John, diante das bombas de gasolina. Nós apartamos a briga e perguntamos o que ele queria dizer com "sua boca ainda iria nos meter em encrencas", mas todos se calaram.

O policial meneou a cabeça.

— Dá para acreditar em uma história tão maluca?

Nenhum de nós disse uma só palavra. Após um momento constrangedoramente silencioso, nos levantamos e iniciamos nosso treinamento matinal.

Naquela tarde, o policial comentou:

— Se alguém age como um idiota, às vezes uma boa surra é tudo o que essas pessoas precisam. Quem quer que fossem os sujeitos na *van* preta, podem haver poupado as vidas daqueles três sujeitos, pois não sei o que poderia acontecer-lhes se encontrassem com alguém não tão paciente com caipiras boquirrotos...

Meneamos nossas cabeças em sinal de respeitosa concordância.

Embora eu ainda fosse o "maldito novato", já vislumbrava meu próximo desafio: tornar-me um atirador de elite. Certamente, eu era um viciado em adrenalina. O SEAL Team Six exigia que permanecêssemos em nossas equipes ao menos por três anos, antes de nos candidatarmos a atiradores de elite.

No outono de 1992, apresentei minha requisição para frequentar a escola de atiradores de elite. Nosso chefe na Equipe Vermelha, Denny Chalker, disse-me:

— Você é um excelente efetivo, mas ainda não está no Team Six a tempo suficiente. Trata-se de uma regra não escrita, mas queremos que você permaneça aqui por três anos, antes que possa frequentar a escola de atiradores de elite. Além disso, o líder da tripulação do seu bote não quer perder você.

A Equipe Vermelha contava com apenas dois atiradores de elite, mas precisaria ter de quatro a seis. Mas, o fato de eu ser um atirador excelente não tornava as coisas tão ruins. No entanto, uma semana depois, Denny me disse:

— Quer saber de uma coisa? Mudamos de ideia. Você pode ir. Vamos mandar você e Casanova para a escola de atiradores de elite.

Embora continuássemos a pertencer à Equipe Vermelha, agora também seríamos membros da Equipe Negra: a dos atiradores de elite. Casanova e eu poderíamos escolher dentre três escolas: os SEALs haviam iniciado sua própria pequena escola de atiradores de elite; o Exército mantinha o Curso de Interdição de Alvos em Operações Especiais, em Fort Bragg, na Carolina do Norte; e os Fuzileiros Navais — o *Marine Corps* — tinha sua academia em Quantico, Virgínia. Eu sabia que cursar a escola de atiradores de elite dos *Marines* seria um sacrifício monstruoso — mais ou menos como um minitreinamento de BUD/S —, mas o curso possuía a mais longa tradição e o mais elevado prestígio; e, mais importante, a melhor reputação do mundo.

***

Assim, fui para a Base Quantico dos *Marines*, que ocupa uma área de aproximadamente 160 km² nas cercanias do rio Potomac, na Virgínia. Na mesma base também estão localizadas as academias do FBI e da DEA (*Drug Enforcement Administration*; "Administração para a Repressão às Drogas"). Em um canto remoto da área da base, próximo à rodovia Carlos Hathcock, encontra-se a *Scout Sniper School* ("Escola de Batedores e Atiradores de Elite") — a escola mais exigente dos *Marines*. Dentre os poucos selecionados para cursar a escola, somente cerca de 50% são aprovados.

As dez semanas do curso incluíam três fases. No primeiro dia da Fase Um, "Tiro e Habilidades Básicas de Campo", nós fomos submetidos ao teste de condicionamento físico, conferimos nossos equipamentos e entregamos uma prova escrita. Quem não fosse aprovado no teste físico era imediatamente eliminado, sem direito a uma segunda oportunidade.

Depois dos instrutores terem decidido quais estudantes permaneceriam, nós nos sentamos no interior de uma construção de blocos de concreto — com as janelas vedadas e uma sala de aula — chamada de "prédio da escola", onde recebemos uma explanação geral sobre o curso.

No dia seguinte, um sargento "durão" estava diante de nós, na sala de aula. Ele parecia andar pelo início da casa dos quarenta e usava o cabelo cortado à escovinha, o que praticamente o identificava como um *Marine*. Ele era um dos integrantes do *President's Hundred*, o grupo dos cem melhores atiradores — civis e militares — na competição *President's Match*, um torneio anual de tiro com rifle e pistola. Entre os nossos instrutores também incluíam-se combatentes veteranos e tranquilos "gurus": um grupo militar do mais "grosso calibre".

— Um atirador de elite tem duas missões —, disse o sargento "durão". — A primeira é contribuir com operações de combate atirando com precisão sobre alvos selecionados, a partir de posições ocultas. O atirador de elite não sai atirando a esmo, em qualquer alvo disponível. Ele elimina apenas os alvos que poderão contribuir para que a batalha seja ganha: oficiais — comissionados ou não —, batedores, pessoal da intendência de armamentos, comandantes de tanques, pessoal de comunicações e, é claro, outros atiradores de elite. Sua segunda missão — que ocupará grande parte do tempo do atirador de elite — é observar e obter informações.

Na linha de tiro, Casanova e eu trabalhávamos juntos, alternadamente atuando como olheiros e atiradores. Como armas, tínhamos de usar os fuzis M-40 dos *Marines*, ou o Remington 700, de ferrolho, calibre .308 (7,62 x 51 mm), um fuzil pesado, de tambor, capaz de conter cinco munições. Montada sobre o fuzil, usávamos uma mira telescópica Unertl, com aumento de 10x, para atiradores de elite. Eu atirava primeiro; por isso, me assegurava de que a mira estivesse bem focalizada. Então, eu ajustava o compensador para a trajetória parabólica da bala na minha mira, modificando-o em função do efeito da gravidade sobre a bala antes que esta atingisse o alvo, a 300 jardas

(274,3 metros) de distância. Se as distâncias variassem, eu teria de acertar minha mira, novamente.

Casanova olhava através de uma luneta M-49, com aumento de 20x, montada sobre um tripé. Sem o tripé, a poderosa capacidade de aumento da luneta faria com que a visualização tremesse ao mais leve movimento das mãos. Casanova usava a luneta para calcular aproximadamente a velocidade do vento, que, geralmente, é o maior obstáculo ambiental para um atirador de elite.

Bandeirolas de vento — também conhecidas como "birutas" — são usadas para estimar a velocidade do vento de acordo com o ângulo de inclinação. Se uma bandeirola estiver em ângulo de 80º, este número é dividido pela constante quatro, obtendo-se, assim, a velocidade do vento em milhas. Assim, 80/4 = 20 milhas por hora (aproximadamente 32 km/h).

Se não houver bandeirolas disponíveis, o atirador de elite poderá usar sua habilidade de observação. Um vento que mal pode ser sentido, mas ainda é capaz de dissipar fumaça, sopra a menos de três milhas por hora. Ventos brandos sopram entre três e cinco milhas por hora. Ventos capazes de varrer folhas secas sopram entre cinco e oito milhas por hora. Poeira e sujeira levantadas do chão são sopradas por ventos de oito a doze milhas por hora. Árvores oscilam com ventos que sopram entre doze e quinze milhas por hora.

Um atirador de elite também pode utilizar o "método da luneta". Quando o sol aquece a terra, o ar quente próximo à superfície se agita em ligeiras ondulações. O vento faz com que essas ondulações se movam em sua direção. Para visualizar as ondulações, o atirador de elite focaliza algum objeto próximo do alvo. Girando a lente por onde olha um quarto de volta no senti anti-horário, ele focaliza uma área em frente da área do alvo, o que faz com que as ondas de calor se tornem visíveis. Ventos fracos produzem grandes ondulações, enquanto ventos fortes fazem com que elas sejam quase imperceptíveis. Este método de reconhecimento da velocidade dos ventos requer prática.

Ventos que soprem diretamente da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda exercem efeitos determinantes sobre um tiro. Eles são chamados de ventos de "valor pleno". Ventos oblíquos, da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, são chamados de ventos de "valor médio". Ventos que vêm da frente para trás ou de trás para a frente são chamados de ventos "sem valor", pois seu efeito sobre um tiro é mínimo.

Casanova disse-me a velocidade do vento: "Cinco milhas por hora, valor pleno, esquerda para direita". A uma distância de 300 jardas (contamos apenas as centenas; ou seja, "três") multiplicado por 5 milhas por hora, é igual a 15; 15 dividido pela constante 15, é igual a 1. Ajustei o retículo horizontal da minha mira, um clique para a esquerda. Se, por exemplo, eu tivesse obtido "dois" como resultado e o vento estivesse soprando na direção contrária, eu ajustaria dois cliques para a direita.

Disparei meu primeiro tiro contra um alvo estático. Acertei. Depois de mais dois tiros contra alvos estáticos, e outros dois contra alvos em movimento, passei à posição de olheiro, enquanto Casanova atirava. Então, recolhemos todo o equipamento, apanhamos nossas mochilas e corremos até a pista de 500 jardas. Tal como nas Equipes, valia a pena ser um vencedor. Mais uma vez, nos alternamos, disparando cinco vezes cada um: três tiros contra alvos estáticos e dois contra alvos em movimento. Repetimos o procedimento na pista de 600 jardas. É difícil controlar a respiração e o ritmo cardíaco após haver corrido. Na pista de 700 jardas, atiramos novamente contra três alvos estáticos; mas, desta vez, os alvos móveis interrompiam e retomavam seu movimento, inesperadamente. Na pista de 800 jardas, os alvos móveis também oscilavam da esquerda para a direita e vice-versa. Nas pistas de 900 e 1.000 jardas, todos os cinco alvos eram estáticos. Dos 35 tiros disparados, tínhamos de acertar ao menos 28. Perdemos um bocado de gente nas pistas de tiro. Os caras simplesmente não sabiam atirar tão bem.

Depois das pistas, retornamos ao "prédio da escola" e limpamos nossas armas, antes de fazermos um exercício de "croqui de campo". Os instrutores nos levaram até uma área aberta e disseram: "Desenhem um croqui de toda

a área, desde aquele grupo de árvores à esquerda, até a torre de água, à direita. Vocês têm trinta minutos." Nós desenhamos tantos detalhes importantes quanto pudemos — e os desenhamos em perspectiva: os objetos mais próximos parecem maiores do que os mais distantes, e as linhas paralelas horizontais convergem e desaparecem em um ponto sobre o horizonte. Na parte inferior do desenho, escrevemos sobre o que havíamos avistado: patrulhas, quantidade de caminhões de 2,5 toneladas etc. Os instrutores atribuíam notas ao nosso trabalho segundo critérios de limpeza, precisão e valor das informações de inteligência. Nada menos do que 70% de aproveitamento seria uma nota aceitável para a aprovação. Mais tarde, faríamos o mesmo exercício, porém, dispondo de apenas quinze minutos.

Um atirador de elite também mantém um registro, para ser utilizado em conjunto com o croqui; assim, ele terá um arquivo por escrito das informações-chave referentes ao terreno, à observação, à cobertura e ocultação, aos obstáculos e vias de acesso para a aproximação, além do próprio desenho.

Nós também "jogávamos" KIM — *Keep in Memory* —, exercícios de memorização específicos para atiradores de elite. O instrutor virava sobre uma mesa o conteúdo de um quepe de marinheiro contendo dez a doze pequenos objetos: um cartucho deflagrado de 9 mm, um bastão de sinalização, um saco plástico *Ziploc*, uma caneta, um par de óculos quebrado, uma fotografia de alguém, uma noz e quaisquer outros objetos que pudessem caber ali. Nós tínhamos entre dez e quinze segundos para memorizar tudo. Então, íamos para a sala de aula, apanhávamos uma folha de papel e desenhávamos tudo o que víramos. Finalmente, tínhamos de descrever, verbalmente, tudo o que víramos. Às vezes, usando lunetas ou binóculos, tínhamos de descrever detalhadamente vários objetos colocados à distância. Se, numa base rotineira, eu não conseguisse um índice de acertos de 70%, seria chutado para fora. Uma das habilidades básicas de um atirador de elite é ser capaz de se lembrar do que vê. Nós também tínhamos de "queimar" através do capim e dos arbustos — encontrar um posto de observação onde o capim e a vegetação obstruíssem a visão —, usando a

própria vegetação como cobertura para evitar ser avistado pelo posto de observação original.

Na Fase Dois, "Distância Desconhecida e Espreita", os que, dentre nós, haviam superado a Fase Um, tínhamos de levar dez alvos metálicos — pesando aproximadamente 45 quilos cada um — de uma pista de tiro para outra, cujos comprimentos variavam entre 300 e 800 jardas. Porém, uma vez que não conhecíamos as distâncias exatas, tínhamos de estimá-las. Acertos no primeiro tiro valiam dez pontos; no segundo tiro, apenas oito. Não havia terceiro tiro. Ao completar cada pista, Casanova e eu reposicionávamos os alvos e começávamos novamente.

Tínhamos de manter o mínimo de 70% de aproveitamento ao longo das três semanas de tiro para permanecermos na escola.

Além das habilidades de tiro, a escola de atiradores de elite também nos ensinou sobre ocultação. Nós tínhamos de confeccionar nossos próprios "uniformes de amarração". Primeiro, preparamos nossa vestimenta básica: as peças superiores e inferiores de uniformes de combate comuns. Depois, usando uma linha de grande resistência, que não apodrecesse nem desfiasse facilmente — como, por exemplo, uma linha de pesca, de náilon, de 12 libras — nós costurávamos uma rede (um pedaço de rede de camuflagem militar, ou uma rede de pesca) nas partes das costas e nas juntas dos nossos uniformes. Em vez de linha e agulha, uma cola selante também poderia ser utilizada para a mesma finalidade, tornando o trabalho mais fácil. Então, cortávamos tiras de lona e de sacos de aniagem, de aproximadamente 2,5 x 20 cm, e as enfiávamos e amarrávamos na rede afixada sobre a vestimenta. Puxávamos o material no sentido do comprimento, para que a lona ficasse mais maleável e cedesse. Usando uma lata de tinta em *spray*, nós coloríamos as tiras de lona amarradas. Do joelho para baixo, Casanova e eu acrescentávamos folhagens naturais locais, de acordo com o terreno por onde nos movêssemos. Folhas retiradas de galhos de plantas mais altas iriam destacar-se da vegetação rasteira, quando o atirador de elite tivesse de rastejar no solo. Nós tínhamos o cuidado de não acrescentar nada que fosse

longo demais e pudesse tremular ao vento, como uma bandeira. Folhagens funcionam melhor, pois conservam-se por mais tempo. Capim e gramíneas apodrecem e mudam de cor muito rapidamente, em questão de apenas quatro horas. Em torno da coronha do fuzil, nós enrolávamos e amarrávamos uma tipoia de lona, de uma tonalidade opaca de verde-oliva, para descaracterizar o contorno do desenho da arma. Uma peça similar era atada sobre o pente e a mira, com a mesma finalidade. Tiras de aniagem e de lona também eram atadas às tipoias, para quebrar a coloração uniforme do tecido. A luneta M-49, os binóculos e outros tipos de equipamento também eram camuflados da mesma maneira.

Nos fins de semana, em nossas horas de folga, Casanova e eu aprendemos e praticamos a arte da invisibilidade. Trabalhávamos em "uniformes de amarração" e, então, saíamos em campo aberto e nos ocultávamos em diferentes ambientes, tentando encontrar um ao outro. Passávamos a maior parte das nossas horas vagas aperfeiçoando nossa habilidade de nos tornarmos invisíveis.

A espreita era o que causava o maior número de reprovações entre os estudantes. O local de cada espreita variava, e nós tínhamos de alterar nossos esquemas de cores e texturas para nos misturarmos indistintamente a cada ambiente. Algum conhecimento sobre óptica vem bem a calhar, durante uma espreita. O olho nu pode abranger o maior campo visual. Binóculos podem ser utilizados para examinar algo mais de perto, embora limitem a abrangência do campo visual. A mira de um atirador de elite permite um exame ligeiramente mais detalhado do que o proporcionado pelos binóculos, contudo, limita ainda mais o campo visual. A luneta de um olheiro proporciona o maior aumento da imagem, permitindo ao atirador de elite que examine detalhadamente os objetos — embora seja o equipamento que mais estreite o campo de visão.

Quanto mais um atirador de elite se aproxima de um alvo, mais lentamente ele se move. A cerca de três quilômetros do alvo, ele passa a avançar silenciosa e rapidamente, de um ponto de cobertura a outro, pela metade dessa distância. Ao longo do próximo quilômetro,

aproximadamente, ele será ainda mais furtivo, de acordo com as possibilidades de cobertura e ocultação proporcionadas pelo terreno. Nos últimos 800 metros de distância do alvo, os movimentos do atirador de elite tornam-se dolorosamente cuidadosos, enquanto ele rasteja pelo chão. Sua mão direita avança apenas trinta centímetros a cada trinta segundos, Então, a mão esquerda move-se para diante, tão lentamente quanto a direita.

Às vezes, espreitadores que tenham estado ali antes deixam uma trilha. A vantagem de utilizar essas trilhas é que a vegetação já foi amassada sobre elas, fazendo com que segundos preciosos sejam poupados ao se desvencilhar de cada arbusto ou touceira.

Dentro de um período de três a quatro horas, tínhamos de espreitar um alvo a uma distância entre 730 e 1.100 metros, chegando a cerca de 180 metros do Observador, em um posto de observação. Se o Observador nos avistasse, com sua luneta, antes que chegássemos a 180 metros da nossa posição, marcaríamos apenas 40 pontos dos 100 possíveis — o que significaria um fracasso.

Se o Observador notasse um arbusto se movendo, ele chamaria um dos Caminhantes, pelo rádio. "Caminhante, vire à esquerda. Ande três metros para frente. Pare. Vire à direita. Um metro. Pare. Há um atirador aos seus pés." Qualquer atirador que estivesse em um raio de trinta centímetros de um Caminhante teria sido apanhado. Geralmente, os atiradores que eram apanhados não chegavam a alcançar a distância de 180 metros do alvo. O atirador, então, tinha de ficar em pé com sua arma e caminhar até o ônibus. Cinquenta pontos; fracasso.

Ao alcançarmos nossa posição final de tiro, a 180 metros do objetivo, tínhamos de preparar nossas armas e dispararmos um tiro de festim contra o Observador. Se o atirador não pudesse identificar corretamente o Observador, calcular corretamente as condições do vento ou a elevação, ou não conseguisse atirar a partir de uma plataforma estável, marcaria apenas 60 pontos: fracasso. Caso ele fizesse tudo isso, mas o Observador avistasse o clarão do cano da arma no momento do tiro, ele avisaria o Caminhante

sobre a posição do atirador e este seria apanhado. Setenta pontos: a pontuação mínima para passar no teste.

Caso o Observador não pudesse ver o tiro, o Caminhante gritaria, dirigindo-se à área onde ele acreditasse que o atirador estivesse oculto: "Dispare o segundo tiro!"

A maioria dos caras era apanhada porque o Observador avistaria o movimento de varredura do cano da arma, no segundo tiro. Oitenta pontos.

A parte final da espreita verificaria a capacidade do atirador de identificar um sinal feito pelo Observador. Se o deslocamento do segundo tiro fizesse com que algo se movesse no ambiente em que fora disparado — gravetos, talos de relva, ou qualquer outra coisa — e o atirador não pudesse ver o sinal do Observador, seriam noventa pontos.

— O alvo está dando tapinhas na própria cabeça —, disse eu.

O Caminhante falou com o Observador, pelo rádio.

— O atirador diz que você está dando tapinhas no alto da sua cabeça.

— Sim. Boa espreita. Levante-se. Vá para o ônibus.

Uma espreita perfeita. Cem pontos. Precisávamos fazer ao menos duas espreitas perfeitas em dez, além de manter uma média igual ou superior a 70% de aproveitamento.

Mesmo no outono, com 21ºC de temperatura, Quantico ainda era quente como o inferno quando se tinha de vestir um "uniforme de amarração" e arrastar uma mochila cheia de equipamento ao rastejar pelo chão. As pessoas desidratavam. Ao concluirmos a espreita, tínhamos de voltar ao campo e inspecionar todos os arbustos, para encontrar os sujeitos que houvessem desmaiado. Nós os carregávamos de volta para as barracas.

Casanova e eu ficávamos em um quarto de hotel fora da base, enquanto os *marines* permaneciam nas barracas, no lado oposto da rua, diante da escola de atiradores de elite. Se os nossos *pagers* fossem desconectados e tivéssemos de dar o fora, poderíamos sair sem que um bocado de gente ficasse imaginando o que estaria acontecendo. Puxa, nós éramos "astros", recebendo sempre o melhor de tudo: voando de primeira classe e tendo um carro alugado para cada dois homens. Em nosso quarto de hotel, após uma

espreita, eu esquadrinhava os lugares do corpo de Casanova que ele mesmo não pudesse examinar à procura de carrapatos, que podem causar a Doença de Lyme. Se deixada sem tratamento, a Doença de Lyme ataca o sistema nervoso central. Casanova fazia o mesmo por mim. Não há nada mais íntimo do que ter um amigo, munido de uma pinça, tirando um carrapato da região imediatamente circundante ao seu ânus.

Foram necessárias três ou quatro espreitas para que uma luz se acendesse no meu cérebro: *Agora eu vejo o que eles estão tentando me levar a fazer. Tenho de manter meus movimentos discretos. Nada de brilhar, flamejar ou reluzir.* Durante uma das minhas primeiras espreitas, eu rastejava por um campo de trigo ainda verde, quando um garoto passou por mim, muito velozmente.

— Cara, você está indo rápido demais —, sussurrei.

— Eu vi o Observador pelos meus binóculos. Ele ainda não teve tempo de se preparar. Vou correr até aqui e ganhar alguma distância, antes que ele comece a procurar por nós.

Idiota.

Ele cruzou à minha frente, movendo-se muito rapidamente enquanto rastejava para longe.

Droga.

— Todos os atiradores, alto! —, anunciou um Caminhante.

Todos estacamos, onde estávamos.

O Observador falou com o Caminhante, que se encontrava trinta centímetros à minha frente.

O garoto estava um metro e meio adiante de mim, porque movera-se muito velozmente.

"Atirador aos seus pés", disse a voz que saiu do rádio do Caminhante.

— É. Levante-se, Wasdin.

Filho da mãe. O que eu poderia ter feito? Choramingar ao instrutor que a culpa não havia sido minha?

Quarenta pontos. Aquilo doeu. Especialmente nas primeiras espreitas, cada ponto contava muito. Considerei a possibilidade de ser reprovado por

causa daquele incidente. Não me agradava a ideia de voltar para Dam Neck, Virgínia, tendo de dizer que havia sido reprovado na escola de atiradores de elite.

Embora a tática do garoto pudesse — teoricamente — fazer sentido, empregá-la às minhas custas fora algo insensato. Nem é preciso dizer que eu tive uma "conversa particular" com o garoto, quando voltamos ao complexo.

— Se você acha certo tirar vantagem ao perceber que um instrutor ainda não está preparado, vá em frente. Mas não rasteje ao meu lado, nem passe à minha frente desse modo, outra vez. Se você fizer com que eu seja apanhado novamente, vamos ter uma conversa diferente.

Ele jamais voltou a cometer o mesmo erro, e graduou-se como atirador de elite na mesma turma que eu.

Mesmo após um atirador haver obtido pontuação suficiente para ser aprovado, caso ele seja apanhado cometendo o mesmo erro, vezes e vezes seguidas, os instrutores o reprovariam, a despeito de sua colocação. Alguns sujeitos foram reprovados porque não conseguiram fazer com que seus "uniformes de amarração" se confundissem com o ambiente ao redor.

Cara, nós já estamos fazendo esta aula há um mês. Temos trabalhado nesses uniformes desde antes de iniciarmos este curso. Por que você não vai lá para fora, dá uma olhada no terreno e faz com que seu uniforme se confunda com ele?

Alguns caras conseguiam fazer com que seus uniformes se confundissem com o terreno, mas não conseguiam se manter colados ao chão. Eu vi muitos traseiros projetando-se no ar. Os caras rastejavam até uma árvore e achavam que esta os tornaria invisíveis. Os instrutores os chamavam de "câncer de árvores". Bastava seguir o contorno de uma árvore de cima abaixo: linear, linear... com um calombo na base. *"O que tem aquela árvore? Um nódulo canceroso, ali?"* Fracasso.

Havia muito mais no curso de atirador de elite do que a habilidade de acertar um tiro a longas distâncias. Um atirador olímpico poderia disparar um tiro assim; mas não saberia fazer uma espreita como um atirador de elite sabe. Durante a sétima, a oitava e a nona espreitas, os instrutores

começaram a chamar algumas pessoas, dizendo-lhes para que deixassem o curso. Mesmo que aqueles estudantes obtivessem pontuações perfeitas em suas espreitas finais, não poderiam somar pontos suficientes para que fossem aprovados no curso de atiradores de elite. Nós jamais voltamos a vê-los.

Eu terminei com um total entre 800 e 850 pontos, dos mil possíveis — computando os pontos que perdi devido à impaciência daquele garoto.

A Fase Três, "Habilidades Avançadas de Campo e Emprego em Missão", incluía uma operação final. Não importava quão bem pudéssemos ter nos saído nas pistas de tiro, nos jogos KIM ou nas espreitas, teríamos de ser aprovados na operação final, com três dias de duração. Os instrutores esperavam que demonstrássemos um alto nível de maturidade e independência. Os atiradores de elite costumam trabalhar em duplas, sem qualquer tipo de supervisão direta; por isso, eles devem ser capazes de tomar decisões por si mesmos. Essas decisões podem ser relativas a uma adaptação fluida ao ambiente em que se encontrem.

Sob a cobertura da noite, durante a operação final, Casanova e eu chegamos à nossa posição final de tiro e construímos nosso abrigo de atiradores. Primeiro, cavamos entre dez e quinze centímetros, removendo cuidadosamente a relva, nivelando e limpando o solo superficial e juntando todo o resíduo de um lado. Então, escavamos um buraco de 1,80 x 1,80 m, com 1,5 m de profundidade. No fundo do buraco, escavamos um fosso, medindo cerca de 60 cm de comprimento, por 45 cm de largura e 30 cm de profundidade, em um ângulo de 45º de inclinação, para conter a água da chuva ou granadas indesejáveis. Além disso, para evitar que a chuva se acumulasse em nosso buraco, guarnecemos a borda superior do fosso com sacos de areia. Limpamos a área circundante à parte superior do buraco, para que pudéssemos pousar ali os nossos cotovelos, enquanto vigiássemos ou atirássemos. Depois disso, cobrimos o buraco com toras de madeira, ponchos para chuva, pedras, terra e o resíduo da primeira escavação, que havíamos reservado. Finalmente, criamos um buraco de saída pelos fundos, que camuflamos com galhos caídos das árvores. Dentro do buraco de saída,

posicionamos uma mina de fragmentação, para darmos as "boas-vindas" a eventuais "convidados".

Nós mantínhamos um registro detalhado de tudo o que se passava na área-alvo — uma casa, no meio do nada, com veículos à sua volta. Uma patrulha veio em nossa direção, mas não conseguiu nos avistar. A intervalos de uma hora, Casanova e eu nos revezávamos nas funções de olheiro e atirador. Nós comíamos, dormíamos e satisfazíamos nossas necessidades fisiológicas dentro do buraco. A parte mais difícil era fazer com que um de nós se mantivesse acordado enquanto o outro dormia. À noite, tínhamos de sair do buraco e dar uma olhada na parte de trás da casa. Ouvindo o nosso rádio à hora determinada, recebemos nossa "janela" de tiro — o intervalo de tempo em que deveríamos identificar e acertar o alvo. "O homem com um boné vermelho aparecerá às 2h do dia 8 de novembro. Vocês devem eliminá-lo." Em vez disso, surgiu um homem com um boné azul. Alvo errado.

Antes do início da operação, Casanova e eu havíamos preparado um cartão, com o formato de um semicírculo, com um mapa de tiro da área. Ao chegarmos à nossa posição final de tiro, nós o modificamos, acrescentando detalhes relativos às principais características do terreno e outros objetos. Nós dividimos o cartão em três setores: A, B e C. Empregando sinais de mãos e de braços previamente combinados, Casanova avisou-me de que o alvo havia chegado ao setor B, na posição de doze horas, a 457 metros de distância. Então, ele apontou para a localização do alvo no cartão com o mapa de tiro.

Acenei afirmativamente, com o polegar voltado para cima, já tendo acertado a minha pontaria. A intersecção das linhas da minha mira já fora posicionada sobre o peito de um manequim com um boné vermelho, que havia sido colocado à janela frontal da casa. Se eu errasse o tiro, não me graduaria pela escola de atiradores de elite. Casanova ainda teria a chance de disparar o seu tiro, mas eu já teria sido reprovado. Calmamente, eu acionei o gatilho. Na mosca. Após havermos atirado, sorrateiramente nos "exfiltramos" até o ponto onde seríamos apanhados. Para que chegássemos

lá, a orientação em terra requeria que usássemos um mapa e uma bússola — nada de GPS.

De volta ao "prédio da escola", Casanova e eu fizemos um relatório sobre o que víramos no caminho de ida e no caminho de volta, e quando víramos. Nós usamos fotografias e croquis feitos no campo para a nossa apresentação. A possibilidade de não sermos aprovados na escola de atiradores de elite ainda pairava sobre nós. O major nos disse:

— Vocês dois fizeram uma excelente apresentação. O posto que vocês construíram em sua posição final de tiro foi excepcional: um dos melhores que já vi. Fui até lá inspecioná-lo, pessoalmente. A técnica de detalhamento e descrição de vocês foi magnífica.

Nós demos um suspiro de alívio. Naturalmente, a nossa técnica de detalhamento e descrição era, mesmo, magnífica: nós a praticávamos desde o treinamento de BUD/S.

Infelizmente, para os outros atiradores-estudantes, nós terminamos em primeiro lugar: o nosso padrão era difícil de ser seguido ou alcançado. Olhei em torno, dentro da sala, e notei que os *marines* não pareciam ansiosos para apresentar seus relatórios de campo. Um jovem *marine* era um excelente atirador, mas o major o criticou tão duramente que cheguei a me sentir mal por ele. Ele havia se realistado para tornar-se um atirador de elite. Tanto ele quanto seu parceiro haviam sido flagrados dormindo ao mesmo tempo, em vez de um deles permanecer desperto e ambos dormirem em turnos. Os avaliadores de campo os haviam surpreendido durante a "exfiltração". A técnica de detalhamento e descrição de ambos não denotava sinais de habilidade ao lidar com informação. Se um atirador de elite não é capaz de comunicar o que viu, a informação que ele porventura detenha se torna inútil. No universo dos atiradores de elite, chamamos aos homens como aqueles dois jovens *marines* de "grandes puxadores de gatilho". Muita gente pode puxar um gatilho; mas aqueles dois *marines* não compareceriam à nossa cerimônia de graduação.

Vestindo nossos uniformes de combate, nós tivemos uma cerimônia de graduação informal. Um por vez, nossos nomes foram chamados, para que

recebêssemos nossos diplomas e a insígnia cujo desenho fora criado por nossa turma. Até aquela ocasião, nós não pudéramos ter possuído a insígnia — muito menos usá-la. O desenho era muito bacana: um crânio encapuzado com uma mira de precisão gravada sobre a cavidade ocular direita, bordado em prateado e negro. Sob o desenho havia uma inscrição: "A DECISÃO É MINHA". Um atirador de elite decide o momento e o lugar em que eliminará o seu alvo. O major entregou-me o meu diploma. Mas não era o diploma o que eu queria tanto. *Dê-me a insígnia.* Ele a deu para mim. Nossa turma confeccionou certificados de apreciação e cópias da insígnia a cada um dos nossos instrutores. Eles realmente os mereceram.

Após o término da escola de atiradores de elite, voltei para "casa", para a Equipe Vermelha; mas tive apenas um tempo muito curto para passar com a minha família. No trabalho, comecei imediatamente a aprender como manejar o .300 Win Mag, com a mira telescópica Leupold poder-10. Passar da utilização do fuzil 7.62 mm dos *marines* para o .300 Win Mag, a arma dos atiradores de elite do SEAL Team Six, era como deixar de dirigir um ônibus e passar a pilotar uma Ferrari.

A KN-250 era a nossa luneta de visão noturna correspondente à mesma arma. As lentes de visão noturna amplificam a luminosidade disponível — tal como a luz do luar ou das estrelas — e produzem imagens em tons de verde, em vez de em preto e branco. O resultado pode carecer de profundidade e contraste, mas permite ao atirador ver em plena escuridão da noite.

Então, fizemos uma viagem a Fort Bragg, na Carolina do Norte, e começamos a aprender a atirar com fuzis CAR-15 munidos de silenciadores, enquanto nos conectávamos, no exterior de helicópteros, a assentos especiais — parecidos com banquetas de bar, com encostos — acoplados aos esquis dos trens de pouso das aeronaves. Aprender a fazer isso com grande velocidade leva um bocado de tempo. O aprendizado estendeu-se às comunicações, e aprendemos a utilizar o rádio LST, de comunicação por satélite, que tem um teclado especial para enviar mensagens criptografadas.

Casanova, Little Big Man, Sourpuss e eu voamos para o Sul, para treinarmos juntamente ao Serviço Aéreo Especial Australiano (*Australian Special Air Service*; SAS). A viagem pareceu durar uma eternidade. Viajamos em um voo comercial, na classe executiva, da costa leste para a costa oeste dos Estados Unidos. Dali, voamos para o Havaí. Do Havaí, viajamos até aterrissarmos no aeroporto de Sydney, na costa leste australiana. De lá, voamos sobre o continente até chegarmos a Perth, na costa oeste. No total, aquele foi o voo mais longo da minha vida — e rendeu-me o pior *jet lag* que já sofri.

Em Perth, na área externa do Acampamento Campbell, sede do SAS australiano, erguia-se um monumento em homenagem a todos os soldados do SAS mortos no cumprimento do dever, em treinamento ou em combate: havia quase quarenta nomes inscritos, ali; e muitos pertenciam a homens que morreram em decorrência de acidentes em sessões de treinamento. No interior das barracas, guardamos nossas armas em seus estojos de segurança e fomos levados a um *tour* pelas redondezas. À noite, fomos hospedados em um hotel da cidade, à margem do rio Swan. Embora Sydney seja o destino turístico mais popular da Austrália, Perth tem um custo mais baixo e é uma cidade mais bonita.

As boinas cor de areia do uniforme dos SAS australianos ostentam uma insígnia metálica com uma adaga alada, em dourado e prateado, sobre um escudo de fundo negro. As principais atribuições do SAS australiano — cuja estruturação é semelhante à do SAS britânico, que influenciou grandemente na criação e na formação do SEAL Team Six e da *Delta Force* — incluem atividades antiterroristas e de reconhecimento (por mar, ar e terra). Os SEALs têm um histórico de trabalho conjunto com o SAS australiano que remonta à Guerra do Vietnã.

Quando chegamos à pista de tiro, os australianos concentraram-se no tiro a 200 jardas, contra alvos que se moviam velozmente. Nós havíamos treinado mais tiros contra alvos estáticos, a distâncias mais longas. Seus atiradores de elite usavam fuzis semiautomáticos .308, enquanto nós atirávamos com os nossos Win Mags, com ferrolhos. Quando conjuntos de

quatro alvos móveis passavam zunindo por nós, tínhamos de operar manualmente o ferrolho a cada tiro disparado por nossos fuzis, o que fazia com que acertássemos apenas a metade dos alvos. Enquanto isso, os SAS simplesmente mantinham pressionados os gatilhos de suas armas, e a operação automática, movida a gás, encarregava-se de recarregar os cartuchos na agulha, fazendo com que eles derrubassem todos os seus alvos. Nós "comíamos poeira". Percebi que, em um ambiente de movimentação rápida, como em um combate urbano, é uma boa ideia poder contar com alguém manejando um fuzil semiautomático .308, para atirar em um raio de 200 a 400 jardas. O alcance máximo dos nossos CAR-15 automáticos era de 200 jardas.

Porém, quando chegamos às pistas de tiro de 500 a 700 jardas, foi a vez dos australianos "comerem poeira". Suas armas semiautomáticas perdiam em termos de precisão, a longas distâncias, enquanto nossos fuzis com ferrolhos mantinham sua eficácia. Nós também contávamos com instrumentos ópticos melhores.

Eu acertei um alvo a 725 jardas. Um sujeito do SAS que estava atrás de mim falou, pelo rádio:

— Ele acertou esse tiro?

— Sim.

Eu atirei novamente.

— Ele acertou esse?

— Sim.

De novo, e de novo... Ele meneou a cabeça e, naquela noite, quando fomos a um bar, pagou-me uma cerveja *Red Back* — uma cerveja de trigo australiana, cujo nome faz referência à tristemente famosa espécie de aranhas cuja fêmea come o macho durante o acasalamento. As aranhas *red back* ("dorso vermelho") também atacam os seres humanos, injetando-lhes seu veneno neurotóxico; mas a *Red Back* é uma marca de cerveja muito popular entre os SAS australianos.

— Excelente fuzil, o seu, companheiro —, disse-me ele.

Dias depois, com munição carregada em nossos CAR-15 com silenciadores, iniciamos uma incursão de dez dias pelo *outback* australiano. Certa noite, quando nos encontrávamos dentro dos limites de um rancho de mais de 8.000 hectares, fomos embarcados nos veículos de assalto *Range Rovers*, do SAS. Cada um dos veículos possui, à frente, um tipo de aríete especialmente montado sobre a grade do radiador, ao qual uma carga de explosivo moldável pode ser acoplada para explodir uma porta ao contato. Então, os efetivos saltam do veículo e, em seguida, tomam de assalto o edifício contra o qual ele foi lançado: uma ação impressionante de assistir. O *Range Rover* também pode lançar uma cortina de fumaça atrás de si, para encobrir uma fuga. Enquanto dirigíamos, atirávamos contra alvos em movimento: cangurus. Os cangurus pastavam nas terras do rancho, ameaçando devastar a frágil natureza do meio ambiente, deixando pouco alimento restante para o gado de criação e disseminando doenças. Em contraste com os cangurus de pelúcia, de aparência tão inofensiva, os cangurus selvagens — especialmente quando provocados ou sentindo-se acuados — podem imobilizar um ser humano com suas patas dianteiras e destripá-lo com as poderosas garras de suas patas traseiras.

Casanova, Little Big Man, Sourpuss e eu usávamos miras telescópicas de visão noturna e lasers infravermelhos AN/PEQ, da *Insight Technology*, montados sobre os nossos CAR-15. Atirar de um veículo em movimento em alvos que estejam, igualmente, em movimento, é difícil. Eu movia meu laser acompanhando os saltos dos cangurus. Do veículo em que viajavam os SEALs, nossas armas matraqueavam: *pôu, pôu, pôu, pôu, pôu, pôu.*

Quatro homens do SAS viajavam em outro *Range Rover*. *Pôu.*

O *Range Rover* dos SEALs parecia levar a bordo a própria Revolução Americana, em pleno andamento. *Pôu, pôu, pôu, pôu, pôu, pôu.*

Os australianos, às vezes, produziam um ruído. *Pôu.*

Nós atirávamos seis vezes para cada tiro que eles disparavam. *Pôu, pôu, pôu, pôu, pôu, pôu.*

Os homens do SAS acharam que nós havíamos atirado a esmo, até que fomos conferir o estrago que provocáramos e eles puderam ver as carcaças

que nos rodeavam. Para cada canguru que eles mataram, nós havíamos matado seis.

— Uau! Vocês, SEALs, têm uns brinquedos bem legais, aí!

No dia seguinte, o rancheiro veio contemplar a matança.

— Vocês fizeram um trabalho excelente, rapazes. Obrigado!

Ele parecia a ponto de nos dar um cumprimento australiano.

De volta ao quartel-general do SAS, sentamo-nos em uma bela sala de reuniões. Os efetivos nos serviram um pouco do vinho do porto proveniente de sua própria adega, cujas garrafas tinham rótulos com os emblemas do regimento SAS. Entre uma bebida e outra, um dos soldados nos contou que, durante a Primeira Guerra do Golfo, servira no mesmo acampamento que a unidade Bravo-Dois-Zero do SAS britânico, que enviara uma equipe de oito homens ao território inimigo para mapear posições das forças hostis e destruir linhas de comunicação por fibra óptica. Durante o segundo dia da operação, um fazendeiro em um trator avistou-os, e os homens do SAS deixaram que ele partisse, em vez de detê-lo ou matá-lo.

Ao longo dos dias seguintes, o Bravo-Dois-Zero sobreviveu a vários combates a bala, antes de dispersar-se. Combatentes civis iraquianos mataram Robert Consiglio. Vincent Philips e Steven Lane morreram de hipotermia, no deserto. Os iraquianos capturaram Andy McNab, Ian Pring, Malcolm MacGown e Mike Coburn (do SAS da Nova Zelândia) — que, mais tarde, foram libertados. Chris Ryan escapou das tropas iraquianas em uma fuga que durou oito dias, caminhando por mais de 320 quilômetros, até a Síria — a mais longa manobra de fuga e evasão jamais empreendida por um soldado. Durante os trinta minutos em que contou a história, o efetivo do SAS ficou com os olhos marejados, parecendo haver conhecido pessoalmente a um ou mais dos efetivos que faleceram. A principal mensagem que ele dirigiu a nós foi: "Se vocês forem comprometidos de alguma maneira, é sempre melhor matar ou aprisionar a pessoa que os avistar do que permitir que ela se vá, livremente."

Os homens do SAS australianos nos trataram muito bem. Eles nos ensinaram algumas coisas, e nós lhes ensinamos algumas coisas. Todos nos

sentíamos melhores por isso; e é por isso que o intercâmbio é benéfico. Tal como disse, certa vez, o general George Patton, "a preparação diligente traça sua própria sorte".

9.
O Atirador de Elite Renascido

Depois do general Garrison ter "jogado a titica no ventilador" sobre todos os atiradores de elite da JSOC — tanto os SEALs, quanto os efetivos da *Delta* —, nós pudemos "ver a luz". Não havia maneira de acertarmos um tiro a 800 jardas, sempre e infalivelmente, sob quaisquer condições. Um de nós atirou tão longe do alvo que acertou o caixilho da janela. Pagamos nossos pecados ao passarmos um mês atirando de maneira realmente infalível, a despeito das condições climáticas, da hora do dia, da fadiga (que desempenha um papel muito importante), da inclinação, da elevação, das características do terreno, das hemorróidas etc. Atiramos em dias chuvosos, em dias muito frios, enquanto rastejávamos para fora de um esgoto — nós experimentamos de tudo. Nós éramos renascidos. "Nós podemos acertar um tiro, em terra, a 500 jardas de distância, a qualquer momento, sob quaisquer condições. Todos os dias, cada um dos atiradores ia para a pista de tiro e disparava seus dez cartuchos — e era melhor que ele acertasse um tiro fatal: oito de cada dez tiros nos cinco anéis externos, e os últimos dois nos quatro anéis internos de um alvo regulamentar do FBI.

O SEAL Team Six fez uma seleção para determinar quem era seu melhor atirador. Dentre os dezoito atiradores de elite da unidade, eu fiquei em primeiro lugar. Isto não "pegou bem" entre os atiradores que ali estavam havia mais tempo do que eu. Country, que chegara ao Team Six um ano antes de mim, ficou em segundo lugar. Natural do Alabama, ele era um

sujeito grandalhão, com cabelos castanho-escuros, que gostava de uma boa diversão e costumava falar — carregando propositadamente seu já pronunciado sotaque sulista — sobre as caçadas que fazia em sua terra natal: o que caçava, como preparava a carne e o sabor que ela tinha. É provável que ele tenha começado a caçar aos dez anos de idade. Diferentemente do que acontecia comigo, ele tinha uma experiência como atirador que remontava à sua infância. Esse tipo de experiência, porém, pode ser uma "faca de dois gumes". Alguns atiradores de elite têm de "desaprender" maus hábitos anteriormente adquiridos.

O SEAL Team Six enviou a Country e a mim como a dupla de atiradores que deveria representá-lo em uma competição de tiro no complexo da *Delta*, na Carolina do Norte. Cada uma das Equipes SEAL enviou seus dois melhores atiradores; e o mesmo foi feito pela *Delta*, pelos batalhões de *Rangers* (unidades de infantaria ligeira do Exército, que podem combater contra unidades convencionais ou de operações especiais), pela Equipe de Resgate de Reféns (*Hostage Rescue Team*; HRT) do FBI, pelo Serviço Secreto e pelo Departamento do Xerife do Condado de Cumberland — onde se encontrava o complexo da *Delta*, local da competição —, além de outras organizações.

A cada manhã, na pista de tiro do complexo da *Delta*, nós iniciávamos as atividades atirando "a frio" em "pombos de argila" — pequenos alvos feitos de uma mistura de alcatrão e pó de pedras calcárias, moldados no tamanho e formato de um pires invertido e afixados a um alvo maior, recortado na forma da silhueta branca de um pombo. Para Country e eu, este tratava-se de um tiro fácil. Quando a bala o atingia, o "pombo de argila" desfazia-se em poeira. Quem errasse o tiro tinha de pagar uma caixa de cerveja. Os atiradores de elite do FBI e do Serviço Secreto compravam caixas de cerveja quase todos os dias.

Nós também disparávamos tiros "a frio" a longa distância, sem utilizar um sinalizador a laser — o que tornava o tiro ainda mais difícil. Quando o alvo surgia, tínhamos de identificá-lo como "amigo" ou "inimigo" uma fração de segundo antes do disparo, acertando os inimigos antes que eles

fugissem do campo de visão. Nos tiros em ângulo oblíquo, nós disparávamos do alto de um edifício sobre os alvos — o que requer um cálculo diferente das outras formas de tiro.

Em outra ocasião, nós tínhamos de correr até uma posição, estabelecer um esconderijo para o atirador de elite e disparar. Country subiu correndo os quatro andares do edifício, portando o meu fuzil, e instalou-o. Subi as escadas atrás dele, mas, como não tivera de carregar minha arma, ao chegar à posição final de tiro pude controlar minha respiração mais rapidamente, dentro de poucos segundos. Limpar minha mente de quaisquer pensamentos já havia se tornado um processo automático para mim. Acionei o gatilho para acertar um alvo que se encontrava no interior de outro edifício, diretamente à minha frente. Na mosca.

Nossos tiros de longo alcance variavam entre 500 e 750 jardas de distância do alvo. Somente algumas poucas equipes podiam competir verdadeiramente nesta modalidade de tiro: o SEAL Team Six, a *Delta*, alguns dos batalhões de *Rangers* e os atiradores de elite do Departamento de Energia, que montava guarda em usinas nucleares.

Country e eu nos tornamos a melhor dupla de atiradores de elite da competição — até a manhã do último dia. Nós concluímos alguns tiros preliminares; eu servi como olheiro e localizei alguns alvos para Country, que os acertou. Então, localizei outro alvo. Country posicionou sua mira sobre o alvo e, quando ele acionou o gatilho, o alvo que representava o refém se moveu.

— Droga!

— O que foi? —, perguntei.

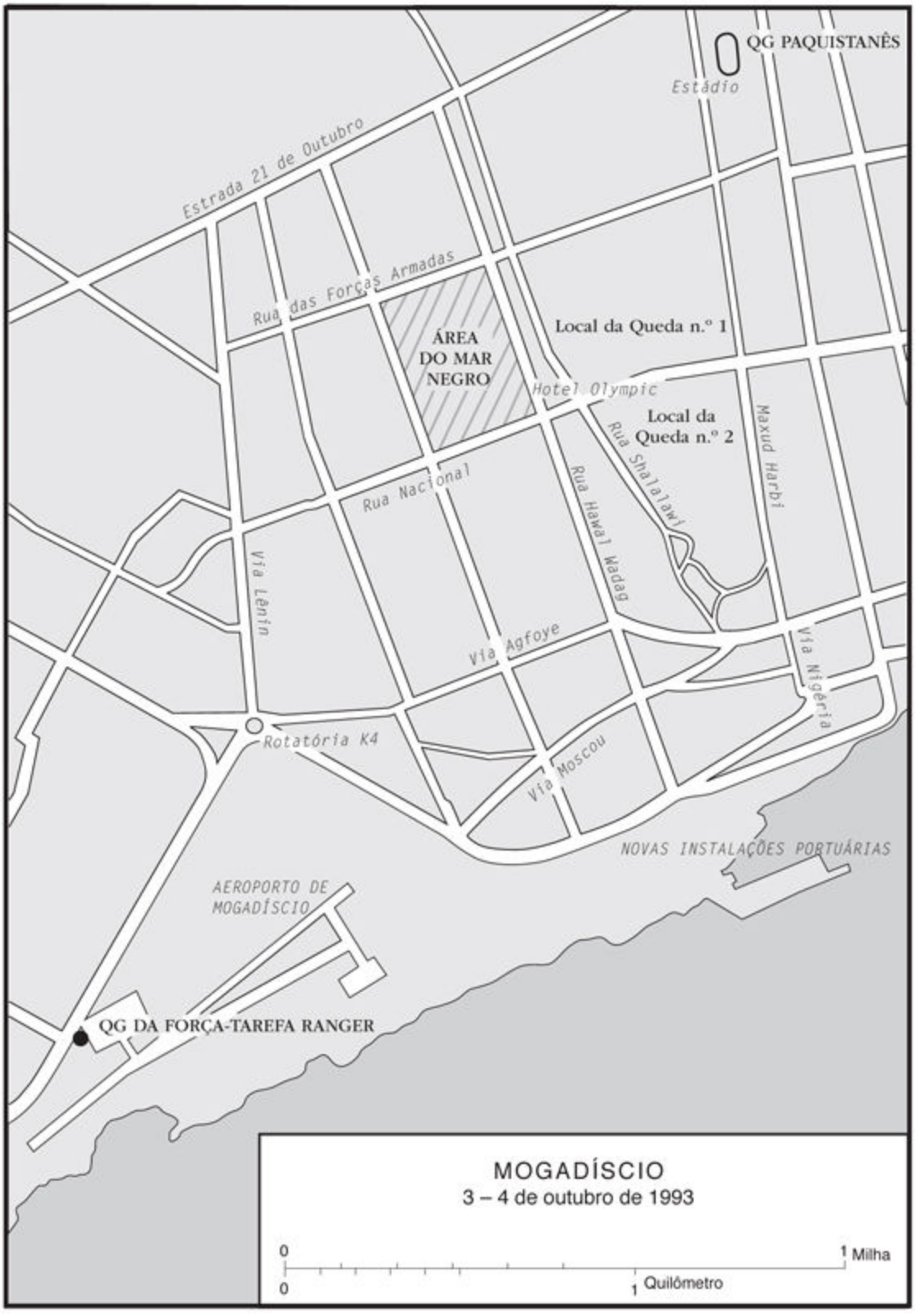
— Acho que acertei o Hotel —, disse ele.

"Hotel" é uma expressão de gíria usada para designar um refém.

Se simplesmente não tivéssemos atirado, teríamos marcado "zero" pontos, o que ainda nos deixaria com pontuação suficiente para vencermos a competição. Embora aquele não tivesse sido um tiro fatal, perdemos dez pontos por termos ferido um refém. A dupla vencedora incluía um atirador de elite dos *Rangers*, que cursara a escola de atiradores dos *marines*, em

Quantico, junto comigo. Acho que a dupla de atiradores da *Delta* ficou em segundo lugar. A dupla do Departamento de Energia de Savannah River ficou em terceiro: não brinque com os caras do Departamento de Energia, nas imediações de instalações nucleares.

Ainda que tivéssemos perdido pontos importantes pelo erro cometido, Country e eu terminamos a competição na quarta colocação. Nas Equipes, porém, um quarto lugar significava apenas o "terceiro perdedor". Country e eu não estávamos nada satisfeitos. A dupla da Equipe de Resgate de Reféns do FBI e a dupla de atiradores do Serviço Secreto terminaram nas últimas colocações — atrás até mesmo dos rapazes do Departamento do Xerife local. Apesar de tudo, é melhor cometer erros durante os treinamentos, e aprender com eles. Quanto a mim, os próximos tiros que dispararia seriam em meio a ação real.


QG PAQUISTANÊS
Estádio
Estrada 21 de Outubro
Rua das Forças Armadas
ÁREA DO MAR NEGRO
Local da Queda n.º 1
Hotel Olympic
Local da Queda n.º 2
Rua Shalalawi
Maxud Harbi
Rua Nacional
Rua Hawal Wadag
Via Lênin
Via Agfoye
Via Nigéria
Rotatória K4
Via Moscou
NOVAS INSTALAÇÕES PORTUÁRIAS
AEROPORTO DE MOGADÍSCIO
QG DA FORÇA-TAREFA RANGER
MOGADÍSCIO
3 – 4 de outubro de 1993
0
1 Milha
0
1 Quilômetro

10.
A Base Secreta da CIA — A Caçada por Aidid

Menos de meio ano após havermos concluído o curso na escola de atiradores de elite, Casanova e eu recebemos uma missão: capturar o "senhor da guerra" Mohamed Farrah Aidid e seus tenentes. Educado em Moscou e em Roma, Aidid serviu junto à força policial colonial italiana antes de iniciar a carreira militar e vir a se tornar general do Exército somali. O clã de Aidid (Habar Gidir), o clã de Ali Mahdi Muhammad (Abgaal) e outros clãs uniram-se para depor o ditador da Somália. Depois, os dois clãs principais lutaram entre si, disputando o controle do país. Vinte mil somalis foram mortos ou feridos, e a produção agrícola cessou. A comunidade internacional passou a enviar alimentos ao país — particularmente através da operação *Restore Hope* ("Restaurar a Esperança"), das Nações Unidas —, mas a milícia de Aidid desviava os donativos, extorquindo e matando as pessoas que se recusassem a cooperar, e os trocava por armamentos, com outros países. O número de mortes causadas pela fome subiu exponencialmente, chegando à casa das centenas de milhares de pessoas, e o sofrimento geral agravou-se. Embora outros líderes somalis tentassem estabelecer acordos de paz, Aidid recusou a todos, sistematicamente.

5 de junho de 1993

Uma força paquistanesa — parte da equipe de ajuda humanitária da ONU — foi investigar um depósito clandestino de armas em uma estação de rádio. Lá, os partidários de Aidid organizaram um protesto diante do

edifício, na rua. As tropas paquistanesas deram prosseguimento à ação e completaram sua inspeção. Quando deixavam o prédio, os manifestantes os atacaram, matando 24 soldados paquistaneses. Os partidários de Aidid — entre os quais se incluíam mulheres e crianças — celebraram sua "vitória" desmembrando, destripando e esfolando os cadáveres paquistaneses.

O almirante Jonathan Howe, Representante Especial para a Somália junto às Nações Unidas, ficou horrorizado. Ele estabeleceu uma recompensa de 25.000 dólares por informações que levassem à prisão de Aidid. Howe também pressionou para obter assistência da JSOC.

8 de agosto de 1993

Os partidários de Aidid usaram uma mina com um detonador remoto para matar quatro policiais militares norte-americanos. Isto foi a gota d'água. O presidente Bill Clinton deu o sinal verde à JSOC. A força-tarefa incluiria quatro de nós, do SEAL Team Six, a *Delta Force*, os *Rangers*, a Força-Tarefa 160 e outros. A Força-Tarefa 160 — cujos integrantes eram apelidados "Espreitadores Noturnos" — proporcionou o apoio de helicópteros que costumavam voar à noite, mais rápido e mais baixo (para evitar a detecção pelos radares). Nós conduziríamos a Operação Serpente Gótica, em três fases: na primeira, desembarcaríamos em Mogadíscio e estabeleceríamos uma base de operações; na segunda, sairíamos em perseguição a Aidid; e, na terceira fase, caso não conseguíssemos capturar Aidid, empreenderíamos perseguição aos seus tenentes.

No complexo da Equipe em Dam Neck, Virgínia, Little Big Man, Sourpuss, Casanova e eu nos reunimos para preparar-nos para viajar à Somália: treinando, aprontando nosso equipamento, cultivando barbas e deixando crescer nossos cabelos. Parte da preparação do nosso equipamento significava visitar a sala de criptografia e codificar nossos rádios para assegurar a troca de mensagens de voz. Esta era uma tarefa que consumia muito tempo, pois tínhamos de testar um grande número de códigos, e todos tinham de ser os mesmos para cada aparelho de rádio portátil. Afinal,

decidimos qual seria a frequência comum a ser utilizada. Como atirador de elite, eu tinha de comunicar-me com Casanova, meu parceiro; e nós dois tínhamos de poder estar em contato com a outra dupla de atiradores, Little Big Man e Sourpuss. Além disso, todos nós tínhamos de poder nos comunicar com a base de operações avançada. Assegurei-me de que meu *kit* de fuga e evasão estivesse completo, e de que eu levasse uma quantia em dinheiro suficiente para um eventual suborno, ou para a minha sobrevivência. Então, testei minhas armas de fogo, por uma última vez. Não conhecendo exatamente a natureza da missão para a qual seríamos enviados, tínhamos de estar preparados para qualquer coisa.

Após terminarmos nossos preparativos, voamos para Fort Bragg, na Carolina do Norte, onde o Comando de Operações Especiais do Exército e outros eram sediados, em meio a 60.705 hectares de colinas cobertas por sempre-vivas, nas cercanias de Fayetteville. Então, recebemos informações mais específicas sobre a nossa missão.

Nós havíamos trazido várias caixas de comida embalada.

— Vocês não vão precisar disso —, disse-nos um oficial do Exército. — Nós estamos levando muita comida.

Então, deixamos a nossa comida no complexo da *Delta*.

Os intrutores do Instituto de Idiomas para Defesa nos ensinaram algumas frases importantes em somali: *"Pare!"*, *"Para o chão!"*, *"Caminhe de costas na direção da minha voz"*, *"Depressa!"* etc.

Depois de alguns dias, fomos informados de que a operação poderia vir a ser abortada; então, viajamos de volta a Dam Neck. Nesse momento, um oficial da *Delta* telefonou para nós: "A operação será lançada, mas vocês não precisarão usar cabelos compridos e barbas." Assim, nos barbeamos, cortamos os cabelos e voamos novamente para Fort Bragg.

27 de agosto de 1993

Embarcamos em um dos seis aviões de carga *Galaxy* C-5A que transportavam a força-tarefa dos *Rangers*. Após dezoito horas de voo, desembarcamos no aeroporto de Mogadíscio, dentro dos limites do

complexo das Nações Unidas, ao sul da cidade. Soldados egípcios da força de paz guardavam o perímetro. No interior do complexo, havia mais soldados da força de paz, provenientes da Itália, da Nova Zelândia, da Romênia e da Rússia. A oeste da pista de pouso havia um velho hangar desativado, onde nós ficaríamos. Para além do hangar, havia um edifício de dois andares, com um telhado em meia-água, que abrigava o Centro de Operações Conjuntas (*Joint Operations Center*; JOC). Antenas projetavam-se do telhado como espinhos no dorso de um porco-espinho.

Um oficial do Exército acompanhou Sourpuss, Little Big Man, Casanova e eu até o *trailer* particular do general Garrison, atrás do prédio do JOC. Lá dentro, Garrison não mantinha fotos de família ou outros objetos pessoais — ao menos, não em lugar visível: se fosse necessário abandonar o local imediatamente, ele não deixaria para trás pistas sobre si mesmo. Seu ajudante de ordens havia acabado de acordá-lo, para nos receber. Garrison olhou para nós quatro e disse:

— Por que vocês cortaram os cabelos? Eu queria que vocês os usassem compridos, para que pudessem sair e agir na cidade.

— Nos disseram que o Sr. pediu para que cortássemos os cabelos, general...

Suspeitamos que o pessoal da *Delta* estivesse tentando nos desqualificar para a operação. Aquilo era típico da velha rivalidade entre o Exército e a Marinha.

De todo modo, o general Garrison nos informou acerca da operação.

— Vocês quatro serão o pivô de toda a operação —, disse ele, antes de nos passar as informações.

Após a reunião com Garrison, nós nos juntamos ao pessoal da Inteligência de Sinais (*Signals Intelligence*; SIGINT), liderados por um oficial de comunicações da CIA. A equipe deles era especialista na obtenção de informações por meio da interceptação de sinais trocados entre pessoas (inteligência de comunicações) e através de emissões de sinais eletrônicos provenientes de equipamentos tecnológicos inimigos, tais como rádios, radares, sistemas de lançamento de mísseis terra-ar, aeronaves, navios etc.

(inteligência eletrônica). A SIGINT decifrava informação criptografada, além de conduzir análises de seu tráfego, estudando quem estaria sinalizando para quem e com que frequência. Eles podiam interceptar comunicações realizadas por telefones celulares e rádios, bem como usar microfones direcionais para captar conversas a grandes distâncias. A maioria dos homens da SIGINT falava dois ou três idiomas, e eles contavam com apoio aéreo para a realização de suas missões.

Em seguida, fomos ao *trailer* da CIA, estacionado no alto de uma colina, e conhecemos o oficial de operações da CIA, um veterano do Vietnã negro, cujo codinome era Condor. Seu superior era o representante-chefe da estação; um ítalo-americano que atendia pelo codinome de Leopardo. Ambos respondiam ao homem compacto, com um bigode cerrado, que era o chefe da estação da CIA, Garrett Jones, cujo codinome era Crescente. Nas Equipes, costumamos nos referir à CIA como *Christians in Action* ("Cristãos em Ação"), e a própria CIA, às vezes, usa esse mesmo apelido para referir-se a si mesma. Na Somália, os "Cristãos em Ação" tiveram seu trabalho esvaziado: é difícil roubar segredos do governo onde não há governo.

Antes da nossa chegada, Washington não permitira que a CIA agisse na cidade, por considerar a ação muito perigosa. Conosco em cena, os espiões puderam penetrar nos meandros da vida urbana de Mogadíscio. A CIA nos forneceu um excelente cabedal de informações sobre Mogadíscio, incluindo alguns aspectos culturais e históricos. Eles também nos deram codinomes, segundo uma ordem hierárquica: Sierra-Um, Sourpuss; Sierra-Dois, Little Big Man; Sierra-Três, eu; e Sierra-Quatro, Casanova. Nossa base, a casa-forte que ocuparíamos, seria chamada Pasha [Paxá], um título atribuído a pessoas influentes e importantes no Império Otomano. Ahmed serviria como nosso intérprete. Por trás dos óculos de armação redonda, seus olhos raramente olhavam diretamente para mim, quando ele falava: Ahmed parecia estar sempre nervoso. Nosso principal efetivo somali era Mohammed. Ele estava constantemente arriscando sua vida; por isso, era sempre muito sério.

Após o encontro com a CIA no alto da colina, retornamos ao hangar e requisitamos quatro lançadores de foguetes AT-4, granadas de gás

lacrimogêneo, *flashbangs* (granadas de aturdimento) e granadas de fragmentação. Também requisitamos um sinalizador SST-181, para que as aeronaves que nos sobrevoassem pudessem "dar um jeito" na área em que estivéssemos, caso fosse necessário. Tínhamos de estar preparados para defender a casa-forte de eventuais ataques inimigos — e estarmos preparados para a fuga, em caso de sermos superados por eles.

Naquela noite, permanecemos no hangar com o restante dos militares norte-americanos — cerca de 160 homens, no total. Cada soldado dispunha de um espaço de 1,2 x 2,4 metros para chamar de seu. No meu catre, quatro postes de madeira foram colocados, um em cada canto, para suportar um véu que mantinha os mosquitos à distância. Falcões voavam até o chão e apanhavam ratos do tamanho de filhotes de cachorros, levando-os de volta para seus ninhos no vigamento do teto, para jantá-los. Várias seções das paredes de folhas metálicas estavam faltando, permitindo que mantivéssemos o contato com a Mãe Natureza, mesmo no interior do hangar. As portas do hangar permaneciam constantemente abertas, emperradas nessa posição havia muito tempo. Para além das portas, helicópteros postavam-se em silêncio sobre a pista de asfalto, saturando o ar com o cheiro de seu combustível. O terreno elevava-se para além dos limites da base, e era possível avistar, ao longe, o clarão dos incêndios em Mogadíscio. Por trás de nós, uma bandeira norte-americana pendia das vigas da cobertura. Eu podia sentir o gosto do sal na aragem que vinha do oceano, por trás do nosso hangar. Apesar das acomodações "luxuosas", nossa equipe de quatro homens não ficaria ali por muito tempo. Aidid enviou três cargas de morteiro às cercanias do hangar, para nos desejar boa-noite. Alguém, sensatamente, apagou as luzes do hangar.

28 de agosto de 1993

No sábado, nós criptografamos nossos rádios portáteis — dos quais poderia depender a nossa sobrevivência — antes de nos equiparmos. Lá fora, o asfalto derretia sob nossos pés, enquanto caminhávamos até o nosso helicóptero. Coloquei meus óculos de sol *Oakley*. Os melhores óculos

amenizam o reflexo do brilho do sol e protegem os olhos de fragmentos de explosões — o que contribuía para que eu me sentisse em paz. Eles também tornam impossível o contato através de olhares. Óculos de sol podem servir para disfarçar a própria identidade, para intimidar os outros, projetar uma imagem de distanciamento e ocultar as emoções. Tal como um bom amigo, um bom par de óculos de sol é difícil de esquecer.

Alguns sujeitos da *Delta* já estavam a bordo do helicóptero, prontos para decolar em um voo de treinamento.

Os pilotos da Força-Tarefa 160 — que estão entre os melhores do mundo — disseram aos rapazes da *Delta*:

— Ei, desculpem, mas temos uma operação para realizar no mundo real. Sabem, vocês vão ter de deixar esses caras subirem a bordo...

Os homens da *Delta* abandonaram o helicóptero; eles não estavam felizes por fazer isso.

— Deus nos livre! Nós é que não vamos ficar no caminho de *uma operação no mundo real!*

Nós subimos a bordo do helicóptero.

— Contaremos tudo a vocês, quando voltarmos!

Sentamo-nos, dois em cada porta, com as pernas pendendo para fora da aeronave e afivelamos nossos cintos de segurança para atiradores, quando o helicóptero decolou. Na pista, os homens da *Delta* pareciam ficar menores a cada instante, à medida que ganhávamos altitude.

O helicóptero nos levou a sobrevoar o interior, distanciando-se do mar, de modo a podermos procurar por vias e rotas alternativas que levassem à nossa casa-forte. O sol inclemente e a guerra haviam calcinado as cores de Mogadíscio. As únicas estruturas consideradas sagradas por ambos os lados em conflito na guerra civil eram as mesquitas islâmicas, que figuravam entre as poucas edificações conservadas intactas. Muitos dos outros edifícios grandes e importantes haviam sido completamente destruídos. As pessoas moravam em cabanas com paredes feitas de barro e folhas de metal servindo como telhados, em um labirinto de ruelas de terra batida. Colinas de entulho, com pedaços de concreto, metal retorcido e lixo destacavam-se na

paisagem, pontilhada por carcaças de automóveis incendiados. Homens da milícia, brandindo fuzis AK-47, rodavam por ali, a bordo da caçamba de uma caminhonete. O fogo ardia incessantemente nos montes de lixo, tambores de metal e pneus. Aquelas pareciam ser as próprias chamas do Inferno.

Voltando em direção ao oceano, nós identificamos possíveis áreas de pouso próximas da nossa casa-forte — para o caso de termos de requisitar um helicóptero que nos tirasse dali, rapidamente. Durante o sobrevoo, nós também avaliamos a linha da costa em busca de possíveis locais por onde pudéssemos ser retirados por um bote. Faixas de areia castanho-clara e branca margeavam o mar verde-esmeralda. Aquele seria o lugar perfeito para um *resort* de férias.

Após voltarmos à terra do nosso voo de reconhecimento, dirigimos um *Humvee* saindo do complexo por uma abertura secreta na cerca dos fundos e subimos a colina até o *trailer* da CIA, onde recebemos informações coletadas pela inteligência humana (HUMINT). A parafernália tecnológica é muito útil no jogo da espionagem, mas ela pouco significa sem a ação dos bravos seres humanos que se infiltram em território inimigo e fazem as perguntas certas — seres humanos que podem ver e ouvir o que os aparelhos tecnológicos não podem, e conseguem extrair significado do contexto circundante.

Usando um diagrama da Pasha, Little Big Man idealizou planos para que pudéssemos chegar à casa-forte e ali nos instalarmos. Ele delegou a ordem de patrulhamento a mim, e o curso da ação em instâncias de batalhas a Casanova. Little Big Man também encarregou-se das comunicações. Sourpuss adorava todos os aspectos do treinamento no SEAL Team Six, especialmente quando se tratava de nadar e correr; mas quando era preciso entrar em ação, de verdade, ele ficava para trás, em termos de talento e iniciativa. Embora devesse assumir um papel mais destacado quanto à liderança e ao planejamento, ele limitou-se a estabelecer quem ficaria encarregado da vigilância do telhado da Pasha, em quais turnos. Nós quatro também começamos a traçar um grande mapa, em forma de mosaico, de

toda a cidade. Antes de iniciarmos a ação, Crescente nos forneceu um detalhamento. Embora meus companheiros de equipe e eu mal tivéssemos sido apresentados ao pessoal da CIA, da SIGINT e ao nosso intérprete, já estaríamos trabalhando em conjunto com eles em um distrito na zona norte de Mogadíscio, chamado Lido, próximo do coração do lugar onde se abrigavam os pistoleiros inimigos. Na Pasha, nós adicionaríamos mais alguns completos estranhos à nossa equipe: guardas, um cozinheiro e "patrimônios" — cidadãos locais, que poderiam nos proporcionar informações de inteligência.

— Se vocês não se sentirem à vontade com a presença de qualquer pessoa na sua equipe, essa pessoa será imediatamente dispensada —, disse-nos Crescente. — Este *show* é de vocês. Se a sua cobertura for comprometida, o general Garrison retirará vocês todos daqui, em quinze minutos. Boa sorte.

29 de agosto de 1993

Sob o manto negro da manhã de domingo, voamos em um helicóptero *Black Hawk* por cerca de cinco quilômetros rumo noroeste, atravessando a cidade até o *Mogadiscio Stadium*, o estádio nacional da Somália, onde transcorriam jogos de futebol e outros eventos, capaz de acomodar 35.000 pessoas. O voo durou apenas cinco minutos. Como o estádio abrigasse o complexo das tropas paquistanesas das Nações Unidas, nós chamávamos a enorme edificação crivada de balas de Estádio Paquistanês. Dali, embarcamos em três caminhões locais. Apenas dois caminhões seriam necessários, mas usávamos um terceiro como disfarce e prevenção, caso algum dos outros veículos tivesse problemas mecânicos. Olhando para os veículos, seria possível dizer que era um milagre o fato de eles ainda rodarem. Os somalis usavam as coisas até que não fossem mais mecanicamente viáveis. Então, eles as usavam por mais algum tempo. Alguém tinha realizado um belo trabalho ao manter aquelas latas-velhas em funcionamento.

Dirigimos, saindo do estádio, para as ruas da cidade. Mogadíscio cheirava a urina e excrementos humanos misturados aos odores tangíveis da

fome, das doenças e da desesperança. O odor pairava no ar como uma nuvem escura. Aquilo trazia pesar ao meu coração. Os somalis despejavam esgoto sem tratamento diretamente nas ruas. Em nada contribuía o fato de eles utilizarem lixo e esterco para alimentar as fogueiras que ardiam constantemente em barris metálicos enferrujados. Garotos em idade escolar portavam fuzis AK-47. Ouvimos dizer que a cólera se alastrava, devido ao abastecimento de água contaminada. Mogadíscio parecia um cenário de fim do mundo, semelhante ao retratado no filme *Eu Sou a Lenda*, estrelado pelo ator Will Smith. Nossa missão era deter os bandos de malignos "seres das trevas" e salvar os "bons humanos" somalis. *Sem problema: nós somos SEALs. Isso é o que nós fazemos.*

Após dirigirmos por quase um quilômetro, chegamos à Pasha. Guardas somalis armados com AK-47s abriram os portões de ferro para que entrássemos. Mais cedo, havíamos enviado um dos nossos "patrimônios" para avisá-los pelo rádio para que se preparassem para a nossa chegada. No total, havia sempre quatro guardas protegendo a Pasha, a cada turno. Outros quatro revezavam com eles. Todos sempre pareciam estar alertas. Seus braços descarnados não eram muito mais grossos do que três dedos agrupados, fazendo com que os AK-47s parecessem enormes comparados às suas compleições. Eles vestiam camisetas e *macawis* — coloridas vestimentas somalis, semelhantes a saiotes ou *kilts* escoceses. Apressamo-nos para entrar, e os guardas cerraram o portão atrás de nós.

A Pasha era uma edificação de dois andares, cercada por um enorme muro de concreto; a antiga residência de um médico rico que fugira com sua família quando a Somália se tornou volátil demais para eles. A miséria disseminou-se pelo país, servindo como combustível para o latrocínio; assim, quando o concreto foi originalmente utilizado para a construção da muralha em torno da propriedade, os construtores afixaram garrafas nos vãos entre os blocos, enquanto a argamassa ainda não estava seca. Quando o concreto secou, os construtores quebraram os gargalos das garrafas. Qualquer um que tentasse escalar a muralha teria de atentar para os vidros quebrados. Embora eficiente, a aparência de tal medida de segurança era

horrível. Certa noite, ouvimos um tiro ser disparado na rua, duas casas abaixo da Pasha. Depois, soubemos que se tratava de um proprietário que afastara um ladrão de sua residência. Os ladrões gostavam de frequentar nossa vizinhança, onde viviam pessoas influentes.

No interior da casa, a água corrente saía das torneiras unicamente devido à ação da gravidade, em vez de qualquer tipo de pressão. Ao abrir uma válvula fazia-se com que a água jorrasse de um grande reservatório posicionado sobre o telhado — o que resultava na chuveirada mais fraca que jamais tomei. Não podíamos beber daquela água, a menos que a fizéssemos passar por uma bomba *Katadyn*, que a filtrava, livrando-a de micróbios perigosos. Às vezes, nós fervíamos a água; mas, consumíamos principalmente água engarrafada, da qual havíamos trazido várias caixas. Para os padrões somalis, nós éramos ricos.

Tenho certeza de que, ao abandonar sua casa, o médico levou consigo todas as boas peças do mobiliário. Tínhamos somente uma mesa simples à qual nos sentarmos, na hora das refeições. Minha cama era uma junção de peças de 60 cm x 1,2 m sobre as quais eu dispunha um colchão muito fino. Porém, comparado a viver em um barraco e dormir sobre o chão, tal como fazia a maior parte da população da cidade, nós vivíamos como reis.

Enquanto desembarcávamos todo o nosso equipamento, um dos esquálidos guardas — que não devia pesar mais de 50 quilos — debruçou-se para apanhar uma das minhas sacolas, que pesava, no mínimo, tanto quanto ele próprio. Tentei apanhá-la, mas ele insistiu em carregá-la, atirando a sacola sobre seu ombro e levando-a escadas acima.

Nosso cozinheiro somali chegou no mesmo dia que nós. Ele preparava comida *halal*, permitida pelas leis islâmicas, que não admitem o consumo de carne suína, álcool etc. A cozinha somali é uma mistura de culinárias típicas — somali, etíope, iemenita, persa, turca, indiana e italiana —, influenciada pela longa e histórica tradição de comércio dos somalis. No café da manhã, comíamos panquecas muito finas, semelhantes a um pão branco, chamadas *canjeero*. Em alguns dias, tomávamos um mingau, ao estilo italiano, chamado *boorash*, com manteiga e açúcar.

No almoço, o *chef* preparava pratos com arroz *basmati*, de grãos longos. Ele temperava o aroma e o sabor com cravo, canela, cominho e sálvia. Nós também comíamos um prato de massa chamado *baasto*, servido com carne cozida e bananas em vez de molho de macarrão.

Nosso cozinheiro preparava um prato com feijões *azuki* sobre fogo baixo, por mais da metade do dia, antes de servi-lo, com manteiga e açúcar, na forma de uma iguaria chamada *cambuulo*, no jantar. Ele fazia maravilhosas almôndegas com carne de cabra. Na verdade, tudo o que ele fazia era maravilhoso: até mesmo a carne de camelo tinha um sabor excelente.

Minha bebida favorita era o chá vermelho — chamado *rooibos* —, que é naturalmente doce e encorpado. Nós jamais comíamos as nossas MREs na Pasha. Se soubéssemos que a comida seria tão boa, teríamos deixado as pesadas caixas de MREs, que ocupavam tanto espaço, no complexo do Exército.

Embora os guardas fossem evidentemente subnutridos, eles jamais consumiam as sobras de comida que deixávamos. Nós tínhamos de oferecer a comida a eles e praticamente coagi-los a consumi-la. Com exceção das coisas que contivessem carne suína — que eles não comeriam devido ao fato de serem muçulmanos —, dávamos a eles as nossas MREs. No entanto, eles comiam somente pequenas porções, guardando o restante para levar para casa, para suas famílias. Nós também lhes dávamos as garrafas de água vazias para que fossem utilizadas como recipientes para armazenar água. Com frequência, eles apertavam nossas mãos e tocavam seus corações, em sinal de apreciação e respeito. Nosso intérprete nos disse que os guardas estavam felizes com a chegada dos norte-americanos. Eles estimavam que tivéssemos deixado nossas famílias e lá estivéssemos, arriscando nossas vidas, para ajudá-los. Talvez a mídia tenha desejado representar os Estados Unidos e os norte-americanos como belicosos, mas, certamente, ela não conhece toda a história. Eu acredito que a maioria dos somalis desejava que nós os ajudássemos a pôr um fim à guerra civil.

O custo das refeições preparadas pelo nosso *chef* era coberto pelo dinheiro que o SEAL Team Six nos dera para a eventualidade de fuga e

evasão. Eu enrolava minhas notas de cem dólares e as enfiava na coronha do meu fuzil CAR-15. Se tivesse de fugir e evadir-me por conta própria, eu planejara encontrar um pescador somali e contratá-lo para me levar, ao longo da costa, a Mombaça, no Quênia, onde os Estados Unidos mantinham um pessoal, ao qual eu poderia recorrer.

Condor informou-nos sobre as ações dos "patrimônios", que visitariam a Pasha diariamente. Por exemplo: se fosse esperado que um "patrimônio" se aproximasse da Pasha vindo do sudeste e ele chegasse pelo sudoeste, saberíamos que ele fora apanhado ou estaria sob ameaça — caso em que alvejaríamos a pessoa que viesse imediatamente atrás dele. Se ele interrompesse sua marcha por duas vezes, as duas pessoas que lhe viessem no encalço seriam alvejadas. Nossos procedimentos eram suficientemente velados para que um inimigo não pudesse perceber que um sinal havia sido dado; e embora mantivéssemos as práticas simples o bastante para que nossos "patrimônios" pudessem lembrar-se delas, passávamos horas revisando todos esses procedimentos com eles. Um SEAL no telhado sempre cobriria a entrada e a saída de um "patrimônio", para preservar sua segurança e manter os impostores fora da Pasha. Geralmente, quando um "patrimônio" chegava durante a noite, ele utilizaria uma luz química infravermelha ou um "vagalume" (uma luz estroboscópica infravermelha).

O fator motivador mais comumente utilizado com os "patrimônios" era o dinheiro — principalmente numa região assolada pela miséria. Algumas pessoas possuíam motivações mais nobres para ajudar-nos; no entanto, o motivo mais comum era o dinheiro. E nós sequer tínhamos de pagar-lhes muito.

Em um mesmo dia, quatro sujeitos da SIGINT chegaram separadamente, utilizando diferentes métodos de infiltração e rotas de acesso, para instalar-se em nossa casa-forte. O quarto que eles ocuparam se parecia com uma sala de controles da NASA para o lançamento de foguetes ao espaço sideral, com vários monitores, botões e alavancas de controle. Eles também instalaram suas antenas e outros equipamentos sobre o telhado, fazendo com que a casa parecesse uma emissora da CNN.

Little Big Man reuniu a todos e nos informou sobre um plano de fuga e evasão. Como sempre, ele portava sua faca *Randall* em uma bainha presa ao cinturão. "Pequeno homem, grande faca." Eu revisei o plano de batalha. Casanova nos dividiu em duas duplas de patrulheiros: eu ficaria em sua companhia, e Little Big Man seria o parceiro de Sourpuss.

Quando o nosso mapa em mosaico da cidade foi completado, ele cobria toda uma parede do maior cômodo da casa. Se um "patrimônio" nos falasse sobre uma possível ameaça, nós marcaríamos o local com um alfinete colorido e traçaríamos um plano de acordo com as coordenadas do mapa, caso tivéssemos de requisitar um ataque sobre aquele ponto.

Em um relatório independente, um "patrimônio" nos forneceu algumas possíveis indicações sobre a localização de Mohamed Farrah Aidid, o "senhor da guerra" somali. Pregamos mais alfinetes sobre o mapa: o Hotel Olympic, um agrupamento de barracas de oficiais etc. Então, enviamos as coordenadas — com oito dígitos cada — a Crescente, no *trailer* da CIA, no alto da colina.

Naquele mesmo dia, vinte cargas de morteiro atingiram o campo de pouso, o centro de operações táticas e o quartel-general da CIA. Uma das cargas explosivas caiu tão próxima do *trailer* da CIA que estourou os vidros de suas janelas. Os homens de Aidid perceberam que os "patrimônios" dirigiam-se ao *trailer*. O ataque com morteiros deixou de nos acertar por um dia.

Dobramos nossa guarda na Pasha, e explicamos a estratégia de "pegar e sair" a todos: apanhar os dispositivos de criptografia da SIGINT, acondicioná-los em uma mochila, destruir o restante do equipamento da SIGINT com uma granada de termita, reunir-se em um ponto determinado e, então, deslocar-se para a área em que seríamos apanhados pelo nosso pessoal.

Naquela primeira noite, Casanova e eu montamos guarda no telhado. Um odor horrível, como o de uma carcaça de animal em putrefação, saturava o ar. *"Que, diabos, é isso?"*

30 de agosto de 1993

Na segunda-feira, procurei pelas redondezas pela fonte do odor nauseabundo; mas, o que quer que fosse, já havia desaparecido. Não restara nada. Eu preparava o chá no piso inferior da casa-forte, quando um "patrimônio" chegou, trazendo informações. Ofereci-lhe um pouco de chá, que ele, polidamente, recusou.

— Está tudo bem —, disse-lhe eu.

Ele bebeu apenas metade da caneca de chá, como se eu lhe tivesse oferecido algo de grande valor. Os somalis comportavam-se de modo a jamais tomarem muita coisa de alguém.

A SIGINT nos disse que interceptara uma conversa entre um controlador de fogo e os atiradores que ele comandava, em suas posições. Os homens que disparavam os morteiros abririam fogo a partir de posições ocultas, enquanto os controladores de fogo confeririam onde os morteiros explodiriam, com relação aos alvos. Caso uma carga de morteiro atingisse um alvo, o controlador de fogo avaliaria a extensão dos danos causados. O controlador de fogo alertou: "Não masquem o seu *khat* até que os ajustes e os relatórios dos danos de batalha tenham sido concluídos." O *khat* é uma planta com inflorescências, nativa da Somália, cujas folhas contêm uma substância estimulante, que provoca excitação, perda de apetite e euforia em seus usuários. Os usuários costumam enrolar um maço de folhas, colocá-lo na boca e mascá-lo, do mesmo modo como se usa o tabaco de mascar. A maioria dos homens de Aidid fora levada a fazer seu trabalho em troca de *khat*. Eles se tornavam dependentes do pessoal de Aidid para continuar a satisfazer sua própria dependência química da substância estimulante, de maneira muito semelhante ao que fazem os gigolôs que mantêm suas prostitutas viciadas em drogas para que possam controlá-las. Já que a droga suprimia o apetite, Aidid não precisava se preocupar muito com a alimentação de seus asseclas. Contudo, eles, obviamente, não eram muito bem disciplinados; e embora nada tivesse acontecido desta vez, mais tarde a SIGINT orientaria um ataque militar que seria bem sucedido ao destruir algumas posições de lançamento de morteiros.

Naquela tarde, o cheiro putrefato voltou. "O que, diabos, é *isso*?" Desci do telhado e, sorrateiramente, fui até a casa vizinha. Na varanda da frente, avistei um garoto adolescente dormindo sobre um edredom. À distância de uns nove metros, pareceu-me óbvio que eu havia encontrado a fonte de onde emanava o odor. Mais tarde, descobri que o garoto somali, que contava catorze anos de idade, havia pisado sobre uma mina terrestre, que fora colocada no pátio da escola em que ele estudava. Seu pé direito havia sido completamente decepado, e ele também perdera parte do pé esquerdo. A gangrena já se desenvolvia, ali. Os partidários de Aidid haviam plantado explosivos em terrenos pertencentes a escolas para matar ou mutilar crianças, para evitar que, ao crescerem, estas viessem a se tornar combatentes efetivos de seu regime, transformando-as em "baixas de guerra". A infecção nas pernas do garoto produzia um odor tão intolerável que sua família não conseguia dormir, à noite, com ele dentro da casa. Por isso, eles o faziam dormir na varanda. Durante o dia, eles o levavam de volta para dentro. Eu pedi permissão ao pessoal da CIA para ajudar o garoto mutilado da casa vizinha, mas eles negaram o meu pedido, temerosos de que isso pudesse comprometer a segurança da casa-forte.

Notamos uma grande movimentação, entre as 22h e as 4h, na rua diante da Pasha e nas edificações circundantes. Baseados em uma "dica" de que homens de Aidid poderiam estar rondando por ali, às 3h, homens da *Delta Force* desceram por "cordas rápidas" sobre a residência de Lig Ligato, capturando nove pessoas. Estas, porém, eram funcionários das Nações Unidas e seus guardas somalis. A *Delta* havia dado um "tiro n'água".

31 de agosto de 1993

Na terça-feira, um "patrimônio" avistou Aidid a bordo de um veículo. Crescente queria que o "patrimônio" instalasse um dispositivo rastreador no veículo, mas Condor, não pretendendo sacrificar seu "patrimônio", negou a autorização para esta ação, por julgá-la muito arriscada.

Aidid era escorregadio. Em vez de permanecer em sua casa, ele vivia em casas de parentes, passando somente uma ou duas noites em um mesmo

lugar. Às vezes, ele se deslocava em meio a uma carreata; outras vezes, ele usava apenas um veículo. Ele costumava disfarçar-se, vestindo-se como uma mulher. Embora fosse popular entre o seu clã, as pessoas que não pertenciam a ele não gostavam muito de Aidid.

Casanova e eu nos vestimos como cidadãos locais e empreendemos um reconhecimento das rotas veiculares, a bordo de um *Jeep Cherokee* cuja lataria parecia haver sido duramente castigada por golpes de bastões. Secretamente, porém, nosso veículo era blindado. Eu usava um turbante e uma camisa florida somali, com as calças do uniforme de combate por baixo do meu *macawi*. Com a barba começando a crescer e a pele queimada pelo sol, eu poderia passar por um árabe. Como armamento, nós dois levávamos nossos CAR-15 com silenciadores entre os assentos do carro, parcialmente ocultos pelas nossas túnicas. Eu levava um pente de munição carregado no CAR-15 e outro, em um bolso das minhas calças. Nós também portávamos nossas pistolas SIG 226, de 9 mm, em pochetes usadas sobre o abdômen, por baixo das camisas — o que nos fazia parecer um tanto barrigudos. Para apanhar minha pistola, eu precisaria apenas levantar a camisa e alcançar o lado direito superior do meu abdômen, sacando-a de dentro da pequena bolsa fechada por uma tira de velcro. Além do pente de munição carregado na pistola, havia outro, na parte superior da bolsa.

Dentro do meu bolso, presa por um clipe, havia uma faca automática *Microtech UDT* — que funciona como uma espécie de canivete de mola —, extremamente afiada. No bolso da calça sobre a coxa direita, eu levava o meu "*kit* de estouro".

Para os padrões dos SEALs, nós estávamos apenas levemente armados; mas tratava-se de um risco calculado. Se um urso surgisse diante de nós, em uma floresta, não poderíamos enfrentá-lo, assim. Contudo, viajar "com pouca bagagem" permitia que nos misturássemos mais facilmente aos habitantes locais e coletássemos melhores informações de inteligência. Tratava-se de uma troca: se nosso disfarce fosse comprometido, teríamos de fugir, atirando.

Enquanto Casanova dirigia, eu tirava fotos, com uma câmera de 35 mm. Nós notamos um local que poderia servir como área de pouso para um helicóptero, por onde a *Delta* e seu pessoal de campo local poderiam infiltrar-se. Então, assinalamos as rotas por onde eles poderiam infiltrar-se, se viessem a bordo de caminhões.

Nós também notamos outra coisa. Antes, ainda que o nosso pessoal patrulhasse a pé, a bordo de um comboio de *Humvees*, ou sobrevoasse a área em helicópteros ou aviões para obter informações, tudo o que podíamos fazer era imaginar como os partidários de Aidid faziam com que as cargas de morteiros chegassem às suas equipes de atiradores. Tirei uma fotografia de duas mulheres que caminhavam, lado a lado, com suas vestimentas coloridas, cada uma delas carregando um bebê nos braços. Quando girei as lentes para obter uma aproximação maior da imagem com um *zoom*, pude ver claramente a cabeça do bebê no colo de uma das mulheres. A outra mulher, porém, não carregava um bebê; mas, sim, duas cargas de morteiros, envoltas em um xale. O estratagema quase me enganou.

Durante o reconhecimento que fazíamos a bordo do veículo, pudemos idealizar completamente uma estratégia de operação para trazermos e retirarmos pessoas da Pasha. Por exemplo, quando chegasse o momento de um revezamento, nós poderíamos dirigir até um matadouro de camelos desativado à beira da praia, sinalizar para um bote no mar que traria os SEALs substitutos e entregar-lhes o nosso veículo, enquanto nós usaríamos o bote que os trouxera para chegarmos ao ponto determinado onde seríamos resgatados por um navio. Os SEALs que viessem nos substituir poderiam viajar transportando menos equipamento, uma vez que já teríamos acondicionado na Pasha todo o pesado material da SIGINT e outros suprimentos.

As amplas instalações do matadouro, que ocupavam todo um quarteirão da cidade, tinham sido mantidas pelos russos, que as abandonaram quando a guerra civil começou. Eles utilizavam a carne e os ossos dos camelos abatidos, mas descartavam todo o restante diretamente no mar. As águas em torno de uma das mais belas praias do mundo tornaram-se infestadas por

tubarões: tubarões-martelo, tubarões-brancos e toda espécie de tubarões agressivos. Eu jamais tive medo de nadar em qualquer lugar, mas não gostaria de ter de nadar naquelas águas — nem, tampouco, os habitantes locais, que mantiveram a privacidade daquele lugar, para atender às nossas necessidades. Como bônus, a praia ficava muito próxima da Pasha. O matadouro podia ser facilmente avistado da água, cobrindo e ocultando uma vasta área da costa, o que a tornava ideal para que os rapazes se aproximassem dela, em seus *Zodiacs* — botes infláveis de borracha negra, com motores acoplados — pela praia.

Retornamos à Pasha, e, naquela noite, o garoto na casa vizinha gemeu como se estivesse prestes a morrer. Eu sabia o que era ser uma criança sofredora. *Dane-se.* Casanova, um médico da SIGINT, chamado Rick, e eu, adentramos a casa do garoto à força, com balaclavas cobrindo nossos rostos e portando metralhadoras MP-5. Nós não nos arriscamos a perder tempo: arrombamos a porta, manietamos a mãe, o pai e uma tia do garoto, com algemas flexíveis, e fizemos com que todos deitassem no chão, junto a uma parede. Naturalmente, eles temiam que fôssemos matá-los. Trouxemos o garoto para dentro da casa, para que seus familiares vissem o que iríamos fazer. Rick abriu sua maleta de suprimentos. Retiramos o tecido morto dos ferimentos do garoto com betadine, uma substância desinfetante, e os limpamos. Aquilo provocou uma dor tão intensa no garoto que tivemos de tapar sua boca com as mãos, para evitar que seus gritos acordassem toda a vizinhança. Ele acabou desmaiando, devido à dor e ao choque. Nós lhe aplicamos antibióticos por via intravenosa e fizemos curativos sobre seus ferimentos. Depois, injetamos medicamentos anti-infecciosos em cada uma de suas nádegas, e desaparecemos dali.

1.º de setembro de 1993

Na quarta-feira, enquanto conduzíamos nossa observação a partir do telhado, vimos um homem idoso conduzindo um burro que puxava uma carroça de madeira montada sobre um velho eixo de automóvel. Sobre a carroça havia pilhas de tijolos. Ao voltar pelo mesmo caminho, a carroça

ainda transportava a mesma carga de tijolos. *O quê?* Pedimos a um "patrimônio" para que seguisse o veículo. O "patrimônio" descobriu que o homem idoso ocultava morteiros em meio às pilhas de tijolos. Relatamos isso aos nossos superiores, que objetaram alegando um possível comprometimento da autoridade, antes de nos concederem permissão para eliminar o idoso.

Um atirador de elite deve ser mentalmente forte, e sentir-se firmemente "ancorado" por uma religião ou filosofia que lhe permita abster-se de matar quando isso não for necessário — bem como de matar, quando preciso. Durante os ataques de um atirador de elite em Beltway, em 2002, John Allen Muhammad matou dez pessoas inocentes e feriu gravemente outras três. Atirar pode fazer com que uma pessoa se sinta poderosa. Obviamente, um bom atirador de elite não deve ceder a tais impulsos. Por outro lado, se um atirador de elite deixa-se dominar pela "Síndrome de Estocolmo", ele não poderá desempenhar sua função adequadamente. (Em 1973, ladrões mantiveram os funcionários de um banco como reféns, em Estocolmo, na Suécia. Durante seis dias de aflição, os reféns tornaram-se emocionalmente conectados aos ladrões, chegando a defendê-los após terem sido, eles mesmos, libertados.) Sob este enfoque, o atirador de elite torna-se intimamente familiarizado com seu alvo, frequentemente, ao longo de um período de tempo, estudando e compreendendo seu estilo de vida e seus hábitos. É muito provável que o alvo jamais tenha feito algo para ferir deliberadamente o atirador. Apesar de tudo, quando chega o momento, o atirador de elite tem de ser capaz de completar sua missão.

Sobre o telhado da Pasha, uma mureta que circundava a cobertura ocultava a Casanova e a mim. Apontei meu *Win Mag* na direção do homem idoso, a 500 jardas.

Casanova visualizou-o através de sua luneta de olheiro.

— Espere... Espere... Três, dois, um... Execute! Execute!

Com o alvo em meu campo visual, acionei o gatilho tão logo ouvi a primeira ordem de "Execute". Acertei bem entre os olhos — e matei o burro.

Esperando ver o homem idoso cair, Casanova não pode refrear um riso um tanto gutural ao ver o burro desabar — algo não muito condizente com o comportamento que se espera de um atirador de elite.

O homem velho fugiu. O riso gutural de Casanova soava como se ele estivesse engasgando. Homens idosos podiam ser contratados por dez centavos a dúzia; mas um burro seria dificilmente substituível. Ninguém surgiu para apanhar o burro morto, ainda atrelado à carroça de madeira. Ele foi simplesmente abandonado ali, no meio da rua.

Mais tarde, um dos nossos "patrimônios" nos informou de que o homem velho não queria transportar os morteiros, mas os partidários de Aidid ameaçaram matar sua família caso ele não fizesse isso. Eu me senti muito bem por não ter alvejado o velhote.

No mesmo dia, os rapazes da SIGINT interceptaram comunicações sobre o planejamento de um ataque de morteiros sobre o hangar no complexo do Exército. A SIGINT conhecia a frequência de comunicações utilizada pelas equipes que disparavam os morteiros. Ao notificarem a base, eles deram ao pessoal de lá algum tempo para que encontrassem abrigo antes que sete ou oito cargas de morteiros os atingissem. Ninguém foi ferido: alguns poucos minutos de vantagem, ao receberem o aviso, foram cruciais.

Rotineiramente, a SIGINT costumava embaralhar as comunicações entre o exército de Aidid e os homens que disparavam os morteiros. A SIGINT orientou ataques militares para destruir posições de onde partiam os ataques de morteiros. Além disso, nós disponibilizávamos *khat* para os viciados que operavam os lançadores de morteiros. "Vocês não precisam lançar morteiros para Aidid para 'curtirem o seu barato'. Tomem; masquem isto aqui." Eles abriam largos sorrisos, exibindo seus dentes manchados de preto e laranja. Eu sei que é uma coisa terrível fornecer drogas a dependentes; mas, isto impedia que outras pessoas fossem feitas em pedaços por ataques de morteiros. Isto provavelmente salvou os viciados de morrerem durante um dos nossos contra-ataques militares, também. A partir de então, os

partidários de Aidid passaram a ter dificuldades em coordenar ataques de morteiros.

Naquela noite, avistamos um homem portando um fuzil AK-47 na sacada de uma casa a dois quarteirões de distância de onde estávamos. Liberei a trava de segurança do meu CAR-15 com silenciador e posicionei o ponto vermelho da mira telescópica sobre sua cabeça: um tiro fácil. Sobre cada em dos nossos CAR-15, tínhamos acoplada uma mira ACOG (*Advanced Combat Optical Gunsights*; "Miras Ópticas Avançadas de Combate"), com poder-1,5, para curtas distâncias, fabricada pela *Trijicon*. À noite, seu obturador dilatava-se dez vezes mais do que as minhas pupilas, proporcionando-me luminosidade adicional. Seu ponto vermelho aparecia no foco da própria lente, diferentemente de um laser, que aparece projetado sobre o alvo. A ACOG funcionava tão bem à noite quanto durante as horas de luz do dia. Esperei pelo homem, para que ele apontasse seu AK-47 em nossa direção, mas ele jamais fez isso. Após consultar nossos guardas, descobrimos que o homem com o AK-47 era um dos jovens soldados que guardavam sua própria casa-forte, tentando imitar as táticas dos SEALs de postar vigilância e defendê-la, fincado sobre o telhado. Naturalmente, o tolo jamais nos informou dos seus planos, e provavelmente não teria podido conceber nossa capacidade de vê-lo através das nossas lentes de visão noturna. Nós dissemos a ele: "A sua foi uma boa ideia; mas, se você pretende subir sobre o telhado, armado, durante a noite, numa vizinhança como esta, é melhor nos informar a respeito, pois aquela poderia ter sido a última vigilância da sua vida."

2 de setembro de 1993

Na manhã da quinta-feira, fizemos uma reunião para discutir sobre planos para o futuro e sobre o nosso pessoal. A Pasha ia bem; por isso, devíamos manter a "máquina em funcionamento" após havermos completado a nossa estadia, quando chegasse o momento de sermos substituídos por alguém.

Mais tarde, naquele dia, recebemos a notícia de que precisávamos. Aidid era um homem rico, e sua filha — com idade suficiente para frequentar uma universidade — tinha amigos na Europa, na Líbia, no Quênia e em outros lugares. Alguém havia dado a ela um telefone celular, que o SIGINT "grampeara". Embora Aidid vivesse constantemente mudando sua própria localização, sua filha cometeu o erro de mencionar, ao telefone, onde ele se encontrava. Um "patrimônio" nos ajudou a localizar precisamente a casa. Nosso avião-espião da Marinha, um *P-3 Orion*, localizou o comboio em que Aidid viajava; mas o comboio se deteve e nós o perdemos, em meio a um labirinto de construções.

À noite, Casanova e eu subimos ao telhado da Pasha, para proteger o perímetro. Durante nossa estada na Pasha, vínhamos jogando um jogo de apanhar ratos em armadilhas, usando a manteiga de amendoim das nossas MREs como isca. Amarrávamos um barbante a uma vareta e apoiávamos sobre esta uma caixa. Através de nossas lentes de visão noturna, vimos um rato aproximar-se da armadilha. Casanova puxou o barbante, mas o rato escapou antes que a caixa caísse sobre ele. Nossa técnica evoluiu até o nível de uma ciência. Desmontei algumas canetas esferográficas, retirei as molas e usei-as para fazer uma portinhola que se fecharia assim que um rato entrasse em uma caixa. Dentro da caixa, estava a isca de manteiga de amendoim. Quando o animal passou pela portinhola, esta fechou-se atrás dele.

— Sim! —, suspirei, aliviado.

Casanova sorriu.

— O que vamos fazer? —, indaguei.

— Matá-lo.

— Como?

— O que você quer dizer com *como*?

Enquanto discutíamos a melhor maneira de nos livrarmos do rato, ele escapou.

Na oportunidade seguinte, usamos uma caixa menor, para que o roedor não pudesse dispor de muito espaço para fugir. O rato entrou na caixa e foi

aprisionado. Com minha bota, pisei com toda força sobre a caixa. O rato morreu, mas eu havia sacrificado a armadilha. Seria necessário uma nova armadilha para matar cada rato.

Então, eu me esmerava para montar uma nova armadilha e apanhar meu segundo rato.

— Ei, venha cá —, sussurou Casanova.

— O que é? —, respondi, rastejando para perto dele.

Ele apontou para uma casa no outro lado da rua, onde havíamos posicionado dois guardas no dia anterior. Três homens tentavam forçar sua entrada na casa. Eles haviam escolhido a casa errada, na vizinhança errada. Se tivessem tentado invadi-la antes que posicionássemos ali os nossos guardas, nós diríamos, simplesmente, "*Dane-se não é da nossa conta.*" Agora que os nossos guardas se encontravam no interior da casa, isso *era* da nossa conta.

Casanova encarregou-se do homem à esquerda, e eu do que encontrava-se à direita. Posicionando o ponto vermelho da minha mira sobre meu primeiro alvo, acionei o gatilho. Suas pernas vacilaram antes que ele caísse. Casanova acertou seu tiro, também. Embora o homem que estava no meio tivesse vivido por um momento a mais do que seus companheiros, Casanova e eu o atingimos simultaneamente. Se os três pretensos invasores fossem ladrões comuns, todos pagaram um preço elevado por seus atos.

Mais tarde, a SIGINT captou uma conversa proveniente de um bar na esquina, onde partidários de Aidid supostamente reuniam-se. Talvez eles planejassem um ataque contra nós. A Pasha entrou em alerta máximo. Montamos nossos lançadores de foguetes antitanque e assumimos nossas posições no perímetro. Afinal, a movimentação revelou ser apenas uma sessão de recrutamento de pessoal pelos partidários de Aidid.

Um "patrimônio" avistou Aidid, mas não pôde apontar precisamente o edifício em que ele entrara. Isto era o nosso pesadelo logístico. Ainda que nossos "patrimônios" avistassem Aidid, eles não podiam nos dizer exatamente em que edificação ele se abrigava.

Uma aeronave da SIGINT, que voara desde a Europa e fora colocada à nossa disposição, chegou à noite para nos ajudar a rastrear e localizar Aidid. Isto ampliou tremendamente nossa capacidade de vigilância, pois, agora, podíamos usar transmissores e sinalizadores com muito mais eficiência. Isso também nos habilitou a interceptar melhor as comunicações, coisa que só podíamos fazer a partir da cobertura de nossa casa-forte.

Uma grande casa vizinha, à direita da Pasha, era a residência do embaixador italiano, que dava uma grande festa à qual estavam presentes vários oficiais italianos. A Itália ocupara a Somália, entre 1927 e 1941. Em 1949, as Nações Unidas cederam à Itália o protetorado de partes da Somália. Então, em 1960, a Somália tornou-se um país independente. Agora, os italianos agiam como verdadeiros canalhas, "jogando" pelos dois lados do conflito. Quando os *Black Hawks* preparavam-se para uma operação, os italianos piscavam as luzes de suas casas para avisar aos residentes que os norte-americanos estariam chegando. Soldados italianos aplicaram choques elétricos nos testículos de um prisioneiro somali e usaram o cano de um lança-chamas para violar uma mulher — e tiraram fotografias de seus feitos.

As Nações Unidas acusaram os italianos de pagar subornos a Aidid e exigiram que o general italiano Bruno Loi fosse substituído. O governo italiano negou as acusações e disse às Nações Unidas que deixassem de assediar Aidid.

Quando tropas das Nações Unidas confiscaram armamentos da milícia, a CIA suspeitou que militares italianos estivessem repassado as armas apreendidas a um cidadão italiano que ali vivia, que se tornou suspeito de havê-las revendido a Aidid.

A Itália despejou trilhões de liras na Somália, a título de "amparo". Com a ajuda de pessoas como Aidid, mesmo antes que ele viesse a se tornar um infame "senhor da guerra", a maior parte do dinheiro foi parar nos bolsos de agentes oficiais do governo italiano e seus comparsas. Os italianos construíram uma autoestrada que ligava Bosaso a Mogadíscio — que, segundo reportado, rendeu comissões pagas em dinheiro a alguns italianos ali residentes. Os italianos também cultivavam estreitas relações com

jornalistas e correspondentes estrangeiros, aos quais conquistavam com jantares e festas, durante suas estadas em Mogadíscio.

Também vivia em nossa vizinhança — "jogando" em ambos os lados do conflito — um militar russo veterano que dispunha de alguma informação de inteligência e atuava como mercenário a partir de um edifício a duas casas de distância da Pasha. Ele trabalharia para qualquer um dos lados, desde que fosse pago por isso. Nós suspeitávamos que ele ajudara ambos os lados a estabelecer casas-fortes e a recrutar pessoal. Ele e os italianos pareciam trabalhar em conjunto. A família siciliana que me ensinara a cozinhar adorava a América; em contraste, o comportamento dos italianos na Somália atingia-me, tal qual um forte soco no estômago.

Recebemos um relatório dizendo que Aidid, provavelmente, teria adquirido um sistema portátil infravermelho de lançamento de mísseis terra-ar — mísseis *Stinger*, que podem ser lançados por alguém em terra para derrubar aeronaves.

Casanova, o médico da SIGINT e eu, fizemos outra incursão forçada à casa do garoto com as pernas feridas. A família não se mostrou tão assustada, nessa segunda vez; mas tampouco estava relaxada: uma entrada à força é uma entrada à força. Nós os algemamos novamente e garantimos a segurança, enquanto prestávamos socorro ao garoto. Ele parecia estar muito melhor, e não gritou, nem desmaiou, enquanto limpávamos seus ferimentos.

3 de setembro de 1993

Na manhã seguinte, nos preparamos para uma viagem ao complexo do Exército. Nossos guardas somalis adiantaram-se, fazendo um reconhecimento da rota antes que a tomássemos. Durante a viagem propriamente dita, os guardas empregaram uma tática de despistamento e nós dividimos o comboio tomando uma rota diferente. Qualquer um que tentasse nos seguir teria de dividir suas forças para prosseguir no encalço de ambos os veículos — ou jogar uma moeda e esperar estar seguindo o veículo correto. Embora eu tivesse recebido treinamento formal para essas táticas, nossos guardas tomaram a iniciativa de empregá-las por si mesmos. A

experiência deles ao combaterem em uma guerra civil ensinou-os a se adaptarem de acordo com a necessidade. Eles eram agudamente inteligentes.

O interior do complexo do Exército era fortificado com esconderijos para atiradores de elite, torres de vigilância e posições de combate. Nós apanhamos algumas luzes químicas infravermelhas e "vagalumes", preparando-nos para melhorar a segurança do perímetro da Pasha. Enquanto estivemos lá, também tivemos uma reunião com a *Delta*, a quem relatamos detalhadamente os ataques com morteiros que sofrêramos e sobre nossas suspeitas quanto aos pontos de onde estes haviam sido lançados. Eles subiram sobre a cobertura do hangar e fizeram um reconhecimento "a fogo": atiradores de elite dispararam sobre as áreas suspeitas dos lançamentos de morteiros, esperando que a nossa SIGINT pudesse captar comunicações próximas dos locais atingidos e verificar as localizações precisas. Quando o general Garrison descobriu, ficou furioso: ele não aprovava ações de reconhecimento "a fogo".

Naquela noite, de volta a Pasha, para que os nossos guardas pudessem compreender melhor o que estávamos fazendo e o modo como estávamos fazendo, Casanova afixou uma luz química infravermelha ao próprio corpo e caminhou em torno do perímetro da casa. A olho nu, as luzes químicas eram invisíveis. Eu permiti que os outros guardas olhassem através da nossa luneta de visão noturna KN-250, para que pudessem ver o brilho das luzes de Casanova. Os guardas engoliram em seco: seus semblantes denotavam um espanto tão grande quanto se tivessem avistado uma nave extraterrestre, pela primeira vez. Eles afastavam seus olhos das lentes e olhavam para Casanova; então, tornavam a olhar através das lentes. Suas palavras atropelavam-se e eles moviam seus corpos agitadamente, como se estivessem prestes a embarcar em um OVNI que tivesse pousado. Casanova e eu ríamos da reação deles.

Mais tarde, naquela noite, nós iríamos, em companhia de Stingray — que trabalhava sob o comando de Condor — fazer uma apresentação com as nossas luzes químicas e outros equipamentos para o chefe de polícia — um dos nossos principais "patrimônios", e responsável pelo recrutamento de

vários outros —, para demonstrar-lhe como trabalhávamos. Como resultado, o chefe de polícia passou a se sentir muito mais seguro ao designar seu pessoal para correr riscos ao trabalhar para nós. Cinquenta mil dólares o tornaram "financeiramente seguro", também. Talvez ele usasse apenas mil dólares para pagar seus vinte ou trinta "patrimônios", e embolsasse o restante do dinheiro.

Casanova e eu invadimos a casa do adolescente ferido outra vez. Mamãe e Papai obedientemente assumiram suas posições no chão, próximos à parede, antes que nós os puséssemos lá. A tia pôs-se de joelhos, estendendo uma bandeja com chá para nós.

Eu bebi um pouco e ofereci um pouco à família. Eles recusaram.

Desta vez, havíamos trazido nosso intérprete, para orientarmos a família sobre os cuidados que deveriam dedicar ao garoto. A família havia viajado longamente para conseguir o chá, e isto era tudo o que eles possuíam. Esta era a única maneira que eles conheciam de nos agradecer. Até então, eles vinham confiando nos serviços de um curandeiro; mas, obviamente, este não fora de grande ajuda para a cura do garoto.

Agora, o odor proveniente dos ferimentos do garoto praticamente desaparecera. Ele ainda tinha um pouco de febre; então, fizemos mais uma raspagem cirúrgica. Demos à família algumas doses de amoxicilina, um antibiótico para debelar infecções.

— Dê isto ao garoto três vezes ao dia, pelos próximos dez dias.

Notei que suas gengivas sangravam. Na verdade, o interior de sua cavidade bucal era uma massa sangrenta.

— Ele tem escorbuto —, disse o nosso médico.

O escorbuto é causado por uma deficiência de vitamina C. Os marinheiros de antigamente costumavam sofrer desse mal, antes que o cirurgião escocês James Lind, da Real Marinha Britânica, percebesse que os marinheiros que consumiam frutas cítricas apresentavam menos problemas relativos ao escorbuto. Contando com limas abundantemente disponíveis nas colônias britânicas do Caribe, a Marinha Real passou a fornecer aos

homens suco de lima. Foi assim que os marinheiros britânicos conquistaram seu apelido: *"Limey"*.

4 de setembro de 1993

Casanova e eu saímos em um veículo para fazer um reconhecimento de rotas alternativas de fuga e evasão, descobrir mais sobre a localização dos lançadores de morteiros e para sentirmos melhor a atmosfera do local. Mais tarde, um "patrimônio" nos informou de que duas minas terrestres haviam sido colocadas em uma estrada, para que fossem detonadas, atingindo veículos norte-americanos. Tratava-se da mesma estrada que utilizáramos no dia anterior, para irmos ao encontro com a *Delta*, no complexo do Exército. Eles deviam ter descoberto algo sobre a nossa viagem, e deixaram de nos atingir por pouco.

Na nossa vizinhança, garotinhas caminhavam mais de 1,5 quilômetro apenas para apanhar água potável e levá-la às suas casas. Uma menina de uns quatro anos de idade banhava sua irmãzinha de dois anos no pátio diante de sua casa, derramando água sobre sua cabeça. A maior parte dos norte-americanos não se dá conta de quanto é abençoada. Nós deveríamos ser mais gratos.

Àquela altura, nós já éramos "celebridades", controlando toda uma área de dois ou três quarteirões. Quando Casanova avistava garotos que vinham da escola, ele flexionava e beijava seus poderosos bíceps. As crianças o imitavam. Um pequeno grupo de crianças reunia-se à nossa volta, e nós lhes dávamos partes das nossas MREs: balas, biscoitos de chocolate, caramelos com cobertura de chocolate e goma de mascar *Charms*. Sim, sacrificávamos nossa cobertura, mas Condor achava que isto era bom para que conquistássemos os corações e as mentes dos habitantes locais. Eu concordava.

Levei um saco de laranjas para o garoto mutilado da casa vizinha, mas ele não conseguiu comê-las porque o ácido cítrico fazia arder suas gengivas ensanguentadas. Casanova imobilizou seu corpo enquanto eu mantinha sua cabeça segura em uma "chave de pernas" e espremia as laranjas despejando

o sumo em sua boca. Após duas ou três visitas adicionais, o sumo das laranjas não mais o incomodava. Ao longo do tempo, o escorbuto regrediu, até desaparecer. Para ajudar o garoto, Condor disse à CIA que ele era parente de um dos nossos "patrimônios", embora isto não fosse verdade. Fizemos com que um "patrimônio" conseguisse um par de muletas para o garoto, e eu requisitei uma cadeira de rodas.

Tempos depois, o garoto da casa vizinha ficava na varanda tentando nos localizar enquanto nos revezávamos na vigilância sobre o telhado da Pasha. Ele acenava para nós e sorria. Esta foi a minha operação mais bem-sucedida na Somália — embora eu tivesse de desobedecer a ordens diretas para executá-la. É melhor ter de pedir perdão do que permissão.

Aidid implementara sua própria campanha de conquista dos corações e mentes. Ele fazia pronunciamentos em público contra os norte-americanos, e começara a recrutar pessoas em nossa vizinhança: quaisquer pessoas, desde crianças até idosos.

Nossos "patrimônios" nos informaram sobre uma trilha que seria utilizada para suprir Aidid com mísseis *Stinger*; do Afeganistão para o Sudão, passando pela Etiópia, até chegar à Somália. Os mísseis eram sobras dos que haviam sido enviados pelos Estados Unidos para o Afeganistão, que os utilizaria para combater os russos. Anos mais tarde, os Estados Unidos fizeram uma oferta para comprar os mísseis *Stinger* de volta: 100.000 dólares por cada míssil restituído, sem que fossem feitas perguntas.

Aidid recebia ajuda da al Qaeda e da OLP. A al Qaeda contava com conselheiros infiltrados do Sudão. Não havia muita gente que soubesse algo sobre a al Qaeda, mas eles supriam Aidid com armamentos e treinavam sua milícia em táticas de guerrilha urbana, tais como instalar barricadas que seriam incendiadas e travar combates rua a rua. Se Aidid ainda não tivesse os *Stingers*, eles logo estariam em seu poder. Enquanto isso, a al Qaeda ensinava à milícia de Aidid a trocar os detonadores de seus lançadores de foguetes, do tipo que funciona por impacto para um tipo que pode ser programado para funcionar com um dispositivo de tempo. Em vez de atirar diretamente em um helicóptero, o lançador de foguetes poderia

atirar sobre um ponto próximo do rotor da cauda, o "calcanhar de Aquiles" de qualquer helicóptero. Atirar com o lançador de foguetes a partir de um telhado é convidar os atiradores a bordo de um helicóptero a desfazer alguém a balaços. Por isso, a al Qaeda ensinou aos homens de Aidid a cavarem buracos profundos nas ruas: um miliciano poderia deitar-se e atirar, de modo que a parte de trás do tubo do lançador de foguetes impactaria inofensivamente o fundo do buraco. Eles também sabiam camuflar-se, de modo a impedir que os helicópteros os avistassem. Embora eu não soubesse disso à época, entre os conselheiros da al Qaeda na Somália, provavelmente estivesse o chefe militar de Osama bin Laden, Mohammed Atef. De modo semelhante, a OLP auxiliava Aidid com conselheiros e suprimentos. Agora, Aidid pretendia atingir importantes alvos norte-americanos.

Nossa SIGINT interceptou comunicações sobre um plano para lançar um ataque de morteiros contra a Embaixada Norte-Americana. Além disso, "patrimônios" nos informaram de que os italianos continuavam a permitir que milicianos de Aidid, armados, passassem por postos de controle militares das Nações Unidas, responsáveis pela segurança da cidade. Sua milícia simplesmente tinha de encontrar postos de controle ocupados pelos italianos para movimentar-se livremente, através do "quintal" dos Estados Unidos ou de qualquer outro país.

Dois guarda-costas de Aidid mostraram-se dispostos a revelar a localização de seu líder, em troca de uma recompensa de 25.000 dólares. O Leopardo quis se reunir com eles na Pasha. Para chegar à Pasha, Leopardo planejou viajar passando por um posto de controle italiano próximo a uma antiga fábrica de massas, a *Checkpoint Pasta*.

Todavia, Leopardo não sabia que os italianos haviam, secretamente, entregado a *Checkpoint Pasta* aos nigerianos. Minutos após a entrega, a milícia de Aidid emboscou e matou sete nigerianos.

Naquela noite, eu ouvi tiros serem disparados próximo da Pasha, além do ataque de morteiros que atingiu mais proximamente as redondezas.

Obviamente, os "caras maus" haviam começado a perceber o que acontecia ali. Nossos dias na Pasha estavam contados.

5 de setembro de 1993

Na manhã de domingo, antes das 08h, Leopardo e quatro guarda-costas conduziram dois *Isuzu Troopers* para fora do complexo das Nações Unidas. Quando os veículos chegaram à *Checkpoint Pasta*, uma multidão formou-se em torno deles. Cerca de duzentos metros adiante, pneus em chamas e obstáculos de concreto bloqueavam a estrada. O motorista de Leopardo pisou fundo no acelerador, irrompendo através da emboscada. Quarenta e nove balas atingiram o veículo deles. Um tiro atravessou um espaço vulnerável no colete à prova de balas de Leopardo, atingindo-o no pescoço. O motorista conseguiu passar em alta velocidade através da emboscada e levar Leopardo a um hospital dentro do complexo das Nações Unidas. Depois de consumir mais de onze litros de sangue e de receber cem pontos de sutura, o general Garrison fez com que Leopardo fosse enviado de avião a um hospital na Alemanha. Leopardo sobreviveu.

Mais tarde, naquele dia, eu ouvi tiros de calibre .50 — do tipo que pode perfurar paredes de tijolos — sendo disparados a noroeste, entre 300 e 450 metros de onde nos encontrávamos.

Com o tiroteio nas proximidades e a recente emboscada, soubemos que as nossas "passagens" para longe dali já haviam sido emitidas. Sob alerta máximo, tomamos providências para uma batalha. Requisitei a um AC-130 *Spectre* que nos sobrevoasse, caso precisássemos de ajuda. Capaz de passar longos períodos no ar, a aeronave da Força Aérea contava com dois canhões M-61 *Vulcan*, de 20 mm; um canhão L/60 *Bofors*, de 40 mm; e um lançador de morteiro M-102, de 105 mm. Sofisticados sensores e um radar permitiam-lhe detectar a ação inimiga em terra. Se alguém soltasse um coelho em um campo de futebol, o AC-130 *Spectre* poderia caçá-lo e transformá-lo em um cozido de coelho. Eu havia treinado na Flórida, no Campo Hurlburt, onde conhecera as capacidades desse avião, e aprendera a requisitá-lo para fazer com que seu poder de fogo fosse despejado sobre o

inimigo. A ideia de que estávamos prestes a "torrar" algum pessoal de Aidid, me animava. Em vez disso, porém, a sorte sorriu para eles, que decidiram adiar o confronto.

Naquele mesmo dia, soubemos que um dos nossos principais "patrimônios" fora descoberto; por isso, tivemos de embarcá-lo em um voo para fora do país.

Às 20h, um "patrimônio" nos informou que Aidid se encontrava-se na casa de uma tia. Condor ordenou a um helicóptero para que levasse Stingray e o "patrimônio" à base do Exército, para que se reportassem ao general Garrison. Na Pasha, todos estávamos extasiados. Tudo o que fizéramos na Pasha — controlar os "patrimônios", instalar a SIGINT, tudo mesmo — havia nos conduzido a este momento. Contávamos com boas informações de inteligência e com o manto da escuridão para proteger nossa equipe de assalto. O "patrimônio" fizera até mesmo um diagrama da casa, que parecia ideal para uma operação especial devido ao detalhamento das entradas dos cômodos. Aidid estava em nossas mãos.

O pedido foi negado; até hoje, ainda não sei por quê. Condor e Stingray estavam indignados.

— Jamais teremos uma oportunidade tão boa quanto esta!

O resto de nós também não conseguia acreditar. "*Whiskey, Tango, Foxtrot?!*" No alfabeto fonético militar, as iniciais de "*Whiskey, Tango, Foxtrot*" perfazem a expressão "*What the fuck?*"; algo como, "Mas, que merda é essa?"

Eu estava furioso por havermos trabalhado tão duramente, para a execução de uma missão tão importante, apenas para sermos ignorados. Parecia-nos que a culpa por isso cabia à política militar. Eu também sentia-me embaraçado pelo modo como meu próprio pessoal militar tratara os agentes da CIA.

— Condor, eu sinto muito. Eu não sei que diabos... Eu não sei por que não fizemos isso...

Condor não estava "louco da vida" conosco, os SEALs; mas estava "louco da vida" com o general Garrison.

— Se Garrison não pretendia fazer isso, por que nos mandou para cá, para início de conversa? Para que todo esse trabalho, gastar todo esse dinheiro, colocar a nós e aos nossos "patrimônios" em risco...?

— Se nós sequer iríamos puxar o gatilho —, completei a frase. — Nós tínhamos Aidid em nossas mãos.

— Pode apostar que tínhamos, sim!

Àquela altura, eu também estava "louco da vida" com Garrison. A *Delta* havia dado um tiro n'água, na residência de Lig Ligato, mas sequer fora acionada quando realmente tínhamos apanhado Aidid. Não ajudaria em nada socar alguma coisa ou gritar com alguém. Quando eu me sentia ultrafurioso, também me tornava ultrassilencioso. Depois que Condor e eu compartilhamos nossas mágoas, fiquei mudo. Os outros permitiram que eu me recolhesse ao meu espaço. Todos lamentamos o abortamento daquela missão.

6 de setembro de 1993

Às 4h, no telhado da Pasha, Casanova e eu ouvimos um tanque fazer uma larga manobra. Nós sequer sabíamos que Aidid possuísse um tanque. Preparamos os nossos AT-4s.

Horas depois, Casanova e eu contamos tudo a Little Big Man e a Sourpuss.

— Não é possível que haja um tanque lá —, argumentou Sourpuss. — Nós já teríamos avistado um tanque, a esta altura.

— Nós conhecemos o que ouvimos —, disse eu.

— Não estou convencido —, disse Sourpuss. — Você pode convencer à CIA com as suas bobagens, mas eu não me deixo impressionar.

— Pois, que seja.

Naquela mesma manhã, um dos nossos "patrimônios" foi alvejado, ao sair de seu veículo.

Pouco depois, um segundo "patrimônio", irmão da nossa criada doméstica, foi morto, alvejado na cabeça. Ele era um dos melhores sujeitos; envolvera-se naquela situação não tanto pelo dinheiro quanto pelo desejo de

contribuir para que o seu clã pusesse um fim à guerra civil. Nossa criada não podia esconder a tristeza em seu olhar.

Como se as coisas não estivessem suficientemente ruins para nós, um terceiro "patrimônio" foi surrado, quase até a morte — pelos italianos.

Um relatório chegou a nós, informando que Aidid possuiria armas antiaéreas. Aidid continuava a fortalecer-se e a tornar-se mais sofisticado, graças à ajuda recebida da al Qaeda e da OLP, além dos italianos que fechavam os olhos a tudo isso. Os habitantes locais percebiam este fortalecimento, também; e eram encorajados a se juntar a Aidid.

A *Delta* obtivera informações de inteligência dando conta que Aidid estaria ocupando o antigo complexo russo. Então, a *Delta* foi em seu encalço e fez dezessete prisioneiros — mas não conseguiu capturar o próprio Aidid. Apenas dois dentre os dezessete prisioneiros foram considerados de algum interesse. Eles foram detidos, interrogados, e, então, liberados. A *Delta* dera aos partidários de Aidid mais uma demonstração do modo como operava: sobrevoava, descia por "cordas rápidas", e utilizava um bloqueio de *Humvees*, tripulados por *Rangers*, para proteger seus efetivos, enquanto estes tomavam de assalto a casa. Isto fez com que essas atitudes prejudicassem a nós mesmos.

7 de setembro de 1993

Um dos nossos principais "patrimônios", Abe, apresentou-se com quatro horas de atraso. Temíamos que já estivesse morto, quando, afinal, ele chegou.

— Estou pronto para a missão desta noite.

— Sentimos muito, mas você já foi "limado".

— Limado?

— Missão cancelada. Não há nenhuma missão para você, esta noite.

Naquela noite, Casanova e eu escoltamos Condor para que ele entregasse 50.000 dólares a um "patrimônio". Os "patrimônios" de alto nível eram ricos e influentes, e contavam com um grande número de pessoas trabalhando

sob suas ordens. Condor preferia ir até a presença de um "patrimônio" de alto nível do que permitir que este viesse até ele. Nessas ocasiões, ele poderia conferir a quantidade de novos recrutas, obter fotografias deles, descobrir como o dinheiro era dividido entre os "patrimônios" e informá-los acerca dos procedimentos. A reunião estendeu-se por quase uma hora e meia. Enquanto Casanova e eu montávamos guarda do lado de fora, ouvimos um tiroteio, cerca de duzentos metros ao norte.

Little Big Man e Sourpuss avistaram os projéteis traçantes do tiroteio vindo em nossa direção. "Ei, caras! Vocês precisam de ajuda?", disseram eles pelo rádio.

"Não. Não estamos envolvidos nisso." Caso lançássemos um sinalizador verde, Little Big Man e Sourpuss requisitariam um helicóptero para nos tirar dali, e, então, abririam caminho para chegar à nossa posição e nos ajudar, até a chegada da aeronave de fuga.

Mais tarde, naquela noite, de volta a Pasha, tive confirmada minha segunda morte de um rato.

8 de setembro de 1993

Os *Rangers* relataram ter identificado um velho tanque russo, a cerca de três quilômetros além dos limites da cidade, e havê-lo destruído. Recordei a Sourpuss acerca do tanque que Casanova e eu ouvíramos, algumas noites antes.

— Está vendo? Isto se chama "tanque". Você sabe, ele produz um ruído característico, quando está em movimento...

Sourpuss afastou-se.

Naquele dia, Abe tornou-se nosso principal "patrimônio". Demos a ele uma luz estroboscópica infravermelha e um sinalizador com um ímã acoplado. Ele parecia confiante de conseguir aproximar-se de Aidid, por isso nós pusemos a *Delta* em alerta.

— Aidid está se deslocando —, comunicou-os Abe. Mas, à medida que a noite avançou, Abe deixou de poder apontar a posição de Aidid com precisão.

Embora nenhum tráfego de comunicações chegasse à SIGINT, várias grandes explosões foram notadas, vindas da direção do aeroporto. As equipes de lançadores de morteiros de Aidid haviam encontrado uma forma de comunicar e controlar seu fogo sem que fossem interceptadas por nós. *Droga! Eles são terrivelmente adaptáveis!*

9 de setembro de 1993

O general Garrison recebeu permissão para iniciar a Fase Três: seguir no encalço dos tenentes de Aidid.

A *Delta* voou sobre Mogadíscio com seu "pacote completo", como uma demonstração de força: dez a doze *Little Birds* e entre vinte e trinta *Black Hawks*. Atiradores de elite da *Delta* viajavam a bordo dos leves helicópteros *Little Bird*, que também poderiam portar metralhadoras e lançadores de foguetes e mísseis. Nos helicópteros *Black Hawk*, de tamanho médio, também armados com metralhadoras e lançadores de foguetes e mísseis, as equipes de assalto da *Delta* e dos *Rangers* tinham "cordas rápidas" preparadas para lançar um assalto a qualquer momento. A ideia era mostrar a Aidid que o nosso poder era maior do que o dele, fazendo de sua proposta algo menos atrativo para a população local, e — assim esperávamos — limitar sua capacidade de recrutamento.

No mesmo dia, próximo da fábrica de massas, a dois quilômetros do Estádio Paquistanês, o 362.º Corpo de Engenheiros do Exército trabalhou para liberar a autoestrada que levava a Mogadíscio. Um pelotão paquistanês, em um veículo blindado, os protegia enquanto a Força de Reação Rápida (*Quick Reaction Force*; QRF) permanecia em alerta, para o caso de serem necessários reforços de emergência. A QRF era constituída por homens de unidades convencionais do Exército: a 10.ª Divisão de Montanha, o 101.º Regimento de Aviação, e o 25.º Regimento de Aviação, tendo suas bases localizadas nos prédios abandonados de uma universidade e na antiga Embaixada Norte-Americana.

Os engenheiros demoliram um obstáculo no meio da estrada, quando uma multidão de somalis se formou. Um somali disparou um tiro e fugiu,

velozmente, em um caminhão branco. Os engenheiros demoliram um segundo obstáculo e, em seguida, livraram-se do terceiro: pneus em chamas, sucatas metálicas, e um *trailer*. Alguém na sacada de um segundo andar atirou contra eles. Os engenheiros e os soldados paquistaneses revidaram. O fogo inimigo avolumou-se, atingindo-os de várias direções. A multidão empurrava obstáculos para bloquear a movimentação dos soldados. Os engenheiros, então, requisitaram os helicópteros da QRF. Em três minutos, helicópteros OH-58 *Kiowa* e AH-1 *Cobra* chegaram ao local. Centenas de somalis armados movimentavam-se, vindos do norte para o sul. Foguetes inimigos eram lançados de várias direções.

O *Cobra* abriu fogo sobre o inimigo com seus canhões de 20 mm e foguetes de 2,75 polegadas. Mais helicópteros da QRF foram chamados para ajudar, enquanto os engenheiros tentavam escapar dirigindo-se para o Estádio Paquistanês. A milícia de Aidid disparou um rifle de 106 mm, que não produzia coice, convertendo o blindado paquistanês que liderava a coluna em uma bola de fogo. O motor de um buldôzer morreu e o trator foi abandonado pelos engenheiros. Enquanto cerca de trinta somalis tentavam apossar-se do buldôzer abandonado, dois mísseis TOW destruíram-nos, junto com o trator. Os engenheiros, sendo dois feridos, e os paquistaneses, dentre os quais três feridos, lutaram até chegarem ao estádio. Um dos paquistaneses morreu. Aquela fora a maior batalha travada na Somália, até aquela altura dos acontecimentos.

Nossas fontes de inteligência nos informaram que Aidid havia comandado a emboscada a partir de uma fábrica de cigarros existente nas proximidades. Mais de uma centena de somalis foram mortos, e várias centenas foram feridos; mas Aidid conseguira manter a estrada bloqueada, restringindo a movimentação das forças das Nações Unidas. Além disso, a mídia colaborou com Aidid ao reportar as muitas mortes de somalis "inocentes". *Eu odeio a nossa mídia liberal. É muito fácil sentar-se e apontar o dedo para os outros quando não se está diretamente envolvido.* O presidente Clinton também ajudou Aidid, suspendendo as operações de combate em

Mogadíscio, até que uma investigação fosse completada. *A popularidade política é mais importante do que as vidas norte-americanas.*

Aidid lançou um ataque de artilharia sobre a Pasha. Fogo de metralhadoras pesadas e tiroteios generalizados chegavam até mais perto de nós. Permanecemos em alerta máximo e em estado de grande agitação. A milícia de Aidid também lançou morteiros sobre o posto de controle nigeriano — que havia sido entregue pelos italianos — no porto de Mogadíscio.

"Patrimônios" de Condor infiltraram-se em um comício que transcorria em uma oficina de conserto de veículos, no qual Aidid tentava elevar o moral de suas tropas. Se Aidid realmente estivesse presente ao comício, nós iríamos querer saber. Ele não estava.

10 de setembro de 1993

Às 5h do dia seguinte, a milícia de Aidid disparou mais fogo de artilharia sobre o posto de controle no porto de Mogadíscio. Naquele mesmo dia, um "patrimônio" nos informou que o pessoal de Aidid sabia sobre a Pasha. Eles descreveram nossas armas e veículos, e demonstraram já conhecer Condor, mesmo antes de termos estabelecido a Pasha.

Aidid emboscou uma equipe somali da CNN. Um intérprete e quatro guardas que viajavam com a equipe foram mortos. A milícia de Aidid confundira a equipe da CNN conosco.

Nós também descobrimos que um jornalista italiano havia arranjado uma entrevista com Aidid. Um dos nossos "patrimônios" colocou um sinalizador no carro do jornalista, para que pudéssemos rastreá-lo. O jornalista deve ter suspeitado de que havia algo errado, pois dirigiu-se à casa de um dos "caras bons" — provavelmente esperando que a atacássemos — em vez de ir ao encontro de Aidid. Felizmente, nós contávamos com um "patrimônio" em terra para verificar o local.

Apesar disso tudo, a CIA estava impotente. Nós também. Possuíamos boas informações de inteligência, dando-nos conta de que o pessoal de Aidid iria nos emboscar. Em vez de dois SEALs vigiarem enquanto outros

dois descansavam, fizemos com que três SEALs passassem a vigiar, enquanto um descansava.

11 de setembro de 1993

Afinal, fui para cama às 7h da manhã seguinte. Não houvera nenhuma emboscada. Sourpuss acordou-me às 11h para dizer-me que nossos "patrimônios" haviam reportado que a milícia de Aidid aproximava-se de nós.

Outro "patrimônio" nos disse que os "caras maus" haviam elegido nosso chefe da guarda, Abdi, como seu alvo principal, pois sabiam que ele estava trabalhando para a CIA. Um dos guardas sob o comando de Abdi era seu próprio filho. O chefe da guarda assumia a responsabilidade de pagar aos outros guardas; mas, mais do que isso, ele tinha a responsabilidade de mantê-los vivos. Ele detinha uma posição importante em seu clã. O chefe da guarda colocara sua família e seu clã em risco para contribuir com a CIA. Parte de sua motivação era o dinheiro; mas sua maior motivação parecia ser a de tentar garantir um futuro melhor para sua família. Agora, ele fora descoberto. Mais tarde, nós descobriríamos quem o havia delatado: os italianos.

Condor telefonou ao general Garrison:

— Fomos comprometidos, e temos de cair fora daqui.

Às 15h, deixando para trás todo o equipamento e os suprimentos não essenciais, tais como as MREs, todos os ocupantes da Pasha recolheram suas bagagens e se dirigiram ao Estádio Paquistanês. Helicópteros nos apanharam às 19h35, levando-nos de volta ao hangar no complexo militar.

Analisando, retrospectivamente, desde o nosso primeiro dia na Pasha, deveríamos ter algemado os italianos e os retirado da área; e deveríamos ter assassinado o mercenário russo. Assim, teríamos tido uma chance melhor de conduzirmos as atividades em nossa casa-forte e de capturarmos Aidid. Naturalmente, teria sido de grande ajuda se o nosso próprio pessoal militar tivesse permitido que capturássemos Aidid quando o tínhamos localizado, na casa de sua tia.

Embora tivéssemos perdido a Pasha, ainda tínhamos alvos sobre os quais agir.

11.
A Captura do “Gênio do Mal” de Aidid

12 de setembro de 1993

Casanova e eu caminhamos pelo interior do hangar, com nossas barbas e cabelos ainda crescendo livremente. Eu não cortei os cabelos durante todo o tempo em que estive em Mogadíscio. No hangar, todos pareciam felizes por nos rever. Eles sabiam que tínhamos vivido por quinze dias no território dos “catarrentos”, e haviam ouvido alguns rumores sobre o trabalho que lá realizáramos. Vários *Rangers* aproximaram-se de nós.

— Gostaríamos que vocês estivessem em nossa companhia, quando fôssemos emboscados, caras! —, diziam alguns deles. Outros, apenas queriam nos perguntar “O que vocês estiveram fazendo lá, caras?”

Nós vivíamos em meio à *Delta Force*, à Equipe de Controle de Combate (*Combat Control Team*; CCT) e aos paraquedistas de resgate (PJs) Os homens da CCT eram os rastreadores das forças de operações especiais, que podiam saltar de paraquedas sobre qualquer área determinada e nos proporcionar seu reconhecimento, estabelecer o controle do tráfego aéreo, prestar apoio de fogo e estabelecer, comandar e controlar as comunicações em terra — além de serem particularmente úteis quando se tratava de requisitar ataques aéreos. A SIGINT costumava recrutar muitos de seus efetivos do pessoal da CCT. Os PJs da Força Aérea, também utilizados em operações especiais, concentravam-se no resgate de pilotos abatidos sobre território inimigo e na administração de tratamentos médicos. Tanto a *Delta* quanto o SEAL Team Six haviam começado a ampliar seus quadros com

pessoal proveniente da CCT e dos PJs. No SEAL Team Six, a tripulação de oito homens em um bote, que tivesse sido designada para tomar de assalto uma edificação, ganharia muito com o acréscimo de um PJ, que se encarregaria de cuidar dos ferimentos a bala eventualmente sofridos, liberando um SEAL encarregado dos primeiros socorros para que este pudesse ajudar a "arrombar mais portas". Do mesmo modo, a adição de um homem da CCT que carregasse um rádio às costas, liberaria um SEAL encarregado das comunicações para transportar outros equipamentos essenciais para o cumprimento de uma missão e para ajudar com o "arrombamento de portas". Ainda que os CCTs da Força Aérea e os PJs não fossem especialistas em "arrombar portas", todos eles eram especialistas em suas áreas de atuação — em um nível superior ao dos efetivos do SEAL ou da *Delta*. Integrar esses homens ao SEAL Team Six e à *Delta* foi uma das melhores iniciativas que a JSOC já tomou. Embora eles não alcançassem um padrão tático tão elevado quanto o dos SEALs — particularmente quanto ao treinamento de combate a curta distância —, seus padrões de condicionamento físico eram equivalentes aos nossos, pois eles também haviam recebido treinamento na Equipe Verde do SEAL Team Six. Durante o período que passei na Equipe Verde, embora um homem da CCT e um PJ estivessem entre os quatro ou cinco homens que foram reprovados, outro CCT e outro PJ contavam entre os aprovados. Os CCTs e os PJs também passavam pela *Delta Force*, como parte de seu treinamento. Então, depois de voltarem a passar algum tempo "em casa", junto às suas unidades da Força Aérea, eles voltavam a revezar-se entre o Team Six e a *Delta*, mais uma vez. No hangar, nós quatro, os SEALs, passávamos a maior parte do tempo em companhia dos CCTs e dos PJs, pois já os conhecíamos desde que treináramos em sua companhia em Dam Neck, na Virgínia. Tal como a maioria dos homens da *Delta*, eles também usavam seus cabelos cortados ao estilo militar, para poderem misturar-se indistintamente aos *Rangers*; mas a palidez de seus couros cabeludos os denunciava.

Um dos nossos CCTs chamava-se Jeff — um rapaz bonito, que atraía as mulheres como um ímã, tal como fazia Casanova. Aliás, os dois

costumavam andar juntos. Outro CCT era Dan Schilling, um sujeito tranquilo de trinta anos de idade, natural do sul da Califórnia. Dan havia deixado a reserva do Exército para se tornar um homem da CCT. No meio do hangar, enquanto jogávamos cartas sobre uma mesa dobrável utilizada para estudar nossos planos de batalha, Dan deu-me um charuto; ele gostava de fumar os *Royal Jamaica Maduros*.

Tim Wilkinson abandonara um emprego na área de engenharia elétrica para viver a aventura de tornar-se um PJ. Scotty servia como líder da equipe de PJs.

Perto da mesa de planejamento da Força Aérea, no meio do hangar, os CCTs e os PJs haviam posicionado uma boneca inflável — chamada Gina, a Deusa do Amor — sobre uma cadeira, com um cartaz pendente de seu pescoço, que anunciava os "serviços" que prestava e a correspondente lista de preços. A boneca havia sido um presente de aniversário, ofertado pela esposa de Dan Schilling e pela namorada de Jeff a um sujeito da Força Aérea que jamais recebia correspondência e não tinha uma namorada. Após uma visita de membros do Congresso, Gina desapareceu. *Que falta de senso de humor!*

Os *Rangers* excediam em número a todo mundo, mas eles mantinham-se cautelosos quando se tratava de cruzar a linha imaginária, como se fosse uma muralha que se erguesse até o teto, que separava a nossa área da deles. Talvez nós tivéssemos uma certa mística que eles respeitavam — ou, talvez, tudo se devesse aos nossos odores corporais. Qualquer que fosse o motivo, eles nos cediam nosso espaço. Muitos sujeitos da *Delta* cultivavam uma atitude do tipo *"se você não pertence à* Delta*, não queremos ter nada a ver com você*". É provável que nós, SEALs, involuntariamente, também cultivássemos uma atitude desse tipo; no entanto, havia apenas quatro de nós, ali. Se estivéssemos em companhia de toda a Equipe Vermelha, talvez fôssemos ainda mais arrogantes; mas, sendo os únicos quatro SEALs presentes em toda a África, nós tínhamos de nos enturmar com alguém.

Nas imediações do hangar, nós usávamos *shorts*, camisetas e sandálias de dedo *Teva*. Quando usávamos nossos uniformes militares, dispensávamos as

tarjetas identificativas com nossos nomes e as insígnias dos nossos postos. A ostentação das nossas patentes militares significava menos para nós do que para os *Rangers* e outras unidades militares convencionais. Nas Equipes, nós costumávamos seguir líderes devido à reputação que estes houvessem conquistado, ou a alguma habilidade que demonstrassem possuir. Diferentemente do que acontece nas unidades militares convencionais, os homens alistados em nossas fileiras costumavam chamar os oficiais por seus primeiros nomes, ou mesmo por seus apelidos. Nós tampouco compartilhávamos da mentalidade militar robotizada, que observa estritamente uma hierarquia imposta "de cima para baixo". Nas Equipes, o simples fato de uma pessoa ser hierarquicamente superior a outra não a qualifica para liderar qualquer coisa — a não ser "no papel". Nós adaptávamos nossas armas e táticas para situações e ambientes em permanente mutação.

Às 21h, recebemos fogo de morteiros — o que já se tornara uma ocorrência regular, saudada pelos rapazes no hangar. Alguns deles haviam criado até mesmo uma "bolsa de apostas" em função dos ataques com morteiros. Podia-se apostar em um determinado intervalo de tempo por um dólar. Quem apostasse no horário que mais se aproximasse de um ataque de morteiros vencia a aposta.

Ninguém, no entanto, apostava na localização de Aidid.

13 de setembro de 1993

No dia seguinte, de maneira fiel à observância dos regulamentos, embora fosse o SEAL mais graduado, Sourpuss não deu início a coisa alguma e não exerceu qualquer espécie de controle. Ele contentou-se em sentar-se e escrever cartas para a sua esposa. Little Big Man avaliou a possibilidade de usarmos helicópteros da QRF como plataformas para os atiradores de elite. Nós também éramos encorajados a sair em patrulha na companhia dos *Rangers*, quando não tínhamos outra coisa para fazer.

Um comboio paquistanês chegou, para reabastecer-se. Sob as ordens do general Garrison, Casanova e eu saímos em companhia de Steve — um atirador de elite da *Delta*, que trabalhava em estreita colaboração com a inteligência militar —, do comandante Assad e de seus soldados paquistaneses. Dirigimos cruzando a cidade, no rumo noroeste, até as proximidades do Estádio Paquistanês, onde os paquistaneses comandavam um complexo com todo o rigor. Suas tropas demonstravam um excelente comportamento militar, e uma atitude absolutamente condizente com as regras. Eles mantinham toda a área impecável — diferentemente do que faziam os desleixados italianos, que constantemente tentavam nos sabotar.

Durante a noite, a milícia de Aidid abrira fogo contra um dos nossos helicópteros, usando as instalações abandonadas da Universidade Nacional Somali como esconderijo para os seus atiradores. Casanova e eu subimos seis andares, até o alto de uma torre. Dali, nós podíamos avistar a casa de Osman Ali Atto, o principal financiador de Aidid, e considerado seu "gênio do mal". Supostamente, Atto empregava recursos obtidos com o tráfico de drogas (principalmente *khat*) e de armas, roubos e sequestros para comprar mais armas e proporcionar apoio à milícia de Aidid. Próxima à residência de Atto, ficava a sua oficina de conserto de veículos — uma enorme estrutura de concreto, descoberta, onde seus mecânicos trabalhavam em carros, buldôzeres e outros equipamentos técnicos — como, por exemplo, caminhonetes com metralhadoras calibre .50 montadas sobre tripés em suas carrocerias. Aquela era a mesma oficina onde Aidid promovera um comício para inflamar o moral de sua milícia, quando estávamos na Pasha. *Se capturarmos Atto, cortaremos o apoio financeiro à milícia de Aidid. Quem controla a bolsa, controla a guerra.*

Nada de significativo aconteceu na casa de Atto, exceto que as luzes da varanda piscaram por três vezes. Provavelmente isto fosse algum tipo de sinal, mas nós não pudemos notar nenhum movimento na casa. Tratava-se apenas de uma questão de tempo para que capturássemos Atto.

14 de setembro de 1993

Nós continuamos a observar a oficina de Atto. Pessoas entravam e saíam dali, constantemente. Três mecânicos trabalhavam em alguns veículos. Casanova e eu avistamos alguém que se assemelhava muito a Atto, exibindo um largo sorriso branco, conduzindo uma reunião.

Tiramos uma fotografia e transmitimos os dados, através de uma conexão segura, para os rapazes da inteligência, para que pudessem se assegurar de que o homem na oficina fosse realmente Atto. Nós o perdemos de vista quando ele deixou a oficina, dirigindo um veículo.

No mesmo dia, um *Ranger* pensou ter avistado Aidid em um comboio. A *Delta* tomou de assalto um edifício e descobriu que havia capturado o general Ahmed Jilao em seu lugar — embora Jilao fosse muito mais alto, mais pesado e tivesse a pele mais clara do que Aidid — que, além do mais, era um aliado muito próximo das Nações Unidas. Aidid havia se tornado uma espécie de "Elvis Presley": as pessoas o viam onde ele não estava.

À noite, o complexo paquistanês recebeu fogo proveniente de uma área próxima, pontilhada por árvores e edifícios. O comandante Assad disse:

— Nós estamos sendo sistematicamente atacados a partir dali. Vocês podem nos ajudar?

— Nós podemos localizá-los com nossas lunetas infravermelhas e atirar na direção deles com balas traçantes. Suas metralhadoras, então, poderão abrir fogo sobre aquela área.

As balas traçantes são projéteis recobertos de fósforo, que ardem, produzindo um brilho intenso. Porém, Alá estava ao lado daqueles milicianos, que não tornaram a abrir fogo, naquela noite.

16 de setembro de 1993

Dois dias depois, três mulheres entraram na residência de Atto, mas apenas duas saíram. Um homem também entrou na casa. Outra reunião estava sendo conduzida ali, e incluía a presença de uma pessoa que parecia ser Atto, exibindo um alvo sorriso perolado. Ele parecia estar no comando, ditando às pessoas o que fazer.

Casanova desceu da torre no complexo paquistanês e dirigiu-se para perto do muro que defrontava com o complexo de Atto. Casanova notou que as pessoas se dirigiam a casa passando pela oficina, em vez de adentrarem diretamente a residência de Atto. Requisitamos à QRF que lançasse um ataque de morteiros, mas as três cargas explosivas não caíram sequer perto dali.

Mais tarde, nos "exfiltramos" de volta ao hangar no complexo do Exército. Lá, nos reportamos a um capitão da *Delta*.

Durante o relatório, eu disse:

— Não nos importamos de patrulharmos em companhia dos *Rangers*, mas preferiríamos dirigir um veículo, nós mesmos. Sabemos o que faríamos se ficássemos sob fogo; mas não sabemos o que eles fariam.

O capitão aprovou.

— Além disso, gostaríamos de fazer alguns voos noturnos, atuando como atiradores de elite, com a QRF. "Olhos sobre Mogadíscio".

— Tudo bem.

Casanova e eu fizemos uma visita ao trailer da CIA, e compartilhamos informações de inteligência sobre Osman Atto com eles.

Na primeira vez em que Casanova e eu voamos a bordo de um helicóptero da QRF, descobrimos que, segundo suas regras, era permitido que eles tivessem um pente de munição carregado em suas armas, mas não uma bala na agulha, até que o inimigo atirasse contra eles. Nós sempre mantínhamos uma bala na agulha de nossas armas, de modo que tudo o que tínhamos de fazer era liberar a trava de segurança e atirar. Em uma zona de guerra, as regras de combate da QRF eram risíveis.

Um dia, Casanova e eu embarcamos em um *Humvee* com o pessoal da QRF. Eu disse: "Trave e carregue."

Os soldados entreolharam-se de maneira estranha. *"Que, diabos?"* Gradativamente as ideias se iluminaram. Cada um dos homens assegurou-se de que suas armas estivessem seguramente travadas, e carregaram uma bala na agulha. Casanova e eu assumiríamos a responsabilidade por qualquer repercussão que tal atitude pudesse ter na hierarquia do Exército.

Na oportunidade seguinte, alguns *Rangers*, Casanova e eu dirigimos nossos *Humvees* até o complexo da QRF. Os soldados da QRF que haviam viajado com Casanova e eu anteriormente se apressaram a viajar novamente em nossa companhia, pois sabiam que nossa primeira ordem seria: "Trave e carregue".

Mais tarde, quando mais soldados já tinham tido a oportunidade de viajar conosco, eles esperavam em fila para ver em qual dos *Humvees* Casanova e eu viajaríamos. Nós ríamos ao vê-los disputando entre si quem viajaria em nosso veículo.

Às 24h, embarcamos em um helicóptero com o pessoal da QRF, sentando-nos, nós dois, em uma das portas da aeronave. "Trave e carregue."

Os dois atiradores de elite da QRF que se sentavam à porta do outro lado do helicóptero travaram e carregaram suas armas.

A tripulação do nosso voo costumava esperar receber fogo antes de revidá-lo, mas eles já haviam recebido fogo de armas leves e de dois lançadores de foguetes na noite anterior. "Atire em qualquer um que pareça representar uma ameaça." Se qualquer pessoa mirasse em nossa direção ou assumisse uma postura agressiva, ou, ainda, se posicionasse para atirar em nossa direção, nós abriríamos fogo contra ela. Embora durante o dia a temperatura média ficasse em torno dos 32ºC, à noite baixava para cerca de 15ºC. Durante nosso voo sobre Mogadíscio, fogueiras ardiam sobre as coberturas de edifícios abandonados. Eu podia imaginar que refugiados se reunissem em torno delas para se manterem aquecidos.

Dois somalis no solo apontaram suas armas para nós. Casanova mirou seu CAR-15 sobre um deles. Ele acionou o gatilho, neutralizando um dos somalis. O companheiro deste fugiu, correndo por entre alguns edifícios, e nosso piloto não pode nos aproximar dele.

Naquela mesma noite, um efetivo da *Delta*, armado com um CAR-15, alvejou um somali, três vezes, no peito. Tratava-se de um dos tenentes de Aidid.

Infelizmente, a *Delta* cometeu um segundo disparo acidental (DA). Um efetivo de uma das melhores unidades de combate do planeta,

acidentalmente disparou sua arma no interior do hangar. Ele poderia ter matado alguém. Lembro-me de ver a expressão no semblante do efetivo, depois disso: ele sabia o que teria de enfrentar. Garrison e outros oficiais estavam furiosos. Embora o efetivo tivesse treinado, ao longo da maior parte de sua carreira, para utilizar sua arma em combate, agora ele teria de guardá-la e sair. Seus registros militares também seriam prejudicados. Tanto na *Delta Force* quanto no SEAL Team Six, um DA significa uma rápida viagem de volta aos Estados Unidos. Embora nós pudéssemos suportar a dor e o sofrimento físico, ser relegado ao ostracismo por seu próprio grupo era a mais dura punição — tal como eu descobriria, pessoalmente, mais tarde.

17 de setembro de 1993

No dia seguinte, Casanova e eu subimos ao topo da torre paquistanesa, para liberarmos Little Big Man e Sourpuss de seu turno de vigilância. Eles haviam observado Atto por três horas em sua oficina.

Um "patrimônio" da CIA teve de entrar na oficina e verificar se aquela pessoa se tratava mesmo de Atto, antes que lançássemos o "pacote completo": ao menos uma centena de homens, incluindo uma força de bloqueio com *Humvees*, *Little Birds* com atiradores de elite da *Delta*, e *Black Hawks* com efetivos dos *Rangers* e da *Delta*. Para nos enviar um sinal, nosso "patrimônio" teria de caminhar até o centro da oficina, tirar da cabeça seu boné vermelho e amarelo com a mão direita, e caminhar pelas instalações. Casanova e eu, então, acionaríamos o "pacote completo" — uma enorme responsabilidade para dois meros homens alistados.

Descobrimos que Atto conduziria uma reunião em sua oficina no dia seguinte, às 7h30. Nossa HUMINT era fantástica, informando-nos com exatidão quando e onde uma reunião com a presença de Atto aconteceria. Infelizmente, não podíamos obter o tipo de informações de inteligência quanto a Aidid do modo que antes as obtínhamos. *Delta* lançou um ataque sobre a estação de rádio para capturar Aidid, mas acabou dando outro "tiro n'água".

Naquela noite, Casanova permaneceu no topo da torre enquanto eu me esgueirei pelos limites do complexo paquistanês e espiei, por sobre o muro, a casa adjacente, ocupada pela organização *Save the Children* ("Salvem as Crianças"). Simplesmente, havia muita atividade ali durante as horas de escuridão da manhã e à noite. Mais tarde, fontes da HUMINT nos informaram que os motoristas somalis utilizavam secretamente os porta-malas de automóveis civis para transportar armas e munições, inclusive cargas de morteiro. Ostentando a bandeira da *Save the Children* sobre os veículos que dirigiam, eles podiam passar por praticamente todos os bloqueios, sem serem revistados. Eu não acho que as pessoas no complexo da *Save the Children* soubessem que os motoristas usavam seus automóveis desta maneira; mas isto respondia a muitas das nossas perguntas sobre o transporte de equipamentos e munições.

18 de setembro de 1993

Casanova e eu começamos a vigilância à oficina de Atto, a partir da torre paquistanesa, às 6h. Às 7h45, o "patrimônio" da CIA, com um bigode em seu rosto comprido, usando um boné vermelho e amarelo, uma camiseta azul e um *macawi* feito de um tecido xadrez azul e branco, surgiu na oficina. Ele receberia 5.000 dólares se conseguisse apontar Atto. Após vinte e cinco minutos, ele ainda não nos havia dado o sinal predeterminado. Então, Atto chegou, exibindo seu sorriso de "gato risonho", como o do felino de *Alice no País das Maravilhas*. Seus guarda-costas e um homem idoso chegaram em sua companhia. Passamos a mensagem pelo rádio, mas nós tínhamos de esperar pela confirmação do "patrimônio" antes de lançarmos o "pacote completo".

Em vez de nos dar o sinal de modo natural, o "patrimônio" agia como se estivesse em um filme de ação barato — ou como se nós fôssemos estúpidos. Ele estendeu seu braço completamente para o lado, e, fazendo com que sua mão descrevesse um arco até o topo de sua cabeça, retirou dali o boné, erguendo-o bem alto; e, descrevendo um novo arco, baixou sua mão até o lado do corpo. Se eu fosse um dos guarda-costas de Atto, teria atirado na

cabeça daquele idiota, no mesmo instante. Eu antevi que ele pudesse ser executado bem diante dos nossos olhos; porém, ninguém pareceu haver notado seu gesto exagerado.

Casanova e eu lançamos o "pacote completo". O pessoal da QRF pôs-se em prontidão. *Little Birds* e *Black Hawks* encheram o céu. Logo, efetivos da *Delta Force* desciam por "cordas rápidas" ao interior da oficina, enquanto outras "cordas rápidas" depositavam *Rangers* ao redor da mesma e *Little Birds* voavam em torno, com atiradores de elite dando apoio e proteção à força de assalto. O pessoal de Atto espalhou-se, correndo como ratos, para todos os lados. Milicianos surgiram na vizinhança, atirando contra os helicópteros. Jornalistas e repórteres apareceram, e o atirador de elite Dan Busch atirou *flashbangs* contra eles, para fazer com que se afastassem da zona mortífera. Isto, mais tarde, seria erroneamente reportado como se granadas de mão tivessem sido atiradas contra a multidão. *Idiotas ingratos. Uma granada de mão atirada daquela distância os teria matado a todos.* Dan, pessoalmente, disse-me que o "Bat-Fone", em conexão direta com o Pentágono, tocara, e ele teve de explicar aos escalões superiores que não atirara granadas de fragmentação.

Tendo rastejado sobre o topo de uma mureta de contenção à beira da cobertura da torre de seis andares, eu me posicionei: com quatro cartuchos carregados em meu *Win Mag*, e um quinto na agulha. Casanova cobria a metade esquerda da área ocupada pela oficina de Atto. Eu cobria a metade direita. Através da minha mira telescópica Leupold poder-10, avistei um miliciano, a 500 jardas de distância, atirando através de uma janela aberta contra os helicópteros. Acertei-o em pleno peito. Ele tombou para trás, para o interior do edifício — permanentemente.

Outro miliciano, portando um AK-47, emergiu pela porta de uma saída de incêndio no edifício, a 300 jardas da minha posição, e apontou seu fuzil para os efetivos da *Delta* que tomavam de assalto a oficina. Alvejei-o no lado esquerdo do corpo e a bala saiu pelo seu lado direito. Ele desabou sobre as escadas, sem saber o que o havia atingido.

Cerca de 800 jardas adiante, um sujeito surgiu com um lançador de foguetes sobre o ombro, preparando-se para disparar contra os helicópteros. Levaria muito tempo para que eu ajustasse minha mira para a distância correta de cada alvo. Regulei para 1.000 jardas — pois eu podia calcular mentalmente as distâncias sob essas condições —, mas esqueci-me de ajustar manualmente o registro da mira. Posicionando a intersecção das linhas sobre a parte superior do peito do homem com o lançador de foguetes, acionei o gatilho. A bala atingiu-o em cheio, pouco abaixo do nariz. As pessoas acreditam que quando uma pessoa recebe um tiro, seu corpo seja impelido para trás; na verdade, o oposto disso acontece muito mais frequentemente. A bala penetra o corpo a uma velocidade tão elevada que impele a pessoa para a frente à medida que a atravessa, fazendo com que esta caia sobre seu rosto. Aquele miliciano acionou o gatilho de seu lançador de foguetes enquanto tombava para frente, atirando diretamente sobre a rua abaixo dele. *Bum!*

Pairando acima de tudo, a bordo dos *Little Birds*, os atiradores de elite da *Delta* viram quando eu disparei o tiro. Minutos depois, um dos helicópteros sobrevoava a nossa torre. "Caramba, cara!", gritaram os atiradores, mostrando-me seus polegares apontados para cima. Fiquei feliz por Casanova e eu estarmos apoiados por trás da mureta, pois o impacto do vento provocado pelas hélices do helicóptero que levava os atiradores quase nos soprou do alto da torre de seis andares.

A *Delta* fez quinze prisioneiros, mas os *Rangers* nos *Humvees* não chegaram a tempo de isolar a área, mantendo veículos civis e pedestres à distância. Atto trocara de camisa com um de seus tenentes e caminhara para fora da oficina, escapando.

19 de setembro de 1993

Nas horas de escuridão da manhã, acordei com a QRF irrompendo e revistando casas a 450 metros ao norte da nossa posição. A QRF apreendia pequenas armas de fogo e lançadores de foguetes. A milícia de Aidid escolhera atirar contra o comboio errado naquela manhã. Do alto da torre,

com minha luneta de visão noturna, eu tinha uma vista excelente do inimigo. Apanhei o rádio e dirigi o fogo de um helicóptero ao principal agrupamento de milicianos de Aidid. O helicóptero da QRF despejou tiros de calibre .50 e de 40 mm; e homens da QRF no solo empreenderam um assalto tão violento a ponto de fazer o céu vibrar e a terra sacudir. Os poucos inimigos que sobreviveram não puderam se afastar dali suficientemente depressa, correndo para salvar suas vidas, passando pelas posições ocupadas por Casanova e eu.

Nós utilizávamos a torre da maneira mais eficiente possível. Mas logo os partidários de Aidid somaram dois e dois. Uma mulher somali estacou e olhou para cima, diretamente para nós. Então, ela fez um gesto de cortar a garganta, dirigindo-o a Casanova e a mim. Decidimos que o nosso esconderijo de atiradores de elite na torre paquistanesa havia sido comprometido, e recebemos permissão para desativá-lo por alguns dias.

Deixamos o complexo paquistanês às 17h, e chegamos ao hangar por volta das 17h30. Meia dúzia de atiradores de elite da *Delta* vieram ao nosso encontro, na porta da frente, cumprimentando-me com as mãos espalmadas. "Wasdin, você é demais!" Um deles olhou para os outros atiradores da *Delta* e disse: "Se alguém atirar contra mim, quero que Wasdin o acerte na cabeça, a 1.000 jardas de distância!".

Mais tarde, Casanova e eu medimos, com um laser, a verdadeira distância do tiro que acertei na cabeça do miliciano: 846 jardas — o que fazia daquele o tiro fatal mais longo da minha carreira. Isto contribuiu para melhorar nosso relacionamento com a *Delta*. Eu jamais contei a eles que havia mirado no peito do sujeito.

20 de setembro de 1993

Às 2h30, Casanova e eu embarcamos em um voo da QRF, que durou até às 5h45. Durante o voo, avistamos um homem instalando um transmissor móvel. Pensamos ter encontrado a localização da Rádio Mogadíscio, controlada por Aidid, de onde ele transmitia ordens de ação, explicava como lançar morteiros e divulgava propaganda política: *As Nações Unidas e os*

norte-americanos querem tomar a Somália, queimar o Corão, e raptar seus primogênitos. Mesmo quando a milícia de Aidid sofria devastadoras derrotas, a Rádio Mogadíscio divulgava brados de vitória, mantendo seu próprio pessoal motivado e encorajando os somalis a juntarem-se ao "time vencedor". Casanova e eu não podíamos atirar contra um homem por instalar um transmissor, mas marcamos sua localização como a possível localização da emissora de rádio de Aidid. A tripulação da QRF perguntou-nos se poderíamos voar em sua companhia pela semana toda. Eles já haviam recebido tiros suficientes, e queriam poder contar com os atiradores de elite dos SEALs.

Mais tarde, naquele dia, no complexo, Condor entrou em contato conosco. Um dos "patrimônios" reportara que Atto estaria em sua casa para uma reunião. Nós quatro éramos os únicos efetivos que já haviam avistado Atto com alguma frequência, podendo identificá-lo. Condor queria que um SEAL seguisse em sua companhia, juntamente com alguns efetivos da *Delta*. Nós elegemos Casanova; mas a missão foi abortada. Nosso voo com a QRF também foi cancelado. Embora pudéssemos embarcar nos *Humvees* para participarmos de um assalto à casa de Atto, tal ação também foi cancelada. *Levante-se, sente-se, levante-se — sem saber quando poderá ser a última vez.* Eu ficava entediado quando tínhamos de nos "sentar"; mas jamais ao ponto de enfraquecer minha motivação para "levantar-me" novamente. Quaisquer que fossem os desafios, eu sabia que teria de me recompor e continuar lutando. Eu crescera com um nó no estômago: um estado de preocupação permanente, sobre quando meu pai investiria contra mim. No treinamento de BUD/S, o instrutor Stoneclam nos disse: "Eu posso fazer de qualquer de vocês um sujeito 'durão', mas é preciso que seja alguém especial para que eu possa tornar mentalmente 'durão'." Embora os SEALs sejam conhecidos por seu pequeno número e grande eficiência, a instituição militar, como um todo, é enorme e paquidérmica; e exige que sejamos pacientes. Meus companheiros de equipe e eu compartilhávamos de uma mentalidade semelhante. Aprendêramos a controlar nossos sentimentos de frustração. Eu sabia que poderia superar os desafios de um ambiente fluido. Nada jamais

acontece exatamente como planejado; e mesmo o melhor plano terá de sofrer modificações quando as balas começarem a zunir.

21 de setembro de 1993

Abe, nosso "patrimônio", relatou ter avistado Osman Atto no distrito de Lido, próximo da nossa antiga casa-forte, a Pasha. Ao lidar com inteligência humana, nós sempre tínhamos de discernir entre o que era real e o que poderia haver sido "inventado" para a obtenção de ganhos pessoais. Não creio que qualquer dos nossos "patrimônios" tenha mentido deslavadamente para nós; mas, certamente, eles exageravam em seus relatórios, provavelmente, tentando obter mais dinheiro. Abe não parecia fazer seu trabalho apenas pelo dinheiro. Falando habitualmente com voz pausada, ele jamais se mostrava tão ansioso quanto os outros. Ele falava de maneira calma e objetiva. Nós gostávamos de trabalhar com o "Honesto Abe".

No filme *Black Hawk Down* ("Falcão Negro em Perigo", no Brasil) alguém marca o teto do veículo de Atto com o que parece ser uma fita adesiva verde-oliva, de uso militar. Isto chamaria tanta atenção quanto uma maçã em meio a dúzias de ovos. O que realmente aconteceu foi um episódio digno dos filmes de James Bond. O Escritório de Serviços Técnicos da CIA, em Langley, confeccionou uma bengala com cabo de marfim com um sinalizador embutido para presenteá-la a Aidid, mas a missão foi abortada. Condor conseguiu recuperar a bengala e dá-la a Abe, que passou-a a um contato que regularmente encontrava-se com Atto. O contato daria a bengala a Atto como um presente. Enquanto o contato, levando a bengala, viajava em um carro pela zona norte de Mogadíscio, um helicóptero rastreava o sinalizador desde o ar. Quando o carro parou para abastecer-se de gasolina, Atto materializou-se ao seu lado. Um "patrimônio" telefonou a Condor para informá-lo de que Atto estava no carro. Condor passou a mensagem, por rádio, para a *Delta*.

A *Delta* lançou um ataque. O helicóptero de assalto pousou praticamente sobre o topo do veículo-alvo, e um atirador de elite alvejou o bloco do motor, detendo-o. Esta foi a primeira neutralização de um veículo em

movimento realizada a partir de um helicóptero. Atto abriu repentinamente a porta do carro. Seu guarda-costas abriu fogo, com um fuzil AK-47, contra a equipe de assalto, mas um tiro de um atirador de elite acertou uma das pernas do guarda-costas, neutralizando-o. A equipe de assalto saltou do helicóptero, invadiu um edifício próximo e capturou Atto. Outros efetivos da *Delta* estabeleceram um perímetro em torno do edifício. Os somalis incendiaram pneus, sinalizando um pedido de ajuda. Alguns poucos investiram contra o perímetro estabelecido pela *Delta*. Uma multidão formou-se imediatamente. Tiros de AK-47 e de lançadores de foguetes foram disparados contra os helicópteros. Atiradores de elite da *Delta* em um dos helicópteros e as armas de outra aeronave abriram fogo contra o inimigo, atingindo entre dez e vinte deles e dispersando a multidão. Dentro da construção, efetivos da Delta conduziram Atto ao topo do edifício, onde um helicóptero pousou e os apanhou.

Mais tarde, de volta ao complexo, homens da Delta nos perguntaram: "Não temos certeza se ele é mesmo Atto ou não. Vocês, rapazes, poderiam vir conosco para confirmar sua identificação?"

"Ora, claro!" Casanova e eu caminhamos até a outra extremidade do complexo, próximo ao prédio da CIA, onde Atto era mantido preso dentro de uma caixa CONEX. No filme *Black Hawk Down*, ele era retratado como um homem grande, vestido com boas roupas, que fumava um charuto e ridicularizava seus captores. Na realidade, embora estivesse vestido com uma camisa quase formal e um *macawi*, ele choramingava. Baixo, magro como um cabo de vassoura, e tremendo como vara verde, Atto olhou para Casanova e para mim como se fôssemos "bichos papões", prontos para devorá-lo. Eu quase senti pena de Atto. Parte de mim queria abraçá-lo e dizer "Tudo vai ficar bem"; outra parte de mim queria lhe dar um tiro em pleno rosto.

— Sim, é ele —, disse Casanova.

— Eu não sei... —, disse eu, brincando — Todas as vezes que o vimos antes, ele exibia um sorriso de orelha a orelha...

Casanova olhou para o intérprete.

— Diga a ele que se não sorrir, nós vamos lhe dar uma surra infernal.

Antes que o intérprete pudesse traduzir a frase, Atto abriu um sorriso forçado.

Não havíamos imaginado que Atto falasse inglês. Casanova e eu nos cumprimentamos com as mãos espalmadas. "É ele!"

A Delta o levou a uma prisão em uma ilha ao largo da costa da Somália. Uma anotação encontrada em poder de Atto aconselhava-o a reunir-se com repórteres para agendar uma sessão de negociações com a Central de Operações das Nações Unidas na Somália (*United Nations Operation in Somalia*; UNOSOM). Presumimos que o bilhete fora escrito por Aidid, o "peixe grande" que ainda queríamos apanhar.

12.
A Missão “Olhos sobre Mogadíscio”

Para capturar Aidid, nós teríamos de aceitar jogar o jogo de “sinal vermelho, sinal verde” dos militares. Fôramos informados de que não havia informações de inteligência suficientemente boas para que atuássemos. Repentinamente, recebíamos o “sinal verde”, para agirmos quanto a alguma coisa. Então, alguém “lá de cima” cancelaria nossa missão antes que saíssemos do chão.

Um atirador de elite graduado, da Equipe Azul do SEAL Team Six, telefonou para nós — usando uma linha segura — de Dam Neck. Ele perguntou-nos sobre a missão e nos informou dos preparativos para substituir dois de nós, em quinze de outubro. Dissemos a ele o que estávamos fazendo, o que ele poderia esperar, que equipamentos deveria trazer e o que não deveria trazer.

22 de setembro de 1993

Enquanto nos sentávamos sobre nossos catres no hangar, um sargento-major da JSOC veio até nós e “soltou o verbo”. Sabiamente, ele recomendou que nos misturássemos mais com os efetivos da *Delta*, particularmente com a equipe de assalto do Esquadrão Charlie. Sob muitos aspectos os SEALs eram bastante semelhantes aos efetivos da *Delta*. Por exemplo, todos nós éramos excelentes ao “arrombar portas” e atirar. Sob outros aspectos, no entanto, éramos muito diferentes. Por exemplo, no tocante à utilização de navios *versus* aeronaves. O ritmo acelerado das operações, com frequência

desempenhadas separadamente, aumentava a dificuldade de cooperação com a *Delta*. Além disso, o ambiente altamente competitivo das unidades de operações especiais — especialmente as unidades de elite — fazia com que os efetivos da *Delta* parecessem sentir inveja de nós. Éramos mais chegados aos atiradores de elite da *Delta* porque tínhamos muito em comum com eles; e vivíamos em companhia dos CCTs da Força Aérea e dos PJs a quem já conhecíamos.

O alto escalão cancelou nossos voos em companhia da QRF "para não confundir as coisas". Posso apenas intuir que os líderes convencionais do Exército que comandavam a QRF não gostavam de ter algo a ver com os nada convencionais líderes da *Delta*. O comandante Eric Olson, um oficial do Team Six que viria a se tornar o primeiro comandante naval da JSOC, veio encontrar-se conosco no hangar. Ele estava ali para substituir o comandante dos SEALs, Tewey, que fora designado para outra missão junto à UNOSOM.

— Só passei aqui para dizer "oi", e ver o que vocês estão aprontando, rapazes —, disse o comandante Olson.

Contamos a ele tudo o que sabíamos.

23 de setembro de 1993

Talvez tenha sido devido à influência do comandante Olson, talvez não; mas nós pudemos voltar a integrar os voos da QRF, agora oficialmente designados como participantes da missão "Olhos sobre Mogadíscio". Das 3h às 7h15, Casanova e eu voamos com a QRF. Durante esse período, recebemos um aviso sobre um ninho de metralhadoras. Nos cinco minutos que levamos para chegar à área, o atirador havia sido evacuado. Após retornar à base, dormi por algumas horas.

Acordei às 12h e embarquei em um helicóptero em companhia dos PJs Scotty e Tim, para fazer uma "operação com cabras". Voamos para o sul, com relação ao hangar, e aterrissamos em um campo com algumas cabras, que compráramos de um fazendeiro. Eu permaneci no meio do campo,

virando minhas costas para uma cabra, enquanto o cirurgião da *Delta*, o major Rob Marsh, disparava um tiro. Então, ele disse: "Pode começar".

Virei-me e tive de diagnosticar o que havia de errado com o animal. Estancar um sangramento arterial, restabelecer a respiração com um tubo aplicado à traqueia, fazer um curativo sobre um ferimento por arma de fogo, tratar de um ferimento no tórax... Ele nos enganou, atirando para o ar, um par de vezes. Eu me voltava para examinar a cabra à procura de um ferimento a bala, mas não havia nenhum. Voltei-me, uma vez, e encontrei um ferimento causado por um golpe de faca sobre o pulmão direito do animal. Vedei o pulmão ferido posicionando o pulmão íntegro sobre ele. Em outra oportunidade, o major Marsh mantinha seu pé sobre a pata traseira de uma cabra. Quando ele o retirou dali, o sangue esguichou com força da artéria femoral, de maneira muito semelhante ao sangramento arterial de um ser humano. Então, eu tive de conter o sangramento. Naturalmente, se falhássemos, a cabra morreria.

Ativistas dos direitos dos animais ficariam muito aborrecidos; mas este foi um dos melhores treinamentos médicos que já tive. Após terminarmos o treinamento com as cabras, nós as restituímos aos habitantes locais, que as comiam. Este era um pequeno preço a pagar, especialmente se compararmos aos milhões de bovinos e galináceos que são mortos no mundo, todos os dias. Para nós, foi um treinamento bastante realístico sobre como salvar uma vida humana.

24 de setembro de 1993

No dia seguinte, recebemos a missão de tomar de assalto uma casa de chá frequentada pelo coronel Abdi Hassan Awale (também conhecido como Abdi Qeybdid), ministro do interior de Aidid. Nós quatro nos encarregaríamos de lidar com os prisioneiros e, se necessário, Casanova e eu ajudaríamos a *Delta* com o assalto.

Enquanto esperávamos pela nossa próxima missão, quatro atiradores de elite da *Delta*, Casanova e eu embarcamos em dois *Little Birds* e fomos fazer um "safári", sobrevoando as planícies africanas a título de treinamento.

Armados com os nossos CAR-15, sentamo-nos sobre os esquis de pouso dos helicópteros e caçamos porcos selvagens. Eu fui o único que acertou um tiro em um porco selvagem. Aterrissamos e apanhamos o porco. Para atiradores de elite, este era um excelente treinamento para alvejar alvos em movimento enquanto voávamos. Voltamos para o hangar, onde eu arranquei uma presa do porco selvagem para dá-la ao meu filho, Blake. Achei que a outra presa não seria um presente adequado para minha filha; porém, como não houvesse lojas de presentes em Mogadíscio, eu teria de encontrar algo para Rachel mais tarde. Destripei o porco, esfolei-o, limpei-o e coloquei-o em um espeto. Então, oferecemos um grande churrasco para todos: uma variação bem-vinda às nossas MREs e à comida da cafeteria.

* * *

"Só trabalho sem diversão, faz de Jack um bobão." Era hora de aliviar um pouco a tensão. O voleibol jogado ao estilo das unidades de operações especiais é um esporte de contato. Os oficiais desafiaram os homens alistados para um jogo. Antes da partida, nós emboscamos os oficiais. Eu ajudei no "rapto" do comandante do Esquadrão Charlie da *Delta Force*, o coronel William G. Boykin. Nós o vestimos com uma camiseta promocional do videogame *ROGUE WARRIOR II* e usamos algemas flexíveis para imobilizar suas mãos e pés sobre uma maca. A *Delta* compartilhava do meu desprezo pela falta de sentido do *Rogue Warrior* de Dick Marcinko. Então, tiramos fotografias do coronel Boykin.

Quando Boykin contava 29 anos de idade, ele tentou passar pela seleção para a *Delta Force*. O tenente-coronel "Bucky" Burruss não achou que Boykin conseguisse fazer isso com seu joelho ruim. Além disso, um psicólogo em Fort Bragg tentou negar o ingresso de Boykin na *Delta* porque ele era muito religioso. Boykin surpreendeu a muita gente, ao passar pela seleção para tornar-se um efetivo da *Delta*. Ele atuou na tentativa de resgate dos reféns iranianos em 1980, em Granada, no Panamá, e participou da caçada ao "chefão das drogas" colombiano Pablo Escobar.

Nas unidades militares regulares, homens alistados não sequestram oficiais comandantes, nem os algemam sobre macas; mas a cultura das unidades de operações especiais é diferente. Junto aos SEALs, a tradição de homens alistados treinarem ao lado de oficiais remonta aos nossos ancestrais homens-rã, que combateram na Segunda Guerra Mundial. Quando terminamos de tirar fotografias do coronel Boykin, ele disse:

— Eu preferiria que vocês, rapazes, tivessem me dado uma surra infernal, em vez de me obrigarem a usar essa camiseta.

25 de setembro de 1993

Embora nós e os pilotos da QRF estivéssemos apreciando nossa participação na missão "Olhos sobre Mogadíscio", o alto escalão cancelou nossos voos noturnos com a QRF, outra vez. A política militar oscilava dessa maneira: em certas noites, tínhamos permissão para participar; em outras noites, a permissão era revogada. Provavelmente, havia alguém que não queria dividir sua "fatia do bolo" com a *Delta* e com os SEALs.

Naquela noite, a milícia de Aidid usou um lançador de foguetes para derrubar um dos helicópteros da QRF. O piloto e o copiloto foram feridos, e três outros tripulantes morreram. Os partidários de Aidid mutilaram os corpos dos soldados mortos, enquanto o piloto e o copiloto conseguiam escapar à captura. Forças paquistanesas e dos Emirados Árabes Unidos estabeleceram a guarda do perímetro do local da queda em questão de quinze minutos, garantindo a integridade dos dois tripulantes sobreviventes; mas, na opinião de todos nós, no hangar, a liderança da QRF fora extremamente ineficiente, não fazendo direito o seu trabalho, e orgulhosa demais para permitir que ajudássemos. A equipe de Busca e Resgate da QRF levou duas horas para chegar ao local — algo totalmente inaceitável. A QRF não apenas deixara seu piloto e seu copiloto em posição vulnerável, mas, também, colocara em risco as forças paquistanesas e dos Emirados Árabes Unidos que os protegeram, em terra. Onde é que estava a "rapidez" da Força de Reação Rápida? *Se Casanova e eu estivéssemos naquele voo, provavelmente todos estariam a salvo, agora.*

Parte do pessoal militar achava que aquele tiro com um lançador de foguetes fora um golpe de sorte. O lançador de foguetes é feito para ser utilizado em combates terra a terra, e não terra–ar. Ao mirar em um alvo no ar, é provável que o impacto do disparo ricocheteasse no piso da rua matando o atirador. Além disso, o rastro de fumaça branca deixado pelo disparo denunciaria a posição do atirador, fazendo dele um alvo fácil para o fogo disparado pelos outros helicópteros. O *Black Hawk* parecia ser uma aeronave muito veloz e muito bem armada para ser abatida por uma arma como aquela. O tempo provaria que os militares estavam errados.

26 de setembro de 1993

Na manhã seguinte, pusemo-nos de prontidão para uma incursão à casa de chá. Se isto não acontecesse, estaríamos preparados para qualquer outra missão. Não havia sentido em gastar todo o nosso tempo com preparativos para um "tiro n'água".

Um dos tenentes de Aidid entregara-se à UNOSOM, dizendo não ser mais um apoiador de Aidid. Agora, ele trabalharia para nós.

À noite, uma arma antiaérea, de calibre .50, estava sendo montada na fábrica de massas; e, no dia seguinte, ela fora desmontada. O pessoal de Aidid já vira como nós operávamos, em mais de uma ocasião; e, agora, eles preparavam-se para nos abater ainda no ar. Eles eram mais inteligentes do que nós acreditávamos.

27 de setembro de 1993

Qeybdid e dois outros tenentes encontravam-se no prédio da NBC. Preparamo-nos para uma ação conjunta entre os helicópteros e as forças em terra, mas tivemos de cancelar a missão pois Aidid fora, supostamente, avistado em outro lugar — e eles queriam que estivéssemos de prontidão para apanhar "Elvis".

A CIA, a SIGINT e a contrainteligência militar conseguiram aprisionar onze sujeitos, que eles acreditavam ser controladores de fogo e lançadores de morteiros das equipes inimigas.

28 de setembro de 1993

Nós comparecemos ao serviço funerário dos três homens que morreram na queda do helicóptero da QRF, no hangar da 10.ª Divisão de Montanha. Condor também esteve presente. Após o funeral, ele me disse:

— Nós temos um bocado de alvos, mas toda a burocracia e a "cortina de fumaça" dos militares impedem que sequer cheguemos perto deles.

Ele estava visivelmente contrariado.

A QRF tinha dificuldades para trabalhar com a *Delta*. A *Delta* tinha dificuldades ao trabalhar com a CIA. E, além dessas dificuldades, havia problemas entre as Nações Unidas, particularmente com a Itália. A falta de apoio da administração Clinton agravava a confusão. Os corpos dos três homens da QRF foram embarcados em um avião, para que fossem enviados de volta para casa.

Mais tarde, naquele dia, fomos — contra a minha vontade — à pista de pouso, junto com o pessoal da *Delta*, para que fosse tirada uma fotografia de todo o grupo. Sentindo-me infeliz, postei-me na última fileira, atrás de todo mundo. *Por que estamos fazendo isto? Para que alguém obtenha uma cópia da foto e possa nos identificar como alvos, individualmente?* Eu recebera ordens para participar daquilo; então, eu fui. Analisando, retrospectivamente, fico feliz por ter feito aquilo. Esta é a única fotografia que tenho do meu amigo Dan Busch, um atirador de elite do Esquadrão Charlie da *Delta Force*, que está ao meu lado. É a única fotografia que tenho de outros sujeitos, também. Às vezes, eu olho para essa fotografia, a qual mantenho em meu escritório particular, e honro a memória deles todos.

29 de setembro de 1993

Quarta-feira, recebemos a informação de que não havia informações de inteligência disponíveis — o que contrariava aquilo que Condor me dissera, no dia anterior. Voei até o *USS Rentz* (FFG-46), uma fragata carregada com mísseis teleguiados que navegava ao largo da costa, onde estudei para os exames que se aproximavam, os quais eu prestaria para obter minha

promoção a E-7. Quando retornei ao hangar, descobri que embarcaríamos em uma missão dentro de cinco minutos; mas a operação foi cancelada.

O tenente-coronel responsável pelas ações em terra do Esquadrão Charlie da *Delta Force* informou-me sobre os planos para a melhoria do complexo, que incluíam a instalação de aparelhos de ar condicionado, barracas e *trailers*. Não haveria rodízio de pessoal. Nós abandonaríamos o complexo quando a missão fosse cumprida. Eu estava escalado para participar de um voo com Sourpuss, para marcar ostensivamente a nossa presença, às 22h; porém, nosso helicóptero apresentou problemas, antes mesmo que decolássemos.

30 de setembro de 1993

No dia seguinte, lá fora, sob a bandeira norte-americana, em vez de voar com a bandeira da *Delta*, pela primeira vez eles voaram com a bandeira do SEAL Team Six — a silhueta da cabeça de um índio norte-americano em negro, sobre um fundo vermelho. Little Big Man, por iniciativa própria, a havia trazido consigo, junto com seu equipamento, desde a sala de ordenança da Equipe Vermelha até Mogadíscio. Quando os SEALs vão a algum lugar, discretamente gostamos de fazer com que as pessoas saibam onde estivemos. Quando eu estava com o SEAL Team Two, ao embarcarmos em um submarino norueguês, cobrimos a mesa de jantar da embarcação com a nossa bandeira. Seria bacana tirar uma fotografia de nós quatro, com a bandeira da nossa Equipe Vermelha desfraldada sobre o corpo de Aidid. Tanto quanto se apanhássemos o general Garrison durante o sono e pudéssemos cobri-lo, sobre a cama, com a nossa bandeira: *"Garrison gosta da* Delta*, mas ele se sente mais seguro sob o 'manto protetor' do SEAL Team Six."* Então, exibiríamos a fotografia em nossa sala de ordenança, ao lado de outras que lá estão. Isto nos garantiria o direito a fazermos muitas bravatas. *"Paguem-nos cervejas pelo resto do ano, camaradas. Enquanto vocês frequentavam uma autoescola, vejam o que nós fazíamos."*

Por volta do meio-dia, recebemos um relatório dando conta de que Qeybdid fora avistado. Preparamo-nos para sair em seu encalço, mas o

helicóptero de reconhecimento o perdeu; por isso, sequer lançamos um ataque. Encontrar um homem em meio ao labirinto de Mogadíscio era o mesmo que tentar achar uma agulha num palheiro. Nós devíamos tê-lo aprisionado quanto tivéramos a oportunidade de fazê-lo, antes; mas, em vez disso, seguíamos no encalço de "avistamentos de Elvis".

Contrariando o que o tenente-coronel nos dissera no dia anterior, o comandante Olson nos disse que seríamos submetidos a um sistema de rodízio, dois a cada vez.

Naquela tarde, um tubarão-martelo atacou um soldado que relaxava na praia, na água, que chegava até a altura da sua cintura. O soldado teve uma das pernas arrancadas desde o quadril, e perdeu parte da outra, decepada na altura do joelho — além de um bocado de sangue. Entrei numa fila, junto com os outros rapazes, para doar sangue. O soldado precisou de 27 unidades de sangue. Infelizmente, porém, alguém enfiou um tubo de respiração pelo seu esôfago, em vez de acoplá-lo à traqueia. Não se esperava que o soldado sobrevivesse àquela noite. Contudo, ele sobreviveu; embora tenha tido morte cerebral, permanecendo em estado de coma. Eu não sei quem deveria ser mais culpado: se o tubarão, ou a pessoa que colocou-lhe o tubo de respiração de maneira errada.

2 de outubro de 1993

À tarde, nos equipamos para apanhar Aidi na casa do *sheik* Aden Adere. Permanecemos em alerta por três horas e meia. Aidid teria estado na mesma casa por quatro horas. Mais uma vez, a CIA parecia ter certeza, mas as suspeitas não se confirmaram. A Agência estava furiosa.

3 de outubro de 1993

Quando acordei, a CIA disse-me que gostaria de instalar um par de repetidores no distrito de Lido, em Mogadíscio. Um "patrimônio", então, poderia usar seu rádio portátil para transmitir mensagens ao repetidor, que faria com que a mensagem chegasse ao complexo do Exército. Da mesma forma, a base poderia transmitir mensagens ao "patrimônio" através do

repetidor. Isto permitiria comunicações mais nítidas por rádio, a distâncias mais longas.

Eu usava um uniforme de camuflagem para o deserto, com um colete à prova de balas por baixo da camisa, com reforços blindados inseridos. Sobre a túnica camuflada, eu colocara uma bandoleira com dez pentes de munição, com trinta cartuchos em cada pente, levando um total de 300 cartuchos. A bandoleira permitia que eu me movimentasse mais livremente, ao atuar como atirador de elite — especialmente quando eu tinha de me manter de bruços ou apoiar-me contra algo como uma parede —, do que a volumosa cartucheira. Eu também usava minhas botas *Adidas* GSG9 sobre um par de grossas meias de lã verde-oliva. Meias de algodão ficavam ensopadas sob o calor do deserto, mas as meias de lã mantinham a umidade longe da pele. O processo de evaporação também contribuía para refrescar os pés, durante o dia; e, à noite, quando o deserto se torna frio, elas mantinham os pés aquecidos. Como um atirador de elite, eu não usava joelheiras, nem os capacetes *Pro-Tec* dos homens das equipes de assalto (devido à alta incidência de traumas na cabeça durante a Batalha de Mogadíscio, a JSOC, mais tarde, adotaria a utilização de capacetes balísticos israelenses). Para as comunicações, nós utilizávamos "telefones de campanha" presos ao cinturão: os duráveis rádios Motorola MX-300, à prova d'água e capazes de transmitir e receber mensagens criptografadas. Um fone de ouvido era posicionado por trás da orelha, para que não obstruísse nossa audição; e dois microfones eram posicionados sobre a traqueia. Um microfone não ficaria, assim, diante do rosto; por isso, para fazer mira, podíamos comodamente encostar uma bochecha à coronha do fuzil, sem que nada nos incomodasse. Naturalmente, eu também levava água em minha "corcova de camelo"; e, como de hábito, portava o meu canivete do Exército suíço, que eu utilizava quase diariamente.

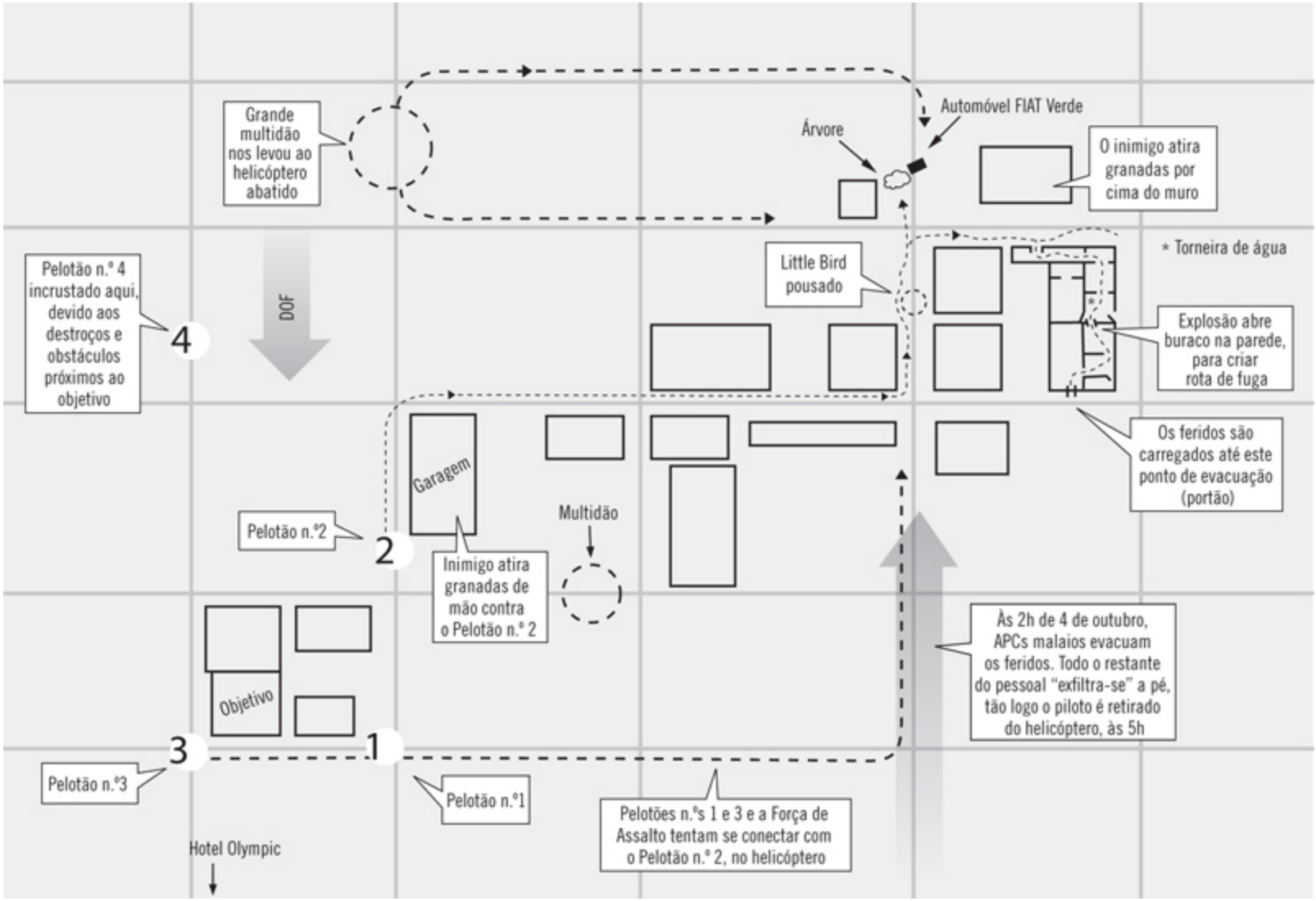
Viajamos em helicópteros *Huey* até o Estádio Paquistanês, onde fomos embarcados em veículos locais para que chegássemos a duas casas. Após instalarmos os repetidores, fomos levados ao antigo matadouro de camelos na praia, onde helicópteros nos apanharam. Eu ainda não tinha ideia de que

aquele estava para se transformar no dia mais longo da minha vida — que, por pouco, não foi o último, também.

PARTE TRÊS

Faça a coisa certa, mesmo que isto signifique ter de morrer como um cão, sem que ninguém esteja lá para presenciar enquanto você faz isso.

— Vice-Almirante James Stockdale
PILOTO DA MARINHA


Grande multidão nos levou ao helicóptero abatido
Automóvel FIAT Verde
Árvore
O inimigo atira granadas por cima do muro
* Torneira de água
Little Bird pousado
Explosão abre buraco na parede, para criar rota de fuga
Pelotão n.º 4 incrustado aqui, devido aos destroços e obstáculos próximos ao objetivo
4
DOF
Os feridos são carregados até este ponto de evacuação (portão)
Garagem
Pelotão n.º2
2
Multidão
Inimigo atira granadas de mão contra o Pelotão n.º 2
Às 2h de 4 de outubro, APCs malaios evacuam os feridos. Todo o restante do pessoal "exfiltra-se" a pé, tão logo o piloto é retirado do helicóptero, às 5h
Objetivo
3
1
Pelotão n.º3
Pelotão n.º1
Pelotões n.ºs 1 e 3 e a Força de Assalto tentam se conectar com o Pelotão n.º 2, no helicóptero
Hotel Olympic

13.
A Batalha de Mogadíscio

Ao chegarmos de volta ao complexo, todo mundo parecia estar se preparando para alguma coisa grande. Helicópteros decolavam, *Humvees* alinhavam-se em formações e todos conferiam seus pentes de munição. Embora o sol brilhasse em meio a um céu azul sem nuvens, eu sabia que as tropas não se dirigiriam a nenhum piquenique. "O que está acontecendo?"

O comandante Olson aproximou-se de nós, antes que desembarcássemos do nosso *Cutvee* — um *Humvee* adaptado, sem capota, portas e janelas, oficialmente denominado M-998, um veículo para transporte de carga e de tropas. O veículo não contava com nenhum tipo de blindagem especial, e técnicos em reparo de automóveis haviam chegado dos Estados Unidos havia menos de uma semana, para instalar mantas balísticas de *Kevlar* no piso dos veículos, para protegê-los da ação de minas terrestres e outros artefatos de fragmentação. Eu ocupava o assento do motorista, enquanto Casanova manejava uma escopeta. Atrás de mim, encontrava-se Little Big Man, sentado ao lado de Sourpuss. Atrás deles, havia dois bancos colocados ao longo das laterais do veículo, nos quais se sentavam dois soldados do Exército. Eu achei que fossem *Rangers*; mas eles bem poderiam ser efetivos da *Delta*. Além deles, um *Ranger* encarregava-se do manejo de uma metralhadora calibre .50.

O comandante Olson nos forneceu um detalhamento da missão, em apenas alguns minutos.

— Vocês integrarão uma força de bloqueio. A *Delta* descerá por "cordas rápidas" e tomará o edifício de assalto. Vocês, caras, se encarregarão da contenção dos prisioneiros, e, então, sairão dali.

Geralmente, o detalhamento das instruções para uma missão durava ao menos uma hora, ou hora e meia. O pessoal da *Delta* e dos *Rangers* havia recebido as instruções, detalhadamente; mas nós havíamos perdido a apresentação. Embora a missão fosse suficientemente importante para que fôssemos informados a seu respeito, ela surgira de repente, enquanto nós estávamos na cidade, instalando os repetidores para a CIA. O comandante Olson deu-me um tapinha no ombro:

— Isso não deve demorar muito. Boa sorte. Vejo vocês quando voltarem.

Cada um dos quatro helicópteros leves *Little Bird* AH-6J levava quatro atiradores de elite, dois em cada uma das portas das aeronaves. Os *Little Birds* também levavam foguetes sob a fuselagem — algo que não era muito aconselhável transportar, para onde iríamos. Os dois AH-6Js armados com pequenas metralhadoras de calibre 7,62 mm e lançadores de foguetes de 2,75 polegadas seriam encarregados de guardar a frente do edifício-alvo a partir do ar, enquanto outras duas aeronaves se encarregariam dos fundos da construção. O Esquadrão *Delta-C* desceria por "cordas rápidas" de dois *Little Birds* MH-6, e tomaria de assalto o edifício.

Oito *Black Hawks* nos seguiriam; dois deles transportando as equipes de assalto da *Delta* e seus comandantes em terra. Quatro *Black Hawks* seriam responsáveis pela inserção dos *Rangers*. Outro pairaria sobre toda a ação, levando a bordo uma equipe de Busca e Resgate. O oitavo *Black Hawk* levaria os dois comandantes da missão: um que coordenaria as ações dos pilotos, e outro, que dirigiria a ação em terra.

Três helicópteros OH-58D *Kiowa*, com sua aparência distinta, devido à esfera negra montada sobre o rotor, também sobrevoariam o espaço aéreo sobre o alvo. A esfera negra continha uma plataforma de visualização, que contava com um sistema de câmeras de televisão, um sistema de imagens térmico e um buscador/apontador a laser, que proporcionariam sinais de

áudio e vídeo da ação em terra ao general Garrison, no Centro de Operações Especiais. Voando bem acima de tudo isso, haveria um *Orion* P-3.

Assumi minha posição no terceiro veículo do comboio. Atrás dos nossos *Humvees*, vinham três caminhões de cinco toneladas, seguidos por mais cinco *Humvees*, que encarregavam-se da proteção da retaguarda. Os *Rangers* compunham a maior parte do contingente do nosso comboio. No total, dezenove aeronaves, doze veículos e 160 homens constituíam as nossas forças.

Os homens de Aidid já haviam visto mobilizações como esta seis vezes antes; e, agora, operávamos em plena luz do dia, no "quintal" da casa deles. Muitos dos milicianos já deveriam estar sob o máximo efeito do *khat*, a esta hora do dia, não saindo de seu estado alterado de consciência antes das altas horas da noite. Riscos que valem a pena correr demandam movimentos audaciosos; e riscos que não valem a pena correr são ações estúpidas. Parte do meu trabalho compreendia correr riscos.

Às 15h32, os primeiros helicópteros decolaram, voando ao longo da costa. Quando recebemos a informação de que as aeronaves já sobrevoavam a terra, sobre o continente, pusemos nosso comboio em marcha. Eu não sentia medo, ainda. Esta será apenas mais uma operação de rotina.

No caminho, o *Humvee* que encabeçava a coluna tomou uma rota errada. Nenhum outro veículo o seguiu. Aquele veículo teria de juntar-se a nós, mais tarde. Aceleramos no rumo noroeste, seguindo pela Via Gesira. Antes que alcançássemos a rotatória K4, recebemos algum fogo isolado. Little Big Man gritou: "Oh, diabos! Fui atingido!"

Estamos rumando para uma emboscada? Será que Little Big Man tem um ferimento grave no tórax? O "ponteiro" do meu "medidor de medo" ainda encontrava-se próximo do zero. Little Big Man fora atingido, não eu. Contudo, eu me preocupava pela vida de Little Big Man, e meu nível de alerta subiu.

Saí da estrada com o veículo e parei sob uma saliência de rocha, pisando fundo no freio. Saltei para fora do carro e fui avaliar as condições de Little Big Man. Ele jazia caído sobre o piso do veículo, com parte da lâmina da

faca *Randall* ao lado do seu corpo. Eu esperava ver sangue jorrando de algum lugar, mas tudo o que pude notar foi uma grande marca vermelha em sua perna. Uma bala de AK-47 havia atingido a faca *Randall* de que ele tanto gostava e que carregava para qualquer lugar que fosse. A lâmina quebrada jazia sobre o piso do veículo: ela salvara a perna de Little Big Man, fazendo com que tivesse valido a pena, para ele, haver suportado tantas gozações referentes àquela faca ameaçadora.

O comboio seguiu sua marcha, durante o minuto que permanecemos parados à beira da estrada. Retornei ao assento do motorista e acelerei, logo recuperando nossa posição original. O comboio passou pela rotatória K4 e seguiu para o norte, tomando a Via Lênin, e, então, para o leste, pela Rua Nacional. Finalmente, dobramos à esquerda, tomando uma estrada de terra, que corria ao sul, paralelamente à Estrada Hawlwadig.

Às 15h42, chegamos diante do edifício branco de cinco andares do Hotel Olympic. Eu não sabia que a pouco mais de um quilômetro e meio do alvo a milícia reunia-se no Mercado Bakara, distribuindo armas contrabandeadas e munições entre seus membros. A leste, a pouco mais de um quilômetro e meio encontrava-se o ponto em que insurgentes estrangeiros haviam recentemente chegado. Nós já estávamos sendo apanhados em meio a um "sanduíche", mas ainda não sabíamos disso.

Nossos rapazes da inteligência provavelmente já tinham embaralhado todos os sinais de telefones celulares na área-alvo. Em meio a uma tempestade de areia provocada pelos helicópteros, os efetivos da *Delta* desceram por "cordas rápidas" sobre o edifício designado — um prédio com dois andares na frente e três nos fundos, com uma estrutura em forma de L no topo e árvores no terreno circundante —, um dos quartéis-generais da milícia de Aidid. Os homens da *Delta* agruparam-se perto de uma porta, alinhando-se em fila e preparando-se para entrar e arrebatar seu alvo. Quatro grupos de *Rangers*, com doze homens em cada um, desceram por "cordas rápidas" e selaram os quatro cantos do quarteirão em que estava localizado o edifício-alvo. Eles instauraram uma força de bloqueio: ninguém entraria e ninguém sairia daquela área.

Abandonei o *Cutvee* e assumi posição de tiro em uma alameda paralela à rua em que havia a entrada do hotel. Nos fundos do hotel, um atirador de elite inimigo movia-se por trás de um muro. Cinco andares acima, à esquerda, outro atirador movimentava-se, em uma varanda.

Mudando minha posição para ter uma visão melhor, percebi que não poderíamos disparar sem obstáculos da posição em que nos encontrávamos. Eu disse a um atirador de elite da Delta, que me acompanhava:

— Teremos de nos deslocar para mais perto deles.

Esbarrando-nos, um no outro, avançamos até chegarmos a menos de cem jardas de distância. Enquanto nos instalávamos em nossas novas posições, o inimigo já começara a atirar contra o edifício-alvo, que a *Delta* tomava de assalto. Aquilo me parecia ser uma armadilha, previamente instalada. Eles pareciam estar muito bem preparados para aquela situação — ou seria muita coincidência o fato de eles terem atiradores de elite tão bem posicionados. É provável que tenha havido um vazamento de informações, nas Nações Unidas.

O atirador de elite em terra apontou seu fuzil sobre um muro, aproximadamente a 100 ou 150 jardas de distância, ajustando sua mira na direção dos *Rangers* que viajaram no meu comboio. O atirador tinha uma ótima posição de tiro, que expunha apenas um pouco da sua cabeça. Ao acionar meu gatilho, fiz com que ela fosse realmente exposta, de dentro para fora.

Através de uma alameda de passagem, pude avistar a varanda do edifício vizinho de cinco andares. A menos de 200 jardas de distância, no quinto andar, dois homens disparavam seus AK-47s sobre os fundos do edifício-alvo em que estavam as equipes de assalto da *Delta*. De onde eu me encontrava, não poderia disparar um tiro livre de obstáculos.

Olhei para o atirador de elite da *Delta* que me acompanhava e disse:

— Temos de nos livrar daqueles dois, ou as coisas vão ficar realmente feias.

Esgueiramo-nos pela alameda e assumimos posições atrás de um pilar à nossa direita; mas aquela ainda não era a posição ideal para um bom tiro.

Os dois homens no quinto andar continuavam a disparar, mandando uma chuva de chumbo sobre a força de assalto da *Delta* e, logo em seguida, escondendo-se no interior do edifício.

O atirador da *Delta* e eu avançamos mais um pouco. Tendo encontrado uma boa posição, deitei-me de bruços, enquanto meu parceiro protegia o perímetro ao meu redor. Posicionei o ponto vermelho da mira sobre o lugar em que o "cara mau" aparecera, à direita. No jargão dos atiradores de elite, isto é chamado de "emboscada": mirar sobre um ponto e esperar que o alvo surja, ali. A mesma técnica pode ser utilizada para atirar contra um alvo em movimento, mirando sobre um ponto adiante no caminho que é percorrido por um alvo e esperando até que este passe por ali. Quando o homem com o AK-47 surgiu à direita, acionei o gatilho, atingindo-o na parte superior do tronco. Ele caiu para dentro do edifício e não tornou a aparecer. Com uma divisória de concreto para protegê-lo de sua própria extinção, o segundo homem nada aprendeu com o erro cometido pelo primeiro. Ele expôs-se, para despejar chumbo com seu fuzil AK-47, mas também recebeu uma das minhas balas na parte superior do tronco, e desapareceu. Se eu não tivesse eliminado aqueles dois homens, eles teriam tido mais oportunidades de matar alguém, atirando através das janelas do edifício-alvo — o pior pesadelo dos homens de uma equipe de assalto. Quando um homem em uma equipe de assalto toma um edifício e controla tudo em seu interior, uma bala pode atingi-lo, repentinamente, sendo disparada do lado de fora e entrando por uma janela.

Ao menos trinta minutos haviam transcorrido, desde que chegáramos. Cada minuto que permanecíamos na área-alvo fazia elevar o nível de perigo. Pelo rádio, chegou-nos a ordem para que retornássemos ao comboio. Em meu caminho através da alameda, a caminho do *Cutvee*, uma bala que ricocheteara acertou-me na parte de trás do joelho esquerdo, atirando-me sobre a poeira. Por um momento, não consegui me mover. Em uma escala de medo que fosse de 1 a 10 — sendo 10 o ponto em que eu enlouqueceria de pavor —, meu "ponteiro" oscilava entre o 2 e o 3. A dor me surpreendeu, pois eu achava que chegara a uma altura da minha vida em que acreditava

que fosse mais do que humano. Eu havia sido melhor treinado. As pessoas ao meu redor podiam ser alvejadas ou feridas, mas não eu. Até mesmo os outros SEALs eram alvejados ou feridos simplesmente porque não eram eu. *Foi por isso que você caiu daquela escada de minerador: porque você não é Howard Wasdin. Foi por isso que você não conseguiu me ultrapassar na pista-O: porque você não é Howard Wasdin.* Mesmo depois de haver sido alvejado pela primeira vez, na Batalha de Mogadíscio, eu ainda me apoiava na minha arrogância. Eu estava aturdido pela descrença, mais do que por qualquer outro motivo.

Dan Schilling, o homem da CCT, surgiu ao meu lado. Casanova também chegou e, calmamente, acertou um tiro em um "catarrento". Depois, outro. Um médico havia apenas começado a me atender, quando Dan agarrou minha bandoleira e puxou-me para fora da zona mortífera do inimigo. O médico enfaixou a minha perna com curativos de gaze *Kerlix*, e logo eu estava em pé, novamente.

Os "caras maus" incendiaram pneus — como forma de sinalizar aos seus camaradas para que se juntassem à luta e para criar uma cortina de fumaça negra que obscurecesse a nossa visão. Milicianos armados com AK-47s surgiam em meio à fumaça, das ruas laterais, dos edifícios e de todos os lugares imagináveis. Tão logo eu derrubasse alguém com um tiro, um substituto surgia. Mulheres desarmadas caminhavam por ali, atuando como olheiros e apontavam nossas posições para o inimigo. Os lançadores de foguetes, então, abriam fogo.

Partidários de Aidid berravam em megafones. Eu não podia compreender que suas palavras significavam "Saiam para a rua e defendam suas casas"; mas sabia que elas eram dirigidas contra nós.

Um dos caminhões de cinco toneladas do nosso comboio ardia, após ter sido atingido por um foguete. Algum integrante do comboio terminou o "serviço", atirando uma granada de termita no caminhão, para que este não caísse nas mãos do inimigo. O veículo queimou, produzindo chamas brilhantes.

A *Delta* colocou duas dúzias de prisioneiros, manietados com algemas flexíveis, nas carrocerias dos dois caminhões de cinco toneladas remanescentes. Entre os prisioneiros estava o principal conselheiro político de Aidid, o Ministro do Exterior Omar Salad. Embora os homens da *Delta* não tivessem conseguido apanhar Qeybdid, eles capturaram um dos tenentes hierarquicamente equivalentes, Mohamed Assan Awale. Como bônus, eles também apanharam um chefe de clã, chamado Abdi Yusef Herse. Após retornar ao complexo, a *Delta* separaria os "peixes grandes" dos outros prisioneiros comuns, que seriam libertados.

Trinta e sete minutos após o início da operação, uma mensagem chegou, pelo rádio: "Super Seis-Um abatido" Um foguete havia derrubado um *Black Hawk* que tinha uma caricatura de Elvis Presley pintada sobre um dos lados da fuselagem, sobre a legenda " VELVET ELVIS" [ELVIS DE VELUDO]. Seu piloto, o oficial chefe de divisão Cliff Wolcott, costumava fazer imitações de Elvis, e fora o piloto que nos levara ao "safári". Agora, nossa missão mudara, de capturar prisioneiros para uma missão de resgate.

Embarcamos no comboio para voltarmos a nos movimentar. Em uma alameda, fazendo mira com um fuzil automático Squad, havia um *Ranger* que não parecia ter mais do que dezoito anos de idade.

Do assento do motorista, gritei para ele: "Embarque! Vamos embora!" O garoto, no entanto, não se moveu.

Saltei do *Cutvee*, corri até a esquina formada por um edifício e chutei-o. Ele virou-se e olhou para mim, com uma expressão aturdida.

— Bote o seu traseiro dentro daquele veículo!

Ele pareceu recompor-se e subiu a bordo do *Humvee* que o levaria.

Às vezes, os jovens *Rangers* concentram tão intensamente sua atenção sobre algo que se espera que eles façam, que chegam a perder de vista a noção do todo. Sua visão não mais se alarga em resposta às mudanças do ambiente, e seus ouvidos não conseguem mais captar comandos verbais. Experimentando uma sobrecarga sensorial do sistema nervoso simpático, eles não mais conseguem compreender tudo o que se passa à sua volta.

Felizmente, a rudeza do meu pai para comigo, quando eu era criança, preparou-me para dificuldades como essas. Para somar-se a esta preparação, houve a "Semana do Inferno", os treinamentos no SEAL Team Two, no SEAL Team Six, na Escola de Batedores e Atiradores de Elite dos *Marines*... Treinamentos muito intensos, por vários anos. Quanto mais você treinar em tempos de paz, menos irá sangrar, em tempos de guerra. A "Tempestade no Deserto" ajudou a me tornar preparado. Eu desenvolvi uma tolerância às sobrecargas sensoriais. Alguns desses *Rangers* mal haviam saído do ensino médio, um par de anos antes; mas todos eles lutavam bravamente.

Embarquei no *Cutvee* com Casanova, Little Big Man e outros homens. Sourpuss não viajava conosco. Minha mente estava tão concentrada no combate que não ouvi Little Big Man dizer-me que Sourpuss fora requisitado para comandar a evacuação de três *Humvees*, transportando uma baixa dos *Rangers* de volta ao complexo. Little Big Man e Casanova permaneceram comigo, viajando com o comboio principal.

Dirigi para longe da área-alvo, rumo ao norte, pela Estrada Hawlwadig, pavimentada mas coberta de areia. Com a mão esquerda controlando o volante, eu usava minha mão direita para atirar com o meu CAR-15. Tiros de AK-47 nos atingiam, vindos da esquerda e da direita. Ao passarem sobre a minha cabeça, as balas criavam ondas de pressão mais rápidas do que a velocidade do som; ondas que arrebentavam umas sobre as outras, como o som de duas mãos aplaudindo. Eu ouvia as balas aproximando-se — o som de uma das mãos ao bater palmas —, e logo ouvia o som da passagem das balas à nossa volta.

Rastros de fumaça branca estendiam-se, resultantes da explosão dos foguetes lançados por RPGs, cujas explosões agitavam o ar, saturando-o com um odor amargo. O odor de pneus e refugo queimando sobrepunha-se ao odor normalmente desagradável de Mogadíscio, que empestava como o Inferno.

Nossa metralhadora calibre .50 matraqueava, sacudindo o *Humvee* e castigando nossos ouvidos. Ainda assim, era bom que tivéssemos a calibre .50; e eu estava ocupado demais usando meus olhos para detectar

“catarrentos” em meu campo visual para incomodar-me com o estrepitoso ruído. SEALs veteranos falavam, com frequência, sobre quão reconfortante era o ruído de uma metralhadora em meio a uma batalha. Nós éramos treinados para utilizar o elemento surpresa, a velocidade e a ação violenta para vencer batalhas. No nosso comboio, nós não podíamos surpreender o inimigo e não podíamos nos movimentar mais velozmente do que o *Humvee* que seguia à nossa frente. A .50 nos ajudava a garantir a violência da ação. Seu cano reluzia devido ao incessante fluxo de balas que dele jorrava, pulverizando concreto, metal e carne. Aquela arma podia, literalmente, derrubar paredes. *É! A .50 é o que há!* Infelizmente, o inimigo também possuía metralhadoras .50., montadas sobre as carrocerias de suas caminhonetes: cortesia da oficina de Osman Atto. As caminhonetes surgiam e desapareciam nas alamedas, disparando contra nós.

O armamento de um helicóptero trovejou contra o inimigo, destruindo toda a lateral de um edifício. Somalis corriam em todas as direções. Alguns gritavam; outros pareciam congelar, no lugar em que estivessem. Corpos de pessoas mortas e o cadáver de um burro jaziam sobre o chão.

O pessoal de Aidid está melhor equipado do que pensávamos. Eles lutam melhor do que pensávamos e há muitos mais deles do que pensávamos. Agora eu temia que pudéssemos ser escorraçados dali. Na minha escala de medo, o “ponteiro” saltou do 3 para o 5. Qualquer pessoa que afirma não ter sentido medo em combate é um idiota, ou um mentiroso. Todo mundo sente medo. Trata-se de um temor salutar. Eu jamais gostaria de ter de combater ao lado de alguém que não sentisse ao menos um pouco de medo. O que faz de alguém um combatente é a sua capacidade de controlar e enfocar esse medo. Um combatente desenvolve uma habilidade para controlar seu medo porque *acredita* que pode controlá-lo. Esta crença é adquirida ao perceber que ele conseguiu superar o medo em experiências anteriores, assistindo aos seus companheiros de equipe superarem seus próprios medos, conscientizando-se de que ele é um combatente de elite, e ao canalizar a energia da ansiedade para impulsionar seu próprio desempenho.

Em nosso comboio, transportávamos homens feridos em *todos* os veículos. Nós ainda queríamos resgatar o "Elvis de Veludo" e sua tripulação, no Super Seis-Um abatido. Ao aproximar-me de uma estrada à beira da qual havia dois *Rangers* feridos, eu pensei: *"O que há de errado com esses somalis? Nós estamos aqui para acabar com a guerra civil, para que todos possam obter comida, e eles estão nos matando! É assim que somos recompensados?"* Eu não podia acreditar naquilo. Dirigi o *Cutvee* para fora da estrada e parei. O primeiro *Ranger* que apanhamos havia sido atingido por um tiro na perna. Então, recolhemos o outro, que fora ferido na palma da mão — um ferimento não muito debilitante. Quando voltei a ocupar o assento do motorista, virei-me e olhei para trás. O *Ranger* com o ferimento na perna nos ajudava a reabastecermo-nos de munição, enquanto o outro *Ranger* apenas sentava-se ali, parecendo estar em transe, cabisbaixo, olhando fixamente para sua mão ferida.

O *Ranger* que nos reabastecia de munição foi atingido novamente — desta vez, em um dos ombros. Mas ele continuou a nos ajudar com o reabastecimento na linha de frente. Então, outro tiro explodiu em seu braço — e ele *ainda* continuou a nos abastecer de munição.

Enquanto isso, o *Ranger* que havia sido atingido apenas uma vez, por um tiro que atravessara a palma de sua mão, permanecia alheio a tudo, com o "ponteiro" de sua escala de medo travado sobre o 10. Ele foi o único *Ranger* que já vi fugir à luta. Novamente, não é todo dia que alguém é atingido por um tiro; e sua reação de choque é compreensível, levando-se em conta o fato de ele ser apenas um garoto em meio a uma batalha cruel. Considerando a juventude e a falta de experiência da maioria dos *Rangers*, pode-se dizer que eles lutaram bravamente.

Pisando fundo no acelerador, consegui alcançar o restante do comboio, no momento em que ele dobrava à direita, tomando uma estrada de terra batida. Quando o primeiro *Humvee* diminuiu a marcha no cruzamento entre as duas estradas, todos os veículos que vinham atrás dele também tiveram de reduzir a velocidade, produzindo um "efeito sanfona". Então,

dobramos novamente à direita, tomando o rumo sul — embora estivéssemos vindo do sul.

Eu já estava ficando irritado com o comandante do nosso comboio em terra, o tenente-coronel Danny McKnight, embora eu não soubesse que ele fazia apenas o que os helicópteros no céu lhe diziam para fazer. O avião-espião Orion podia ver tudo o que estava acontecendo, mas não podia se comunicar diretamente com McKnight; por isso, ele enviava as informações ao comandante da JOC, que as repassava ao comandante dos helicópteros, e este, finalmente, comunicava-se por rádio com McKnight. Assim, quando McKnight recebia as ordens sobre mudar de direção, já havíamos, todos, passado do ponto onde fazer isso.

Tudo o que eu sabia era que estávamos sendo alvejados, novamente; e as balas passavam livremente pelas aberturas do nosso *Cutvee*. Nossos homens na traseira do veículo estavam sendo atingidos. *Mas, que droga!* Eu queria poder pisar no acelerador "até a tábua", mas tinha de limitar-me a seguir tão velozmente quanto o *Humvee* à minha frente. Eu atirava em milicianos que investiam em nossa direção, entrando e saindo de ruelas laterais. Tentando dirigir e atirar em milicianos que apareciam e desapareciam nessas ruelas, eu ficaria surpreso se conseguisse acertar 30% dos tiros que disparava. Pessoas no segundo andar dos edifícios atiravam contra nós. Custou algum tempo até acostumar-me a olhar através da minha mira telescópica ACOG, posicionar o ponto vermelho sobre meu primeiro alvo e acionar o gatilho. Mas derrubei um inimigo; depois, outro.

Os "caras maus" haviam instalado barreiras em chamas no meio das estradas e escavado trincheiras para retardar o nosso avanço. Enquanto o comboio tentava passar através ou contornar os obstáculos na estrada, o inimigo nos emboscava. À nossa frente, em um dos lados da estrada, cinco mulheres caminhavam, lado a lado, desfraldando suas vestimentas coloridas, suspendendo-as com as mãos como se fossem asas, avançando na direção do comboio. Quando um *Humvee* alcançou a posição das mulheres, elas baixaram os braços, recolhendo suas vestimentas — por trás das quais surgiram homens armados com AK-47s, que atiraram a queima-roupa

contra o veículo. Pouco depois, elas tentaram usar a mesma tática contra o nosso *Cutvee*. Pela primeira vez durante todo o combate, eu mudei a chave seletora do meu fuzil para fazer com que ele funcionasse de modo totalmente automático. Com uma das mãos no volante e empunhando o fuzil com a outra, disparei todos os trinta tiros do pente do meu CAR-15, cortando as mulheres ao meio, juntamente com os quatro milicianos que vinham por trás delas. "É melhor ser julgado por doze do que ser carregado por seis."

Então, ouvi pelo rádio que o disparo de um lançador de foguetes derrubara o *Black Hawk* pilotado por Mike Durant. As ordens que recebêramos do helicóptero do comando diziam que resgatássemos primeiro o "Elvis de Veludo" e, depois, seguíssemos para resgatar Mike no local da queda do segundo helicóptero.

Paramos em plena rua, estabelecemos um perímetro, providenciamos os primeiros socorros, reabastecemos a munição e pensamos sobre o que faríamos a seguir. Um médico aplicou bandagens sobre os ferimentos no ombro e no braço do *Ranger* e tratou dos ferimentos dos outros tripulantes que seguiam em nosso *Cutvee*. Alguns dos *Rangers* pareciam-se com zumbis, com o choque estampado em seus olhares. Um efetivo da *Delta* aproximou-se de nós.

— Eu fui atingido. Será que vocês poderiam dar uma olhada no meu ombro?

Um tiro havia atingido uma placa blindada sobre as costas de seu colete à prova de balas, mas isso não o havia posto fora de combate.

O atirador que manejava a metralhadora .50 em outro *Humvee* usava um colete capaz de resistir a disparos de pequeno calibre. Na parte frontal do colete, ele havia inserido uma placa cerâmica, medindo aproximadamente 25 x 30 cm, especialmente projetada para oferecer proteção contra tiros mais potentes, como os de um fuzil AK-47. Todavia, ele não inserira uma placa igual na parte de trás do seu colete. Tal como fazem muitos outros soldados, é provável que ele considerasse essa placa adicional às costas muito quente e muito pesada. Além do mais, a maioria dos tiros atinge as pessoas pela

frente. Ele apostara na sua boa sorte — e perdera. Pelo rádio, nós nos oferecemos para deixar que o nosso atirador o substituísse no manejo da .50. O *Humvee* que trazia o atirador morto parou ao lado do nosso veículo. No interior do carro, as lágrimas escorriam pelo rosto de um *Ranger*, enquanto ele segurava o corpo de seu amigo, apoiando sua cabeça sobre um dos braços.

— Seu filho da mãe estúpido. Eu te disse! Eu te disse para usar a placa às suas costas. Eu te disse...

Eles retiraram o atirador morto do veículo e o nosso atirador o substituiu. Sem um atirador qualificado para manejar a .50, como o nosso *Ranger*, o *Humvee* perderia a capacidade de empregar sua arma mais mortífera. Nosso atirador terminaria salvando aquele *Humvee*.

Casanova e eu havíamos usado os dez pentes de munição, com trinta cartuchos cada, que levávamos em nossas bandoleiras — além de cinco outros pentes com que o *Ranger* com o ombro e o braço feridos nos reabastecera. Nós dois portávamos fuzis CAR-15, que utiliza a mesma munição de 5,56 mm empregada pelos *Rangers* que viajavam a bordo do nosso *Cutvee*; por isso, eles puderam nos reabastecer com seus estoques de munição, em sinal de retribuição. Little Big Man deu-se conta de que havia trazido a arma errada para um tiroteio: um M-14, especialmente modificado para uso dos SEALs. Ninguém tinha munição calibre 7,62 mm sobressalente para abastecer o fuzil M-14 desmuniciado de Little Big Man.

O comboio avançou, e nós dobramos à esquerda, rumando para o leste, e, em seguida, dobramos à direita, rumo ao norte. Eu ainda não sabia que McKnight fora atingido, tendo recebido estilhaços em um dos braços e no pescoço. Nós paramos. Pelo rádio, McKnight pediu instruções ao helicóptero do comando sobre qual direção tomar, mas um erro de comunicação nos colocaria, novamente, no caminho errado. O comboio continuou rumando para o norte, seguindo pela Estrada das Forças Armadas, até tomar a esquerda.

Eu também não sabia que Dan Schilling substituíra McKnight, quando este fora ferido. Dan conseguira contornar a falha nas comunicações e falar

diretamente com um dos helicópteros. Quando Dan disse a eles para que orientassem nosso caminho até o local da queda do helicóptero, ele presumiu que nos seríamos conduzidos ao "Elvis de Veludo", no local da queda do primeiro helicóptero; mas o helicóptero do comando presumiu que rumaríamos para o helicóptero mais próximo: o de Mike, no local da queda do segundo helicóptero.

Dobramos à esquerda na Hawlwadig, rumando para as proximidades do Hotel Olympic e do edifício-alvo. O comboio descrevera um círculo perfeito em sua trajetória! Já havíamos demonstrado nosso poderio ao pessoal de Aidid em ataques anteriores, e, agora, lançávamos um assalto em plena luz do dia — e éramos alvejados, novamente. Eu estava mais do que enfurecido. Os instrutores dos SEALs haviam nos ensinado: "Se você conseguir sobreviver a uma emboscada, vá para casa, sente-se em sua cadeira de balanço e agradeça a Deus, pelo resto de sua vida." Eu me lembrava do coronel Olson dando-me tapinhas no ombro, antes que deixássemos o complexo: "Isso não deve demorar muito." *É, claro. Esses são os mesmos "catarrentos" que atiraram contra nós, há apenas alguns momentos. O que, diabos, McKnight está fazendo? Ei, imbecil! Nós já fizemos isso! E não funcionou muito bem, da primeira vez.*Enquanto a confusão transcorria pelo rádio, tentando definir se deveríamos nos dirigir para o local da queda do primeiro helicóptero ou do segundo, ouvi a informação que dava conta que uma multidão estava se formando em torno de Mike, que não dispunha de forças em terra naquela área para defendê-lo. Lembrei-me do que acontecera com os paquistaneses quando uma multidão caíra sobre eles: eles foram feitos em pedaços.

Na primeira vez que os homens de Aidid emboscaram o nosso comboio, conseguiram matar alguns dos nossos homens e ferir a outros mais; mas nós os puséramos para correr, aplicando-lhes um belo corretivo. Cadáveres espalhavam-se para todos os lados. Agora, o inimigo nos emboscava pela segunda vez. Canalhas imbecis! Eles pagaram um alto preço por isso. As armas e os foguetes dos nossos helicópteros, em particular, fizeram voar corpos e pedaços de corpos.

Durante o combate, requisitei ainda mais fogo dos helicópteros para tirar o inimigo do nosso encalço, mas um dos pilotos respondeu:

— Estamos *Winchester*.

Ou seja, eles haviam usado toda a munição que possuíam, inclusive os 20% de toda a munição disponível, que eles deveriam poupar para sua própria defesa, durante o retorno à base. Eu estava contando com esses 20% adicionais. Embora os helicópteros estivessem sem munição, os pilotos voaram tão baixo sobre os "caras maus" que quase poderiam havê-los golpeado com os esquis de seus trens de pouso. O inimigo desviou sua atenção de nós e passou a atirar contra os helicópteros. Enquanto os "catarrentos" apontavam suas armas para o céu, nós os alvejamos. Os pilotos não executaram essa manobra uma única vez: que eu me lembre, eles a repetiram ao menos seis vezes. Nossos pilotos da Força-Tarefa 160 eram tenazes, dispostos a servirem como alvos vivos para salvarem as nossas vidas.

Enquanto eu dirigia, fiquei sem munição no meu CAR-15. Deixei que ele pendesse do arreamento de batalha que me fora colocado sobre o corpo e saquei minha pistola SIG SAUER 9 mm do coldre sobre meu quadril direito. Nosso comboio reduziu a marcha, e um "catarrento" emergiu de uma porta, apontando seu AK-47 diretamente para mim. Acionei o gatilho da minha SIG SAUER antes que ele pudesse fazer qualquer coisa; duas vezes, quase simultaneamente. Eu praticara esse tiro duplo, contra a cabeça de um alvo, mil vezes, durante os treinamentos. Sob aquelas condições de combate, no entanto, disparei prematuramente — e errei o tiro. A adrenalina jorrava abundantemente em meu organismo, e o mundo pareceu desacelerar à minha volta. O "catarrento" puxou o gatilho de sua arma em câmera lenta. O tiro atingiu minha tíbia direita, praticamente arrancando minha perna, do joelho para baixo. A agulha de seu fuzil recuou e o cartucho vazio foi ejetado. *Esse sujeito não está brincando.* Levou meio segundo para que eu pudesse focalizar novamente sua imagem diante dos meus olhos. Como diria John Shaw, "suavidade é rapidez". Disparei um tiro duplo, e ambas as

balas atingiram-lhe em pleno rosto. Se tivesse tido esse meio segundo da primeira vez, eu o teria eliminado e salvado a minha perna.

Nosso *Cutvee* desacelerou. *Que, diabos, há de errado com este carro?* Tentei pisar fundo no acelerador, mas não consegui. Olhando para baixo, na direção do assoalho do veículo, vi um grande dedo de um pé virado para as minhas costas. Eu sequer me dei conta de que aquela era a minha perna, retorcida até virar-se completamente para trás. Mas, naturalmente, eu deveria estar sentindo muito mais dor se aquela fosse mesmo a minha perna. Tentei pisar no acelerador, novamente. Meu pé direito pendeu, inerte. *Desgraçado! Aquela é a minha perna!* Com meu pé esquerdo, pressionei o acelerador com toda a força. *Puxa, isto parece ser coisa séria. É melhor eu começar a prestar atenção aos meus movimentos.* Embora aquela fosse a segunda vez que eu era atingido durante a batalha, ainda me apoiava em minha força sobre-humana. Meu "medidor de medo" subiu para 6; mas jamais chegou aos 10. Eu sentia uma espécie de entorpecimento, mais do que uma dor, pois meus receptores nervosos estavam sobrecarregados. Ainda que eu tivesse sido surpreendido pela segunda vez durante o combate, continuava a sentir-me superior, como o atirador de elite do SEAL Team Six Howard Wasdin.

Eu estava furioso com McKnight, e chamei-o pelo rádio:

— Tire-nos daqui, que diabos!

Finalmente, fora da zona de perigo, o comboio deteve sua marcha, para fazer com que as pessoas que sangravam parassem de sangrar, para reabastecer nossas armas com mais munição e para decidir quais seriam nossos próximos movimentos. Casanova ajudou-me a arrastar-me sobre o console central até que eu me sentasse no banco do passageiro, para que ele pudesse dirigir. A correia do meu CAR-15 enroscou-se no console central. Little Big Man lutou para desembaraçá-la, retirando-a dali. Qualquer que fosse o amor que ele tivesse pelo seu M-14 e seu longo alcance, pareceu desvanecer-se. Agora, Little Big Man queria o meu CAR-15.Meu osso fraturado tinha pontas agudas que poderiam perfurar uma artéria, fazendo com que eu sangrasse até a morte. Casanova posicionou minha perna ferida

sobre o capô do *Cutvee*, colocando minha perna esquerda ao lado da outra, para que servisse como uma tala. A elevação também contribuiu para reduzir a circulação do sangue; "Vou levar você para casa", disse-me Casanova.

O comboio retomou a marcha, e Casanova pisou fundo no acelerador. Nosso *Cutvee* rodava com três pneus estourados. Nosso comboio fez uma conversão em U, dobrando à direita do Hotel Olympic, rumando para o local da queda do primeiro helicóptero, o "Elvis de Veludo". Tudo acontecia como no filme *Groundhog Day* [intitulado "Feitiço do Tempo", no Brasil], em que as mesmas ações se repetem, vezes e vezes seguidas.

Cinco ou dez minutos depois, um tiro inimigo atravessou meu tornozelo esquerdo. Diferentemente do que acontecera com a fratura da minha tíbia direita, quando o meu sistema nervoso central bloqueou a dor, desta vez o ferimento doeu a valer. Meu nível de medo subiu de 6 para 7. Minhas emoções com relação ao inimigo dispararam na escala de fúria. Eles haviam neutralizado meus poderes de super-herói. De repente, percebi que eu tinha problemas.

Mantendo-se fiel à tradição, nosso comboio errou a localização da queda do "Elvis de Veludo", novamente. Então, paramos. Os rapazes desembarcaram dos veículos e estabeleceram um perímetro. McKnight desceu de seu veículo acompanhado de alguém, e ambos pareciam estudar um mapa, sobre o capô do *Humvee*, para determinar nossa localização. Aquilo era surreal. *Enquanto estamos tomando tiros, por que não vamos até a loja da* 7-Eleven *mais próxima e pedimos informações?*

Nosso comboio falhara — por duas vezes — ao tentar encontrar o caminho até um dos pilotos abatidos. Nós havíamos usado a maior parte da nossa munição, e corpos de mortos e feridos acumulavam-se no interior dos nossos veículos. Metade dos homens estava gravemente ferida, incluindo a maioria dos comandantes. Se não pudéssemos retornar à base e nos reagruparmos, talvez não sobrasse nenhum de nós para iniciar uma operação de resgate.

Àquela altura, nosso *Cutvee* tinha mais buracos do que uma esponja. Os espelhos retrovisores laterais pendiam de seus suportes; e, quando o comboio pôs-se novamente em marcha, nosso veículo atingiu uma mina terrestre. As mantas balísticas que cobriam o assoalho nos salvaram da fragmentação. (Tempos depois, eu seria eleito membro-honorário do Clube dos Sobreviventes da *Kevlar*.) Casanova ainda conseguiu nos levar para fora da estrada, antes que o nosso *Cutvee* morresse, de vez. Os "catarrentos" caíram sobre nós. Estamos a ponto de sermos aniquilados.

Lembrei-me do antigo filme *O Álamo*, de 1960, estrelado por John Wayne, no papel de Davy Crockett. Aquele era um dos meus filmes favoritos, e Davy Crockett também era o meu personagem favorito, dentre os presentes no Álamo. *Deve ter sido assim que Davy Crockett se sentiu, antes que o matassem: superado em termos de armamento, quanto ao número de homens ao lado de quem lutar e desprotegido; vendo seus homens serem varridos do mapa, enquanto o inimigo continuava a avançar. É isso aí. Howard Wasdin "bate as botas" em Mogadíscio, na Somália, no dia 3 de outubro de 1993. Meu único arrependimento é não ter dito às pessoas que amo o quanto eu as amo. Durante a minha passagem pela Terra, isto era algo que eu deveria ter praticado mais vezes.* As primeiras pessoas que me vieram à mente foram os meus filhos, Blake e Rachel. É provável que eu tenha dito a eles que os amava umas seis vezes a cada ano. Parte do problema era que, devido às frequentes mobilizações para participar de treinamentos ou de operações no mundo real, eu simplesmente estive ausente, durante grande parte da vida deles. Embora eu ainda fosse casado, naquele momento eu não pensava em minha esposa, Laura. Para mim, o relacionamento que eu mantinha com a Equipe dos SEALs tinha sido mais importante do que o meu casamento. Apenas queria dizer a Blake e a Rachel quanto eu os amava.

Meu "medidor de medo" alcançou o 8; mas jamais chegou ao 10. Quando se atinge o 10, não se pode mais continuar a funcionar. A pessoa sucumbe, ficando à mercê dos eventos que transcorrem à sua volta. Eu ainda não estava morto. Revidando ao fogo com a minha pistola SIG, tentei evitar que seis ou sete "catarrentos" nos cercassem. Fisicamente, eu não conseguiria

atirar com precisão suficiente para matar ninguém, àquela altura. Eu já havia utilizado dois pentes de munição da pistola de Casanova, e estava reduzido à utilização do meu último. Pelo rádio, eu ouvi que a QRF estava a caminho para nos resgatar — após quatro horas de combate a bala. A "Força de Reação Rápida"; *qual seria a definição deles para "rápida"?*

Com o nosso veículo ainda incapacitado de movimentar-se, abandonado à beira da estrada, ergui o olhar e vi um comboio de veículos da QRF passar pela estrada em que estávamos. *Desgraçados. Nós tínhamos uma chance de ser resgatados, mas lá vão eles. Eles vão nos deixar aqui, para morrermos.* Então, a QRF parou e um caminhão de "duas e meia" fez meia-volta. *Graças a Deus! Ao menos eles nos viram.* Quando eles chegaram ao ponto em que nos encontrávamos na estrada, os "catarrentos" fugiram em disparada. O comboio da QRF parou ao nosso lado.

Casanova e Little Big Man ajudaram a transferir os feridos para os veículos deles.

Um *Ranger* lutava para enrolar uma "corda rápida" pela qual ele fora lançado de um helicóptero, durante a inserção. Ele apenas tentava fazer o que fizera em muitas missões de treinamento. Quando estão sensorialmente sobrecarregados, os soldados tendem a se apoiar, grandemente, em suas memórias musculares, combatendo do mesmo modo que treinaram para fazê-lo.

Incapacitado para caminhar, eu olhava para o *Ranger* sem poder acreditar no que via.

— Isto não é uma missão de treinamento —, gritei para ele. — Deixe essa corda aí mesmo, e bote o seu traseiro nesse "duas e meia". Vamos cair fora daqui!

Impassível, o *Ranger* continuou a tentar recompor o rolo de corda, inconsciente da situação ao seu redor e incapaz de dar ouvidos a comandos verbais.

Apontei minha SIG SAUER para ele.

— Eu não vou matar você, mas você irá mancar pelo resto da sua vida, se não botar o seu traseiro nesse caminhão, agora!

O *Ranger* pareceu confuso, por um momento, antes de deixar cair o rolo de corda. Em seguida, ele apressou-se a embarcar no veículo.

Afinal, meus companheiros colocaram-me no "duas e meia".

— Tenham cuidado com ele —, disse Casanova. — Sua perna direita está dependurada por um fio.

Rodamos de volta ao complexo, sem sermos importunados pelas forças de Aidid. Ao cruzarmos os portões, porém, nos deparamos com o caos: entre quarenta e cinquenta corpos de soldados norte-americanos jaziam ao longo da pista de pouso, cercados pelo pessoal médico, que tentava fazê-los passar por uma triagem, apontando os que tinham condições de sobreviver e os que não mais as tinham, separando os casos críticos dos menos críticos, e atendendo a todos, em conformidade. Um *Ranger* abriu a porta traseira de um *Humvee*, e sangue jorrou dali como água.

Casanova e Dan Schilling levaram-me para a área de triagem.

Ainda sob a luz do dia, os médicos me despiram de todas as minhas roupas e dispensaram-me tratamento. Depois, deixaram-me ali, nu e exposto, naquela pista coberta de corpos.

Mais uma vez, a morte não havia me acertado. Tal como ela não me acertou quando o inimigo derrubou o helicóptero da QRF, matando três homens. Tal como ela não me acertou quando a milícia de Aidid se reuniu para nos atacar na Pasha. Tal como ela não me acertou quando morteiros bombardearam o complexo da CIA que eu visitara no dia anterior. Tal como ela não me acertou em muitas outras vezes. Eu pensava que talvez eu e Casanova pudéssemos ter feito alguma diferença se estivéssemos a bordo daquele helicóptero da QRF quando os três homens foram mortos. Jamais havia-me ocorrido que eu também poderia ter sido morto. Jamais havia-me ocorrido que Deus estava olhando por nós. Agora, aos quarenta e oito anos de idade e bem menos arrogante, eu imagino: *Teria eu sido capaz de acertar o inimigo antes que ele me acertasse? Talvez as pessoas pudessem estar vindo para assistir ao meu funeral.*

Antes da Batalha de Mogadíscio, o apoio da administração Clinton às nossas tropas murchou como um saco vazio. Eles vetaram o envio ou

retiraram os veículos de combate M-2 *Bradley* da Infantaria, os tanques M-1 *Abrams* e os canhões navais dos *Spectre* AC-130. A assessoria de Clinton estava mais interessada na manutenção de algumas posições políticas do que em manter vivas algumas das melhores tropas norte-americanas.

Durante a Batalha de Mogadíscio, 18 norte-americanos morreram e 84 foram feridos. Além disso, um malaio morreu e sete foram feridos. Dois paquistaneses e um espanhol também foram feridos. Apesar de apenas cerca de 180 soldados combaterem quase 3.000 homens da milícia de Aidid e combatentes civis, nós capturamos Omar Salad, Mohamed Hassan Awale, Abdi Yusef Herse e outros. Milhares de membros do clã de Aidid foram mortos, e outros milhares foram feridos. Eles gastaram grande parte da munição de que dispunham. Um grande número de chefes tribais foi evacuado, temendo os inevitáveis contra-ataques norte-americanos. Alguns deles mostraram-se dispostos a entregar Aidid, para salvarem-se a si mesmos. Quatro outros atiradores de elite, da Equipe Azul do SEAL Team Six, estavam a caminho para nos substituir. O Esquadrão Alfa da *Delta* já se preparava para substituir o Esquadrão Charlie. Uma nova leva de *Rangers* estava chegando, também. Nós havíamos quebrado a espinha dorsal de Aidid, e queríamos terminar o serviço.

A despeito dos ganhos, o presidente Clinton via os nossos sacrifícios como perdas. Embora pudéssemos haver terminado o serviço, depondo Aidid e fazendo com que os alimentos chegassem ao povo, Clinton colocou o "rabo entre as pernas" e fugiu da briga. Ele ordenou que todas as ações contra Aidid cessassem; e, quatro meses depois, concedeu a liberdade a Osman Atto, Omar Salad, Mohamed Hassan Awale, Abdi Yusef Herse e a outros prisioneiros. *Whiskey Tango Foxtrot?*

Nós havíamos passado muito tempo trabalhando com os somalis para conquistar-lhes a confiança e para convencê-los de que estaríamos ao lado deles, em longo prazo. Muitos desses somalis arriscaram suas vidas para nos ajudar. Alguns expuseram suas famílias a perigos. Nossos antigos guardas somalis na Pasha juntaram-se a nós na Batalha de Mogadíscio, permanecendo leais, até o final. Apenas um deles sobreviveu. Outros

somalis morreram lutando ao nosso lado, tentando deter Aidid. E nós deixamos os nossos amigos somalis dançando, ao sabor do vento. Eu senti como se todo o nosso sacrifício tivesse sido em vão. *Por que eles nos mandaram para lá, se não queriam terminar o serviço?* Nós não deveríamos ter nos envolvido com a guerra civil na Somália. Aquele era um problema deles; não nosso. Mas, uma vez que havíamos nos comprometido, deveríamos ter terminado o que começamos: uma lição que somos forçados a reaprender, incontáveis vezes.

A Somália perdeu a assistência da comunidade internacional, que trazia paz e alimentos ao país. O caos e a fome recrudesceram agudamente. Aidid tentou minimizar a importância das perdas que sofrera, mas ele jamais governaria uma Somália unificada. Ele morreria em 1996, durante uma batalha travada contra o seu antigo "gênio do mal", Osman Atto.

14.
Das Cinzas

O sol havia desaparecido quando o pessoal médico levou-me ao hospital de campanha sueco. Um pensamento fixara-se em minha mente: eu poderia vir a perder a minha perna. Eu estava apavorado. No hospital, uma enfermeira aplicou-me uma dose de morfina — que não produziu qualquer efeito. Mais tarde, revelou-se que eu me incluía na faixa de 1% da população mundial cujos receptores de morfina não conseguem fazer com que a dor desapareça. A enfermeira aplicou-me mais uma dose; mas minha perna continuava a doer como nunca. Eles haviam limpado as minhas feridas, removendo os tecidos danificados, infectados ou mortos, para contribuir com a minha recuperação. Então, eles me prepararam para que eu fosse transportado para a Alemanha.

O pessoal médico nos embarcou em um avião. O interior da aeronave era impressionante, fazendo dela um verdadeiro hospital com asas: havia leitos, dispositivos intravenosos e máquinas de todo tipo. Uma enfermeira passou por mim. Estiquei-me e agarrei-a por uma das pernas.

— Estou sentindo muita dor. Você pode me dar alguma coisa?

Ela analisou o meu prontuário médico.

— Você já recebeu duas doses de morfina. Você não pode estar sentindo dor alguma —, disse ela, afastando-se para cuidar de outro paciente.

Pouco depois, um médico chegou, para avaliar minha situação.

Eu sentia dor nos ossos: o pior tipo de dor que se pode sentir. No caso de um corte, o corpo compensa o ferimento ao contrair as artérias para

diminuir a circulação sanguínea na área afetada, e para evitar que ocorra uma hemorragia potencialmente fatal. Quando se trata de um ferimento nos ossos, o corpo não pode compensar coisa alguma. Meu corpo empalidecido tremia, e o suor porejava de mim enquanto eu trincava os dentes, tentando fazer com que o sofrimento não me consumisse. *Acalme a sua pulsação. Torne sua respiração mais lenta. Bloqueie a dor; deseje que ela desapareça. Eu podia fazer isso quando era criança; por que não poderia fazê-lo agora?* Este era o mesmo princípio que eu empregava quando era surrado, durante a minha infância: retirar-me da dor e não me tornar fisicamente envolvido com o que acontecia. Eu atuava no "modo de autopreservação". Eu não podia deter os sintomas físicos da palidez, da tremedeira e da transpiração; então, eu tentava controlar o modo como minha mente lidava com a dor.

— Este homem está sentindo dores —, disse o médico.

— Não brinque! Tenho tentado dizer isso a vocês, o tempo todo.

Ele aplicou-me uma injeção de *Demerol*.

— Como você está se sentindo, agora?

Eu sentira um alívio quase imediato.

— Muito, muito obrigado, Doutor.

O médico falou com a enfermeira, que veio me pedir desculpas.

— Desculpe-me. Desculpe-me; eu não sabia...

Ela estava quase em prantos.

Será que vou perder a minha perna? Pousamos na Base Aérea de Ramstein, na Alemanha. O pessoal da Força Aérea nos embarcou em um ônibus. Os rapazes da Força Aérea eram calorosos e prestativos.

— Ouvimos dizer que vocês fizeram "misérias", lá, caras! Nós vamos cuidar bem de vocês —, disseram eles, animando nossos espíritos.

Quando cheguei ao Centro Médico Regional de Landstuhl, o maior hospital norte-americano fora dos Estados Unidos, os médicos levaram-me imediatamente para uma sala de cirurgia.

Lá, eles me prepararam, e uma enfermeira aplicou-me uma anestesia geral.

— Não quero dormir —, disse eu.

— Precisamos botar você para dormir, para que possamos fazer a cirurgia —, argumentou ela.

— Eu não quero dormir. Sei que vocês vão amputar a minha perna.

Ela e um enfermeiro do sexo masculino tentaram me imobilizar, mas eu lutei contra eles. A situação estava bastante tensa, quando um cirurgião entrou na sala.

— O que está havendo, aqui?

— O paciente está oferecendo resistência —, explicou a enfermeira. — Ele não permite que lhe apliquemos uma anestesia geral.

O cirurgião olhou para mim.

— Qual é o problema?

— Eu apenas tenho medo de que vocês amputem a minha perna, se me puserem para dormir. Eu não quero dormir. Por favor.

O cirurgião disse à enfermeira:

— Dê a ele uma epidural.

Ela aplicou-me uma injeção na parte inferior das minhas costas. Geralmente utilizada em mulheres no momento do parto, a anestesia epidural — também chamada "peridural" — faz adormecer tudo, da cintura para baixo.

O cirurgião tomou o meu braço e olhou dentro dos meus olhos.

— Acontece que eu sou o melhor cirurgião de toda a Força Aérea. Eu vou salvar a sua perna.

Ele poderia estar tentando me enganar, mas pareceu-me sincero, e eu me senti mais confiante.

O médico realizou a cirurgia na minha perna enquanto eu acompanhava tudo com olhar atento. Quando me convenci de que eles não iriam, mesmo, amputar minha perna, caí no sono.

Mais tarde, acordei, sentindo uma dor intensa na minha coxa direita. O efeito da anestesia epidural começava a passar. O cirurgião usara um instrumento para raspar pedaços de pele da minha coxa. Ele colocava os pedaços de pele retirados em uma máquina que se parecia com um ralador

de queijo, usada para fazer furos nos pedaços de pele para que este pudesse ser esticado, ficando maior. Então, ele aplicava a pele sobre o lugar em que fizera a cirurgia. Gradativamente, eu passava a sentir alguma dor. Quando eles retiraram o pedaço de pele seguinte, eu me retorci de dor.

Se fosse na época do Vietnã, os médicos teriam amputado minha perna. Graças aos avanços da medicina moderna e ao trabalho de um excelente cirurgião, eu pude conservar a minha perna.

Após a cirurgia, fui levado ao meu quarto. A enfermeira acoplou um sistema de bombeamento elétrico à minha cama e disse:

— Se você sentir dor, basta apertar esse botão, aqui. Não é possível que você receba uma *overdose*, mas, quando sentir dor, você pode aplicar-se uma dose de anestésico.

— Legal —, disse eu. Apertei o botão um par de vezes e dormi.

Ao despertar, eu perdera a noção do tempo. Uma voz gritava: "Droga, isso dói! Droga, isso dói!"

A voz de uma enfermeira disse: "Aguente firme. Nós estamos tentando encontrar um bombeador elétrico."

Olhei em torno e dei-me conta de que a voz que se queixava era a do bravo *Ranger* que havia sido atingido em uma das pernas, duas vezes no ombro e outra vez no braço — e ainda me abastecera de munição, durante a Batalha de Mogadíscio.

Algum tempo havia passado, e a enfermeira ainda não trouxera o tal bombeador. O hospital não estava exatamente bem preparado para lidar com o tratamento de ferimentos "em massa", que, agora, tinha em mãos. O *Ranger* continuava a gritar de dor. Chamei-o pelo nome, e ele olhou para mim, dizendo:

— Oh, olá, S'gento.

Em vez de dizerem "sargento", os *Rangers* costumavam abreviar a pronúncia dessa palavra para "s'gento". Sendo eu um suboficial de primeira-classe da Marinha, meu posto era equivalente ao de um sargento, no Exército.

Havia um esfregão encostado à parede, próximo do meu leito. Estiquei-me, consegui apanhá-lo e estendi o cabo ao *Ranger*, dizendo-lhe para que o agarrasse. Ele segurou o cabo do esfregão.

— Vamos juntar as nossas camas —, disse-lhe eu.

Puxamos o cabo do esfregão em direções opostas, até que as rodinhas debaixo das nossas camas começaram a girar. Tendo posicionado as camas lado a lado, eu retirei a agulha acoplada ao meu cateter e conectei-a ao cateter aplicado ao braço do *Ranger*. Então, acionei o botão, um par de vezes. Tendo despendido quase toda a minha energia, não tive forças para voltar a separar as camas; e nós dois sentimo-nos sonolentos.

Quando a enfermeira retornou e viu o que fizéramos, ficou furiosa:

— O que houve com os seus leitos? O que está havendo, aqui? Por que você está dando a ele a sua medicação? Se ele fosse alérgico a ela, você poderia havê-lo matado! —, disse ela, retirando a agulha do cateter do *Ranger* e conectando-a ao meu.

Um coronel da Força Aérea, com o peito de seu uniforme repleto de condecorações, deve ter ouvido toda aquela comoção e entrou no quarto. A enfermeira contou a ele tudo o que acontecera. O coronel olhou para mim e disse:

— Bem, soldado, você acha que está no comando deste hospital?

Eu expliquei ao coronel:

— Nós estávamos em meio a um intenso combate a bala. Ele estava sentindo muitas dores. Eu fiz com que as dores dele cessassem. Pode atirar contra mim, se quiser.

Os cantos da boca do coronel elevaram-se num discreto sorriso. Ele conduziu a enfermeira até um canto do quarto.

— Esses sujeitos são treinados para cuidarem uns dos outros. Deixe tudo isso passar, desta vez.

A enfermeira deu-me as costas, enquanto o coronel virou-se em minha direção e piscou um olho para mim. Então, ele saiu do quarto.

No dia seguinte, notei que meu couro cabeludo coçava terrivelmente. Cocei-o e uma matéria negra acumulou-se sob as minhas unhas. Durante a batalha, um *Ranger* que eu carregara para dentro de um *Humvee* havia sangrado sobre mim. A matéria negra sobre o meu escalpo era o seu sangue coagulado.

O Tio Earl (que era meu "tio" apenas por afinidade, sendo membro da família da minha esposa) estava na Alemanha, visitando uma das suas empresas. Ele ouviu dizer onde eu me encontrava e veio fazer-me uma visita.

Ao ver-me, ele estacou por um momento. Então ele voltou-se, caminhou até o balcão de atendimento e extravasou sua indignação sobre o pessoal da administração.

— Wasdin está em meio a uma poça de sua própria urina!

Eu ainda não me dera conta, àquela altura, mas a anestesia epidural fizera com que eu perdesse o controle sobre a minha bexiga.

— Seu corpo está imundo! —, esbravejou o Tio Earl.

O pessoal do hospital tentava acalmá-lo.

— Quero que ele seja limpo, imediatamente. Quero que ele seja vestido com roupas limpas e quero lençóis limpos sobre a cama dele. Lavem o sangue do cabelo dele! Vão até lá e escovem os dentes dele! É melhor vocês começarem a cuidar dele agora mesmo, ou eu vou telefonar a alguém em Washington e fazer chover o fogo do Inferno sobre este hospital, neste instante!

Talvez o pessoal do hospital estivesse ocupado demais para cuidar bem dos pacientes, devido ao repentino afluxo para o qual contribuíamos. Mas, qualquer que tenha sido o motivo, em questão de poucos minutos uma atendente veio lavar os meus cabelos. Eu me sentia como se estivesse no Paraíso. Sua assistente deu-me uma escova de dentes, e eu mesmo escovei meus dentes. Além disso, a assistente trocou os lençóis da minha cama e virou o colchão, embora este fosse revestido com plástico. Elas me deram um roupão limpo para que eu vestisse. Eu me senti muito melhor.

O Tio Earl trouxe-me uma cadeira de rodas.

— Há qualquer coisa que eu possa fazer por você?

— Sim. Livre-me dessas roupas do hospital.

Ele ajudou-me a sentar na cadeira de rodas e levou-me a uma loja de presentes, onde comprou-me um par de calças de ginástica, uma camiseta, um boné e um ursinho de pelúcia. O Tio Earl pediu à atendente da loja:

— Você poderia cortar as pernas desta calça à altura dos joelhos?

A atendente olhou para ele, confusa, por um momento; então, olhou para mim. "Ora, claro", disse ela, calmamente. A atendente apanhou uma tesoura, cortou as pernas da calça, e entregou-as ao Tio Earl, que agradeceu.

Earl conduziu-me ao banheiro da loja e vestiu-me com as calças por sobre meu fixador externo. O cirurgião havia perfurado as partes íntegras do meu osso próximas da fratura, aparafusando pinos no osso. Na parte externa da minha perna, uma vareta metálica conectava-se aos pinos para mantê-los seguros em seus lugares. Os pinos e a vareta metálica compunham o conjunto do fixador externo. Depois, Earl colocou-me a camiseta e o boné.

Saindo do banheiro ele me conduziu até a cafeteria e comprou duas cervejas *Hefeweizen*, uma tradicional cerveja alemã de trigo, não filtrada, menos amarga e com mais gás do que as cervejas filtradas.

— O que você quer fazer? —, perguntou ele.

— Você poderia me levar até o pátio, para apanhar um pouco de sol?

Ele conduziu-me para fora do prédio, onde tomamos nossas cervejas. Banhado, vestindo roupas limpas e tomando cerveja o sob o sol, eu pensei: *"Isto é muito bom."* Bebi metade da minha cerveja e caí no sono. Tempos depois, eu presentearia o ursinho de pelúcia à minha queridinha de três anos de idade, Rachel.

No dia seguinte, um sujeito da Delta, internado em um quarto no lado oposto do corredor, com um ombro ferido, veio visitar-me. Conversamos sobre a batalha, e ele me disse:

— Eu não tinha vocês em grande conta, caras, uma vez que vocês, na verdade, não faziam parte da nossa equipe. Mas vocês foram demais, caras! Nós não fazíamos ideia que os SEALs pudessem "botar pra quebrar" desse jeito. Especialmente você! Eu vi você, por duas ou três vezes, durante o

tiroteio. Gostaria de ter conhecido você antes de termos entrado em combate.

— Ora, tudo bem —, disse eu.

— Ei, Brad está em um quarto no final do corredor. Vamos visitá-lo?

— Claro.

Ele conduziu-me até o quarto para que visitássemos Brad, um dos atiradores de elite da Delta. Notei que Brad tivera uma perna amputada, que fora dilacerada quando um foguete atingira o helicóptero em que ele viajava. Ele apertou minha mão.

— Quer um naco? —, disse ele, como se tudo estivesse normal, estendendo sua mão e apanhando uma caixa de madeira compensada em que havia tabaco de mascar *Copenhagen*.

— Ora, que diabos. Quero, sim —, disse eu apanhando um naco de tabaco e colocando-o em minha boca.

Nós três sentamo-nos ali, conversando e cuspindo.

— Ei, eles conseguiram salvar a sua perna —, disse Brad.

— Eles me disseram que se eu tivesse sido atingido a pouco mais de meio centímetro, minha perna teria de ser amputada.

Brad está suportando isso bem melhor do que eu; e sua perna foi amputada. Aqui estou, sentindo pena de mim mesmo; furioso com o mundo e com Deus. E aí está ele, sem uma perna, com uma atitude positiva.

Visitar Brad foi uma boa terapia para mim. Brad era um atirador de elite que viajava a bordo do *Black Hawk* Super Seis-Dois. Junto com ele também viajavam os atiradores de elite da *Delta* Gary Gordon e Randy Shughart. Eles sobrevoavam o segundo helicóptero abatido e avistaram o piloto, Mike Durant, movimentando-se. Multidões de somalis o cercavam. Não havendo soldados amigos em terra para a ajudá-lo, Mike estava completamente sozinho. Os três atiradores de elite, além dos atiradores às portas do helicóptero, abriram fogo contra a multidão. Brad, Gordon e Shughart entreolharam-se e acenaram afirmativamente com as cabeças. Gordon disse ao piloto:

— Insira-nos, a nós três, ali, para prestarmos assistência ao Super Seis-Quatro.

— Negativo. Há muita atividade hostil lá embaixo. Não podemos arriscar perder outro helicóptero.

Quando um dos atiradores à porta da aeronave foi atingido, Brad tomou sua pequena metralhadora. Todos precisavam de armas grandes para lutar e impedir que o inimigo derrubasse a aeronave em que viajavam.

A multidão no solo cresceu, aproximando-se ainda mais do helicóptero abatido de Mike.

— Dois de nós vamos entrar lá —, disse Gordon. — Baixe-nos lá.

O piloto enviou a nova mensagem pelo rádio:

— Dois efetivos solicitam permissão para proteger o local da queda, até que o resgate chegue.

— Negativo.

Gordon insistiu, e o piloto sobrevoou, praticamente em um rasante, o local da queda do helicóptero. Brad permaneceu no *Black Hawk* empunhando a metralhadora e dando cobertura a Gordon e Shughart enquanto desciam por "cordas rápidas".

Em terra, os dois atiradores de elite conduziram calmamente a Mike e a outros membros da tripulação até um local mais seguro, com bons campos de tiro. Então, Gordon e Shughart assumiram posições defensivas em lados opostos do helicóptero, alvejando tranquilamente os inimigos na parte superior do tronco, um por um; Gordon com seu CAR-15, e Shughart com um M-14.

De repente, Gordon disse, casualmente, como se tivesse batido o joelho contra a borda de uma mesa: "Droga. Fui atingido." Então, ele parou de atirar.

Shughart recuperou o CAR-15 de Gordon e deu-o a Mike. Shughart reabriu fogo; mas, quando seu fuzil ficou sem munição, ele retornou ao interior do helicóptero abatido e fez uma chamada pelo rádio. Ele caminhou ao redor da frente do helicóptero e investiu contra a multidão, atirando a

queima-roupa com sua pistola, afastando as pessoas até ficar, novamente, sem munição. A multidão, então, revidou, matando Shughart.

Cadáveres de inimigos jaziam espalhados pelo chão, cercando os atiradores caídos. Shughart e Gordon eram autênticos "filhos da mãe", na melhor acepção do termo. A multidão vingou-se arrastando os corpos dos soldados mortos pelas ruas e desmembrando-os. Eles capturaram Mike e o mantiveram como refém, esperando usá-lo em uma troca de prisioneiros. Mais tarde, ele seria liberado.

A mais alta condecoração militar, a Medalha de Honra, seria outorgada postumamente aos dois atiradores de elite da *Delta*, Gary Gordon e Randy Shughart.

* * *

Certo dia, o general Henry Hugh Shelton, comandante em chefe do Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos, visitou meu quarto no hospital. Ele condecorou-me com o Coração Púrpura, e deu-me uma moeda com a efígie de seu comando. Sua sinceridade, dedicação e encorajamento elevaram o meu moral.

— Você tem sido bem tratado neste hospital? —, perguntou ele.

— Sim, senhor.

O general Shelton perguntou-me se os *Rangers* haviam combatido bem durante a Batalha de Mogadíscio.

— Eles lutaram bravamente, senhor.

Pensei por um momento e perguntei a ele:

— Nós não vamos deixar este serviço inacabado, não é?

— Não. Nós vamos enviar tanques, e fazer o trabalho direito.

Embora eu tenha certeza de que o general realmente faria isso, a Casa Branca jamais permitiu que tal coisa acontecesse.

Permaneci no Centro Médico Regional de Landstuhl por uma semana antes de ser embarcado, junto com outros soldados, em um voo para a Base

da Força Aérea Andrews, em Maryland. Quando fui conduzido para fora do avião, em uma maca sobre rodas, Laura e as crianças vieram ao meu encontro. Blake, então com oito anos de idade, correu para o meu lado e estendeu seus braços em torno do meu peito. Laura estava grávida. Ela trazia em seus braços Rachel, com três anos de idade, que ainda era jovem demais para compreender o que se passava.

Após haver passado a noite em Maryland, fui levado para o complexo da Equipe, em Dam Neck. Eu disse a eles que queria completar minha reabilitação no Hospital do Exército em Fort Stewart, na Geórgia, o mesmo lugar onde Blake nascera, a trinta minutos da minha casa. A Equipe deu-me uma cadeira de rodas especial, muito leve, feita de uma liga metálica que, segundo ouvi dizer, custava milhares de dólares. Meus dois filhos, minha esposa e eu passamos a morar com os pais dela, em Odum, Geórgia, durante o período da minha recuperação.

Quando ouvi dizer que a Delta realizaria uma cerimônia funerária, eu quis estar presente. Os militares voaram em um C-12 — um pequeno avião de passageiros —, para apanhar-me no aeroporto Hunter, do Exército, em Savannah. Eu voei para comparecer à cerimônia funerária no complexo da *Delta* em Fort Bragg. Para receber-me no aeroporto, pilotando SUVs, vieram Tim Wilkinson e Scotty, os PJs, e Dan Schilling, o homem da CCT. Era muito bom rever velhos amigos, desde o hangar na Somália. Embora eles pertencessem à Força Aérea, nós lutáramos juntos em Mogadíscio, o que me tornou mais próximo deles do que dos meus companheiros de equipe do SEAL Team Six que não estiveram ao meu lado em combate. A Força Aérea condecoraria Tim com a segunda mais importante honraria militar, a Cruz da Força Aérea (equivalente à Cruz da Marinha, para os marinheiros, os fuzileiros navais e os integrantes da Guarda Costeira, e à Cruz de Distinção em Serviço, para o Exército). Scotty receberia a Estrela de Prata, a terceira mais elevada honraria militar. Dan receberia a honraria imediatamente inferior a esta, a Estrela de Bronze.

Eles me conduziram até um muro sobre o qual os nomes dos soldados caídos da *Delta Force* eram inscritos. Vi seis pares de botas de combate no

deserto, seis fuzis M-16 com baionetas acopladas, sobre a base do muro, com os nomes inscritos, seis baionetas sobre as coronhas dos fuzis e fotografias de cada um dos seis homens: Dan Busch, Earl Fillmore, Randy Shughart, Gary Gordon, Tim "Griz" Martin e Matt Rierson. Lembrei-me de Griz, que tinha uma marca de nascença em seu rosto; um gozador, que sempre inventava novas e exóticas maneiras de explodir coisas.

Durante o serviço funerário, no auditório, o capelão liderou a todos em uma oração pelos homens caídos. Esposas choravam. Os pais de Dan Busch pareciam arrasados. Dan, natural de Portage, Wisconsin, contava apenas 25 anos de idade — alguém incrivelmente jovem para ser um atirador de elite da *Delta*, agora estava morto. Um cristão devoto, eu jamais o ouvira praguejar ou dizer uma palavra obscena: algo raro em meio à comunidade de operações especiais. Lembrei-me de um dia em que, após o almoço, nos besuntamos com uma loção bronzeadora e estendemo-nos sob o sol, sobre uma caixa CONEX, do lado de fora do hangar em Mogadíscio. Do pouco tempo livre que dispúnhamos, eu passei boa parte em companhia de Dan Busch.

Um sargento leu a "Última Chamada". Cada um dos homens da unidade respondeu "presente" — exceto, naturalmente, os homens caídos em combate. A guarda de honra abriu fogo por três vezes. Um corneteiro fez soar o toque de recolher.

Em nossa profissão, sabíamos que esta era uma possibilidade real, desde o momento em que aceitamos o emprego. Mesmo assim, ter de olhar para pais, esposas e filhos era um golpe realmente duro. *Esses sujeitos se foram para sempre. Dan se foi. Como é que eu consegui sobreviver e eles não? Dan Busch era uma pessoa e um cristão muito melhor do que eu jamais fui. Por que ele está morto, enquanto eu ainda estou aqui?* Eu me sentia culpado por ter sobrevivido.

Após a cerimônia funerária, enquanto Scotty, Tim e eu conversávamos, um sujeito da *Delta* perguntou a eles quem era eu. Eles não haviam me reconhecido devido à minha barba crescida; e eu me sentia fraco demais para barbear-me.

Scotty e Tim disseram ao homem da *Delta* quem eu era.

— Oh, diabos! —, disse o efetivo da *Delta* indo ao encontro de seus companheiros de unidade, dizendo: "Ei, pessoal, Wasdin está aqui!" Eles enxamearam ao meu redor, levaram-me à sala de ordenança do Esquadrão Charlie da *Delta*, e puseram uma cerveja em cada uma das minhas mãos. Conversamos e eles riram quando contei que havia dado minha medicação ao *Ranger* em Landstuhl. Depois, a *Delta* deu uma festa, mas eu tinha febre e faltava-me a energia para juntar-me a eles. Voltei cedo ao meu quarto de hotel.

Somente o Secretário da Defesa, Les Aspin, compareceu à cerimônia funerária. A maioria dos burocratas da administração Clinton parecia esperar que a Batalha de Mogadíscio convenientemente desaparecesse da memória do povo e que os Estados Unidos a esquecessem.

Na manhã seguinte, após voar para a Geórgia, compareci ao hospital para uma consulta regular. Eu tinha diarreia. Minha febre havia piorado, e todo o meu corpo doía, como se estivesse em chamas. Eu me sentia desorientado; eu estava, literalmente, morrendo. Uma equipe médica caiu sobre mim e apressou-se a internar-me novamente. Eles me aplicaram uma injeção em cada uma das nádegas, e espetaram um tubo intravenoso em cada um dos meus braços. Eles removeram os curativos da minha perna e começaram a trabalhar na ferida. O médico, que já havia ido para casa, voltou, vestido com roupas civis.

— Onde você esteve? —, perguntou-me ele. — Temos tentado contatar sua casa, mas você não estava lá. O resultado do seu exame de sangue, realizado em sua consulta anterior, mostrou que você tem uma infecção por *staph*.

A mortífera infecção por *staph* [*staphylococcus*] penetrara profundamente em meu organismo através dos pinos da minha perna. Isto explicava parcialmente a razão pela qual eu não estive presente à festa da *Delta*, após a cerimônia funerária.

No leito do hospital, eu senti que flutuava, pairando acima de mim mesmo, e, olhando para baixo, via o meu corpo jazendo ali. *Estou morrendo. Essa infecção por* staph *é muito pior do que qualquer ferimento sofrido em combate.*

No dia seguinte, o médico mostrou-se evidentemente contrariado comigo.

— Se você vai permanecer sob os meus cuidados, é preciso que indique uma forma de permanecermos em contato com você. Caso contrário, é preciso que você volte para a Virgínia e deixe aqueles médicos da Marinha cuidarem de você.

Ele estava assustado. O médico prestara-me um favor, ao permitir que minha recuperação transcorresse em um hospital do Exército; e eu o retribuía quase morrendo sob a sua responsabilidade.

— Sim, senhor.

Eles me mantiveram no hospital por dois dias, até que eu me recuperasse.

Em casa, sentado na minha cadeira de rodas, eu cometi um dos pecados mais graves para um integrante das Equipes: senti pena de mim mesmo. Eu mergulhei em uma depressão profunda. Após acordar, todas as manhãs, eu tinha de observar os cuidados relativos aos meus pinos, limpando a área de pele que circundava os quatro grandes pinos que se projetavam da minha perna. Se não fizesse isso, a infecção entraria pelos meus pinos alcançando o osso — provocando, assim, outra infecção por *staph*, semelhante àquela que quase me matara. Então, eu fazia um novo curativo sobre tudo. O processo consumia-me entre quinze e vinte minutos, duas vezes por dia. O trabalho de cuidar dos pinos completamente sozinho não era fácil. Pedi à minha esposa e ao meu cunhado que me ajudassem; mas, eles não tinham estômago para isso. A aparência era terrível: não há nada de normal em se ter quatro pinos aparafusados a um osso. A remoção de parte da minha pele também parecia repulsivo, deixando visível a carne viva.

As paredes pareciam fechar-se sobre mim. Eu não estava acostumado a me ver em ambiente fechados, e a depressão pesava sobre mim. Eu tinha que sair de casa. Então, decidi fazer alguma coisa simples e rotineira; mas

mesmo algo tão trivial quanto comprar mantimentos para a casa era um golpe muito forte para a minha autoestima debilitada. Certo dia, enquanto eu empurrava lentamente um carrinho de compras pelos corredores do supermercado *Winn-Dixie*, em Jesup, na Geórgia, comecei a perceber quanto me fazia bem sair de casa e contribuir para a vida familiar, ao fazer compras. Algumas pessoas conseguem retomar a normalidade de suas vidas.

Uma mulher com excesso de peso e um penteado de galinha — curto na parte de trás, com fios arrepiados no topo da cabeça: o típico corte de cabelo de Kate Gosselin, que é tão comum no Condado de Wayne — olhava fixamente para a minha perna. Seu semblante se contorcia numa careta, como se ela tivesse chupado um limão. Eu havia cortado as pernas da minha calça de ginástica à altura dos joelhos para melhor acomodar meu fixador externo; e, mesmo que a área de onde a pele fora extraída para o enxerto estivesse coberta por bandagens, os pinos ainda eram visíveis

— Por que você não fica em casa? —, disse-me ela. — Você não se dá conta de quanto a visão disso é ofensiva?

Eu tive minha perna dilacerada enquanto servia ao meu país. Ao nosso país. *Talvez seja assim que os norte-americanos médios me vejam. Eles não se sentem incomodados com a ideia de que possamos morrer por eles; mas não suportam nos ver feridos?* Eu estava sentindo muita pena de mim mesmo para perceber que ela não sabia quem eu era ou como eu fora ferido. Àquela época, quando meu espírito chafurdava na lama, as palavras daquela mulher me atingiram como um soco no estômago. Eu precisava, desesperadamente, recompor-me; mas não conseguia. Aquelas palavras precipitaram-me ainda mais profundamente na depressão.

Em casa, eu impulsionava minha cadeira de rodas a esmo, comendo e matando o tempo assistindo TV. Eu não podia tomar um banho de chuveiro ou de imersão, pois não podia molhar meus pinos. Eu tinha de lavar a cabeça na pia do lavatório e tinha de banhar-me esfregando-me com uma toalha molhada sentado sobre uma bacia.

Em dias alternados, eu frequentava sessões de reabilitação no hospital em Fort Stewart. Eles submetiam meu pé esquerdo a um tratamento de

hidromassagem com água quente, para que os tecidos mortos se desprendessem. Aquilo doía como se eu estivesse recebendo um tiro novamente. Eles me deram um par de muletas e fizeram com que eu me apoiasse em barras para caminhar. A dor era tão intensa que eu não podia evitar que lágrimas brotassem dos meus olhos. Eu ainda teria de me submeter a um longo período de reabilitação. Então, teria de passar por outra cirurgia. Mais tarde, ainda teria de me sujeitar a outras três intervenções cirúrgicas.

Meu relógio interno não havia sido ajustado da África para a Alemanha, e, depois, de volta para os Estados Unidos. Tendo muito tempo à minha disposição, era fácil tirar uma soneca de duas ou três horas durante o dia, o que me fazia perder o sono à noite.

A dor e a depressão não contribuíam para melhorar as coisas. Dor nos ossos. Enquanto aqueles pinos permaneceram aparafusados à minha perna, eu senti dor. É compreensível a maneira como as pessoas tornam-se dependentes de analgésicos. Mas eu detestava tomar pílulas — especialmente as que me deixavam sonolento. Até certo ponto, eu desejava sentir dor, devido a culpa de ter sobrevivido enquanto tantos bons sujeitos — inclusive alguns sujeitos especiais, como Dan Busch — estavam mortos. Acho que talvez eu fosse um sujeito estranho por me sentir assim. *Engula o choro; suporte a dor.*

Afastado da rotina movimentada do SEAL Team Six, sem nenhum dos meus companheiros de equipe por perto, eu sofria com sintomas de abstinência ao ser privado da camaradagem. Eu também era vítima de um choque cultural. As pessoas que viviam nas redondezas podiam falar para mim sobre suas vidas, mas eu não podia falar sobre a minha para elas. Eu não podia fazer piada sobre o salto mortal que eu dera sobre um carrinho cheio de bandejas de comida que eu acreditava tratar-se de um alce, durante a minha "Semana do Inferno". Não podia rir da ocasião em que, em um hospital na Alemanha, injetei anestésicos prescritos para mim em um colega *Ranger*. As pessoas que viviam à minha volta não compreenderiam. Eu aprendi a me calar sobre essas experiências. Agora, ocorria-me quão

diferente eu havia me tornado da maioria das pessoas. Longe dos meus companheiros de equipe, eu me sentia esquecido, também. Sem missões a cumprir no mundo real, eu sofria de uma "fissura" por adrenalina. Agora, eu sequer podia caminhar. Na cultura dos SEALs, na qual compensa ser um vencedor, eu era o maior perdedor. Eu estava furioso para com o mundo, de maneira geral, e com Deus, em particular. *Por que isto tinha de acontecer comigo?*

Analisando, retrospectivamente, vejo que Deus estava fazendo com que eu soubesse que era apenas humano, e que ser um SEAL era apenas um trabalho. *Howard, você foi teimoso demais para Me dar ouvidos após haver sido alvejado uma vez. Você não Me ouviu após receber o segundo tiro. Aqui, garotão, deixe-Me fazê-lo levar sua terceira bala. Agora, será que Eu posso ter a sua atenção? Você não é o Super-Homem. Você será uma dádiva de Deus para as operações especiais somente enquanto Eu permitir que assim seja. Você está onde está por Minha causa; não por causa de você mesmo. Esta é a Minha maneira de chamar a sua atenção. Agora que consegui, deixe-Me moldar você um pouco mais. Você ainda não é um produto acabado.* Ele me tornou humilde e trouxe-me de volta à Terra. Ele fez com que eu me tornasse um pai para os meus filhos. Àquela época, ninguém teria me convencido disso tudo; mas, repensando, ter sido atingido na perna foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Certo dia, um amigo telefonou-me. Em seu rancho, ele criava uma espécie híbrida de veado, mestiço com veados-de-cauda-branca.

— Venha para cá e vamos caçar um pouco.

— Sim, sim! Faça-me sair desta casa! Para qualquer coisa!

Ele apanhou-me com sua caminhonete, levando-me para o campo aberto e sentando-me em minha cadeira de rodas sobre a terra. Ele empurrou-me na cadeira por quase trinta metros através do mato, então, parou. Ele apontou-me um lugar a cerca de 150 jardas de distância.

— É naquele ponto que o veado costuma aparecer.

Meu rifle de caça particular era um *Magnum* 7 mm, com uma boa mira telescópica. Eu me sentia muito feliz, sentado ali, esperando por quase uma hora e meia.

Então, um grande veado macho surgiu. Sentado em minha cadeira de rodas, eu apoiei o rifle sobre o meu ombro, acionei o gatilho, e vi o veado cair. Um tiro perfeito. Após depositar meu rifle sobre o chão, impulsionei a cadeira de rodas até chegar próximo do animal. Impulsionar minha cadeira de rodas por um caminho de terra batida custou-me algum tempo.

Parei minha cadeira ao lado do veado. O belo animal olhou em minha direção. Ele bufou, então deixou pender sua cabeça. Ele deu um último suspiro, como se todo o ar tivesse sido sugado de seus pulmões. Ouvindo-o morrer, eu pensei: *Eu teria ficado feliz apenas por haver saído e contemplado você, em vez de tirar a sua vida. Eu já vi coisas demais morrerem.*

Recolhemos o veado e eu fiz com que sua cabeça fosse empalhada e montada sobre um quadro. No sul da Geórgia, a caça é muito apreciada. Os caras saem antes do romper da aurora e sentam-se sobre galhos de árvores em suas posições de caça, esperando por sua presa durante toda a temporada. Eu ainda queria ter de matar alguém para salvar a mim mesmo ou a outra pessoa. Porém, queria matar no cumprimento do dever, apenas. Jamais tornei a caçar, novamente.

O pessoal na reabilitação tratava-me como se eu fosse uma "celebridade". Àquela época, eu era o único veterano ferido em combate a frequentar aquele hospital. E, a cada vez que eu entrava ali, cinco ou dez pessoas surgiam, querendo conversar comigo.

Após seis ou sete semanas, minha sobrinha trouxe-me um dispositivo que podia ser usado sobre os pinos na minha perna, criando um isolamento emborrachado, de modo que eu pudesse tomar banhos de chuveiro. Eu me equilibrava sobre uma perna só debaixo do chuveiro e ensaboava abundantemente meus cabelos. Aquele parecia ter sido o melhor presente que eu já ganhara.

No início de dezembro, dois meses depois do dia mais longo da minha vida, minha cidade natal — Screven, na Geórgia —, ofereceu-me uma recepção de "boas vindas ao herói", como parte da parada natalina, com fitas amarelas pendendo de todos os lugares. Um grande cartaz cobria a janela frontal do restaurante: "BEM-VINDO DE VOLTA, HOWARD, O HERÓI DA NOSSA CIDADE". Quase todos os novecentos habitantes do local assinaram o cartaz. Pessoas do Condado de Wayne vieram alinhar-se nas calçadas para ver-me participar do desfile e desejarem-me seus melhores votos. Elas não faziam ideia da dor física, da angústia mental, das perdas ou do poço escuro da depressão que me atormentara, antes de me homenagearem daquela maneira. Elas não faziam ideia de quanto as suas boas vindas significavam para mim, considerando-me como um membro de sua comunidade. Eu não me sentia mais um perdedor.

Mike Durant, o piloto do Super Seis-Quatro, o segundo *Black Hawk* a ser abatido em Mogadíscio, quebrara sua perna e suas costelas. O ministro da propaganda de Aidid, Abdullahi "Firimbi" Hassan, o fez prisioneiro por onze dias, até que Mike e um soldado nigeriano capturado fossem levados por seus captores a um posto de controle no complexo das Nações Unidas. Um dos captores de Durant apresentou credenciais das Nações Unidas que pendiam de uma corrente em torno do seu pescoço e mostrou-as aos guardas. Eles acenaram, liberando sua entrada. A guarda no posto de controle sequer imaginava que Mike estava no interior do carro. Ninguém soube disso até que ele já estivesse na pista de pouso. Seus captores o entregaram à Cruz Vermelha. As Nações Unidas demonstraram sua estreita conexão com o inimigo, mas eu não achei que eles demonstrassem uma conexão tão estreita conosco. Jamais achei que eles fossem confiáveis em termos de segurança operacional. Só se pode confiar nas pessoas com as quais você treina e combate lado a lado. Eu havia treinado comunidades antiterroristas estrangeiras, e confiava em seu pessoal. A proximidade dos guardas no posto de controle das Nações Unidas com os captores de Durant,

somada ao fato de um dos captores portar credencias das Nações Unidas, apenas reforçou minha desconfiança quanto a essa instituição.

Mike Durant e eu chegáramos ao ponto em que podíamos caminhar sem necessitar de assistência. Nosso primeiro encontro, desde a Somália, deu-se na Base Fairchild da Força Aérea, em Spokane, em Washington, onde estávamos para aprender técnicas avançadas de Sobrevivência, Evasão, Resistência e Fuga. Ainda que cursos de SERF como o que tivemos na Estação Aeronaval, em Brunswick, no Maine, simulassem situações em que éramos perseguidos, aprisionados e torturados, estas aulas eram ministradas em classes com dez a doze estudantes, enfocando principalmente os aspectos psicológicos do cativeiro. Devido à nossa experiência adquirida em Mogadíscio, Mike e eu logo nos tornamos "palestrantes convidados", deste curso em particular. Os instrutores nos chamavam para que ficássemos diante da classe e falássemos sobre nossas experiências e questionamentos específicos aos estudantes *e* aos instrutores.

A Marinha embarcou Casanova, Little Big Man, Sourpuss, o capitão Olson e eu em um voo para o Pentágono para que fôssemos condecorados com a Estrela de Prata. Em Mogadíscio, o capitão Olson abandonou o quartel general para participar do resgate de homens ainda encurralados. Durante a cerimônia de nossa condecoração, câmeras de vídeo rodavam e câmeras fotográficas espoucavam seus *flashes*. Minha citação dizia o seguinte:

O presidente dos Estados Unidos tem o prazer de outorgar a medalha da Estrela de Prata ao Técnico de Manutenção de Casco de Primeira-Classe Howard E. Wasdin, da Marinha dos Estados Unidos, pelos serviços descritos na seguinte citação: Por conspícua bravura e intrepidez na ação contra forças hostis durante a operação UNOSOM II, em Mogadíscio, na Somália, em 3 & 4 de outubro de 1993. O Suboficial Wasdin foi membro de uma equipe de segurança que atuou em apoio a uma força de assalto na condução de um ataque aéreo contra um complexo inimigo, obtendo sucesso na apreensão de

dois oficiais-chave da milícia e vinte e dois outros prisioneiros. Ao receber fogo inimigo de armas portáteis, a partir de numerosos pontos, o Suboficial Wasdin assumiu posição de tiro e revidou ao ataque. Enquanto ele participava do assalto, correndo por uma alameda com membros da sua unidade, ele foi ferido na panturrilha. Após receber cuidados médicos no campo de batalha, ele reassumiu suas funções, continuando a suprimir o fogo inimigo. Enquanto seu comboio exfiltrava-se da área levando os detidos, seu transporte viu-se sob intenso fogo inimigo. O Suboficial Wasdin, juntamente com sua equipe de segurança, parou para conter o fogo inimigo que havia acuado a força de bloqueio dos Rangers. Embora ferido por duas vezes, ele continuou a manter a segurança, envolvendo-se em combate contra uma força inimiga superior, a partir de seu veículo. Mais tarde, enquanto tentava suprimir o fogo inimigo, durante a tentativa de evacuação dos tripulantes de um helicóptero abatido, o Suboficial Wasdin foi ferido pela terceira vez. Seus galantes esforços serviram de inspiração a todos os membros de sua equipe, bem como aos de toda a tropa. O magnífico senso de iniciativa, a ação corajosa e a total dedicação ao dever, demonstrados pelo Suboficial Wasdin, conferem-lhe grande mérito e enaltecem as mais elevadas tradições da Força Naval dos Estados Unidos.

Em lugar do presidente, o documento fora assinado por John Dalton, o novo Secretário da Marinha. Casanova e eu adentramos o escritório do Secretário de Defesa e apertamos sua mão. Ao sairmos, Casanova disse:

— Esse homem tem as mãos mais macias que eu já apertei.

Mais tarde, eu também recebi uma veemente advertência por ter desobedecido a uma ordem direta e ajudado o garoto somali que pisara sobre uma mina terrestre — minha operação mais bem-sucedida na Somália.

Casanova e eu sentávamos na sala de ordenança da Equipe Vermelha, mascando tabaco *Copenhagen*. Aquela era uma grande sala para reuniões informais, pintada principalmente com cores neutras. Detalhamento de missões, recebimento de informações de inteligência do mundo real, e

outras sessões de instrução tinham lugar em uma sala especial. Fotografias das expedições da Equipe Vermelha decoravam uma das paredes; um totem ornamentado e um cocar indígena autêntico ali se encontravam, como símbolos da Equipe. Na parte mais ampla da sala havia quatro grandes mesas rodeadas por oito a dez cadeiras, cada uma, para que toda a tripulação de um bote pudesse se reunir em cada mesa. Forração de carpete cobria o piso. Os novatos eram responsáveis pela limpeza e pelo abastecimento de dois refrigeradores com várias marcas de cerveja. O chefe e o líder da Equipe compartilhavam um escritório adjacente à sala da Equipe. Também adjacente à sala da Equipe, havia uma sala de computadores de uso coletivo. Do lado de fora da sala da Equipe havia um conjunto de armários individuais, nos quais guardávamos nosso equipamento.

Casanova e eu sentávamos a uma das mesas. Little Big Man chegou trazendo um envelope timbrado da companhia que fabricava as facas *Randall*. Eles propuseram a ele que lhes enviasse sua faca quebrada, contasse sua história e servisse como "garoto-propaganda" para a empresa: *"Atirador de elite do SEAL Team Six salvo por uma faca Randall."*

— Quanto eles vão pagar a você? —, indagou Casanova

Little Big Man abriu o envelope e leu a carta: "Obrigado por compartilhar sua história conosco. Nós lhe ofereceremos um desconto de 10%, quando quiser adquirir uma nova faca."

— Babacas —, disse Little Big Man.

Casanova riu estrepitosamente. Eu ri tanto, que quase engoli o naco de tabaco que mascava.

Recuperei-me rapidamente e retornei à equipe, onde me encontrei com o Oficial Buttwipe. Buttwipe vivia para as aparências, mais do que para fazer seu trabalho, o que irritava sobremaneira a muitos dos efetivos. Um grande número de pessoas havia abandonado a Equipe Vermelha, transferindo-se para a Azul ou a Dourada, por causa dele. Ele tinha um riso falso que exibia, principalmente, na presença de oficiais superiores. Quando ele ria conosco,

sempre aparentava estar, na verdade, pensando em alguma outra coisa. De baixa estatura, ele usava seu cabelo cortado bem curto, nivelado no topo da cabeça, fazendo parecer que esta fosse plana na parte de cima.

Ele devia adorar o meu odor corporal, porque vivia constantemente ao meu redor. Talvez Buttwipe fosse consciente de sua própria falta de talento. Embora ele pudesse correr e nadar bem, sempre ficava para trás nos exercícios de tiro, e faltava-lhe a capacidade para tomar decisões táticas a tempo hábil. Talvez ele se ressentisse de jamais haver estado em combate ou de não ter sido condecorado com uma Estrela de Prata. A despeito de qual tenha sido a sua motivação, de algum modo, Buttwipe descobriu que a *Delta* gostaria de contar com o meu nome em seus quadros. Os efetivos da *Delta* internados no hospital na Alemanha encorajaram-me a juntar-me a eles. Um coronel da *Delta* disse-me, no hospital da Base Andrews da Força Aérea, que eu poderia me transferir lateralmente dos SEALs para a *Delta*. Analisando retrospectivamente, é provável que a *Delta* houvesse me compreendido e respeitado ainda mais: desconheço a existência de um laço mais forte do que aquele que se cria entre pessoas que combateram lado a lado. Meu relacionamento com Casanova, Little Big Man, os efetivos da *Delta*, os homens da CCT e os PJs era mais sólido do que o relacionamento que eu mantinha com meus outros companheiros de equipe.

— Eu o apoiarei, se você decidir permanecer aqui —, disse-me Buttwipe. — Mas, se você tentar nos deixar, eu serei o seu pior pesadelo.

A conduta de Buttwipe deu-me mais motivação para que eu me transferisse para a *Delta*. Contudo, suas palavras diziam que ele não gostaria que eu saísse, mas não faziam diferença. Eu permaneci porque havia treinado para ser um SEAL; eu ainda era um SEAL, e gostaria de continuar a ser um SEAL. Isto era o que eu sabia fazer melhor.

Na somatória dos fatos, Buttwipe não me apoiou. Ele, inclusive, constrangeu-me pelo fato de eu haver comparecido à cerimônia funerária da *Delta* sem haver me barbeado e vestido com roupas civis. Eu realmente não podia compreender seus argumentos: eu estava quase morrendo devido a uma infecção por *staph* quando viajei para comparecer àquela cerimônia.

Sobreviver, dia após dia, consumia quase toda a energia que eu possuía. Barbear-me era um luxo ao qual eu não poderia me dar. Eu desprezava sua incompetência tanto quanto desprezava a incompetência de Clinton. Buttwipe deveria ter sido um político em vez de um militar. Simplesmente lembrar-me dele agora, faz com que eu tenha vontade de aplicar-lhe um chute na bunda.

Laura e eu nos divorciamos. O bebê que ela estava esperando não era meu. Tudo aconteceu enquanto eu estava fora. Isto é tudo o que tenho a dizer a respeito disso. Eu também fui infiel. Rachel e Blake permaneceram vivendo com sua mãe, uma vez que eu não poderia cuidar deles enquanto estivesse fora, a trabalho. Eu não havia passado tempo suficiente em companhia de Rachel; e, agora, passava ainda menos tempo com ela. Sua mãe permitia que ela fizesse a maior parte das coisas que queria fazer; mas eu não. Quando Rachel teve idade suficiente para escolher, escolheu viver com sua mãe. Mais tarde, quando Rachel cursava o último ano do ensino médio, sua mãe permitiu que ela se mudasse e fosse viver com seu namorado — algo que eu jamais permitiria. Meu relacionamento com Rachel deterioraria. Embora eu tivesse sido mais rigoroso com Blake do que com Rachel, ele escolheu viver comigo, quando completou treze anos de idade. Ainda que eu devesse saber que os laços familiares são mais fortes do que laços profissionais, eu sacrifiquei minha vida familiar pelas Equipes.

A despeito dos sacrifícios que eu fizera pelas Equipes, jamais pude voltar a ser, 100%, o atirador de elite que costumava ser. Meu pensamento tornou-se mais pessimista. Certo dia, empunhei minha pistola SIG SAUER P-226. Que mal faria se eu usasse esta P-226 e pusesse um fim em tudo, com uma bala de 9 mm? Há coisas piores do que a morte. Eu estava convencido de que todos estariam melhor com a minha ausência. Eles poderiam, inclusive, resgatar o dinheiro do meu seguro de vida.

Blake estava me visitando. “Papai.”

Esta única palavra tirou-me daquele transe. Pôr um fim à minha vida teria sido uma atitude egoísta. *Se eu não tenho nada mais pelo que viver, ao*

menos, tenho meus filhos. Jamais voltei a alimentar esses pensamentos obscuros novamente.

Embora, inicialmente, tenha parecido que eu pudesse perder a minha perna, não a perdi. Tive de caminhar usando muletas antes do que seria de esperar. Usei uma bengala antes do que seria de esperar; e voltei a caminhar sem necessitar de assistência antes do que seria de esperar. Recomecei a nadar antes do que seria de esperar. Embora as pessoas achassem que eu jamais voltaria a andar sem mancar, eu consegui. Ainda que muita gente achasse que eu jamais voltaria a correr, eu consegui. Após retornar à Equipe, eu frequentava o ginásio de esportes todas as manhãs e fazia minha sessão de treinamento físico junto ao resto do pessoal. Nem sempre eu conseguia acompanhar o ritmo de todo mundo, mas eu trabalhava de forma dura e consistente para isso.

15.
Ameaças de Morte ao Embaixador

Embora eu ainda experimentasse dores diariamente e passasse noites insones devido aos meus ferimentos, recuperei-me ao ponto de receber a missão de proteger o embaixador norte-americano nas Filipinas, John Negroponte, que havia recebido algumas ameaças de morte. Graduado em Yale, ele abandonou a Faculdade de Direito de Harvard para se tornar um diplomata. Descendente de gregos, ele falava fluentemente inglês, francês, grego, espanhol e vietnamita.

Para acompanhar-me na missão, veio Johnny, também membro do Team Six. Ele havia servido nas Filipinas antes, possivelmente durante uma mobilização, enquanto foi membro do SEAL Team One. E contava com muitas amizades naquele país — principalmente amigas, do sexo feminino. Ele se oferecera voluntariamente para a missão, para divertir-se.

Johnny sempre teve uma atitude descontraída. Nós morávamos em um condomínio, no décimo andar de um edifício em Makati, um bairro de classe média alta de Manila. Certa noite, houve um terremoto. Despertamos junto com a nossa criada, Lucy. Johnny e eu saímos apressadamente dos nossos quartos; ele vestindo cuecas ao estilo "samba-canção", e eu como vim ao mundo. Pela janela víamos edifícios oscilarem de um lado para outro. Eu podia sentir o nosso edifício oscilar, também. "O que faremos?" perguntei.

Johnny, com um largo sorriso no rosto, disse: "Não há nada que possamos fazer. Apenas encontrar um jeito de sairmos de sob os escombros quando chegarmos ao chão, lá embaixo, na rua."

Nós rimos e voltamos para as nossas camas.

Nosso trabalho compreendia o treinamento de nativos, entre os quais se incluíam membros da Força Policial Nacional Filipina, para proteger o embaixador. Nós mostramos aos filipinos como fazer vistorias avançadas de modo diplomático, conduzir uma carreata com três veículos, caminhar vigiando a pessoa designada em formação de diamante (um agente caminhando à frente, mais um em cada um dos lados da pessoa a ser protegida, e outro, garantindo a retaguarda) e muito mais. Nós os levamos a áreas abertas para que treinassem atirar com suas *Uzis*. As *Uzis* são armamentos nada confiáveis em termos de precisão; e os nativos filipinos eram atiradores sofríveis, independentemente das armas que utilizassem. O embaixador tinha sorte de eles não terem precisado atirar em ninguém para proteger sua vida. Nossa recomendação ao oficial assistente de segurança regional foi permitir que os filipinos portassem escopetas em vez de *Uzis*: assim, eles teriam melhores chances de acertar em alguma coisa. A mudança não foi implementada.

Em uma reunião com o comandante e o oficial assistente de segurança regional, baseando-me na experiência que obtivera ao dirigir a casa-forte da CIA na Somália, definimos um plano de defesa melhorado para uma eventual operação de fuga e evasão da embaixada. Além disso, levamos os *marines* que guardavam a embaixada a uma pista de tiro para praticar. "Ei, nós somos *marines*. Nós sabemos atirar." Após passarem alguns dias comigo e Johnny nas pistas de tiro, os *marines* abriram os olhos. "Isso foi muito bom!"

O embaixador Negroponte parecia jamais parar. Sempre em meio a reuniões com pessoas, ele ainda jogava tênis, muito bem. Ele nos tratava como se fôssemos membros de sua família; e eu me sentia muito próximo de seus filhos, a quem nós também protegíamos. Sua esposa inglesa era muito cortês e doce. Eles convidaram a Johnny e a mim para o jantar de Ação de Graças na Residência Americana em Baguio, uma mansão decorada com candelabros e pinturas a óleo.

Certo dia, Johnny e eu fizemos uma vistoria avançada a uma quiroprática que trataria do embaixador. Eu usava meus óculos de sol *Oakley*. Caminhamos até a mesa da recepção e nos apresentamos. A recepcionista nos convidou a entrar. Enquanto fazíamos uma busca pelas salas da clínica, a procura de "caras maus" que pudessem estar escondidos ali, interrompemos a quiroprática em meio ao seu almoço. Nos desculpamos e continuamos a fazer o nosso trabalho.

Mais tarde, recebemos um telefonema do embaixador, que solicitava uma reunião conosco. Saímos do nosso condomínio em Makati, e fomos ao encontro dele. Polidamente, ele nos disse:

— Na próxima vez em que vocês forem ao consultório da minha quiroprática, não ajam com tanta rudeza. Acontece que aquela quiroprática também é nossa amiga.

Isto aconteceu antes de 11 de setembro de 2001, quando a segurança ainda não era a "prioridade número um"; no entanto, nós fizemos a vistoria avançada da maneira que havíamos sido treinados para fazê-la. O embaixador explicou-nos:

— Tenho uma lesão no ombro, devido ao tênis. Enquanto ela não realinha minha coluna, padeço de dores fortíssimas.

Eu era cético com relação ao trabalho dos quiropráticos, e jamais pensei que eles pudessem aliviar a dor constante que eu sentia em minha perna e no pescoço; mas, arquivei a conversa que tivemos nas profundezas da minha memória, de todo modo.

Na embaixada, Johnny e eu conhecemos um médico norte-americano de meia-idade que temia por sua vida.

— Eu trabalho como médico por caridade. Apenas tento ajudar às pessoas. Mas há uma quadrilha tentando roubar-me e matar-me.

— Como o senhor sabe disso?

— Eles me seguem. Há gente que telefona para o meu hotel, para saber se estou lá. Eles rondam o hotel, à minha espera.

Johnny e eu relatamos o caso ao oficial assistente de segurança regional, que trabalhava para o Departamento de Estado.

— Nós realmente achamos que uma quadrilha esteja tentando matar o sujeito.

Johnny e eu vestimos roupas civis. Não desejando ser identificados como agentes do Serviço Secreto ou da segurança diplomática, nós não portávamos rádios. Eu gostava de usar calças de sarja *Royal Robbins*, pois elas vestem bem, têm uma porção de bolsos e são bonitas. Sobre uma camiseta azul marinho, eu usava um colete de fotógrafo, com um par de binóculos e um "*kit* de estouro" nos bolsos. Em uma pochete sobre meus quadris eu levava minha SIG SAUER, que comportava quinze cartuchos no pente. Numa cartucheira presa ao cinto, eu levava dois pentes adicionais. Sobre o colete eu usava uma camisa desabotoada, para ocultar minha pistola e os pentes de reserva.

Deixando o médico na embaixada, nós dois conduzimos uma pequena operação de vigilância no hotel em que ele vivia. Não se tratava de um lugar de alta classe tal como o Intercontinental; mas, tampouco, era um pardieiro. A três quarteirões do hotel, Johnny e eu subimos à cobertura de um edifício. Eu telefonei para a recepção do hotel e apresentei-me, dizendo trabalhar para a segurança diplomática. Explicando a situação, pedi ao recepcionista para que abrisse as cortinas do quarto ocupado pelo médico. Além disso, descrevi para ele a minha aparência e disse-lhe a hora em que eu chegaria.

Quando as cortinas foram abertas, nós pudemos ver o interior do quarto com auxílio dos binóculos que trouxéramos da Equipe: um modelo de bolso, à prova d'água, com lentes *Bausch & Lomb* (atualmente, licenciadas para a *Bushnell*) com revestimento antirreflexivo, transmissão de luminosidade melhorada e alto contraste de cores. Ninguém parecia estar à espera, no quarto. Senti-me aliviado por não precisarmos fazer uma entrada à força, nem nos envolver em uma batalha disputada a tiros. O recepcionista verificou que não havia ninguém no quarto. Até então, tudo estava bem. Mas o próprio recepcionista poderia estar armando uma cilada para nós.

Nos movimentamos, percorrendo um vasto quadrilátero em torno da localização do hotel, à procura de qualquer pessoa que pudesse estar vigiando o perímetro. Então, nos movemos para mais próximo do hotel, descrevendo uma série de quadriláteros concêntricos.

Um velho carro mal conservado estava estacionado diante do hotel, com dois sujeitos em seu interior. Meus sentidos entraram em estado de alerta. *Esses são os dois sujeitos em quem eu tenho de ficar de olho.* Eles não se vestiam como homens de negócios, nem pareciam estar ali para apanhar alguém. Ninguém mais, naquela área, parecia representar uma ameaça.

Johnny estacionou o nosso *Jeep Cherokee* perto da esquina do prédio, de onde podíamos ver a janela do quarto do médico, acima, e os dois mal-encarados, na frente do hotel. Transferi a minha SIG SAUER da pochete para o bolso do meu colete, mantendo-a em minha mão, com o dedo próximo do gatilho. Então, desci do veículo e caminhei para a entrada do hotel.

No saguão, meus olhos procuraram por alguém ou por algo que parecesse estar fora de lugar, ali. Àquela altura da minha carreira, eu podia avaliar se uma pessoa representava uma ameaça apenas ao olhar para ela, analisando sua postura e sua linguagem corporal. Parte da minha consciência parecia advir de um "sexto sentido" extremamente aguçado; como quando se acha que alguém está olhando para você, e voltando-se, você descobre que alguém estava, realmente, lhe observando.

O recepcionista — provavelmente um parente do dono do hotel — acompanhou-me até as escadarias. Um elevador pode ser uma armadilha mortal. Ele pode ser parado entre dois andares, e alguém pode estar posicionado sobre ele. Isto não é uma coisa que acontece somente nos filmes. Ou uma grande surpresa pode estar à espera de alguém, quando as portas do elevador se abrem. Se isto fosse uma cilada, o recepcionista ficaria mais nervoso à medida que nos aproximássemos do quarto do médico. Ele saberia que estaria correndo um grande risco de morrer, durante uma emboscada. E se a emboscada não o matasse, eu mesmo faria isso.

Tomamos as escadarias e eu saquei minha pistola, colando-me às paredes enquanto subíamos, conferindo os lances acima de nós à procura do cano de uma arma ou de um tijolo que fosse atirado sobre nossas cabeças e, em seguida, avaliando o lance de degraus que subiríamos, à nossa frente.

Ao chegarmos ao quarto andar, eu ia pedir ao recepcionista que caminhasse à minha frente, mas ele já fazia exatamente isso. Ele conduziu-me pelo corredor até diante da porta destrancada do quarto do médico. Entrando no quarto, eu tranquei a porta atrás de nós, fechando-a inclusive com a tranca de ferrolho que havia ali. Eu não gostaria de receber "visitantes" que pudessem ter nos seguido O recepcionista foi até o centro do quarto e começou a colocar os pertences do médico em uma mala. Perfeito: se alguém nos atacasse naquele momento, tentaria apanhar primeiro o recepcionista. Porém, sua postura relaxada fornecia-me mais evidências de que ele não estava armando nenhuma cilada para mim. Vasculhei as dependências em busca de "bichos-papões": o chuveiro, os armários, debaixo da cama — em todos os lugares. Quando tudo foi conferido, eu fechei metade da cortina sobre a janela, sinalizando a Johnny que estávamos ali e que o lugar estava limpo. Eu poderia haver acenado para ele, da janela; mas não queria expor-me a um tiro disparado por um atirador de elite. Se eu não tivesse sinalizado a Johnny dentro de cinco minutos após havê-lo deixado no carro, ele subiria para me dar cobertura.

Com os pertences do médico, o recepcionista enchera uma mala de viagem com rodinhas e uma sacola de lona, e apanhara uma valise cheia de dinheiro norte-americano. Imaginei onde o médico teria arranjado todos aqueles maços de cédulas, que perfaziam vários milhares de dólares, até onde eu podia ver. Talvez ele tivesse trazido o dinheiro dos Estados Unidos, para manter-se; talvez ele estivesse envolvido em algo com que não devesse.

Após o recepcionista haver terminado de fazer as malas, ele carregou a bagagem pelas escadarias. Sentindo-me mais confortável, eu ainda mantinha a arma em minha mão, mas já não a apontava para qualquer potencial ameaça. Chegando ao final das escadarias, tornei a guardar a pistola no

bolso. Lancei um rápido olhar pelo saguão e constatei que tudo parecia estar em ordem.

Agradeci ao recepcionista e apanhei a bagagem. Conectei a sacola de lona à mala com rodinhas e apanhei-as com minha mão esquerda, enquanto, com a mão direita, eu carregava a valise repleta de dinheiro.

Quando saí do hotel, notei que os dois mal-encarados haviam me visto. Eles pareciam saber para que eu estava ali; e pareciam saber que eu sabia por que eles estavam ali. *Será que vale a pena vocês tentarem me apanhar?* Se eles fizessem qualquer movimento suspeito, eu largaria a valise que carregava com a mão direita e sacaria a pistola do bolso do meu colete. Eu poderia me mover livremente enquanto atirasse, mas eles estariam confinados em seu carro. Caso tentassem qualquer coisa, eu faria com que eles tivessem um mau dia. Não obstante, meu esfíncter contraía-se.

Johnny trouxe o *Jeep Cherokee* até a entrada do hotel, parando em ângulo atrás do carro dos mal-encarados. Se eles quisessem sair do carro e atirar contra o jipe, teriam de se virar para ficar de frente para ele, sem poder contar com as portas de seu veículo para servir-lhes de escudo. Johnny saltou do carro com uma arma em sua mão, mantendo-a junto de si. A porta do veículo servia como escudo para a parte inferior do seu corpo, com relação à posição em que estavam os dois homens. A presença de Johnny contribuía para a minha paz de espírito.

Passei pelos dois mal-encarados e atirei a bagagem sobre o banco traseiro do carro, sentando-me no banco do passageiro à frente. Os dois homens tiveram de virar as cabeças para olhar em nossa direção, mostrando-se repentinamente excitados, falando rapidamente entre si. Johnny dirigiu, fazendo com déssemos uma volta em torno do quarteirão. Ao passarmos novamente pela frente do hotel, os dois mal-encarados já não se encontravam mais ali.

Apanhamos o médico na embaixada, entregamos-lhe suas bagagens e o levamos a um comissariado norte-americano em Manila, onde havia um *shopping center* e um restaurante. Nós o mantivemos ali até que seu voo estivesse pronto para partir. Ele nos agradeceu profusamente.

Enquanto levávamos o médico ao aeroporto, contávamos com outro dos nossos veículos seguindo à frente, para assegurar que a rota estava livre.

— Vocês dois salvaram a minha vida —, ele continuou a nos agradecer. Colocamos o médico a bordo de seu avião.

Dias depois, ele escreveu à embaixada, agradecendo pela ajuda que lhe fora prestada — o que resultou em elogios para nós. Descobrimos, mais tarde, que o médico vinha se encontrando com a filha de um chefão mafioso. Ela perdera sua virgindade com ele, que prometera se casar com ela — embora já tivesse feito planos para deixar o país. Quando o chefão mafioso descobriu a trama, pôs o médico "sob contrato". Talvez ele merecesse isso.

Eu já percorrera um longo caminho quanto à recuperação da minha perna ferida. Eu ainda sentia dores, todos os dias, e passava várias noites insones. O trabalho de segurança diplomática era muito fácil — especialmente em comparação às missões do SEAL Team Six: um verdadeiro passeio. Eu sabia que jamais voltaria a estar capacitado para cumprir missões difíceis.

Após haver completado a missão de segurança diplomática, retornei à Equipe. Lá, fazíamos nossos exercícios rotineiros: corridas, "casa de assassinato" e pistas de tiro. Eu percebi: *Isto não vai funcionar.*

Falei com o mestre-líder, comandante do Team Six. "Vou fazer minhas malas e voltar para a Geórgia. Tenho dores constantes. Minha perna treme o dia todo e tenho dores nos quadris e no pescoço. Não consigo dormir muito bem." Àquela época, eu não sabia precisar o que havia de errado comigo. Tendo ajustado meu jeito de andar em função do ferimento a bala que sofrera, eu me movimentava de maneira completamente errada. Meu pé rotacionado para fora estava afetando os meus quadris. Meu pescoço compensava a desestabilização deslocando-se para o lado oposto. Era tal como acontece com uma casa: se as fundações cedem e a construção inclina-se para a direita, o telhado acompanha o movimento — exceto pelo fato de o meu pescoço inclinar-se na direção oposta.

— Eu sei exatamente de onde você vem —, disse-me o comandante. — Posso transferir você para qualquer Equipe que desejar. Posso enviá-lo ao BUD/S, para servir como um instrutor. Você pode assumir o comando de qualquer divisão, aqui: operações aéreas, operações com botes, demonstrações... Qualquer coisa que você queira fazer. Basta dizer-me o que é, e a vaga será sua.

Eu jamais seria capaz de fazer o que os meus companheiros de Equipe faziam. Lembro-me de subir as escadas de uma "casa de assassinato" tendo atrasado a marcha dos três sujeitos que vinham atrás de mim. Isso jamais me acontecera, antes. Eu sabia quando estava no auge da minha capacidade. E, agora, eu não estava. Aquela era uma realidade muito difícil de encarar. *Já não sou tão bom, nem tão rápido; e meus sentidos não são mais tão aguçados quanto costumavam ser. Definitivamente, não possuo mais a capacidade física que costumava ter.*

— Muito obrigado, mestre-líder, mas eu não sou um dos rapazes da Equipe capacitado para desempenhar essas funções. Prefiro seguir adiante, vivendo a próxima fase da minha vida. Fazer algo diferente; ver o que há no mundo, lá fora...

Durante a maior parte da minha vida adulta eu estive envolvido com os militares. Agora, eu embarcaria em uma nova aventura: *O que eu poderei fazer no mundo civil?*

16.
Peixe Fora d'Água

Fora da vida militar, minha situação oscilaria entre a opulência e a miséria. Enquanto corria o processo da minha aposentadoria da Marinha por razões médicas, eu recebi uma oferta para treinar as equipes de segurança para os Jogos Olímpicos de Verão de 1996, em Atlanta. Os 1.500 dólares semanais que eu recebia me pareciam uma dinheirama, então — especialmente se comparados ao soldo que eu recebia, como militar. Afinal, deixei a Marinha e aceitei o emprego Além disso, eu treinei o pessoal do Escritório Federal de Operações Especiais em Prisões e Equipes de Resposta. Isto envolvia muitas viagens. Cobrando quinhentos dólares por dia, eu achei que ficaria rico.

No jogo das táticas, eu era muito bem pago a cada missão; mas as missões iam e vinham. Entre uma missão e outra, eu lutava com as dificuldades financeiras.

Esperando obter maior estabilidade, tornei-me um oficial de polícia, ao norte de Miami Beach, em Hallandale Beach, na Flórida — um lugar famoso por suas corridas de galgos e pelas ondas de turistas canadenses que costumam frequentá-lo. Depois de mais de meio ano de treinamento, tornei-me um policial, como aqueles que, certa vez, me trataram tão bem, quando eu era criança.

Quando eu saía em patrulhamento, usava óculos de sol *Revo*, fabricados com tecnologia da NASA, pela mesma companhia óptica italiana — a *Luxottica* — que é proprietária da *Ray-Ban* e da *Oakley*. Os óculos *Revo* têm as lentes mais claras e proporcionam a melhor proteção polarizada, e são

muito confortáveis. Devido ao fato de ser um novato, eu tinha de viajar em um carro-patrulha em companhia de um oficial de treinamento e recrutamento (OTR). Certo dia, avistamos um *Cadillac* roubado rodando à nossa frente. Ordenei ao motorista que parasse o carro. Outro carro-patrulha juntou-se ao meu, e ambos ligamos as sirenes. O *Cadillac* roubado estacionou. Assim que o carro parou, o passageiro — um garoto negro e magro, que andava pelo final da adolescência — saltou e saiu correndo em disparada. Paramos nosso carro atrás do carro roubado. Meu OTR saltou do assento do passageiro do nosso carro-patrulha, correu para o *Cadillac* roubado e apreendeu o motorista — um garoto obeso. Após abrir a porta do meu lado, no assento do motorista, meus pés tocaram o asfalto já em plena corrida.

Persegui o garoto que corria pelo que pareceu ser uma eternidade, saltando sobre sebes e cercas, e passando debaixo de arbustos. Meu cassetete caiu, em alguma altura da corrida. O microfone de rádio preso à minha lapela também caiu, ficando dependurado pelo cabo e sendo arrastado atrás de mim. Porém, não perdi meus óculos de sol. Corremos através dos quintais de residências, até terminarmos adentrando os limites do município vizinho, South Hollywood. De repente, perdi o contato visual e auditivo com o corredor. Um homem que regava o gramado no jardim diante de sua casa, apontou-me os fundos de sua residência, mas o corredor avistou-me e tornou a partir em disparada. Afinal, ele correu através de uma rua e eu consegui imobilizá-lo sobre o asfalto. Um policial que passava em uma motocicleta ajudou-me a capturá-lo. Senti-me muito bem ao conseguir apanhar o garoto.

— Esta é a perseguição a pé mais longa de que já ouvi falar —, disse-me o policial

Se o garoto não tivesse de ficar segurando suas calças muito largas para que não caíssem, durante todo tempo que durou a corrida, ele poderia haver-me escapado. Quando o coloquei novamente em pé, após tê-lo algemado, suas calças desceram-lhe pelas pernas. Apanhei outro par de algemas flexíveis, levantei-lhe as calças e as prendi, por um dos passantes, às

novas algemas, que conectei àquelas que o manietavam, para que suas calças não tornassem a cair.

Meu OTR chegou, a bordo do nosso carro-patrulha O rapaz virou-se e olhou para a tarjeta identificativa com o meu nome.

— O senhor não vai me bater, policial Wasdin?

— Claro que não. Por que você está me perguntando isso?

— Eu só pensei que era isso que vocês, policiais, faziam. Bater na gente. Foi por isso que eu corri.

— Cara, você faz uma ideia muito errada sobre os policiais.

Quando comecei a colocá-lo dentro do carro, outro policial aproximou-se e, realmente, empurrou o garoto para o interior do veículo.

— Ei! Tire suas mãos do meu prisioneiro —, disse eu. — E não volte a tocar nele.

Mais tarde, ouvi críticas ao meu comportamento, de alguns sujeitos que já estavam na profissão havia muito mais tempo do que eu.

— Você deveria ter sido mais duro com aquele garoto. Devia ter mostrado a ele que não se deve fugir de policiais. E há maneiras e "maneiras" de se algemar uma pessoa...

Eu compreendia o ponto de vista deles, mas não compartilhava dele. Aquele não era o tipo de trabalho policial que eu faria. Afinal, revelou-se que fora o garoto obeso quem roubara o carro. O corredor era apenas uma "mula", que provavelmente recebesse vinte ou trinta dólares por dia para transportar *crack* e, então, levar o dinheiro das vendas a um traficante. Ele tinha três ou quatro pedras de *crack* em seu poder. Os traficantes usam garotos com menos de dezoito anos de idade para vender suas drogas, pois estes não podem ser processados como adultos.

Coloquei o motorista obeso no banco traseiro do carro-patrulha, sentando-o ao lado do corredor, e parti.

— Por que você não levantou esse seu traseiro gordo e correu, também? —, perguntou o corredor.

— Neguinho, por favor. Você foi apanhado por um homem branco —, argumentou o garoto gordo. — Do que você está falando?

— Sim, mas esse não é um homem branco comum. A cada vez que eu me virava para trás, ele ainda estava em meu encalço.

Eu sorri.

No Departamento de Polícia de Hallandale Beach, eu processei os dois suspeitos. Então, levei-os ao Departamento do Xerife do Condado de Broward, para colocá-los no xadrez. Notei que as mãos e os joelhos do corredor estavam machucados, devido a eu tê-lo imobilizado sobre o asfalto. Ele iria precisar de alguns pontos de sutura. Uma vez que cabe ao policial que o aprisiona a responsabilidade sobre o prisioneiro, levei-o a um hospital para que fosse tratado.

Após haver registrado a entrada do garoto no hospital, teríamos de enfrentar uma espera de 45 minutos. Como eu tivesse perdido minha hora de almoço, algemei o prisioneiro a uma barra de apoio fixada na parede e fui a uma lanchonete do *McDonald's* que havia dentro das dependências do hospital. Voltei e comi em sua presença um grande "quarteirão". O garoto ficou olhando para o meu sanduíche.

— Você está com fome? —, perguntei.

— Hã... Não muita...

— Quando foi a última vez que você comeu alguma coisa?

— Tomei um pouco de sopa, ontem à noite.

"Oh, droga!" Voltei ao *McDonald's* e comprei-lhe um "quarteirão". Quando voltei, perguntei ao garoto:

— Se eu for legal com você e pagar-lhe um sanduíche, vou ter de correr atrás de você outra vez, se livrá-lo dessas algemas e deixar que você coma como um ser humano?

— Não, senhor, policial Wasdin. Eu prometo: não vou mais fugir. Eu prometo!

— É que eu estou cansado, sabe? Se você sair correndo novamente, posso simplesmente atirar em você.

Nós dois rimos.

Retirei-lhe as algemas, e ele me agradeceu por isso. Ele devorou o sanduíche; então, voltamos à lanchonete para comprar mais comida para ele.

Quando ele terminou de comer, sentamo-nos na sala de espera do setor de emergências.

— Você não é como a maioria dos policiais, não é? —, perguntou ele.

— Há mais policiais como eu do que você imagina.

— Jamais pensei que um policial fosse comprar-me alguma coisa para comer.

— Sabe de uma coisa? Se você se aproximar da maioria dos policiais e pedir-lhes algo para comer, é muito provável que eles arranjem alguma coisa para você. Eles não lhe darão dinheiro, mas, certamente irão conseguir um pacote de biscoitos ou algo assim, para você.

— Obrigado.

Ele era muito bem-educado, e não parava de me agradecer. Ele parecia ser um bom garoto, que apenas se metera com as companhias erradas. Eu me senti bem por poder ajudá-lo daquela maneira; mas sentia-me mal ao saber quão precária era a situação em que ele vivia.

Tempos depois, sempre que ele me visse pelas ruas, fazia questão de parar o que quer que estivesse fazendo e acenar para mim. Às vezes, ele até mesmo parava para conversar, um pouco

Por umas duas semanas após a perseguição a pé, meu corpo ainda pagava o preço por isso. Meu pescoço e a parte inferior das minhas costas estavam me matando. Um policial de North Miami Beach me recomendara, várias vezes, que eu fizesse uma visita a uma quiroprática, mas eu jamais lhe dera ouvidos. Agora, eu estava desesperado. Lembrei-me da quiroprática que o embaixador Negroponte consultava.

Afinal, um dia, resolvi que iria fazer uma consulta. A quiroprática avaliou minha situação.

— Para compensar o ferimento a bala que você recebeu, seu pé desenvolveu uma rotação para fora, a qual veio a afetar seus quadris. A partir dali, a lesão encontrou um caminho, subindo pela sua coluna até o pescoço. É por isso que você não consegue dormir bem e sente dores constantes.

Após três sessões de ajustamento, consegui dormir durante uma noite inteira, depois de muitos anos, praticamente livre das dores. Tudo isso por haver visitado uma quiroprática apenas duas vezes por mês. Puxa! Após todos os neurologistas, os cirurgiões ortopedistas e outros médicos, foi uma quiroprática quem restituiu minha qualidade de vida.

Até aquela altura, eu achava que os quiropráticos fossem uma espécie de massagistas, ou alguma coisa parecida. Eu não fazia ideia de que eles haviam estudado para serem médicos, também. *Há algo realmente especial nesse negócio de quiropraxia.*

Enquanto trabalhei como oficial de polícia, não me deparei com nenhum garoto que tivesse marcas de surras como as que me eram aplicadas semanalmente, quando eu era criança. Se houvesse encontrado algum, não faria perguntas: entregaria a criança aos cuidados das autoridades e mandaria o pai diretamente para a cadeia.

Do ponto de vista financeiro, como um pai solteiro, percebi que não poderia me sustentar e ao meu filho sendo um policial. Quarenta e dois mil dólares de renda anual podiam significar muita coisa em Jesup, na Geórgia; mas não em Hallandale Beach, na Flórida.

O principal fabricante mundial de blindagens de uso pessoal para as forças armadas e para a polícia, a *Point Blank Body Armor*, uma divisão da empresa *Point Blank Solutions – PACA* (*Protective Apparel Corporation of America*; "Corporação Americana de Aparatos de Proteção"), ofereceu-me um emprego no Tennessee. Então, eu abandonei a carreira de policial e aceitei o novo trabalho. Passando a viver em uma cidade pequena, eu me sentia rico. Blake adaptou-se bem à sua nova escola, e a vida transcorria suavemente.

Como parte de um plano de promoção de blindagens de uso pessoal, a *Point Blank* designou-me para ensinar técnicas da SWAT a Kane Kosugi, um ator de filmes de artes marciais nipo-americano que estrelava uma série televisiva de grande sucesso chamada *Muscle Ranking* (*Kinniku Banzuke*). Kane usava um colete SMART (*Special Mission and Response Team*;

“Missões Especiais e Equipes de Reação”) que eu desenhara. Ele era um aluno aplicado e aprendia rapidamente.

Representando a *Point Blank*, eu fazia viagens internacionais o tempo todo: para Abu Dhabi, Dubai, Paris e para onde quer que houvesse um grande contrato a ser fechado com forças militares ou policiais. Blake ficava em casa de amigos, enquanto eu estivesse fora. Quando a *Point Blank* mudou de mãos, eu não me dei bem com a nova administração.

Mudei-me de volta para Jesup, para que Blake e eu pudéssemos ficar mais próximos da minha filha, Rachel. Eu havia traçado um plano para treinar uma força policial SWAT nos Emirados Árabes Unidos, através de um contato na Suíça. Meu amigo Tom McMillan havia-me assegurado a utilização de uma pista de tiro em Folkston, na Geórgia, para facilitar o treinamento. Aquilo seria ótimo: eu jamais havia ganhado cinco mil dólares por semana, antes; e estava ansioso para fazer com que meus anos de treinamento militar, afinal, me rendessem uma boa compensação financeira. No dia 11 de setembro de 2001, estávamos efetivando as últimas etapas do planejamento quando as torres gêmeas do *World Trade Center* foram atingidas por terroristas. Aquilo mudou tudo, colocando o treinamento em modo de espera. Em busca de uma solução temporária, até que a situação pudesse ser resolvida, o Irmão Ron aconselhou-me a procurar um emprego:

— Você irá se sair bem com isso. Vendedor de automóveis da *General Motors Company*.

Eu tinha de fazer alguma coisa; e, para pôr comida na mesa, aceitei o emprego. Para minha surpresa, ganhei mais dinheiro vendendo carros do que jamais ganhara fazendo qualquer outra coisa, até então. Os clientes me adoravam, e Blake pôde cursar o ensino médio.

Eu comecei até mesmo a marcar encontros e sair com mulheres. Porém, uma das minhas “namoradas” revelou-se uma autêntica espreitadora. Ela telefonava para mim e dizia:

— Geralmente você leva vinte minutos para sair do trabalho e chegar em casa. Hoje, você levou trinta e cinco minutos. O que aconteceu?

— Você está falando a sério?

Minha prima Sandy, brincando comigo, disse-me pelo telefone, certa noite:

— Ela está lá fora, escondida em meio às suas azáleas, espiando pela sua janela.

Eu ri, e Sandy também riu.

Quando desliguei o telefone, pensei: "Acho melhor eu dar uma olhada, só para conferir..." A "espreitadora" não estava em meio às azáleas do meu jardim — mas, sim, sentada em seu carro, a uma quadra de distância da minha casa, vigiando-a. Essa era uma situação extremamente frustrante: parecia que eu simplesmente não conseguia encontrar a mulher certa.

Noutra ocasião, saí para me encontrar com uma mulher extremamente atraente. Sentindo as "vibrações", eu estava pronto para uma noite de sexo — depois de muito tempo. Enquanto jantávamos em um restaurante, perguntei a ela:

— O que você gosta de fazer? Você tem lido bons livros, ultimamente?

— Eu não leio nada desde que saí do colégio, onde eu era obrigada a ler.

— O que você faz, como *hobby*?

— Ah! Eu fico escutando o rádio da polícia, com um receptor especial que tenho em casa, e assisto "as lutas".

Tentei conservar uma expressão impassível.

— É, mesmo?

— É, sim! Escutar o rádio da polícia faz com que eu me sinta mais conectada à nossa comunidade. Assim, eu sempre fico sabendo quem se meteu em encrencas, e onde está o agito. Quando está para acontecer uma prisão, ou algum lugar pega fogo, eu vou até lá e assisto a tudo.

Santo Deus!

— E quanto ao seu outro *hobby*...?

— "As lutas". Eu gosto do Steve Austin, o Homem Frio como Pedra.

Se ela pudesse manter sua boca fechada, seria ótimo. Após o jantar, levei-a para sua casa e, ao despedir-me, sequer lhe dei um beijo de boa-noite.

Ela ficou chateada.

Não vou mais marcar esses encontros. Não há mulheres no Condado de Wayne com as quais eu queira sair.

Numa tarde de sábado, no dia 19 de janeiro de 2002, eu estava voltando para casa, dirigindo minha caminhonete e levando duas caixas de frango frito do *Restaurante Familiar da Sybil*. Havia gente que viajava mais de 150 quilômetros apenas para comer o frango da Sybil. Blake e eu planejáramos comer o frango enquanto assistiríamos ao filme *O Brother, Where Art Thou?* ("E Aí, Meu Irmão, Cadê Você", no Brasil), que eu já havia alugado numa videolocadora. Meu primo Edward telefonou-me, dizendo:

— Deidre e eu vamos sair, hoje à noite. Ela tem uma amiga, e nós queríamos que você viesse com a gente...

Uma emboscada clássica.

— Não —, disse eu.

Dois minutos depois, Deidre telefonou:

— Howard, por favor. Jamais pedi a você que fizesse qualquer coisa. A Debbie acaba de terminar um casamento realmente infeliz, e ela vai sair conosco, mas não quer ficar "segurando vela". Venha, apenas para fazer-lhe companhia. Você é um sujeito que aprecia uma boa diversão... E eu jamais irei pedir que você faça qualquer outra coisa, eu juro. Apenas faça isso, por mim...

Uma rematada "manipulação de culpa". Eu estava irritado, mas larguei as caixas de frango e disse:

— Blake! Eu tenho um encontro.

— Sério? Pensei que você não quisesse mais ir a encontros...

— É. Eu também pensei...

Edward e Deidre levaram-me ao apartamento de Debbie. Deidre disse a ela:

— Este é o cara sobre quem eu lhe falei. O cara que precisa arranjar um encontro.

Deidre havia "armado uma cilada" para Debbie e para mim.

Nós quatro saímos em um único carro. Assumi uma atitude do tipo *"Ei, eu sou Howard Wasdin. Você deve curvar-se perante mim. Demonstre o*

devido respeito."

Ela retribuiu-me o gesto, assumindo uma atitude do tipo *"Ei, eu não ligo para quem você seja."*

Puxa! Essa é diferente. E ela sabe falar frases completas, usando palavras com mais de duas sílabas. De onde, diabos, veio essa mulher?

Nós terminamos participando de um grande jantar, rindo muito e apreciando mutuamente a conversa e a companhia. Nós demonstramos, até mesmo, nosso apreço por Edward, ao utilizarmos apenas palavras que ele pudesse compreender.

Eu me lembro da primeira vez que a minha mão tocou a dela. Estávamos assistindo a um vídeo de erros engraçados da revista *Sports Illustrated*, em companhia de Deidre e Edward. A centelha de energia daquele toque percorreu nossos corpos, dos pés à cabeça. Estendemos o programa por mais alguns minutos, então decidi levar Debbie de volta ao seu apartamento, no meu carro.

Quando chegamos à sua casa, decidimos continuar a conversa, lá dentro. Nossa conversa levou-nos ao riso; o riso levou-nos a estabelecer uma conexão. A conexão levou a um beijo, e aquele beijo abalou o meu mundo. A química entre nós era diferente de tudo o que eu já experimentara. Perdi a noção do tempo, mas sabia que se eu quisesse continuar a agir como um cavalheiro, seria melhor ir embora, naquele momento. Nós dois estávamos cegos. Nenhum de nós estava buscando um relacionamento. Nenhum de nós queria assumir um relacionamento; mas nossos anjos guardiães nos colocaram no lugar certo, no momento certo.

Caminhamos até a porta, para desejar-nos boa-noite. Ter de ir-me embora acabou com o meu autocontrole.

— Eu me diverti muito, esta noite —, disse eu.

— Eu também.

— Por que você não telefona para mim, amanhã? —, perguntei.

Ora, eu havia sido criado em Screven, Geórgia, por pais inflexíveis, que não admitiriam nada menos que um comportamento cavalheiresco da minha parte. Não que eu tivesse deixado de ser um cavalheiro; mas tratava-

se do fato de eu ser Howard Wasdin. Eu não precisava apanhar um telefone e ligar para uma mulher: elas ligavam para mim. Porém, aquela garota havia sido criada para portar-se como uma *dama*.

— Não sei onde você cresceu, mas minha mãe não me criou para que eu ficasse ligando para os rapazes. Se quiser falar comigo, você terá de telefonar para mim —, disse ela, fechando a porta.

Puxa vida! Aquilo me atingiu. *As garotas que telefonam para os rapazes, hoje em dia, não compreendem. Elas estão perdendo a emoção de serem perseguidas.*

Dirigindo, a caminho de casa, comecei a perceber a realidade, novamente. O limite de velocidade, por onde eu passava, era de 90 km/h; mas duvido que eu tenha rodado a mais de 70 km/h. Eu me sentia constrangido e desapontado comigo mesmo. Embora eu tivesse sido criado para portar-me como um cavalheiro, eu me tornara arrogante. Ela estava absolutamente certa. *O que há de errado comigo?* Eu poderia ter feito melhor do que dizer "Ei, eu sou Howard Wasdin. Ligue para mim." Passei a respeitá-la ainda mais.

No domingo, esperei o dia inteiro. Cheguei a começar a discar o número do telefone dela, várias vezes; mas não completei a ligação. *Ora, ela vai ligar para mim.*

Ela jamais ligou.

Na manhã da segunda-feira, eu liguei para ela, e fomos almoçar juntos. Quando chegou o fim de semana, nos encontramos novamente. A cada fim de semana depois daquele, voltamos a nos encontrar; até nos casarmos. Embora eu tivesse jurado que jamais voltaria a me casar, o Irmão Ron uniu Debbie e eu em matrimônio, no dia 17 de janeiro de 2003. Até hoje, quando encontramos com ele, em público, ele percebe quão felizes nós estamos e faz o seguinte comentário: "Quando uni vocês dois, usei uma cola muito boa."

Vender automóveis não era um trabalho gratificante, ainda que o bom povo do Condado de Wayne fizesse questão de comprar seus automóveis de mim, como demonstração do carinho e da gratidão que sentiam. Eles me

conheciam, pois eu havia crescido em meio à sua comunidade, e mostravam-se gratos pelos serviços que eu prestara como militar. Eu havia pensado em tornar-me um quiroprático, mas tentara trabalhar como funcionário de uma indústria química. Meu velho amigo da CIA, Condor, falou-me a respeito de um emprego junto a uma empresa de segurança no Brasil. Provavelmente, eu terminaria trabalhando no ramo de segurança pelo resto da vida, tal como outros sujeitos egressos das Equipes. *Trabalhe com segurança, até que você esteja velho demais para isso, ou morra.*

Em outubro de 2004, Debbie e eu conversamos com o meu representante junto ao departamento de Casos Relativos aos Veteranos. A instituição poderia pagar os custos de uma faculdade, para que eu me tornasse um quiroprático. Debbie e eu fomos visitar a universidade, mas, durante o caminho de volta, eu mencionei todos os motivos pelos quais achava que não deveria cursá-la. "Eu não conseguirei trabalhar em tempo integral e estudar, em tempo integral. Nós teremos de 'apertar os cintos', restringindo nosso orçamento doméstico. Isso vai levar muito tempo. Eu teria de morar perto da escola, até que me formasse. É um longo caminho para dirigir todos os dias, na ida e na volta..."

Debbie, então, decidiu "hastear a bandeira da sinceridade".

— Você pode passar o resto da sua vida sentindo-se miserável — jamais sentindo-se realizado e sem encontrar um trabalho de que você realmente goste, outra vez —, ou você pode cursar essa faculdade. Quanto antes você começar a fazer isso, mais cedo irá terminar; e você poderá sentir-se feliz com sua ocupação, novamente. Se não fizer isso, você poderá olhar para trás, daqui a quatro anos, e dizer "se eu tivesse cursado aquela faculdade, estaria me formando, agora..."

Eu havia me casado com a mulher certa.

Em janeiro de 2005, comecei a cursar a faculdade que me tornaria um quiroprático, na *Life University*, em Marietta, Geórgia. Embora eu gostasse de estudar ali, uma pequena porcentagem dos meus colegas de curso era composta por *hippies* malucos, que se opunham aos médicos, injeções e às terapias medicamentosas tradicionais. Até mesmo um dos nossos mestres

dizia: “Eu não aplicaria uma técnica de ressuscitação cardiopulmonar ou de respiração boca a boca em alguém que estivesse morrendo.” Em vez disso, ele tentaria submeter a pessoa moribunda a um ajustamento quiroprático, e pronto. Um marido e uma esposa, ambos quiropráticos, haviam conhecido um ao outro e se casado enquanto ainda estudavam na escola. Três anos após sua formatura, a esposa morreria em decorrência de uma infecção auditiva, porque ambos recusavam-se a permitir que ela fosse submetida a um tratamento médico convencional. Antibióticos comuns poderiam ter salvado a vida dela. Contudo, a atitude de ambos era presumir que a quiropraxia era a única disciplina pura dedicada a curar as pessoas. O “mantra” deles era “o que é inato, proverá”. Eles me faziam lembrar do curandeiro que, sem obter sucesso, tentava tratar do garoto a quem ajudamos, na Somália. A maioria dos meus colegas de classe e dos nossos professores, porém, não pensava dessa forma — nem os quiropráticos, de modo geral, o fazem. No entanto, é essa pequena porcentagem de “malucos” que empresta à quiropraxia uma reputação nada lisonjeira.

Enquanto eu cursava meu último ano na faculdade, meu pai sofreu um aneurisma na aorta abdominal. Sua artéria abdominal estava inflando como um balão.

17.
Cura

Dirigi por mais de 430 quilômetros para visitar meu pai no hospital, em Savannah — embora as aparências fossem enganadoras. Encontrei-o desperto, brincando com as minhas irmãs. O médico cirurgião disse-me:

— Seu pai vai ficar bem. Ele está em recuperação, agora.

Então, naquela noite, eu o deixei, para preparar-me para os exames finais na *Life University*.

Algumas horas mais tarde, quando eu já havia chegado de volta em casa, minha irmã, Sue Anne, telefonou-me, dizendo que o nosso pai havia sofrido um ataque cardíaco. Uma hora depois, por volta da meia-noite, meu primo Greg deu-me a notícia de que Papai havia falecido. Ninguém poderia haver previsto isso.

Tentei fazer os meus exames, de todo modo. Durante a primeira prova do meu exame final, a Dr.ª Marni Capes disse-me:

— Howard, você precisa levantar-se e sair daqui, agora mesmo.

— Não, não. Eu posso prestar o exame. Eu posso fazer isso.

Descobri, então, que eu não era tão "durão" quanto pensava que era. Minha cabeça não estava ali. Desde que me tornara um SEAL, eu não me preocupava mais com o fato de Papai haver-me surrado tantas vezes, durante a minha infância. Nosso relacionamento melhorara. Após minha estada na Somália, eu dissera a ele que o amava, pela primeira vez na vida. A partir de então, voltara a dizer a mesma coisa, a cada vez que o via. Nós nos abraçávamos. A passagem do tempo havia suavizado sua rudeza, também.

Durante uma reunião de família, pouco antes de sua morte, ele me disse que aprovava minha nova esposa, Debbie. "Ela é uma mantenedora. Não estrague as coisas." Ele a amava. Quanto à minha nova profissão, ele dissera:

— Quando você inaugurar sua própria clínica, eu serei um dos seus primeiros pacientes.

Essas palavras — vindas de um homem que jamais iria a um médico, a menos que estivesse morrendo — revelavam seu desapego do passado e sua confiança em meu futuro como quiroprático, e significaram muito para mim. Eu recebera a aceitação, o respeito e a aprovação do meu pai; coisas pelas quais eu sempre ansiara.

Minha mãe disse-me que, no final de sua vida, Papai sentia-se desapontado por não ter mantido um relacionamento melhor comigo. Eu não tive coragem de dizer a ela que enquanto eu vivi em casa, ele sempre agira como um ditador. Ele não conversava comigo; por isso jamais construímos um relacionamento. Eu não chorei tanto pela sua morte quanto chorara pela morte do Tio Carroll. Quando era criança, eu podia fazer perguntas ao Tio Carroll, tais como: "É normal que eu acorde todas as manhãs com o meu pipi duro? Há algo errado comigo?" Meu tio riria e me responderia: "Não, filho. Isso é normal." Apesar de tudo, meu pai criou-me da única maneira que sabia, e eu fiquei triste quando ele morreu.

Certo dia, cerca de nove meses depois, Blake perguntou-me, "do nada":

— Você gostaria de reencontrá-lo?

— Reencontrar a quem? —, perguntei.

— O seu verdadeiro pai.

Meu pai biológico poderia passar por mim, no mercado local, e eu não o reconheceria.

— Sim, Blake. Você sabe, eu acho que gostaria, sim.

Fizemos uma busca pelo seu nome e o encontramos. Então, telefonei para ele. No Natal, eu fui ao encontro de Ben Wilbanks, meu pai biológico. Ben contou-me que a minha mãe nos apanhara, ainda crianças, e fugira para a Geórgia, com Leon. Na minha mente, a história de Ben, de certa maneira, explicava a repentina mudança da Flórida para a Geórgia e o rápido

processo de adoção. Eu estava inclinado a acreditar em sua versão, principalmente pelas histórias contraditórias que ouvira das minhas irmãs e da minha mãe. Ben disse que passara anos procurando por mim, sem conseguir encontrar-me. Ele revelou-se um dos homens mais afáveis e carinhosos que já conheci; e, quando me abraçou, eu soube que aquele era um abraço sincero. Ao haver conhecido Ben Wilbanks, pareceu-me poder explicar de onde provinha minha natureza afetuosa; minha inclinação para a compaixão e a emotividade. Ben servira ao Exército, como policial militar, e trabalhara pela maior parte de sua vida como motorista de caminhão — profissão que ele ainda exercia.

Blake e eu continuamos a manter um relacionamento com meu pai biológico, o avô de Blake. O que quer que tenha acontecido entre minha mãe e Ben, ela ainda não o havia perdoado. Nem esquecido. Da minha parte, recusei-me a endossar decisões que eles tomaram durante sua juventude, posicionando-me contra qualquer um deles; pois, no futuro, não queria ser visto com desprezo por quaisquer decisões que tivesse tomado durante minha própria juventude.

Quando estava me preparando para graduar-me em clínica médica, recebi uma mensagem do capitão Bailey. Ele vira em uma revista um artigo sobre mim, na clínica de seu médico quiroprático, e me enviara um e-mail parabenizando-me e perguntando se eu me lembrava dele, dos tempos do treinamento de BUD/S. Eu não precisaria "puxar pela memória" para lembrar-me do meu oficial-comandante no BUD/S: eu poderia estar em meu leito de morte e ainda conseguiria lembrar-me dele, liberando-nos da "Semana do Inferno".

Graduei-me, com honras, como um médico quiroprático, no dia 24 de setembro de 2009. Eu sempre fora uma pessoa que tinha de "ver para crer" e resisti a consultar-me com um profissional quiroprático por um longo tempo, até dar-me conta de que as drogas químicas não poderiam consertar meus problemas estruturais. As drogas químicas podiam apenas mascarar as dores que eu sentia. Um clínico geral não pode fazer tudo por um paciente; do mesmo modo que um quiroprático também não pode fazer tudo. Por

haver trabalhado em equipe, como fizera durante toda a minha vida, aprendi que podemos nos tornar mais eficientes. Os médicos locais enviavam pacientes para mim, e eu enviava pacientes a eles. Com isto, os pacientes eram os maiores beneficiados.

Quando comecei a atender meus primeiros pacientes, eu soube que havia tomado a decisão certa. Eles confiavam em mim, e eu compreendia o que havia de errado com eles. Eu os ajudava a sentirem-se melhor, e eles me adoravam por isso.

Atualmente, estou totalmente focado em minha nova carreira. A construção da minha clínica — a *Absolute Precision Chiropractic* ["Quiropraxia Precisão Absoluta"] — foi concluída em abril de 2010. Desde o dia em que abri suas portas, tenho sido abençoado com dias de trabalho muito intenso, tratando dos membros da comunidade local e de comunidades próximas. Um dos meus pacientes, um garoto de treze anos de idade, vinha sofrendo de dores de cabeça crônicas, havia quatro anos. Revelou-se que ele sofrera um grave acidente automobilístico quando ainda era pequeno, o que causara-lhe a perda da curvatura do pescoço. Ele passou do sofrimento de quase doze crises mensais de dores de cabeça, embora tomasse medicações fortíssimas, para apenas uma ou duas crises ao longo das primeiras dez semanas desde que comecei a tratá-lo. Histórias de sucesso como esta asseguram-me de que eu tomei a decisão correta. Eu realmente sinto que este é o caminho que Deus pretendia que eu percorresse, quando poupou minha vida, na Somália.

Outra confirmação, para mim, ocorreu quando comecei a tratar de uma jovem que sofria de atonia braquial. Seu braço não havia se formado corretamente, e ela tinha uma extensa lesão nervosa: na verdade, ela mal conseguia mover seu braço direito. Eu a tratei com estimulações elétricas, ajustando-a e administrando-lhe outras técnicas quiropráticas. Ela conseguiu mover lateralmente seu braço em um ângulo de 42º. Logo, ela já conseguia flexionar seu braço para a frente, estendendo-o na minha direção, em um ângulo de 45º — pela primeira vez em sua vida. Minha assistente chorou. A garota de quinze anos de idade chorou, devido ao esforço e ao

sucesso que obtivera. O pai dela também chorou, e eu saí da sala — e chorei. Tive de passar alguns momentos ali, até que conseguisse conter as lágrimas Apanhei um lenço de papel e sequei meus olhos. Então, retornei à presença da minha paciente, como se estivesse tudo bem, e disse a ela:

— Bem, aqui está o seu programa de exercícios para a próxima semana.

Vê-la mover o braço após todo o trabalho duro que nós dois fizéramos foi muito gratificante para mim. Poder ajudar pacientes como ela, ajudava-me a aliviar o peso da culpa que ainda me fazia imaginar por que eu ainda estava vivo, enquanto homens muito melhores do que eu, como Dan Busch, não mais viviam. Afinal, pude compreender melhor porque Deus havia me poupado: Ele realmente tinha um propósito para mim, após a minha vida como um SEAL.

Embora Blake já tenha entrado na casa dos vinte anos, quando ele vem visitar-me sempre lhe dou um forte abraço de boa-noite. Dedico a mesma afeição à minha filha adotiva, Eryn, a quem considero tanto quanto meus filhos biológicos. Beijo e abraço minha esposa, Debbie, a cada vez que saio ou chego em casa. Debbie e eu somos tão afeiçoados um ao outro que, quando demonstramos isso em público, nossos amigos nos dizem "por que vocês não arranjam um quarto"? Anos atrás, eu questionava o motivo pelo qual minha vida fora poupada. Hoje, sou grato por Deus havê-la poupado, e igualmente grato pelo caminho que se abriu diante de mim. Novamente, tenho uma mentalidade positiva e saudável, em relação ao meu corpo e à minha alma. Tanto ao nível profissional quanto pessoal, minha vida é boa, novamente.

Epílogo

Quatro piratas somalis abordaram o navio cargueiro norte-americano *MV Maersk Alabama*, a 450 quilômetros da costa da Somália — fazendo dele o primeiro navio registrado e ostentando a bandeira norte-americana a ser sequestrado desde os anos 1800. Os piratas fizeram refém ao capitão Richard Phillips, mantendo-o prisioneiro em um bote salva-vidas de 25 pés (7,62 metros).

O *USS Bainbridge* (DDG-96) aproximou-se e solicitou aos piratas que libertassem o capitão Phillips. Um P-3 *Orion* sobrevoou, monitorando a situação. Os piratas recusaram-se a libertar o capitão, até que recebessem um resgate de um milhão de dólares.

Sob o manto protetor da escuridão, uma equipe de SEALs saltou de paraquedas no mar, estabelecendo uma conexão com o *Bainbridge*.

O bote salva-vidas ficara sem combustível, e o vento agitava o oceano. Tornando-se ansiosos devido à agitação do mar, os piratas permitiram que o *Bainbridge* os rebocasse até águas mais calmas.

Na noite de domingo, 12 de abril de 2009, separados por quase trinta metros de distância, o *Bainbridge* e o bote salva-vidas navegavam juntos, no mesmo rumo, em meio à mais completa escuridão. No interior do *Bainbridge*, um dos piratas negociava o resgate milionário. Sobre a cauda em leque do navio, três atiradores de elite e seus olheiros, vestido de preto, observavam o bote salva-vidas, repassando informações sobre toda a atividade que transcorria ao comandante dos SEALs. Mesmo com as lunetas

de visão noturna KN-250 — as melhores —, tudo parecia plano, devido às imagens bidimensionais.

— Tango apontando AK às costas do Hotel —, reportou um dos olheiros. Isto significava que um dos terroristas apontava seu fuzil para o refém.

Dois outros piratas ergueram suas cabeças sobre o convés, para verem o que se passava.

Cada um dos atiradores de elite tinha um quadrado de Velcro aplicado sobre cada um dos lados de seus fuzis *Win Mag*. Aplicados sobre o velcro, havia dispositivos de sinalização. Quando um atirador tivesse um pirata sob mira, ele acionaria o dispositivo, enviando um sinal ao comandante dos SEALs na forma de uma luz verde brilhante. Haveria uma luz para cada atirador de elite.

Através de seus fones de ouvido, os atiradores ouviram pelo rádio o seu comandante dar-lhes a ordem de execução:

— Esperem... Esperem... Três, dois, um... Executem! Executem!

Da cauda em leque do *Bainbridge*, três atiradores de elite dispararam simultaneamente, alvejando as cabeças dos alvos. Os três piratas tombaram. Uma equipe de assalto, em uma lancha motorizada, abordou o bote salva-vidas e libertou o capitão Phillips; outros SEALs apreenderam o pirata que negociava a bordo do *Bainbridge*.

Mais uma vez, o padrão dos atiradores de elite do SEAL Team Six fora posto à prova; e o padrão permaneceu elevado. A maioria das missões das quais os atiradores de elite participam permanece desconhecida pelo público em geral — tanto quanto por suas próprias famílias e seus companheiros SEALs. É difícil para as pessoas compreender ou apreciar a incrível quantidade de treinamento e os riscos aos quais esses homens são submetidos. Para a maioria deles, seu comprometimento, senso de sacrifício e patriotismo continuará a ser um segredo.

FUNDAÇÃO DO COMBATENTE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

A Fundação do Combatente de Operações Especiais foi criada em 1980 quando o fundo educacional Coronel Arthur D. "Bull" Simons proporcionou educação universitária a dezessete crianças sobreviventes da ação em que nove agentes de operações especiais foram mortos ou permanentemente incapacitados em abril daquele ano, durante a operação "Deserto Um", que transcorreu no Irã, durante a fracassada tentativa de resgate de reféns norte-americanos da Embaixada dos Estados Unidos, em Teerã. Ela foi assim batizada para honrar a memória do lendário "Boina Verde" do Exército, Bull Simons, que arriscou sua vida, por várias vezes, em missões de resgate.

Seguindo-se à criação do Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos, e à medida que as baixas se acumulavam em função de ações tais como as operações "Fúria Urgente" (em Granada), "Justa Causa" (no Panamá), "Tempestade no Deserto" (no Kuwait e no Iraque), e "Restaurar a Esperança" (na Somália), o Fundo Bull Simons foi gradualmente expandindo sua programação para incluir todas as forças de operações especiais. Assim, em 1995, o Grupo de Ação Laços Familiares (fundado para proporcionar apoio às famílias dos reféns iranianos) e o Fundo Escolar Associação Spectre (da Força Aérea), fundiram-se para originar a Fundação do Combatente de Operações Especiais. Em 1998, a Fundação do Combatente de Operações Especiais estendeu a cobertura de seu apoio acadêmico e financeiro às vítimas fatais de atividades de treinamento e operações reais, retroativamente à data da inauguração da Fundação em

1980. Tal ato tornou 205 outros jovens, imediatamente elegíveis para o recebimento de bolsas de estudos universitários. A missão da Fundação do Combatente de Operações Especiais é garantir o custeio de educação universitária a todos os filhos que tenham perdido seus pais em atividades promovidas pelo Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos, nas unidades por ele controladas em quaisquer ramos das Forças Armadas, em missões operacionais ou de treinamento, estando esse pessoal servindo em solo norte-americano ou em bases controladas pelos Estados Unidos em terras estrangeiras. Algumas das maiores concentrações de forças de operações especiais encontram-se nas bases militares de Camp Lejeune e Fort Bragg, na Carolina do Norte; no Acampamento Hurlburt, na Flórida; na Estação Naval Coronado, na Califórnia; em Dam Neck, na Virgínia; na Base da Força Aérea MacDill, na Flórida; em Fort Lewis, em Washington; em Fort Stewart, na Geórgia; em Fort Campbell, no Kentucky; em Little Creek, na Virgínia; em Fort Carson, no Colorado; na Base da Força Aérea Cannon, no Novo México; na Base da Real Força Aérea Mildenhall, no Reino Unido; e na Base Aérea Kadena, no Japão.

A Fundação do Combatente de Operações Especiais compromete-se a conceder bolsas de estudo integrais, e não a fazer *empréstimos*, a mais de 700 filhos de combatentes. Esses jovens são rebentos de mais de 600 homens pertencentes a unidades de operações especiais, que dedicaram suas vidas ao serviço de seu país com elevado senso patriótico, incluindo aqueles que morreram na guerra declarada por nossa nação ao terrorismo, como parte da operação "Liberdade Duradoura" no Afeganistão e nas Filipinas, bem como na operação "Liberdade Iraquiana".

Até a presente data, 121 filhos de combatentes de operações especiais mortos já obtiveram graduações em cursos de nível superior. Aos filhos de militares de todas as denominações têm sido oferecidas — e recebidas — bolsas de estudo pela Fundação do Combatente de Operações Especiais.

Contatos e informações:
Fundação do Combatente de Operações Especiais

(Special Operations Warrior Foundation)
P.O. Box 13483
Tampa, FL 33690
www.specialops.org
E-mail: warrior@specialops.org
Telefone (ligação gratuita): 1-877-337-7693

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos de Howard

Quero agradecer ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo por todas as bênçãos. Agradeço aos anjos guardiães, que me mantiveram vivo enquanto eu trilhava o caminho do mal.

Sou profundamente grato ao povo do Condado de Wayne, na Geórgia, que sempre me apoiou e tem sido uma fonte de força, motivação e inspiração.

Agradeço especialmente aos meus pacientes, que permitiram que eu fosse seu quiroprático. Eu amo todos vocês.

Agradeço ao meu coautor, Steve Templin, que ajudou a ressuscitar o projeto deste livro, tendo trabalhado incansavelmente para aperfeiçoá-lo.

Sinto-me verdadeiramente abençoado pelas duas carreiras que tive a oportunidade de seguir, as quais foram/são excepcionais e que amei verdadeiramente. Sou feliz por trabalhar todos os dias ajudando às pessoas, as quais — por mais piegas que isto possa parecer — são a razão primeira pela qual eu me tornei um SEAL.

Deus abençoe os Estados Unidos da América e nossos homens e mulheres combatentes.

Agradecimentos de Steve

Tenho sido abençoado. Durante o Treinamento Básico de Demolição Subaquática dos SEALs — BUD/S — frequentei a Turma 143, onde conheci Howard Wasdin. Havíamos concluído mais um dia de treinamento

estafante, quando Howard perguntou: "Quem quer me acompanhar em uma corrida na praia". Eu pensei que ele fosse maluco. *Não havíamos tido o suficiente para um dia?!* Ainda mais malucos eram os sujeitos que o seguiram. Howard e eu nos tornamos amigos. Nós ficávamos em companhia dos outros sujeitos em Tijuana, aos sábados, e ele me arrastava para a igreja aos domingos. Nossos caminhos se separaram quando eu me feri e fui transferido de volta para a Turma 144, mas jamais o esqueci.

Anos mais tarde, enquanto esperava por um voo no Aeroporto Internacional de Los Angeles, entrei em uma livraria, para matar o tempo, e vi-me em meio a uma "zona de guerra": eu havia apanhado o excelente livro de Mark Bowden, *Black Hawk Down* ["Falcão Negro em Perigo"]. Procurei no índice remissivo para ver se o nome de algum SEAL constava dali. Para minha surpresa, encontrei o nome de Howard. *Caramba!* Pensei que, com certeza, alguém escreveria o restante de sua história; e eu seria o primeiro a comprar o livro. No entanto, anos se passaram sem que nenhum livro surgisse. Graças ao *Facebook*, pude restabelecer meu contato com Howard. Senti-me afortunado por ele haver esperado para contar sua história. Tornar-me coautor de sua biografia foi uma oportunidade única em minha vida. Obrigado, Howard!

Também sinto-me abençoado por minha esposa, Reiko, e nossos filhos, Kent e Maria, que me fizeram experimentar o Paraíso. Naturalmente, eu não teria vindo a este mundo não fosse por minha mãe, Gwen, que sempre me apoiou e permitiu que eu fizesse as coisas à minha maneira. Uma das minhas melhores lembranças é de haver explorado o deserto do Arizona sozinho, antes mesmo de ter idade suficiente para frequentar a escola. Sou grato ao meu pai, Art, por todas as vezes em que ele esteve ao meu lado. Meu avô, Robert, que ensinou-me a negociar 10% de desconto no preço de uma lata de tinta, na loja de ferragens. Vovô me amava como a um filho; e eu o amava como a um pai. Tenho certeza de que ele está olhando para este livro com um sorriso: escrever tem sido o meu sonho, desde que passei a frequentar a escola elementar. Carol Scarr deu a Howard e a mim excelentes

conselhos sobre a arte de escrever, e desde os nossos primeiros rascunhos, tem sido uma grande amiga.

Teria sido muito difícil escrever e pesquisar sem o apoio da *Meio University*, onde trabalho como professor associado. Scott Miller, do *Trident Media Group*, demonstrou a Howard e a mim todo o profissionalismo que um agente literário pode ter, e muito mais. Ele leu nosso manuscrito durante os feriados da Páscoa. Ao nos devolver o trabalho, ele já encontrara nosso primeiro editor, em um período de 24 horas. Marc Resnick, da *St. Martin's Press*, superou a todos os outros ao fechar um contrato conosco, e tem mantido seu entusiasmo desde então, fazendo de todo o processo uma verdadeira alegria.

Sinto-me profundamente honrado pelo fato de o general Henry Hugh Shelton (reformado) haver arranjado tempo em sua agenda superlotada para conceder-nos o seu apoio. Do mesmo modo, o major da *Delta Force*, Dalton Fury — que escreveu *Kill Bin Laden* ("Matem Bin Laden") — nos ofereceu seu auxílio desde o início, pelo qual sou muito grato. Meus cumprimentos ao atirador de elite dos *Marines*, Jack Coughlin, autor de *Shooter* ("Atirador"), por seu encorajamento. Agradeço a Randy "Kemo" Clendening (ex-efetivo do SEAL Team Two) pela assistência, também.

Gostaria de agradecer a Debbie Wasdin, por sua amizade e ajuda. Eryn Wasdin foi minha motorista e me fez sorrir.

Enquanto trabalhei com Howard para concluir este livro, Tammie Willis, uma massoterapeuta médica licenciada que trabalha na *Absolute Precision*, aplicou-me a melhor massagem que já recebi; você é fantástica, Tammie. Todo o pessoal da *Absolute Precision* foi maravilhoso, também: Niki, Kelly, e todo mundo.

Agradeço ao povo do Condado de Wayne, na Geórgia, que fez com que eu me sentisse em casa durante a minha estada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boesch, R., com K. Dockery – "Master Chief Boatswain's Mate Rudy Boesch, USN (Ref.)" ["Rudy Boesch, o Ajudante- de-Ordens do Mestre-Líder Boatswain, da Marinha Norte-Americana]. In *Hunters and Shooters*, ed. B. Fawcett, 1–21. New York: Avon, 1995.

Bosiljevac, T. L. – *SEALs: UDT/SEAL Operations in Vietnam*. ["UDT/SEAL: Operações no Vietnã"] Boulder, Colo.: Paladin Press, 1990.

Bowden, M. – *Black Hawk Down*. ["Falcão Negro em Perigo] New York: Signet, 2001.

Carney, J. T., e B. F. Schemmer. *No Room for Error: The Covert Operations of America's Special Tactics Units from Iran to Afghanistan*. ["Sem Margem de Erro: As Operações Secretas das Unidades de Táticas Especias da América, do Irã ao Afeganistão"] New York. Ballantine Books, 2002.

Chalker, D., e K. Dockery - *One Perfect Op: An Insider's Account of the Navy SEAL Special Warfare Teams*. ["Uma Operação Perfeita: A História das Equipes de Táticas Especiais SEALs da Marinha, por Um de Seus Integrantes"] New York,: Harper Collins, 2002

Couch, D. - *Warrior Elite: The Forging of SEAL Class 228*. ["A Elite dos Combatentes: A Forja da Turma 228 dos SEALs"] New York: Three Rivers Press, 2001

Coulson, D. O., e E. Shannon – *No Heroes: Inside the FBI's Secret Counter-Terror Force*. ["Não Há Heróis: Por Dentro da Força Secreta Antiterrorismo do FBI"] New York: Pocket Books, 1999.

Eversmann, M., e D. Schilling (editores) – *The Battle of Mogadishu: Firsthand Accounts from Men of Task Force Ranger*. ["A Batalha de Mogadíscio: Relatos em Primeira-Mão dos Homens da Força-Tarefa *Ranger*"] New York: Presidio Press, 2006.

Gormly, R. A. – *Combat Swimmer: Memoirs of a Navy SEAL*. ["Nadador de Combate: Memórias de um SEAL da Marinha"] New York: Dutton, 1998.

Lechner, J. O. – *Combat Operations in Mogadishu, Somalia, Conducted by Task Force Ranger*. ["Operações de Combate em Mogadíscio, na Somália, Conduzidas pela Força-Tarefa *Ranger*"] Fort Benning, Ga.: United States Army Infantry School, 1994.

Loeb, V. – "After Action Report... In Somalia with the CIA." ["Relatório Pós-Atuação... Na Somália, com a CIA"] *Washington Post*; 27 de fevereiro de 2000.

-----. – "Confessions of a Hero." ["Confissões de um Herói"] *Washington Post*; 29 de abril de 2001.

Marcinko, R. e R. Weisman – *Rogue Warrior*. ["Guerreiro Malandro"] New York: Pocket Books, 1992.

Maren, M. – "Somaliarchive: The Mysterious Death of Ilaria Alpi." ["Arquivo Somali: A Misteriosa Morte de Ilaria Alpi"] http://www.netnomad.com/ilaria.html (acessado em 20 de setembro de 2010).

Murphy K. M., II. – *Multi-National Combined Arms Breaching (MOUT) in Somalia*. ["O Rompimento da Combinação de Forças Multinacionais na Somália"] Fort Benning, Ga.: United States Army Infantry School, 1994.

Norris, T. – *Medal of Honor Series: Thomas Norris*. ["Série Medalha de Honra: Thomas Norris"] Pritzker Military Library. 29 de janeiro de 2009. http://www.pritzkermilitarylibrary.org/events/2009/01-29-thomas-norris.jsp (acessado em 20 de setembro de 2010).

Norris, T. e M. Thornton – *Medal of Honor Series: Thomas Norris and Michael Thornton*. ["Série Medalha de Honra: Thomas Norris e Michael Thornton"] Pritzker Military Library. 9 de novembro de 2006. http://www.pritzkermilitarylibrary.org/events/2006/11-09-thornton-norris.jsp (acessado em 20 de setembro de 2010).

Pfarrer, C. – *Warrior Soul: The Memoir of a Navy SEAL*. ["Alma de Guerreiro: Memória de um SEAL da Marinha"] New York: Random House, 2004.

Rysewyk, L. A. – *Experiences of Executive Officer from Bravo Company, 3rd Battalion, 75th Ranger Regiment and Task Force Ranger during the Battle of the Black Sea on 3–4 October; 1993 in Mogadishu, Somalia*. ["Experiências de um Oficial-Executivo da Companhia Bravo, 3.º Batalhão, 75.º Regimento de *Rangers* e Força-Tarefa *Ranger* durante a Batalha do Mar Negro, em 3–4 de outubro de 1993, em Mogadíscio, Somália"] Fort Benning, Ga.: United States Army Infantry School, May, 1994.

Stubblefield, G., com H. Halberstadt – *Inside the U.S. Navy SEALs*. ["Por Dentro dos SEALs da Marinha Norte-Americana"] Osceola, Wisc.: MBI Publishing, 1995.

Walsh, M. J., com G. Walker – *SEAL!* ["SEAL!"] New York: Pocket Books, 1994.

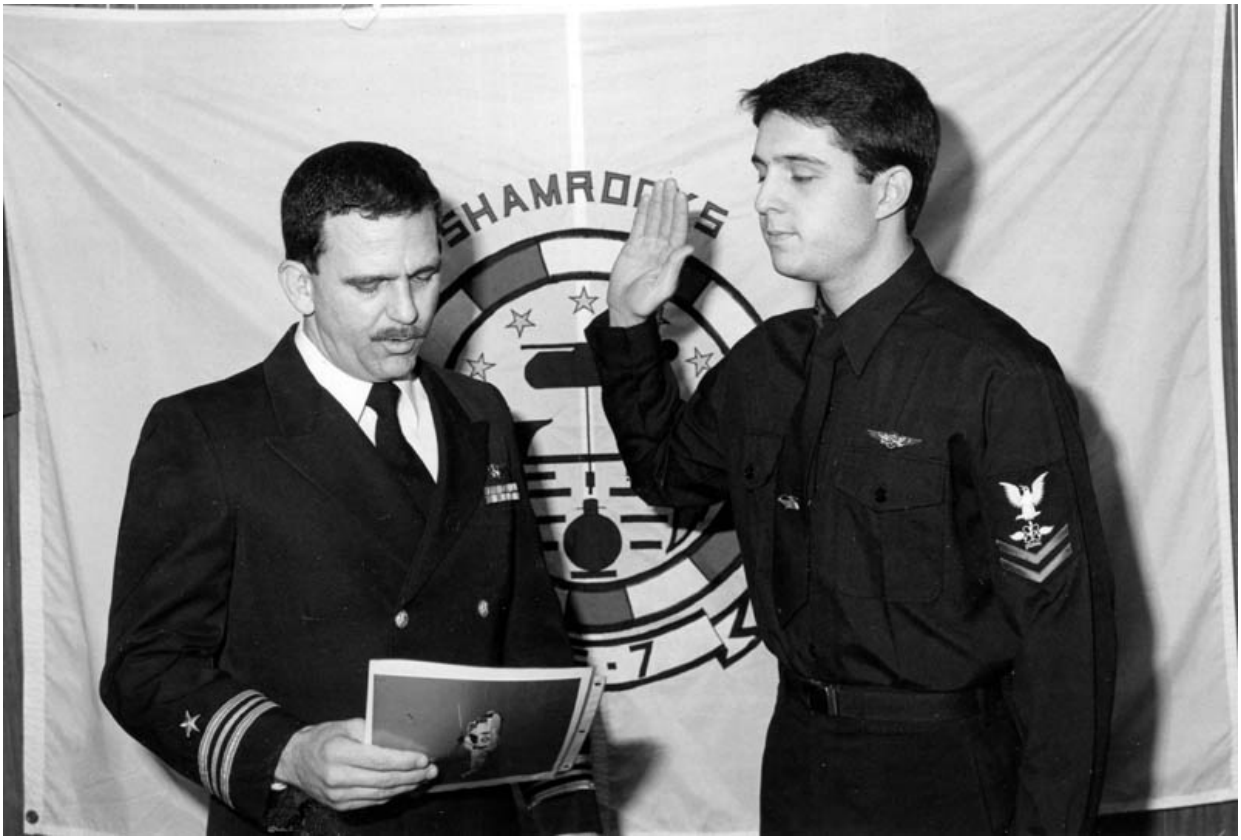
Acesse nosso site:
http://www.editoraseoman.com.br

Ben Wilbanks e Howard, ainda criança.

(Atrás, em pé, da esquerda para a direita) Howard e suas irmãs, Sue Ann e Tammy. *(Na frente, sentados, da esquerda para a direita)* O padrasto de Howard, Leon, e sua mãe, Millie.

Howard disputando uma luta de boxe, em um dos torneios informais da Marinha (ele aparece de costas para a câmera).

Jacksonville, Flórida. Os tripulantes da Equipe de Busca e Resgate HS-1: Howard, Bobby, Kriv e Mark.



Howard realistando-se, para poder participar do treinamento de BUD/S.

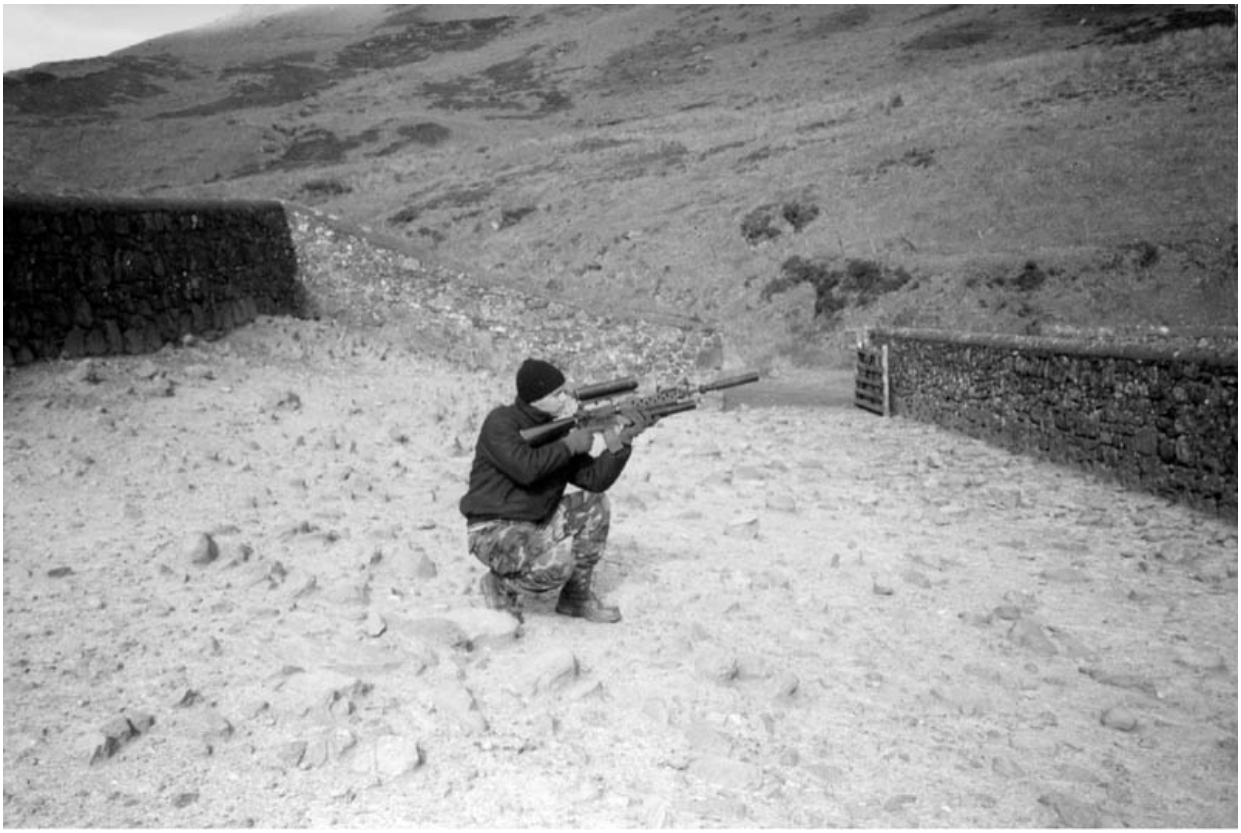
Treinamento SAR. *(Cortesia da Marinha norte-americana)*

A prova de “afogamento”, no BUD/S.
(Cortesia da Marinha norte-americana)

Howard como formando do BUD/S.

Howard durante o treinamento de táticas de guerra no inverno, no Alasca.

Howard dentro de uma tenda, durante o treinamento
de táticas de guerra no inverno.



Mais um aspecto do treinamento de táticas de guerra no inverno.

Fazendo mira com um MP-5N, para manutenção da segurança no convés superior de um navio, durante um treinamento. *(Cortesia da Marinha norte-americana)*

No interior de um helicóptero H-3, antes de um assalto real a um navio inimigo.

Um SEAL descendo por uma "corda rápida"
para o convés de um navio.
(Cortesia da Marinha norte-americana)

Jatos da Força Aérea norte-americana sobrevoam poços de petróleo incendiados no Kuwait, durante a "Operação Tempestade no Deserto". *(Cortesia da Força Aérea norte-americana)*

Howard realistando-se durante o treinamento para atirador de elite.

O “uniforme de amarração” de Howard, usado durante o treinamento para atirador de elite, em Quantico, Virgínia.

Insígnia da turma de atiradores de elite.

Um atirador de elite, vestindo seu “uniforme de amarração”. *(Cortesia do Departamento de Defesa)*

Casanova, preparando-se para um treinamento de mergulho.

Aspecto do interior da Pasha: a sala da SIGINT.

Ajudando uma criança com uma das pernas amputada.

A equipe da Pasha: *(ajoelhados, na fileira da frente, da esquerda para a direita)* Little Big Man, Casanova, Howard e Sourpuss.

Howard, no telhado da Pasha, manejando um AT-4.

Vista a partir de uma torre paquistanesa. A casa e a garagem de Otto Osman podem ser vistas, à distância *(a casa de Osman está assinalada por um círculo branco)*.

A mulher à esquerda carrega um bebê em seus braços, enquanto a mulher à direita apenas finge fazer o mesmo; mas, na verdade, carrega cargas de morteiro para abastecer as forças de Aidid.

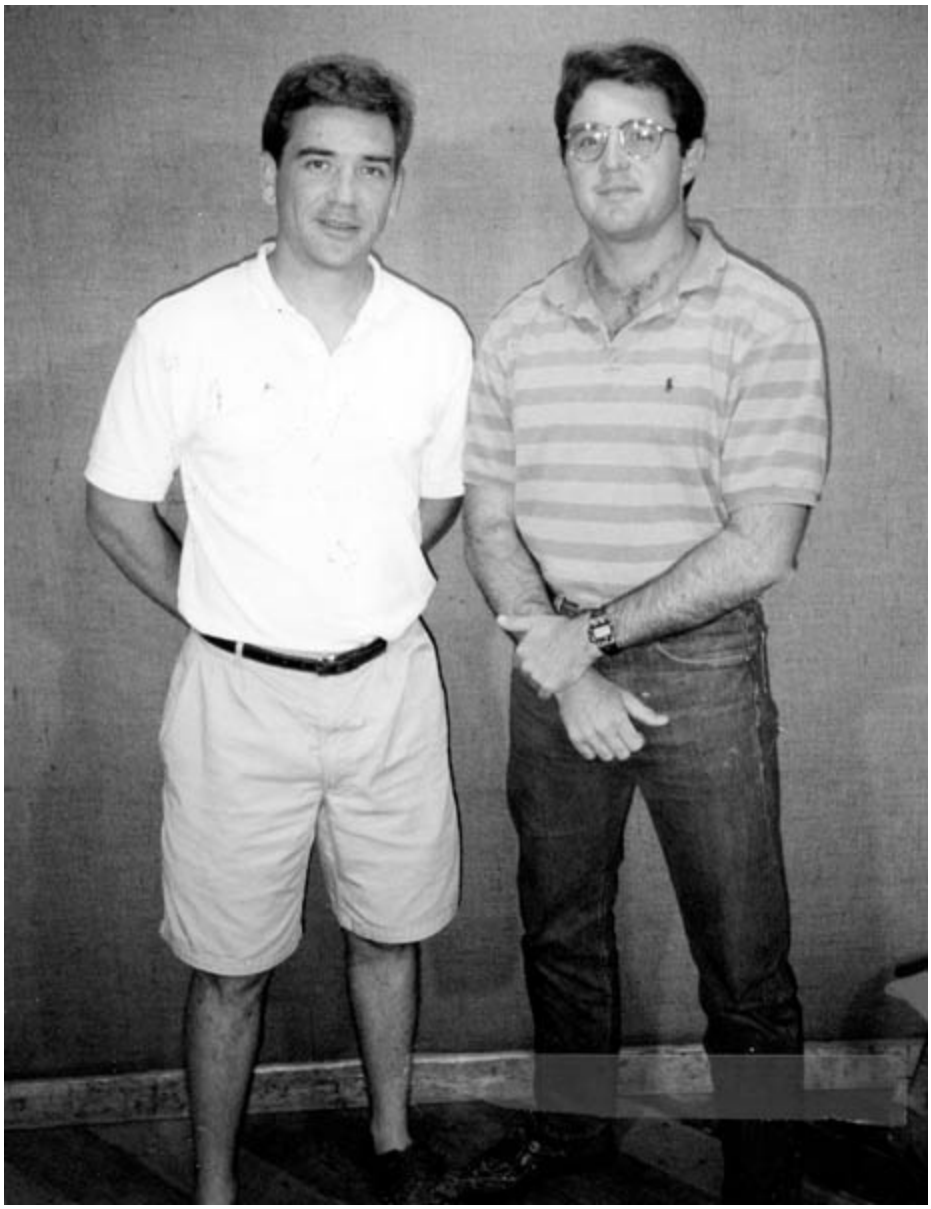
Um *Humvee* dos SEALs. *(Cortesia da Marinha norte-americana)*

Armas leves e equipamento operado por equipes inimigas confiscados. *(Cortesia do Departamento de Defesa)*

Rotatória onde Little Big Man foi alvejado. *(Cortesia do Departamento de Defesa)*

Soldados norte-americanos da força de paz sob ataque, na Somália. *(Cortesia do Departamento de Defesa)*

Efetivos do SEAL Team Six e da *Delta Force*.



Michael Durant, piloto do helicóptero *Black Hawk* abatido, e Howard.

Cerimônia de recebimento da Estrela de Prata:
(na fileira de trás, da esquerda para a direita)
um desconhecido, Sourpuss, Howard e Homer.
(Fileira da frente, da esuqerda para a direita)
Little Big Man, desconhecido, desconhecido, e Eric Olson.

A Estrela de Prata de Howard.

O Coração Púrpura de Howard.

O embaixador Negroponte.
(Cortesia do Departamento de Estado)

Celebração de Ação de Graças na residência do embaixador
Negroponte, nas Filipinas. Howard está à direita,
e o próprio embaixador tirou a fotografia.

Treinando o contingente de segurança para os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.

Howard em sua clínica, “ajustando” uma paciente.

A esposa de Howard, Debbie, com Howard e seus filhos, Blake e Eryn.

ERIC FRATTINI
MOSSAD
OS CARRASCOS DO KIDON
A História do Temível Grupo de Operações Especiais de Israel
SEOMAN

Mossad

Frattini, Eric
9788598903880
392 páginas

Compre agora e leia

Esta é a história do terrível grupo de operações especiais de Israel. Uma obra de espionagem e aventuras, que reúne dezesseis operações encobertas de assassinato e sequestro realizadas pelo Mossad e sua subunidade da Metsada, o temível Kidon, ao longo de 44 anos de história. Enquanto os especialistas se indagam em relação ao benefício dessas operações do Kidon, organizações como o Hamas ou o Hezbollah não parecem perder força. Aparentemente, a recente troca de liderança dentro do Mossad não pareceu mudar seus objetivos. Entretanto, o então governo de Israel silencia enquanto o Mossad vigia.

Compre agora e leia

RITANNA ARMENI
AS BRUXAS DA NOITE
A HISTÓRIA NÃO CONTADA DO REGIMENTO AÉREO FEMININO RUSSO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Bruxas da Noite

Armeni, Ritanna
9788555031120
256 páginas

Compre agora e leia

Neste livro, a jornalista italiana e escritora premiada, Ritanna Armeni, reconstrói a história de um grupo de mulheres soviéticas fiéis à sua pátria: as aviadoras do 588º Regimento de Bombardeio Aéreo Noturno Soviético. Com um importante papel de liderança durante as batalhas contra o Terceiro Reich, elas prejudicavam e muito a vida dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, aparecendo nos céus carregadas de bombas. Os nazistas as chamavam de "bruxas da noite". A autora revela informações sobre a criação, a luta e as vitórias dessas mulheres que foram apagadas da história após o declínio de suas carreiras como aviadoras devido ao conservadorismo e preconceito do Estado Soviético.

Compre agora e leia

#GIRLBOSS
Sophia Amoruso
NASTY GAL
A inspiradora história da executiva de 100 milhões de dólares, CEO do site
SEOMAN

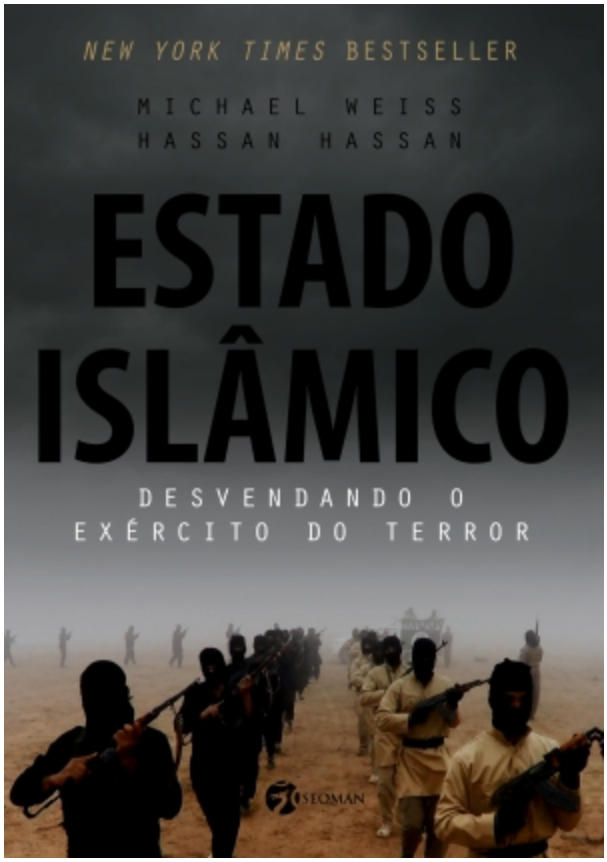
Girl Boss

Amoruso, Sophia
9788555030086
248 páginas

Compre agora e leia

Sophia Amoruso passou a adolescência viajando de carona, furtando em lojas e revirando caçambas de lixo. Aos 22 anos ela havia se conformado em ter um emprego, mas ainda estava sem grana, sem rumo e fazendo um trabalho medíocre que assumiu por causa do seguro-saúde. Foi aí que Sophia decidiu começar a vender roupas de brechó no eBay. Oito anos depois, ela é a fundadora, CEO e diretora criativa da Nasty Gal, uma loja virtual de mais de 100 milhões de dólares, com mais de 350 funcionários. Além da história de Sophia, o livro cobre vários outros assuntos e prova que ser bem-sucedido não tem nada a ver com a sua popularidade; o sucesso tem mais a ver com confiar nos seus instintos e seguir a sua intuição. Uma história inspiradora para qualquer pessoa em busca do seu próprio caminho para o sucesso.

Compre agora e leia


NEW YORK TIMES BESTSELLER
MICHAEL WEISS
HASSAN HASSAN
ESTADO ISLÂMICO
DESVENDANDO O EXÉRCITO DO TERROR
OSEQMAN

Estado Islâmico

Weiss, Michael
9788555030161
272 páginas

Compre agora e leia

Com força brutal e horríveis decapitações de reféns, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) chocou o mundo. O jornalista americano Michael Weiss e o analista sírio Hassan Hassan explicam como esses extremistas violentos evoluíram de um quase derrotado grupo insurgente iraquiano para um exército jihadista de voluntários internacionais que estão espalhando violência e caos em todo o Oriente Médio. Com base em entrevistas exclusivas com ex-oficiais militares norte-americanos e atuais combatentes do grupo radical, Weiss e Hassan explicam quem são os protagonistas do ISIS, de onde vêm, como têm atraído tanto apoio local e global, e como eles operam. Uma nova geração do terror despontou no mundo e, para entender como pará-la, precisamos compreender quem ela é.

Compre agora e leia

"Um livro arrebatador, destinado a se tornar um clássico da literatura sobre crimes reais." – The New York Post
O IRLANDÊS
De Charles Brandt
NETFLIX
UM FILME NETFLIX

O Irlandês

Brandt, Charles
9788555030321
232 páginas

Compre agora e leia

A partir da envolvente história de Frank Sheeran temos acesso aos basti dores de um matador de aluguel, que discorre também sobre outros notórios assassinatos e proporciona uma rara visão de como funciona a Máfia. Ao longo de quase cinco anos de entrevistas gravadas, Frank Sheeran confessou que fora responsável por mais de vinte e cinco assassinatos a serviço da Máfia, incluindo o de seu amigo Hoffa. Sheeran aprendeu a matar enquanto esteve no Exército dos Estados Unidos; ao voltar para casa, ele se tornou um assassino de aluguel, trabalhando para o lendário chefão do crime Russell Bufalino.

Compre agora e leia

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library